

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO JOÃO DEL REI
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Escola de Enfermagem

Elen Soraia de Menezes Cabral

JUVENTUDES, TRABALHO E ESCOLA: INTERFACES COM A SAÚDE

Divinópolis
Agosto de 2016

Elen Soraia de Menezes Cabral

JUVENTUDES, TRABALHO E ESCOLA: INTERFACES COM A SAÚDE

Tese apresentada ao Curso de Doutorado da Escola de Enfermagem da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Doutora em Enfermagem e Saúde.

Linha de Pesquisa: Educação em Saúde e Enfermagem

Orientadora: Dr^a. Roseni Rosângela de Sena.

Divinópolis
Agosto de 2016

C117j

Cabral, Elen Soraia de Menezes.

Juventudes, trabalho e escola [manuscrito]: interfaces com a saúde . / Elen Soraia de Menezes Cabral. - - Belo Horizonte: 2016. 215f.: il.

Orientador: Roseni Rosângela de Sena.

Área de concentração: Enfermagem e Saúde.

Tese (doutorado): Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Enfermagem.

1. Adolescente. 2. Trabalho. 3. Saúde Pública. 4. Pesquisa Qualitativa. 5. Dissertações acadêmicas. I. Sena, Roseni Rosângela de. II. Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Enfermagem. III. Título

NLM: WS 460

Aos meus filhos,
Tales e Heitor (e quem mais chegar),
futuros jovens da minha vida.

À espiritualidade que avalizou o meu projeto reencarnatório,
apoiando-me na construção diária desta história de vida
a qual inspirou a realização do presente trabalho.

Escola de Enfermagem da UFMG
Colegiado de Pós-Graduação em Enfermagem
Av. Alfredo Balena, 190 | 30130-100
Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil
+ 55 31 3409-9836 | 31 3409-9889
caixa postal: 1556 | colpgrad@enf.ufmg.br



UFMG
UNIVERSIDADE FEDERAL
DE MINAS GERAIS

ATA DE NÚMERO 72 (SETENTA E DOIS) DA SESSÃO PÚBLICA DE ARGUIÇÃO E DEFESA DA TESE APRESENTADA PELA CANDIDATA ELEN SORAIA DE MENEZES CABRAL PARA OBTENÇÃO DO TÍTULO DE DOUTORA EM ENFERMAGEM.

Aos 26 (vinte e seis) dias do mês de agosto de dois mil e dezesseis, às 13:00 horas, realizou-se no Anfiteatro da Pós-Graduação - 430 da Escola de Enfermagem da Universidade Federal de Minas Gerais, a sessão pública para apresentação e defesa da tese "*O COTIDIANO DE JOVENS QUE TRABALHAM E ESTUDAM*", da aluna **Elen Soraia de Menezes Cabral**, candidata ao título de "Doutora em Enfermagem", linha de pesquisa "Educação em Saúde e Enfermagem", orientadora Prof^ª. Dr^ª. Roseni Rosângela de Sena. A Comissão Examinadora foi constituída pelos seguintes professores doutores: Rita de Cássia Marques, Juarez Tarcisio Dayrell, Kênia Lara Silva, Bruna Figueiredo Manzo e Geraldo Magela Pereira Leão, sob a presidência da primeira. Abrindo a sessão, a Senhora Presidente da Comissão, após dar conhecimento aos presentes do teor das Normas Regulamentares do Trabalho Final, passou a palavra à candidata para apresentação de seu trabalho. Seguiu-se a arguição pelos examinadores com a respectiva defesa da candidata. Logo após, a Comissão se reuniu sem a presença da candidata e do público, para julgamento e expedição do seguinte resultado final:

- () APROVADA;
() APROVADA COM AS MODIFICAÇÕES CONTIDAS NA FOLHA EM ANEXO;
() REPROVADA.

O resultado final foi comunicado publicamente à candidata pela Senhora Presidente da Comissão. Nada mais havendo a tratar, eu, Andréia Nogueira Delfino, Secretária do Colegiado de Pós-Graduação da Escola de Enfermagem da Universidade Federal de Minas Gerais, lavrei a presente Ata, que depois de lida e aprovada será assinada por mim e pelos membros da Comissão Examinadora. Belo Horizonte, 26 de agosto de 2016.

Prof^ª. Dr^ª. Rita de Cássia Marques
Presidente (Esc.Enf/UFMG)

Rita de Cássia Marques

Prof. Dr. Juarez Tarcisio Dayrell
(FAE/UFMG)

Juarez Tarcisio Dayrell

Prof^ª. Dr^ª. Kênia Lara Silva
(Esc.Enf/UFMG)

Kênia Lara Silva

Prof^ª. Dr^ª. Bruna Figueiredo Manzo
(Esc.Enf/UFMG)

Bruna F. Manzo

Prof. Dr. Geraldo Magela Pereira Leão
(FAE/UFMG)

Geraldo Magela Pereira Leão

Andréia Nogueira Delfino
Secretária do Colegiado de Pós-Graduação

Andréia Nogueira Delfino

HOMOLOGADO em reunião do CPG
Em 05/09/16

Prof^ª. Dra. Marília Alves
Coordenadora do Colegiado de
Pós-Graduação em Enfermagem
Escola de Enfermagem/UFMG

AGRADECIMENTOS

À Dr^a. Roseni Rosângela de Sena, pela competência, esforço e dedicação, mesmo sob condições de saúde desfavoráveis.

Aos companheiros do NUPEPE e de sua sala imaginariamente dividida ao meio, mas unida pelo acolhimento gentil, repleto de alegria e respeito.

À grande Mestre e Amiga que se revelou durante todo o processo deste trabalho: Letícia Helena Januário. Você foi o apoio fundamental sabiamente oferecido com carinho e compreensão.

Aos participantes, por compartilharem suas vivências.

Às colaboradoras: Angélica, Bethânia, Élide, Isabel, Laura, Letícia, Natália.

À EEDAV, principalmente à Célia, que me acompanhou passo a passo.

Ao Bruno, por ter sido um pai solitário nas minhas ausências, por abrir mão de um trabalho para que eu realizasse o meu.

A minha mãe, pelas orações poderosas, por zelar por meus filhos.

Às fieis escudeiras: Graça e Tânia, por cuidarem com desvelo de minha família.

Aos amigos do Centro da Paz, à Maria José e espíritos protetores.

À Marília Alves, pela acolhida. Bendito momento em que você assumiu este cargo para o qual não basta apenas competência, mas exige, acima de tudo, um caráter sublime para fazer a diferença, e você faz. Minha eterna e sincera gratidão!

RESUMO

Para muitos jovens de classes populares, o imbricamento de trabalho e estudo é um determinante de sua condição juvenil. Pouco se sabe sobre quem é esse sujeito fora do trabalho e da escola e mais raros são os estudos que demonstram as estratégias que eles constroem para conciliar trabalho e estudo com as demais dimensões de sua vida em seu cotidiano. Objetivou-se analisar o cotidiano de jovens que trabalham e estudam, identificando como eles conciliam trabalho e estudo com as demais dimensões da condição juvenil. Especificamente, objetivou-se: a) descrever no cotidiano dos jovens como eles elaboram a experiência de conciliar trabalho, escola e as demais esferas da vida; b) identificar fatores relacionados à sobreposição de trabalho e estudo que facilitam ou dificultam a vivência cotidiana das demais dimensões da vida do jovem; c) descrever quais estratégias eles constroem em seu cotidiano para essa conciliação. Trata-se de estudo exploratório, descritivo, de abordagem qualitativa, com o uso do referencial teórico filosófico da dialética. O cenário foi uma escola pública estadual situada em Divinópolis-MG. Participaram alunos do período noturno dessa escola que trabalhavam. Na primeira fase do trabalho de campo, buscou-se traçar o perfil desses alunos a partir de um questionário. Na segunda, realizaram-se oficinas, selecionando-se cinco jovens que foram observados em seu cotidiano e construíram um diário, possibilitando descrever como eles elaboram suas vivências cotidianas. A análise mostrou uma rotina árdua permeada por contradições e necessidades. Revelaram-se estratégias para subverter o pernicioso jogo de poder hegemônico, desfavorável aos jovens, e minimizar as perdas, a partir de formas de se relacionar e viver compatíveis com seu contexto, que recriam o cotidiano. Evidenciaram-se: organização do tempo entre dias úteis e disponíveis; criatividade para minimizar o tédio e tornar o cotidiano mais leve. Reconhecem-se os valores da escola: formativo e instrumental, privilegiando o último. O trabalho dos jovens é contraditoriamente formador e deformador. Entre tais extremos constroem-se identidades juvenis marcadas por desigualdades e pela luta diária para vencê-las. Os participantes fazem escolhas difíceis, arcando com perdas inevitáveis, as quais podem colaborar para a manutenção do ciclo de pobreza. Descreveram-se diferentes estratégias para conciliar a tríade juventude-trabalho-estudo. Os arranjos para os planos de futuro tendem a ser mais criativos que realistas, esperando por mudanças em suas realidades marcadas por uma invisibilidade dicotômica e ambiguidades múltiplas. As maiores dificuldades desses jovens para vivenciarem alguns aspectos da condição juvenil fundamentam-se em cansaço, exiguidade temporal e pobreza. O cotidiano dos jovens é repleto de ações que influenciam a qualidade de vida, evidenciam-se fatores de fortalecimento e desgaste da saúde. Há uma relação de reciprocidade na determinação das três condições em estudo, originando uma categoria específica: jovem, trabalhador e estudante. Sugere-se que suas especificidades sejam levadas em conta pelos setores sociais que pretendam desenvolver trabalhos, envolvendo-os de maneira ativa e coparticipativa. Urge promover acesso aos bens materiais, simbólicos e até afetivos, mas, para tanto, é preciso que os jovens tenham seus direitos e necessidades legítimas assegurados na prática.

Palavras-chave: Juventude. Trabalho. Cotidiano (Sociologia). Saúde Pública.

ABSTRACT

For many young people from the popular classes of work and overlapping study is a determinant of their youthful condition. Little is known about who is this guy out of work and school and more rare are the studies that show the strategies that they build to combine work and study with the other dimensions of his life in their daily lives. This study aimed to analyze the daily lives of young people who work and study, identifying how they reconcile work and study with the other dimensions of the youth condition. Specifically, it was intended: a) to describe the daily life of young people as they prepare to experience balance work, school and other spheres of life; b) identify factors related to the overlapping of work and study that facilitate or hinder the daily life of the other dimensions of the life of the young; c) describe what strategies they build in their daily lives to such reconciliation. It is exploratory, descriptive qualitative approach using the theoretical frameworks of dialectics. The scene was a state public school located in Divinópolis-MG. Pupils of the night period that school working. In the first phase of field work, he tried to trace the profile of these students from questionnaires. In the second, there were workshops, selecting five youths who were observed and built a diary, allowing describe how they prepare their daily experiences. The analysis showed an arduous routine permeated by contradictions, values and desires. Proved strategies to subvert the pernicious game hegemon, unfavorable to young people, and minimize losses from ways to relate and live consistent with its context. They showed up: organization of time between useful and available days; creativity to minimize boredom and lighten the daily. Recognize the values of the school: training and instrumental, favoring the latter. The youth work tends to be now forming, sometimes deforming. Between these extremes are built youth identities marked by inequalities and the daily struggle to overcome them. Participants make difficult choices, bearing inevitable losses, which can contribute to maintaining the cycle of poverty in which they live. They described different strategies to reconcile the youth-work-study triad. Arrangements for future plans tend to be more creative than realistic, waiting for changes in their realities marked by a dichotomous invisibility and multiple ambiguities. Many difficulties faced by these young people to experience some aspects of their juvenile condition are based on fatigue, time scarcity and poverty. Although exhausting, the concurrence in question also strengthens participants because it enables them to experience important aspects related to youth cultures. There is a reciprocal relationship in determining the three conditions studied, giving a specific category: young, worker and student. It is suggested that their specificities are taken into account by the social sectors wishing to develop work involving them actively and coparticipativa way. It is urgent to promote access to material, symbolic and even emotional goods, but to do so it is necessary to make policy and develop action "with" and not only "for" youth.

Keywords: Youth. Work. Everyday (Sociology). Public Health.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

QUADRO 1 - Oficinas realizadas com os alunos.....	58
QUADRO 2 - Dados coletados pelos questionários.....	77

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AIDS	Síndrome da imunodeficiência adquirida
ANTDJ	Agenda Nacional para o Trabalho Decente para a Juventude
ASAJ	Saúde do Adolescente e do Jovem
ATDJ	Agenda de Trabalho Decente para a Juventude
BDENF	Base de dados de Enfermagem
BVS	Biblioteca Virtual em Saúde
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CESEC	Centro Estadual de Educação Continuada
CNS	Conselho Nacional de Saúde
CUMED	<i>Biblioteca Virtual em Salud de Cuba</i>
DST	Doenças Sexualmente Transmissíveis
DCN	Diretrizes Curriculares Nacionais
EEDAV	Escola Estadual Dona Antônia Valadares
EJA	Educação de Jovens e Adultos
GTO	Geraldo Teles de Oliveira
IBECS	Índice Bibliográfico Espanhol em Ciências da Saúde
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia Estatística
IBM	<i>International Business Machines</i>
IDH-M	Índice de Desenvolvimento Humano Municipal
IPEA	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
LILACS	Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde
MEDLINE	<i>Medical Literature Analysis and Retrieval System Online</i>
OIT	Organização Internacional do Trabalho
OMS	Organização Mundial de Saúde
PEA	População Economicamente Ativa
PEAS	Programa Educacional Afetivo Sexual
PROSAD	Programa Saúde do Adolescente
PNPE	Programa Nacional de Estímulo ao Primeiro Emprego

PUBMED	Publicações Médicas
RCOM	Região Centro-Oeste Mineira
SEE	Secretaria Estadual de Educação
SENAI	Serviço Nacional da Indústria
SER	Secretaria de Educação Regional
SES	Secretaria de Estado de Saúde
SIMAVE	Sistema Mineiro de Avaliação da Educação Pública
SINAJUVE	Sistema Nacional de Juventude
SNJ	Secretaria Nacional de Juventude
SPSS	<i>Statistical Package for Social Sciences</i>
SRE	Superintendência Regional de Ensino
SUS	Sistema Único de Saúde
TCC	Teste de Conclusão de Curso
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UFSJ	Universidade Federal de São João Del Rei

SUMÁRIO¹

1	A CONSTRUÇÃO DO TEMA DE PESQUISA.....	12
2	JUVENTUDES: UMA CONSTRUÇÃO SOCIAL. JOVENS: SUJEITOS DE DIREITOS.....	18
3	JUVENTUDES, TRABALHO E ESCOLA.....	30
4	O COTIDIANO.....	41
5	OBJETIVOS.....	45
5.1	Objetivo geral.....	45
5.2	Objetivos específicos.....	45
6	REFERENCIAL METODOLÓGICO.....	46
6.1	A escolha do método.....	46
6.2	Cenário de estudo	49
6.3	Participantes.....	51
6.4	Instrumentos.....	52
6.4.1	Questionário.....	52
6.4.2	Oficinas.....	53
6.4.3	Observação.....	60
6.4.4	Diário do participante.....	63
6.4.5	Diário de campo da pesquisadora.....	65
6.5	Aspectos éticos.....	67
7	O TRABALHO DE CAMPO EM DUAS FASES: EXPLORATÓRIA E COMPREENSIVA.....	71

¹ Este trabalho foi revisado de acordo com as novas regras ortográficas aprovadas pelo Acordo Ortográfico assinado entre os países que integram a Comunidade de Países de Língua Portuguesa (CPLP), em vigor no Brasil desde 2009. E foi formatado de acordo com a ABNT NBR 14724 de 17.04.2014.

8	A ANÁLISE DOS DADOS	74
9	ORGANIZAÇÃO DOS RESULTADOS	77
	Aproximando o perfil dos jovens que trabalham e estudam.....	78
	Aproximando dos jovens participantes da observação.....	86
	Capítulo 1 - O mercado de trabalho e a inserção laboral dos jovens: expectativas <i>versus</i> precariedade.....	91
	Capítulo 2 - O lugar da escola para os jovens trabalhadores.....	111
	Capítulo 3 - O tempo e a vivência da condição juvenil no cotidiano dos jovens que trabalham e estudam.....	122
	Capítulo 4 - Fortalecimento e desgaste da saúde no cotidiano dos jovens que trabalham e estudam.....	148
10	SÍNTESE	175
	REFERÊNCIAS	180
	APÊNDICES E ANEXOS	195

1 A CONSTRUÇÃO DO TEMA DE PESQUISA

O trabalho e o estudo estão arraigados em minha trajetória de vida. Muitas vezes essa relação foi contraditória, principalmente durante a juventude, quando trabalhar e estudar eram fontes de prazer e sofrimento na mesma proporção. Sentia-me feliz, útil e responsável por realizar trabalhos e os considerava importantes. Por outro lado, viver a condição de jovem trabalhadora em superposição à de estudante foi árduo e desgastante.

O trabalho que realizei durante minha juventude foi crucial para minhas maiores conquistas. Entre elas: amadureci, expandi meu convívio social, conheci diferentes modos de pensar e agir, ampliando meu horizonte de compreensão, assumi e dei conta de grandes responsabilidades. Reconheço as conquistas também como um ganho emocional, sem desconsiderar as questões históricas, materiais e sociais que influenciaram minha trajetória e condição juvenil.

Para mim, houve momentos em que o trabalho foi puro prazer e “liberdade - essa palavra que o sonho humano alimenta: que não há ninguém que explique, e ninguém que não entenda!” (MEIRELES, 1977, p. 81). Mas existiram situações em que ele foi exclusivamente necessário. Entre esses dois polos pesava minha condição de estudante, a qual priorizei enquanto pude. Quando não pude mais, conciliei, embora com grandes perdas na minha condição juvenil.

O meu caminho profissional foi marcado por temáticas relacionadas ao jovem. Na minha experiência como coordenadora das Ações Básicas de Saúde de Divinópolis-MG, notei o distanciamento dos profissionais de saúde com os cenários onde os jovens circulam. Por essa ocasião, fui capacitada para o trabalho com adolescentes pelo Programa Educacional Afetivo Sexual (PEAS).

Como exigência do curso de especialização em saúde pública, produzi o trabalho de conclusão de curso (TCC) - “Doenças sexualmente transmissíveis e síndrome da imunodeficiência adquirida em adolescentes”. Durante a especialização em

Educação Profissional na Área de Saúde: Enfermagem, elaborei o TCC intitulado: “Propostas educativas de intervenção de enfermagem na gravidez na adolescência”, uma revisão de literatura. Durante o mestrado também optei por trabalhar com jovens, produzindo a dissertação: “Da informação à formação para a autonomia: o olhar do adolescente sobre a prevenção das DST/AIDS”, na qual utilizei a abordagem fenomenológica e o conceito de adolescente.

Findado o meu mestrado, minha visão de mundo havia se modificado. O conceito de adolescente, o qual eu vinha utilizando em minha trajetória, mostrava-se insuficiente para responder a diversos questionamentos sobre ser jovem em nossa sociedade. Posicionando-me em uma perspectiva inusitada em minha rota de pesquisadora, comecei a ambicionar a busca do elemento em que as ambiguidades abrem margem para o processo de mudança.

Entendo que minhas novas inquietações demandaram a utilização de uma vertente científica crítica que considerasse o movimento e as transformações às quais os seres sociais estão submetidos. Essa abordagem leva em conta a realidade das juventudes em todas as suas dimensões, possibilitando analisar os contextos nos quais os jovens estão inseridos e a influência de fatores políticos e culturais no seu cotidiano.

Paulatinamente, aproximei-me da sociologia da juventude, que tem uma visão mais ampla dos jovens como seres históricos, sociais e os considera plural (DAYRELL; MOREIRA; STENGEL, 2011). O entendimento da diversidade e da complexidade das juventudes conduziu-me à reflexão crítica sobre a impropriedade das ações direcionadas para a adolescência como ciclo vital, e não à pluralidade dos jovens, considerando todas as suas dimensões.

Tomar o jovem pela concepção de adolescente é limitá-lo pelos parâmetros da idade. E para Soares (2011) traduz a ideia fragmentada e curativa de uma visão do sujeito como portador de problemas relacionados ao ciclo vital. De acordo com Brunet e Pizzi (2013), esse enfoque se centra na compreensão de juventude como um grupo social homogêneo.

Todavia, trazia comigo algo do foco restrito dos jovens pelo conceito biologicista da área saúde. O meu atual envolvimento com o tema juventude exigiu que eu fizesse um movimento no sentido de reconstruir a minha concepção dos mesmos pelo referencial da adolescência como ciclo vital em direção à análise sociológica da juventude. Essa construção demandou esforço para que eu pudesse incorporar outros conceitos de maior amplitude e complexidade que possibilitassem o estabelecimento de espaços de diálogo e a participação dos jovens.

Neste estudo, propus avançar na construção do conceito sociológico de juventudes. Essa concepção possibilitou uma visão social, valorizando aspectos do cotidiano dos jovens em suas múltiplas relações: social, cultural e econômica. A Sociologia aborda elementos pouco presentes nas pesquisas em áreas cujas origens históricas fundamentam-se em correntes explicativas dos fatos observáveis e repetitivos, marcadas pela objetividade de como, segundo Horta e Sena (2011), predomina na saúde.

Para Dayrell (2001), são importantes as pesquisas que, ao estudar temas das juventudes, procuram relacionar as diversas dimensões da vida social, o que os jovens constroem em seu cotidiano, suas formas de entender o mundo, de pensar e atuar cotidianamente, sua condição juvenil.

Essa condição “refere-se à maneira de ser, à situação de alguém perante a vida, perante a sociedade. Mas também se refere às circunstâncias necessárias para que se verifique essa maneira ou tal situação” (DAYRELL, 2007, p. 1108).

Segundo Leão (2011), a condição juvenil abarca a compreensão dos jovens a partir de seu lugar na estrutura social; o que é comum à experiência juvenil nas sociedades contemporâneas; as políticas e ações que lhes são direcionadas. Sobrosa *et al.* (2013) confirmam parcialmente essa afirmativa ao constatarem que relativamente ao trabalho e formação, as políticas públicas nacionais direcionadas para a juventude dão fraco apoio à construção de projetos laborais mais complexos.

Para muitos jovens de classes populares o imbricamento de trabalho e estudo influencia sua condição juvenil que pode ser vivenciada “[...] a partir do seu próprio trabalho, seja no espaço de trabalho mesmo, seja na utilização dos retornos deste para vislumbrar outros espaços de lazer, cultura, consumo, etc.” (NONATO, 2013, p. 17). Apesar de o trabalho no período da juventude suprir várias necessidades dos jovens, da família e da sociedade, ele pode também colaborar para a perpetuação da precariedade econômica em que, na maioria das vezes, esses sujeitos se encontram embrenhados (LEON, 2007).

Os jovens trabalhadores que estudam têm uma sobrecarga de atividades que impacta no desenvolvimento de suas potencialidades, conforme explicitado por Dayrell (2007). Diversos autores que desenvolveram trabalhos com jovens que trabalham e estudam informam situações decorrentes dessa simultaneidade que corroboram o entendimento dessa constatação, como McCurdy, Xiao e Kwan (2012), os quais mencionam fadiga (SILVA, 2011) e piora do lazer (PEREIRA *et al.*, 2011; TEIXEIRA *et al.*, 2010; SUDHINARASET; BLUM, 2010). Graves e Miller (2015) discorrem sobre privação de sono e sonolência excessiva.

Nos Estados Unidos, Rocheleau (2015) apurou que jovens que desenvolvem trabalhos intensos têm baixa expectativa de cursar uma faculdade. Esse autor também afirma que os alunos de classe social mais baixa tendem a trabalhar intensivamente e têm menos engajamento escolar do que seus pares de classes sociais mais favorecidas, os quais geralmente optam por trabalhar moderadamente.

A relevância da elaboração de pesquisas que relacionem juventude, trabalho, escola e cotidiano reside principalmente no entendimento de que frequentemente a esfera do trabalho circunscreve o campo de possibilidades das vivências juvenis, de acordo com Dayrell (2007). A arena juventude e trabalho ainda é pouco pesquisada, segundo Sposito (2009).

Para Dayrell (2001), embora exista uma gama de pesquisas sobre jovens que muito contribuíram para as discussões sobre essa população no Brasil, há um vazio no conhecimento científico sobre as juventudes: o recorte de aspectos da

realidade do jovem obsta sua compreensão como sujeitos “[...] no conjunto que, efetivamente, faz com que ele seja o que é naquele momento” (DAYRELL, 2001, p. 4). Dayrell acrescenta que pouco se sabe sobre quem é, fora do trabalho e da escola, o jovem que trabalha e estuda, no que concerne às demais dimensões de sua vida. Tem-se acanhada noção das particularidades de sua condição juvenil vivenciada numa privação de tempo a ser administrado entre tantos imperativos. É insuficiente também o conhecimento sobre seu cotidiano.

A minha própria trajetória juvenil, a aproximação com pesquisas científicas de relevância sobre juventudes e o meu convívio diário com jovens que trabalham e estudam levaram aos seguintes questionamentos: como o jovem elabora a experiência de conciliar trabalho, escola e as demais esferas da vida? Eles conseguem conciliar trabalho e estudo com as demais dimensões da vida? Quais as estratégias construídas pelos jovens para conciliar trabalho e escola? Quais aspectos advindos da simultaneidade de trabalho e estudo favorecem e quais prejudicam a vivência das demais dimensões da vida no cotidiano dos jovens?

O estudo do cotidiano dos jovens que trabalham e estudam tem potencial para revelar as estratégias que eles utilizam para superar o desafio em aliar estudo, trabalho e demais dimensões da condição juvenil, assim como os benefícios e óbices que tal simultaneidade acarreta. Este trabalho procura lançar luzes sobre questões importantes da situação de jovens que trabalham e estudam e evidenciar as contradições e os desafios que esse cotidiano apresenta para a vivência da condição juvenil.

Pressupõe-se, primeiramente, que os jovens elaboram em seu cotidiano formas de se relacionar e de viver compatíveis com seu contexto de vida, possibilitando-lhes permanecer na escola e trabalhar. Em segundo lugar, presume-se que o cansaço e a escassez de tempo estejam na origem dos maiores obstáculos à vivência plena das dimensões da juventude. Formula-se também o terceiro pressuposto de que a condição de trabalhador determine as condições juvenil e de estudante desses jovens.

Muitos jovens estudam e trabalham, mas existem poucos estudos que demonstram as estratégias que eles constroem para conciliar em seu cotidiano trabalho e estudo com as demais dimensões de sua vida. A revelação desse cotidiano é pouco conhecida e o jovem não encontra espaços para expressar como essa condição influencia a vida dele, configurando-se o problema da presente pesquisa.

O embasamento teórico desta pesquisa baseia-se nas categorias juventude, trabalho e cotidiano, considerando a complexidade, historicidade, dinamicidade e as interações no cotidiano da vida, assumindo a visão marxista de trabalho como mola propulsora do desenvolvimento humano.

Admite-se que na cotidianidade revelam-se interesses, conflitos e contradições, mas entende-se também que os sujeitos criam estratégias cotidianamente para reconstruir o sistema no qual estão inseridos numa tentativa de burlar os poderes hegemônicos que lhes são desfavoráveis.

2 JUVENTUDES: UMA CONSTRUÇÃO SOCIAL - JOVENS: SUJEITOS DE DIREITOS

Parâmetro

“Deus é mais belo que eu.
E não é jovem.
Isto sim, é consolo.”
(PRADO, 1991, p.382).

A “juventude é desses termos que parecem óbvios, dessas palavras que se explicam por elas mesmas e assunto a respeito do qual todo mundo tem algo a dizer, normalmente reclamações indignadas ou esperanças entusiasmadas” (ABRAMO, 2011, p. 37). Essa afirmação mostra a complexidade que o termo encoberta pela aparência simplória, resultado do uso indiscriminado. Também exprime algumas de suas tensões geradas pela polaridade entre impressões e evidências.

O termo juventude tem aspecto escorregadio e impreciso e muitas produções acadêmicas alertam para os deslizos, os velamentos, as divergências e mistificações que o conceito envolve. Há uma dificuldade em se precisar os limites da juventude e não há consenso na sua conceituação. A juventude é uma categoria em construção (ABRAMO 2011; DAYRELL; REIS, 2010; NONATO, 2013; VASCONCELLOS, 2011).

Nota-se que a problemática da delimitação da temática sobre juventude é histórica, como mostram Levi e Schmitt (1996) ao comentarem que o primeiro obstáculo surgido em seus estudos sobre a história dos jovens desde a Antiguidade até a Era Moderna foi a dificuldade em se definir o que é realmente a juventude. Revelam também o caráter político e econômico assim como as manipulações que marcaram a origem histórica das delimitações da juventude. Os autores relatam que as pessoas idosas, sendo detentoras do patrimônio, buscaram maneiras de afastar os jovens nobres das tentativas de tomarem-lhes a posição. Então, criaram estratégias para manter esses jovens em “estado de irresponsabilidade” ou de juventude o maior tempo possível. Uma estratégia adotada foi a inserção e permanência cada vez mais prolongada dos jovens na escola. Durante a escolarização, os jovens da classe nobre estariam

supostamente se preparando para assumir o poder, mas também eram mantidos temporariamente “fora do jogo” político, o que possibilitava aos velhos manterem-se nas posições de poder sem os riscos de tentativas de sucessão (BOURDIEU, 1983a; 1983b).

Algumas concepções pelas quais os jovens e as juventudes são vistos e aparecem na sociedade são abordadas: deixar de ser criança ou uma fase que antecede a maturidade, o “ser adulto”. Mas a naturalidade e a vigência da ideia dessas duas fases da vida não estão presentes em todos os tempos e sociedades, o que origina o surgimento da noção de juventude como um problema da sociedade moderna (NONATO, 2013; VASCONCELLOS, 2011).

Há tantas modalidades de exclusão e vulnerabilidade na juventude, conforme as diferenças que os sujeitos apresentem. No entanto, a análise da concepção de juventude em textos que tratam sobre políticas públicas evidencia o desafio constante de desconstrução de aspectos dos jovens dados como homogêneos e independentes do contexto em que estejam inseridos (SANTOS; SCOPINHO, 2011; ZANELLA *et al.* 2013).

As juventudes são construções históricas e socialmente associadas a certa instabilidade, muitas vezes relacionadas a “problemas sociais”, como delinquência juvenil, pobreza e questões étnicas (SPOSITO, 1997).

Um aspecto econômico advindo de mudanças da utilização da mão de obra colaborou historicamente para determinado entendimento de juventude. A modernidade fordista instituiu a juventude como um espaço-tempo de transição da adolescência para a idade adulta, um estágio no ciclo de vida de desenvolvimento da pessoa para inclusão no mundo do trabalho (BLANCH, 2014).

Contemporaneamente, abstrai-se que as juventudes são representadas muitas vezes de forma ambígua pela sociedade. Por meio de um mesmo entendimento de juventude, os jovens podem ser vistos tanto como sujeitos em formação,

imaturos e irresponsáveis, quanto como depositários de esperança no futuro (BRUNET; PIZZI, 2013).

Para Neri (2013), os jovens são a principal porta de entrada de inovações nos valores e nas aspirações de uma sociedade, permitindo antecipar no tempo a formação do pensamento geral da nação.

A juventude amedronta a sociedade, por suscitar a ideia do incontrolável e do furtivo, mas também seduz por criar/provocar no imaginário das pessoas o movimento infundável da vida e simbolizar aquilo que jamais envelhece. Existe um poderoso ideal de juventude eterna e é cada vez mais comum observar uma tentativa de preservar aspectos positivos associados à juventude – se possível, de forma permanente para a vida – por meio da manutenção do que na linguagem popular é chamado de espírito jovem (COELHO; ESTRAMIANA; LUQUE, 2014; DIÓGENES, 2011).

Por intermédio da mídia, a cultura dominante incita o imaginário das pessoas a construir e reificar uma ideia de juventude como época áurea da vida, de muitas alegrias, descontração, intensas experimentações, descobertas e ideal de beleza, ao mesmo tempo em que investe nos jovens como consumidores vorazes de bens de consumo materiais ou simbólicos. “A cultura que exalta o dever de ter prazer, de ser feliz, inclusive, pelo consumo de coisas, pessoas e afetos também apela para ideal de juventude erotizada, que contagia a todos – todos querem ser jovens” (CASTRO; RIBEIRO, 2011, p. 254).

Mas esse desejo se calca exclusivamente sob o prisma romântico acerca da vivência juvenil, ligada ao hedonismo. Essa visão de juventude nascida nos anos 1960 é sinônimo de liberdade, prazer e comportamentos exóticos, sendo marcada por experimentações e irresponsabilidades (MELO; SOUZA; DAYRELL, 2012).

A problematização romantizada da juventude reitera a ideia de transitoriedade e alude a um aspecto negativo da mesma como aquilo que ainda não é, pois nega o seu tempo presente ao tentar adiar para a vida adulta sua participação social. Essa imagem exclusiva de vir a ser coaduna com a noção de moratória,

consolidada no passado, mas atualmente contestada. A moratória é entendida como um tempo para o ensaio e erro, cuja relativização da aplicação de sanções sobre o comportamento permite aos jovens certa irresponsabilidade. Na década de 1970, houve uma concepção de jovem balizada em práticas de transição à inserção na sociedade a partir do trabalho e da escola, sendo um entendimento de vida vivida em fases, com estágios claramente marcados pela entrada e saída do trabalho (BRUNET; PIZZI, 2013; DAYRELL; REIS, 2010; ZANELLA *et al.* 2013).

O aspecto negativo de algumas concepções sobre juventudes não se restringe apenas a essas questões. O jovem representa para a sociedade a imprevisibilidade, a descontinuidade de uma ilusão da ordem, as quais amedrontam e são percebidas como ameaças às estruturas da mesma. Há ainda uma perspectiva crítica que mostra a condição juvenil nesse início de século XXI, marcada por práticas que muitas vezes se opõem: participação e passividade, rebeldia e aceitação ou de radicalismo e delinquência (DIÓGENES, 2011; ZANELLA *et al.* 2013).

O preconceito dos adultos colabora para a formação de uma autoimagem negativa dos jovens ao rotulá-los como “aborrescentes”, que vem da corruptela da palavra adolescente. Esses autores ainda opinam que se atribui às juventudes uma incapacidade de pensar, de cuidar de si mesmos, de criar e atuar como sujeitos. Constata-se que os adultos consideram os jovens irresponsáveis, imaturos, sem condições de tomar decisões conscientes, principalmente no campo da sexualidade e reprodução (FREITAS; DIAS, 2010; OLIVEIRA; LYRA, 2008).

A perspectiva legal dos jovens é de sujeitos de direitos. Contudo, tais direitos são codificados pela compreensão e sentidos que o mundo adulto atribui à juventude. Alguns estudos sobre políticas públicas ratificam a construção social que relaciona juventude e situações de risco. É preciso ouvir a juventude, saber o que ela pensa, quais são os seus anseios e necessidades e levá-la em conta, a fim de empoderá-la na prática e para decifrar os principais desafios ainda por vir do país (CASTRO; RIBEIRO, 2011; NERI, 2013; ZANELLA *et al.* 2013).

A falta de escuta e a visão adultocrática podem levar a entendimentos equivocados e/ou reducionistas, associando os jovens exclusivamente a problemas, principalmente aqueles relacionados à saúde, entendendo-os como incapazes de tomar decisões responsáveis pela sua própria vida. Ao adotar a denominação de adolescente na abordagem de risco e vulnerabilidade, as ciências da saúde reduzem as juventudes. Vários profissionais de saúde, que desenvolvem ações educativas de promoção com adolescentes, compartilham representações dos mesmos que se afastam da perspectiva de sujeito de direitos (HORTA; LAGE; SENA, 2009; OLIVEIRA; LYRA, 2008).

Há posturas que priorizam as situações de risco ou não abordam os jovens como detentores de direitos, inibem o investimento nas potencialidades e possibilidades dos mesmos. Esses posicionamentos têm um viés negativo tendo em vista que nem sempre o jovem é tratado com a devida legitimidade (DAYRELL; REIS, 2010).

Alude-se recorrentemente a problemas de saúde da juventude como aqueles relacionados a sexualidade, violência e drogas. O campo da saúde pública direciona suas ações para os jovens, privilegiando o enfrentamento da gravidez precoce, das doenças sexualmente transmissíveis (DST) e da síndrome da imunodeficiência adquirida (AIDS). Essas maneiras de pensar, agir e se relacionar em saúde privilegiam as vertentes preventiva e curativa em detrimento da promoção à saúde (COOPER, 2012; FINERANA; GRUBERB, 2009; ROCHELEAU; SWISHER, 2012; SOARES, 2011).

É essa ideia de problema que muitas vezes dá visibilidade à juventude quando associada ao crescimento alarmante dos índices de violência, ao consumo e tráfico de drogas, entre outros, sem uma análise mais aprofundada dos determinantes desses problemas (DAYRELL; REIS, 2010).

Há conflitos e tensões relacionados à juventude, como uso de substâncias, delinquência, assédio sexual e outros tipos de violência, mas é preciso atentar que muitos desses problemas têm suas origens na falta de acesso aos bens afetivos, simbólicos e materiais. Alguns jovens, principalmente urbanos, utilizam a

violência como uma forma de romper com a indiferença alheia a seu respeito e buscam se tornar visíveis nas cidades. Eventos ligados à violência na juventude, como o suicídio, os acidentes e o consumo de drogas, preocupam a sociedade, mas também guardam estreita relação com a socialização e modos de vida dos jovens (BACHMAN *et al.*, 2013; DAYRELL; LEÃO; REIS, 2011; DIÓGENES, 2011; MONAHAN; STEINBERG; LEE, 2011; NIRENBERG, 2011; SUDHINARASET; BLUM, 2010).

Adota-se neste estudo a superação de algumas representações sobre juventudes admitidas na vida social. Para se obter uma compreensão fundamentada na Sociologia, “[...] é preciso incentivar um olhar que alcance acontecimentos e sujeitos não como ‘problemas sociais’, como tantas vezes são percebidos no senso comum, mas avistá-los como ‘problemas sociológicos’” (DAYRELL; REIS, 2010, p. 1). À medida que se compreende que a juventude possui várias dimensões, estas são agregadas ao seu conceito. E, assim, o conceito de juventude é mantido em um contínuo processo de mudança (NONATO, 2013).

É ingênuo pensar que os jovens tenham a mesma identidade social apenas por pertencerem à mesma faixa etária, pois as condições sociais e materiais concretas produzem os sujeitos. Assim, jovens com acessos diferenciados aos bens materiais disponíveis terão vivências distintas desse mesmo período da vida. Embora existam de fato várias transformações do indivíduo numa dada faixa etária, elas são lidas de formas diferentes em sociedades também distintas (BOURDIEU, 2013; VASCONCELLOS, 2011).

A demarcação dos períodos de vida em faixas etárias esconde uma forma de controle social daquilo que nos é permitido em cada idade, como formas de vestir, comportar e falar, o que implica coação para os desviantes. Alerta-se para o risco de se enveredar numa análise adultocrática por meio da qual as respostas dos jovens são analisadas a partir dos parâmetros dos adultos. Além disso, considera-se que as clivagens sociais delimitadas pela idade são arbitrárias e objetos de disputa pelo poder (BOURDIEU, 2013; BRUNET; PIZZI, 2013; DAYRELL; REIS, 2010).

Defende-se que tratar de juventude se constitui em um despropósito teórico, tendo em vista que ela é apenas uma palavra. Essa afirmativa é uma provocação para se refletir sobre as relações de dominação que subjazem ao termo juventude e sobre a reprodução social das diferenças sociais as quais geram uma diversidade de juventudes (BOURDIEU, 1983a; 1983b).

Margulis e Urresti (1998) aceitam que a idade é ordenadora da atividade social e que a juventude tem uma dimensão simbólica. E também concordam que ela é uma palavra, mas discordam que ela seja meramente isso. Esses autores chamam a atenção para a necessidade de se atender aos aspectos factuais, materiais, históricos e políticos, em que toda a produção social da juventude se desenvolve.

As juventudes são mais bem retratadas como uma categoria social perpassada por várias outras categorias como etnia, gênero, geração, classe social e religião. Portanto, as juventudes são plurais. As questões relativas a essa fase da vida estão imbricadas com os processos estruturantes da vida em sociedade, erigidos nas desigualdades sociais (CASTRO; RIBEIRO, 2011; DAYRELL; LEÃO; REIS, 2011; LYRA, 2011; NIRENBERG, 2011; SPOSITO, 2009; URRESTI, 2011).

Sendo a juventude “uma noção socialmente variável, os modos de ser jovem têm estreita ligação com o meio social, com seu tempo histórico, com suas condições estruturantes e com a forma com a qual os sujeitos se inserem num determinado meio” (VASCONCELLOS, 2011, p. 48). A juventude assume significados abrangentes e singulares de uma geração a outra e nos diferentes grupos sociais. Por isso, essa categoria não pode ser reduzida a uma transitoriedade. Os jovens são seres em construção, mas também do tempo presente e não somente como um “vir-a-ser” (DAYRELL; LEÃO; REIS, 2011; NONATO, 2013). Acima de tudo, os jovens são sujeitos de direitos.

Os entendimentos sobre juventude encontram-se em disputa. Trataremos os jovens neste trabalho como sujeitos de direito, em consonância com a tendência internacional do trabalho decente para as juventudes e que também traduz um

esforço de superar suas reduções, principalmente a biologicista como uma faixa etária problemática, tão comum na área da saúde.

Uma inesperada onda de protestos ocorrida em meados de 2013 no Brasil mostrou a força da juventude, identificando a perspectiva dos jovens como sujeitos do tempo presente, mas não apenas dele. Para chegarem a esse ponto, as juventudes já viveram suas histórias, as quais influenciaram o seu presente e trazem pistas de como será seu futuro. Neri (2013) defende que os jovens atuam como um fator potencializador das mudanças sociais e que o conhecimento das principais características populacionais da juventude tem valor preditivo do futuro do país.

A juventude brasileira tem se revelado de maneira intensa nas ruas e nas redes sociais. Provou grande capacidade de articulação, criando verdadeira onda de mobilização e transformações. Deixou clara a sua vontade de participar não apenas como espectador ou protagonista, mas como produtor das decisões do seu país (BRASIL, 2013a, p. 5).

Esta pesquisa nacional foi realizada em 2013 pelo IPEA, centrou-se nos jovens brasileiros e tentou elucidar quem são eles, buscou também esclarecer aspectos demográficos sobre as juventudes no cenário em que elas se inseriam no momento daquela pesquisa. Acreditamos que estes dados poderão ajudar na compreensão de algumas situações que conformam a realidade dos participantes do presente estudo.

O conhecimento dos dados estatísticos sobre essa realidade revela aspectos importantes da situação desse segmento, os quais poderão ampliar o nosso olhar em relação às juventudes (DAYRELL; REIS, 2010).

“A juventude brasileira é grande, diversa e ainda muito atravessada por desigualdades” (BRASIL, 2013a, p.10). Nunca se teve nem se terá uma população de jovens tão numerosa quanto atualmente. Considerando isso, estabelecem-se muitas e novas questões sociais e políticas relevantes para o trato com as juventudes brasileiras na atualidade e no futuro:

Esse que será o maior grupo de trabalhadores brasileiros não mereceria na infância e na juventude a melhor educação que se poderia oferecer? Em preparação para o seu trabalho na vida adulta, não seria vital realizar

os maiores investimentos possíveis [...]? Afinal, não seria fundamental garantir que o maior contingente de trabalhadores tivesse acesso aos melhores postos de trabalho que se poderia oferecer? Qual o sistema de aposentadoria que se pretende oferecer à maior coorte de trabalhadores que não irá sobreviver para ser a maior coorte de idosos? Como preparar e focalizar o sistema de saúde para atender às necessidades específicas dessas coortes? (BRASIL, 2013a, p. 45).

O censo demográfico de 2010 realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia Estatística (IBGE) revela que, no Brasil, 26,9% do total da população brasileira, cerca de um quarto da mesma, situam-se na faixa entre 15 e 29 anos de idade (IBGE, 2010a; 2010b), considerada pelo órgão como parcela jovem. A relevância da juventude mostrada em números colabora para sua visibilidade nacional e evidencia a necessidade de formulação de políticas direcionadas para as demandas e necessidades das juventudes.

Em 16 de abril de 2013, tem-se um marco histórico no capítulo dos direitos dos jovens brasileiros. O Senado Federal aprovou o Projeto de Lei da Câmara nº 98 de 2011. A ementa “institui o Estatuto da Juventude, dispondo sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude, o estabelecimento do Sistema Nacional de Juventude e dá outras providências” (MATO GROSSO, 2013). Destaca-se neste documento a criação de estruturas responsáveis por operacionalizar as políticas públicas direcionadas para os jovens, como o Sistema Nacional de Juventude (SINAJUVE) e os Conselhos de Juventude (MATO GROSSO, 2013). Critica-se a supressão da Rede Nacional de Juventude presente no Projeto de Lei PL 4.529/04, anterior ao Projeto de Lei Complementar PLC 098/11, que foi aprovado pelo Senado Federal em abril de 2013.

[...] visivelmente faz falta a sua estrutura, que se observa, uma das mais importantes para consolidação do projeto principal, o Estatuto da Juventude, pois trabalhar em rede é um dos principais objetivos de que se tem conhecimento para atendimento às demandas levantadas pelos diversos setores, interligando as políticas [...] (CORREIA, 2013, p. 61).

Em julho daquele mesmo ano, o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), fundação pública federal vinculada à Secretaria de Assuntos Estratégicos da Presidência da República, apresentou os resultados de uma pesquisa

(BRASIL, 2013b) que trata do que “talvez seja o tema populacional mais intrigante de nosso tempo: a chamada onda jovem” (NERI, 2013, s/p.).

O quantitativo de 51,3 milhões de jovens corresponde a um “platô populacional” iniciado em 2003, o qual se prolongará até 2022, em formato de pororoca jovem, conforme denominado por Neri (2013). As possíveis repercussões da publicação desses dados na realidade concreta é que provavelmente os jovens serão mais ouvidos, “levados em conta” e estudados. Na sequência, espera-se que eles tenham mais oportunidades em todas as áreas a partir da formulação e operacionalização de políticas, programas e ações específicos para os mesmos.

O perfil dos jovens estudados pelo IPEA é, na maioria das vezes, similar aos dados do censo demográfico de 2010. Ambos concordam que há mais mulheres jovens (50,4%) do que homens (49,6%), que há mais jovens vivendo na cidade (84,8%) do que no campo (15,2%) (BRASIL, 2013a).

Segundo a Pesquisa Nacional sobre perfil e opinião de jovens brasileiros (BRASIL, 2013a), os católicos continuam sendo maioria (56%) e os evangélicos perfazem pouco mais de 25% da amostra. Esta pesquisa ainda mostrou que aproximadamente um em cada seis jovens não tem religião (16%, incluído 1% de ateus). Seis em cada 10 entrevistados declararam-se de cor parda (45%) ou preta (15%) e de cor branca (34%). A população jovem negra mostrou-se maior do que os 7,9% identificados pelo censo em 2010 (BRASIL, 2013a; IBGE, 2010c).

O perfil e a opinião dos jovens brasileiros, traçado pelo IPEA em 2013, mostra que no quesito situação familiar 66% são solteiros e 61% vivem com os pais; 32% são casados ou vivem com seus cônjuges. Entre os jovens pesquisados, 40% têm filhos. Enquanto grande parcela de mulheres (54%) é mãe, pouco mais de um quarto (28%) dos homens vivencia a paternidade. Essa condição cresce com o avançar da idade, mas sempre em maior proporção para as mulheres, chegando a 70% na faixa que vai dos 25 a 29 anos (BRASIL, 2013a; 2013b).

Nos dados dessa pesquisa nacional realizada pelo IPEA, ressalta-se que os jovens têm mais escolarização que seus pais. Do total de jovens, 37% estudam.

Desse percentual, 25% têm sua escolaridade limitada ao ensino fundamental, sendo que 16% estão no ensino fundamental incompleto e 11% no fundamental completo. No ensino médio concentra-se mais da metade (59%), dos quais 38% já foram concluídos e 21% perfazem o ensino médio incompleto. De todos os jovens que estudam, apenas 13% estão no nível superior incompleto até pós-graduação. Do contingente total da população jovem, 29% informaram que terminaram os estudos. Os jovens que pararam de estudar atingem o total de 33% e um terço deles não obteve a escolaridade pretendida. Verificam-se pequenas variações dos achados da escolaridade pela Pesquisa Nacional sobre Perfil e Opinião de Jovens Brasileiros em relação aos seguintes indicadores sociais encontrados no censo de 2010: nunca estudou: 1,6%; alfabetização/Educação de Jovens e Adultos (EJA), incluindo o ensino fundamental: 35,9%; ensino médio: 46,3%; ensino superior: 16,2% (IBGE, 2010a).

Considerando a renda domiciliar *per capita*, a juventude atualmente está mais concentrada entre os estratos médios (50%) e baixos (28% até R\$ 290,00/ mês), apenas 11% acima de R\$ 1.018,00/mês encontram-se nos estratos altos (BRASIL, 2013b).

Fazem parte da População Economicamente Ativa (PEA) três em cada quatro jovens e quatro em cada cinco jovens brasileiros que trabalham ou trabalharam. Quase metade dos jovens pertencentes à PEA vivencia situações de desemprego recorrentemente (BRASIL, 2013a; 2013b). Tais dados confirmam que as juventudes brasileiras são trabalhadoras.

Em 2010, entre os jovens brasileiros na faixa etária de 15 a 20 anos, 36% daqueles que têm 15 a 29 anos frequentavam a escola e 53,5% trabalhavam. A proporção daqueles que estudam e trabalham foi de 22,8%. Em 2013, o percentual dos jovens que trabalham atingiu 74%, sendo que 53% trabalham e 21% procuram trabalho. Na população jovem, 37% são estudantes, 14% deles conciliam escola e trabalho e 8% procuram trabalho. A soma destes dois últimos subgrupos supera 1/5 da população jovem (22%). A maior proporção de jovens que sobrepõem trabalho e estudo se encontra nos seguimentos de idade mais avançada dessa população. Há significativo percentual de 26% de jovens que não

estudam nem trabalham, representando $\frac{1}{4}$ dos jovens pesquisados (BRASIL, 2013a; IBGE, 2010a).

Não obstante essas recomendações da Agenda Nacional de Trabalho Decente para a Juventude (ANTDJ) no Brasil de menos de 30 horas semanais, as condições de trabalho de muitos jovens ainda se mostram inadequadas. “A remuneração do trabalho é mais baixa entre os [...] jovens [...] e parte deles enfrenta elevadas jornadas de trabalho” (BRASIL, 2010, p. 9).

Cabe também considerar as questões relativas à saúde e segurança do trabalhador. Dos 18 problemas que mais preocupam os jovens brasileiros, quatro foram ordenados primeiro: segurança/ violência; emprego/ profissão; saúde; e educação, reafirmando a relevância da experiência do trabalho para os jovens brasileiros (BRASIL, 2013a).

No rol das necessidades/prioridades citadas pelos jovens em 2013, compõem os seis primeiros lugares em ordem decrescente: educação de qualidade, melhoria dos serviços de saúde, alimentação de qualidade, governo honesto e atuante, proteção contra o crime e a violência e melhores oportunidades de trabalho. Os jovens querem discutir sobre violência e drogas, o que pode ser revelador da proximidade desses temas no cotidiano dos mesmos. Significativa parcela mostrou-se preocupada com a questão da desigualdade e da pobreza, a qual aparece como relevante problema na nossa sociedade. Educação e o futuro profissional foram o tema preferencial eleito por 45% dos sujeitos para abordar com os pais (BRASIL, 2013a).

Apesar dos problemas revelados pelos jovens, eles são otimistas e creem na sua capacidade de mudar o mundo. As juventudes consideram que a família é relevante para a vida no presente e o esforço pessoal é importante para melhorar as condições de existência. Assim, salientam o papel das políticas do governo para a garantia dos seus direitos. Chama a atenção o fato de 63% da amostra respondente terem eleito em primeiro lugar como a questão mais positiva do Brasil a possibilidade de estudar (BRASIL, 2013a).

3 JUVENTUDES, TRABALHO E ESCOLA

No mundo social, há uma interdependência de ações entre os atores sociais numa relação de reciprocidade, gerando equilíbrio de tensões, de acordo com a noção de “mundo social em configuração”, segundo Martuccelli (2002), como explicado em entrevista desse autor concedida a Setton e Sposito (2013). As características demográficas atuais da população jovem evidenciam que o país terá grandes desafios relacionados às repercussões do imenso quantitativo e perfil diferenciado dos jovens. Tanto a sociedade quanto os governos, o poder Judiciário e o Legislativo têm a árdua tarefa de garantir as condições e as oportunidades, em quantidade e qualidade que as juventudes tanto necessitam para enfrentar o histórico empreendimento que terão pela frente, segundo pesquisa realizada pela Secretaria de Assuntos Estratégicos (BRASIL, 2013b).

Esse contexto leva ao entendimento de que estudar as desigualdades anunciadas nas maneiras de se experimentar a juventude pode significar conhecer algumas dimensões fundamentais das formas de desigualdade de nossa sociedade. Então, a efetividade das ações voltadas para a juventude depende da mais plena utilização da evidência empírica e do conhecimento científico disponível (BRASIL, 2013a; PEREGRINO, 2011, p. 282).

A inserção laboral é um momento importante para os jovens trabalhadores se envolverem em práticas de trabalho seguras, dada a alta taxa de lesão associada a essa população. É preciso reestruturar as decisões relativas às juventudes na realidade cotidiana das mesmas, naquilo que se mostra relevante e prioritário, como a melhoria das condições de trabalho.

A pobreza, a falta de acesso à educação, dificuldades geográficas, exposição à violência, discriminação e outros infortúnios são vulnerabilidades circunstanciais. A privação é uma característica da vulnerabilidade, a partir da qual as pessoas são impedidas de atender às suas necessidades (PESSALACIA; MENEZES; MASSUIA, 2010).

A falta de condições para se dedicar e sequenciar os estudos enfrentados por jovens trabalhadores mostra uma face sórdida dessa simultaneidade: as chances de ter melhor qualificação são reduzidas e, conseqüentemente, esses sujeitos ficam mais distantes de cargos e posições sociais mais elevados.

Denota-se a força dessa violência simbólica, pois há conseqüências materiais profundas na forma de sonhos e aspirações negados às juventudes trabalhadoras (SANTOS; SCOPINHO, 2011).

Entende-se que jovens com essas características precisam ter atenção diferenciada da sociedade, do governo, considerando a responsabilidade social dessas esferas. Especificamente para os profissionais da saúde, consideram-se também o princípio da equidade do Sistema Único de Saúde (SUS) e o enfoque da promoção.

Ao relacionar o trabalho e agravos à saúde, é importante analisar variáveis socioeconômicas como a classe social e a renda. Para que as pessoas possam alcançar seus projetos e desejos, é preciso garantia das condições materiais vitais (GONÇALVES *et al.*, 2012; HORTA; SENA, 2011).

Muitos jovens iniciam atividades laborais perigosas em uma idade precoce e muitos sofrem acidentes de trabalho. O trabalho pesado, altas demandas psicológicas e baixo apoio social aumentam o risco de ocorrência de acidentes de trabalho entre os jovens.

Nota-se que a segurança do trabalho é um aspecto em debate em diversas áreas como saúde, política, direito, economia, demografia e sociologia. Mas a realidade revelada por muitos estudos científicos realizados diretamente com os jovens ressaltam que tais discussões ainda não tiveram a efetividade necessária para mudar o quadro de insegurança laboral desses sujeitos.

As juventudes brasileiras mostram a necessidade de que as políticas públicas direcionadas para elas sejam mais efetivas (HORTA; LAGE; SENA, 2009). Acrescenta-se a essa constatação o entendimento de que também é imperativo

redobrar a atenção a essas políticas em todos os níveis e nas dimensões do cotidiano dos jovens.

Ser jovem no Brasil pode significar a experimentação de vivências incomunicáveis devido às distâncias sociais que estão na origem das mesmas. O trabalho costuma ser um “divisor de águas” na vida dos jovens brasileiros, principalmente daqueles das camadas sociais menos favorecidas economicamente, tendo em vista a manutenção de suas necessidades básicas (DAYRELL, 2001; PEREGRINO, 2011).

As variáveis contrato, antiguidade, duração do tempo de trabalho e remuneração influenciam a situação laboral juvenil, devido à globalidade do mercado de trabalho. A escolaridade é um fator diferenciador da relação de emprego dos jovens menos escolarizados em comparação aos mais escolarizados (PARENTE *et al.*, 2014).

A ANTDJ informa que há marcante distinção na inserção no mercado de trabalho entre jovens de diferentes classes sociais. Enquanto aqueles pertencentes às camadas populares ingressam nesse mercado precocemente, até mesmo antes da idade legal para isso, os demais o fazem após terem completado o ensino médio, geralmente após 18 anos de idade e em situações de trabalho protegidas (BRASIL, 2010).

Para alguns jovens das camadas populares, o trabalho é uma necessidade que se aproxima de uma imposição, seja para ajudar na renda familiar, para garantir as condições mínimas de subsistência ou mesmo para ter acesso aos bens de consumo que não teriam sem renda própria, assim como para realização pessoal e como meio de inserção social. Comumente esses jovens realizam trabalhos precarizados e com baixa qualificação (CORROCHANO, 2012; 2013; LEÃO; NONATO, 2011; SPOSITO, 2009).

A dupla jornada trabalho-estudo impõe a alternância de longas jornadas de trabalho com o período escolar. Em um mercado de trabalho sob o comando de

regras cruéis e competitivas, muitos jovens acabam assumindo empregos de baixa remuneração e sem benefícios trabalhistas.

Salienta-se que muitas dificuldades encontradas pelos jovens para ingressarem no mercado de trabalho são provenientes das transformações do contexto produtivo contemporâneo. As oportunidades de trabalho são ainda mais restritas para alguns grupos, como para os negros, e o de jovens mães, para as quais faltam instrumentos de apoio no cuidado de suas crianças. As mulheres jovens sofrem desigualdade de sexo no mundo do trabalho. Elas recebem menores salários em relação aos homens jovens ao se inserirem no mercado de trabalho (FERNANDES; GONÇALVES; OLIVEIRA, 2012).

O governo federal, por meio do Programa Nacional de Estímulo ao Primeiro Emprego (PNPE), lançado pelo Ministério do Trabalho e do Emprego em 2004, reconhece oficialmente a importância do trabalho na juventude. Isso evidencia a importância de se discutir suas repercussões para o pleno desenvolvimento dos jovens, além das particularidades e condições do mesmo (BRASIL, 2003).

O trabalho tem centralidade no desenvolvimento humano como núcleo a partir do qual pode ser compreendida a atividade criadora do homem. Por meio dele as pessoas interferem na realidade, transformando a natureza e produzindo-se a si mesmas, num processo de hominização (MARX; ENGELS, 1975).

A centralidade do mundo do trabalho na sociedade contemporânea fez surgir a inevitável temporalidade laboral como a temporalidade principal no contexto social.

O trabalho é um elemento central para alguns jovens, pois, entre outros ganhos, possibilita-lhes mais exercício da cidadania, agrega sentimentos de autoestima e aspectos importantes para a formação da personalidade dos mesmos. Nessa acepção, o trabalho é considerado formador (ARROYO, 1987; MARTINS *et al.*, 2012).

O trabalho em simultaneidade ao estudo durante a juventude está entre o bom e o ruim. Entremeando esses polos está seu caráter educativo. Alguns de seus aspectos positivos relacionam-se à sociabilidade, amadurecimento, melhoria do diálogo com a família e com a escola, aumento do interesse por sua escolarização. No sentido oposto, citam-se o sentimento de uma obrigação a cumprir, conflito com a chefia, escassez de tempo, o estresse, o cansaço e a falta de paciência. Fica explícita a ambiguidade do impacto do trabalho desses jovens em seus relacionamentos familiares e escolares (NONATO, 2013).

Há jovens vivenciando tripla jornada: trabalho, estudo e frequência a um curso profissionalizante. Além disso, algumas jovens ainda se dedicam ao papel de mãe. O trabalho na juventude pode competir com as demais dimensões da vida dos sujeitos. A juventude é um período essencial para que o jovem se desenvolva como adulto e cidadão. Para tanto, são necessários tempos, espaços e relações de qualidade que facilitem o desenvolvimento de suas potencialidades (DAYRELL; LEÃO; REIS, 2011; PIMENTA *et al.*, 2011; OLIVEIRA *et al.*, 2009).

Há modalidades de trabalho que deformam o sujeito, as quais se desenvolvem na sociedade capitalista e têm caráter alienante. Essa categoria de trabalho se configura de diversas formas, inclusive quando não é fonte de expressividade, e se reduz à necessidade de sobrevivência mínima, carecendo de elementos que promovam a formação humana (DAYRELL, 2001).

Sob esse entendimento de trabalhos deformadores, infere-se que podem ser incluídos em seu rol aqueles que não consideram as especificidades do jovem, exigindo dele o desenvolvimento de tarefas para as quais ele ainda não tem condições biopsicossociais amadurecidas. Somam-se aqueles que impõem condições humilhantes e salários ridiculamente baixos, os que se utilizam de brechas da legislação trabalhista para explorar o jovem sem incorrer na ilegalidade e aqueles que obstaculizam a vivência de outras dimensões de sua condição juvenil.

Nota-se que ao trabalho deformador subjaz um jogo de poder pernicioso para o jovem. Todavia, mesmo sob o viés de características deformadoras, a experiência

de trabalhar sempre permite alguns ganhos, como produzir saberes novos, construir redes de relação social, cultura e identidades. De forma geral, os jovens adaptam-se bem às novas rotinas de trabalho, vida pessoal e educação. Apesar de uma vida mais atribulada de horários e tarefas, a simultaneidade do trabalho e estudo costuma ser significada positivamente pelos jovens (ARROYO, 1987; RIBEIRO, 2011).

Fraga (2009, p. 9) afirma que “o reconhecimento do homem forja-se primeiramente no momento do trabalho [...] dadas as condições do trabalho de determinada sociedade, nelas se dão as suas condições de reconhecimento”. Percebe-se que o modelo de trabalho deformador manifesta ambiguidades e a negação aos jovens de alguns atributos e direitos que são direcionados a outros grupos sociais e até mesmo a jovens de classes sociais distintas, revelando o caráter de dominação do trabalho.

Entretanto, a dominação só ocorre com a colaboração dos sujeitos dominados, à medida que estes aceitam os limites impostos (BOURDIEU, 2013).

Conhecer o campo de possibilidades disponível auxilia na compreensão do fato de muitos jovens de camadas populares se submeterem a condições perversas de trabalho e alguns projetos de vida serem inimagináveis para eles, embora cheguem a ser triviais para jovens de classes mais abastadas.

Reconhecemos a juventude como um processo permeado por descobertas questionamentos, busca pela autonomia, desejo de independência, cuja somatória direcionam os sujeitos a construir planos para o futuro.

A elaboração de projetos de vida não é exclusiva, mas é própria das juventudes pois é constituinte do processo de amadurecimento dos seres humanos, da formação das autobiografias individuais. Esta construção demanda aprendizados importantes, capacidade de integração de passado e presente para projeção do futuro. Desta forma, constitui-se uma categoria relevante quando se trata de jovens.

Entre os projetos mencionados pelos participantes estão: ingressar em determinadas universidades cuja competição para a entrada é acirrada, demandando pesado investimento na escolaridade pregressa, ou em cursos universitários ofertados em período integral, dificultando as possibilidades de trabalho remunerado.

A ideia de projeto de vida remete a um plano de ação que um indivíduo se propõe a realizar em relação a alguma esfera de sua vida (profissional, escolar, afetivo, etc.) em um arco temporal mais ou menos largo. Tais elaborações dependem sempre de um campo de possibilidades dado pelo contexto socioeconômico e cultural no qual cada jovem se encontra inserido e que circunscreve suas experiências (DAYRELL; LEÃO; REIS, 2011, p. 1071-2).

Os projetos de futuro, acompanham a dinamicidade, a incerteza e a instabilidade do mundo contemporâneo, assim, não possuem uma linearidade pois podem sofrer muitas mudanças ao longo de uma trajetória. Em tais projetos imbrincam-se abstrações e realidades. Eles são alicerçados em desejos, fantasias, criatividade, emoções. Transformam-se em algo a ser perseguido, que orienta as ações e escolhas na vida, mas são também delimitados e/ou potencializados pelas possibilidades reais.

Nem sempre é possível fazer todas as escolhas nem executar tudo o que se deseja, principalmente quando se trata de jovens que vivenciam condições socioeconômico e culturais desfavoráveis. Para estes, o campo de possibilidades costuma ser ainda mais restrito e muitas vezes, assim, o trabalho costuma se inserir na vida de jovens pobres como uma forma de ampliar este campo.

Alguns jovens concluem o Ensino Médio e dedicam-se apenas a disputar uma vaga no mercado de trabalho em uma posição melhor. Muitos destes consideram o estudo apenas um degrau para o ensino profissionalizante ou para a universidade, os quais podem, finalmente, conduzi-los ao mercado de trabalho. Todavia, a educação regular não facilita o emprego e o mercado de trabalho é cada vez mais exigente e perverso (LACHTIM; SOARES, 2009).

A condição juvenil é tensionada e sofre influências de outras condições, como a de estudante e de trabalhador. O trabalho e a escola têm centralidade na constituição da condição juvenil de grande parte da população jovem brasileira (DAYRELL; LEÃO; REIS, 2011; PEREGRINO, 2009).

A relação dos jovens com o trabalho e com a escola pode ser concebida como uma construção social, variando de maneira significativa no tempo e no espaço, e de forma dependente do modo de inserção dos indivíduos na estrutura social (CORROCHANO, 2013, p. 26).

Aos jovens trabalhadores e estudantes é imposta uma sobreposição de projetos frequentemente de difícil conciliação, sendo o trabalho condição de sobrevivência para grande parte deles, principalmente daqueles marcados pelas desigualdades sociais e consideráveis índices de pobreza e violência. Essas condições restringem as possibilidades de ação dos mesmos na sua relação com a escola. O fato de nem todos conseguirem fazer essa conciliação pode ser um motivo para a evasão e trajetórias escolares irregulares. Em se tratando de jovens pertencentes às classes populares, não se pode falar de uma passagem da escola para o trabalho, mas de uma articulação entre a vida escolar e o trabalho ao custo de muitos sacrifícios. A juventude para muitos é uma condição de existência e de coexistência, um regime de vida sob múltiplas imposições (DAYRELL, 2011; LEÃO; CARMO, 2010; NONATO, 2013).

Muitas vezes, a necessidade de estudar na escola noturna é atravessada pela dimensão de jovem trabalhador. Alerta-se para a existência de uma tendência das equipes escolares em cursos noturnos a originarem propostas de trabalho menos exigentes para evitar a evasão, considerando as dificuldades oriundas da sobrecarga a que estão submetidos seus alunos, preponderantemente trabalhadores. Sabe-se que a escola não é um meio neutro, pois reproduz as desigualdades sociais (BOURDIEU; PASSERÓN, 1975; NONATO, 2013; SOUSA; OLIVEIRA, 2008).

O cansaço, a escassez de tempo e o estresse a que os jovens estão submetidos devido à sobrecarga de atividades intrinsecamente presentes na associação das condições de estudantes e trabalhadores são acentuados. Tanto a antropologia

quanto a sociologia mostram a relevância das categorias espaço e tempo como aspectos fundamentais para a vida social (FRANCH; SOUZA, 2011).

Na Antiguidade o tempo era usado de outras formas, mas...

A mudança nos meios de produção e os processos de industrialização conduziram os sujeitos à alienação na cadeia produtiva e ao conhecimento apenas parcial desse processo. Com a vinculação dessa lógica à produção em série, o sujeito não mais vendia produtos, mas, sim, seu tempo (MARTINS *et al.*, 2012, p. 219).

Uma simples operação matemática pode ajudar na reflexão sobre a difícil tarefa de jovens que trabalham e estudam, quanto à organização de seu tempo.

Pela soma aproximada de uma carga horária diária de oito horas de trabalho iniciada às 8:00h com período de permanência na escola noturna de três horas e meia iniciada às 19:00, ou antes, e findando às 22:30, verifica-se que um jovem trabalhador e estudante fica ocupado durante cerca de 16 horas, se se levar em conta o tempo gasto com o deslocamento. Nas horas restantes, os jovens deverão distribuir as demais atividades relativas às necessidades cotidianas e de sua condição juvenil (MENDES, 2013).

A título de exemplo, perfazem a lista dessas atividades lazer, alimentação, atividades escolares extraclasse, sono e repouso, higiene pessoal e relacionamentos pessoais, os quais exigem ambientes além da escola e do trabalho.

A mitologia grega registrava dois significados do tempo: *Kairós*, que gera vida, e *Chronos*, que a consome. Na perspectiva contemporânea, apesar das muitas mudanças ocorridas na História, pode-se inferir que o trabalho segue ora no tempo de *Kairós*, quando se permite a expressão subjetiva, ora tomado por *Chronos*, quando o sujeito é destituído de sua possibilidade criativa. Existe uma oposição entre as características libertadora e enobrecedora do trabalho de tempo autorregulado e o esvaziamento do sujeito daquilo que mais o enobrece pelo trabalho cujo tempo é controlado e rigidamente determinado (MARTINS *et al.*, 2012).

A escassez de tempo vivenciada por jovens que trabalham e estudam pode originar problemas acentuados em seu cotidiano, como fadiga, piora do lazer, privação de sono e sonolência excessiva e estresse. Pode ocasionar acidentes de trabalho, conflitos nas relações pessoais ou profissionais, desencadear violência e uso de substâncias nocivas e falta de atenção com conseqüente aumento dos índices de morbimortalidade dessa população (GRAVES; MILEER, 2015; PEREIRA *et al.*, 2015; RAUSCHER *et al.*, 2012).

Para Marx (1978), à medida que o trabalhador não vende mais sua obra e sim o seu tempo de trabalho, como ocorre nas sociedades capitalistas, esse tempo passa a preponderar sobre o trabalho propriamente dito. O tempo transforma-se em uma moeda de troca à medida que o trabalhador recebe o pagamento pela jornada de trabalho e não pelo produto do mesmo.

Os jovens recebem menores salários para desenvolverem trabalhos sob as mesmas condições nas quais os adultos ganham mais, evidenciando a menos valia da mão de obra destes (SILVEIRA *et al.*, 2012).

O uso do tempo para deslocamentos como intermediador das atividades cotidianas, na contemporaneidade, é um indicador sensível das desigualdades socioeconômicas no âmbito das cidades. O transporte coletivo urbano mostra uma lógica de segregação espacial, ao impor limites ao próprio deslocamento (DAYRELL, 2001; MONT'ALVÃO, 2011).

"Para o pobre, os lugares são mais longe" (GUIMARÃES ROSA, 2005, p. 21).

A aproximação do cotidiano dos jovens de camadas populares permite entender o quanto o acesso ao transporte público é fator decisivo na escolha das alternativas disponíveis, principalmente na dimensão do lazer. A forma como os transportes coletivos estão disponíveis, incluindo-se horários e tarifas, demonstra que as políticas públicas não incluem esses jovens como sujeitos de direitos. O tempo do jovem que trabalha e estuda frequentemente é destinado ao dever a ser cumprido

e sua exiguidade pode ocasionar insuficiência de momentos de individualidade e fruição (DAYRELL, 2001; MENDES, 2013).

Fica explícita a relevância de pesquisas que abordem as repercussões da sobreposição do trabalho e estudos nos diversos papéis desenvolvidos por esses jovens em seu cotidiano. Registra-se também a necessidade de estudos que analisem o impacto dessa justaposição nas variadas dimensões da vida dos jovens que podem ou poderiam tecer os seus modos de vida e sua relação com o mundo como lazer, cultura, religião, sexualidade, sociabilidade, socialização, saúde e escola.

4 O COTIDIANO

O cotidiano como forma de mediação entre o particular e o universal, e sendo o produto histórico mais próximo das pessoas, se estabelece como uma ferramenta importante para a abordagem empírica da realidade, na concepção de Lefebvre (1991). Focar estudos na cotidianidade pode privilegiar a compreensão das estruturas nas quais se estabelecem as relações sociais.

Na cotidianidade, mostram-se contradições e desafios para vivência da condição juvenil. “A vida cotidiana exige do indivíduo criatividade espontânea para resolver os problemas que aparecem de forma singular. Sem essa espontaneidade não poderíamos sequer nos orientar diariamente” (MAFRA, 2010, p. 234).

Adota-se nesta pesquisa a ideia de que a análise do cotidiano de jovens que trabalham e estudam privilegia a captação das dimensões da vida dos mesmos para além da escola e do trabalho. Entende-se que essa captação possibilita a compreensão de quem são esses jovens, quais são seus projetos de vida; como eles vivenciam sua condição juvenil; e como interagem em suas relações sociais. Acredita-se que a observação do cotidiano dos jovens é capaz de mostrar quais estratégias ele constrói para driblar as dificuldades do dia a dia, como ele organiza seu tempo, de quais formas de lazer, esporte e cultura utiliza, entre outros aspectos.

No dia a dia, o indivíduo se apropria da linguagem específica de uma sociedade, internaliza as várias maneiras de utilização dos utensílios e instrumentos, além de assimilar os costumes impostos no mundo em que vive (ANJOS, 2013).

Para alcançar esses aspectos, optou-se neste estudo pela imersão da pesquisadora no dia a dia dos jovens, pois se sabe que para captar a complexidade e profundidade do cotidiano “não bastam observações, visitas, entrevistas ou conversas pontuais. É preciso ‘estar’ no cotidiano para apreendê-lo em sua densidade e em sua intensidade” (SILVA, 2009, p. 18).

A complexidade do mundo cotidiano abriga uma diversidade de significados e dimensões da realidade, mostrando-se capaz de propor estratégias para sínteses transformadoras, trazendo a possibilidade de planejar ações que visem à melhoria das condições de vida dos sujeitos nele inseridos. Acredita-se que os conhecimentos gerados a partir deste trabalho poderão subsidiar a busca de mudanças positivas na realidade concreta dos jovens que trabalham e estudam, incluindo a melhoria de políticas direcionadas para eles.

Algumas questões que permeiam o cotidiano podem ser compreendidas a partir de políticas implícitas nos modelos de desenvolvimento concebidas em nível global que afetam as realidades locais (LEVIGARD; BARBOSA, 2010).

Nessas realidades, os sujeitos fazem a história cotidianamente de modo particular e singular, sendo o cotidiano o “fermento secreto da história”. O cotidiano revela interesses, capacidades, ideologias, sentidos e os diferentes modos de vida. Por meio das práticas diárias o sujeito ressignifica o sistema, criando estratégias de fuga dos modelos impostos pelo poder hegemônico, inventando o cotidiano (CERTEAU, 2003; HELLER, 1991; 2004).

Entre as correntes que buscam a compreensão do cotidiano, a proposta de Agnes Heller mostra-se adequada ao objeto deste estudo, considerando-se que sustenta uma fundamentação dialética.

Estudar a vida cotidiana, na perspectiva helleriana, pode estabelecer-se como relevante forma de analisar o impacto dos poderes hegemônicos sobre as populações, nos conhecimentos construídos e na relação dos sujeitos e das coletividades com o meio onde se inserem. Mas também pode assinalar necessidades de mudanças políticas, econômicas, culturais, ecológicas e sociais.

Consideram-se como partes da vida cotidiana: a estrutura do trabalho e da vida privada, o lazer e o repouso, as formas de socialização, assim como suas permutas, entre outras. Essas partes distinguem a reprodução dos sujeitos particulares, os quais, numa relação e em movimento dialético, possibilitam a reprodução social (HELLER, 2004).

Veroneze (2013, p. 165) assevera que: “o cotidiano é a vida em sua justaposição, numa ‘sucessão aparentemente caótica’ dos fatos, acontecimentos, objetos, substâncias, fenômenos, implementos, relações sociais, história, e assim por diante”.

Neste estudo, parte-se do pressuposto de que a simultaneidade de trabalho e estudo durante a juventude tem implicações nas demais dimensões da vida dos jovens, ora atuando como fator facilitador, ora como dificultador.

Reconhecer a tensão latente no cotidiano gerada pelas forças conservadoras e expressas por meio de discursos, dinâmicas e interesses contraditórios pode dar abertura para uma nova perspectiva sobre as ações individuais e coletivas frente às condições de vida.

Os acontecimentos históricos têm a cotidianidade em seu centro, pois é nela que o homem vive e se reproduz. Os homens são os agentes da história a partir do momento em que suas práticas diárias heterogêneas geram sua práxis e a forma de condução da vida está relacionada à hierarquização consciente das atividades cotidianas. O espaço concreto, particular, que constitui o cotidiano abre uma possibilidade de estruturação da consciência e um caminho para a desalienação (HELLER, 2004; LEVIGARD; BARBOSA, 2010; MAFRA, 2010).

Os jovens são seres políticos capazes de intervir no espaço coletivo e são também portadores de direitos cujo cotidiano revela as contradições, os empecilhos e as incompatibilidades nas relações, evidenciando a complexidade da sociedade contemporânea (DAYRELL; MOREIRA; STENGEL, 2011).

Trabalhar em concomitância com o estudo e competindo com as demais dimensões da vida cotidiana dos jovens pode colocar esses outros aspectos, ou mesmo o trabalho e o estudo, em segundo plano. A exigência dessa conciliação é tarefa árdua ou até mesmo impossível (NONATO, 2013).

A necessidade de escolha de uma ou outra dimensão da condição juvenil para não ser vivida ou ser vivenciada com menos intensidade “traduz o economicismo

da vida cotidiana, que orienta o pensamento para as práticas necessárias à sobrevivência diária na realização de tarefas” (MAFRA, 2010, p. 234). Esse economicismo influencia os modos de vida desses sujeitos e impacta no desenvolvimento de algumas de suas potencialidades na medida em que contrai suas possibilidades.

5 OBJETIVOS

5.1 Objetivo geral

Analisar o cotidiano de jovens que trabalham e estudam, identificando como eles conciliam trabalho e estudo com as demais dimensões da condição juvenil.

5.2 Objetivos específicos

- a) Descrever como os jovens elaboram, em seu cotidiano, a experiência de conciliar trabalho, escola e as demais dimensões da vida.
- b) Identificar fatores relacionados à simultaneidade de trabalho e estudo que facilitam ou dificultam a vivência cotidiana das demais dimensões da vida do jovem.
- c) Indicar as estratégias construídas pelos jovens no cotidiano para conciliar trabalho e estudo com as demais dimensões de sua vida.

6 REFERENCIAL METODOLÓGICO

6.1 A escolha do método

Para apreender a complexidade e contradições inerentes à condição de simultaneidade de ser jovem trabalhador e estudante, foi realizado estudo exploratório e descritivo ancorado na abordagem qualitativa, tendo como referencial teórico filosófico a dialética. “O cotidiano do trabalho de homens e mulheres, por exemplo, são os objetos privilegiados de uma abordagem qualitativa” (POUPART *et al.*, 2008, p. 131).

Essa abordagem apresentou-se adequada à apreensão das dimensões do trabalho, do estudo e demais dimensões da condição juvenil dos participantes, tendo-se que os mesmos são seres históricos e sociais, portanto, relacionam-se socialmente, adotam um conjunto de valores e crenças que lhes são próprios e atribuem significados às suas práticas. Encontra-se respaldo para tal afirmativa em Minayo (2010), para quem a abordagem qualitativa tem sua aplicabilidade em estudos cujos significados, historicidade e questões sociológicas são itens importantes a serem compreendidos para um primeiro acesso ao tema no contexto estudado.

Pesquisas apoiadas na abordagem qualitativa podem facilitar o entendimento das particularidades do comportamento dos sujeitos (RICHARDSON, 1999). A condução desse trabalho está sustentada no entendimento da diversidade nos modos de ser jovem em vez de procurar neles as características de modelos prévios que podem não condizer com sua condição juvenil. Ludke e André (1986) advogam que pesquisas qualitativas sejam planejadas de forma aberta e flexível, focalizando a realidade de forma contextualizada. Elegeu-se uma aproximação do dia a dia desses jovens, buscando a produção de um conhecimento com potencial de transformação da realidade concreta dos mesmos. De acordo com Oliveira (2001), as características básicas de um estudo qualitativo tornam isso possível desde que o fenômeno seja analisado de forma integrada, como se pretende nesta pesquisa.

A escolha pela metodologia qualitativa mostrou-se apropriada a esses atributos, pois é um método compreensivo, que reconhece a parcialidade do pesquisador e interpreta os fenômenos recuperando os sentidos de temas polissêmicos dentro dos horizontes de compreensão (GAMBOA, 2007). A imersão da pesquisadora no dia a dia dos jovens da pesquisa permitiu realizar inferências mais próximas da realidade concreta.

Segundo Minayo (2010), a inferência é um procedimento importante da pesquisa qualitativa. Esta autora continua afirmando que na interpretação é preciso ir além do material. Chega-se a uma interpretação quando se consegue uma síntese entre as questões da pesquisa, os resultados obtidos a partir da análise do material coletado, as inferências realizadas e a perspectiva teórica adotada.

Conjecturou-se que os participantes deste estudo arquitetam suas trajetórias juvenis perpassadas por conflitos, contradições, formas de dominação/subordinação ao mesmo tempo em que constroem sua história no cotidiano. Seus modos de vida são influenciados pelo meio onde se produzem e reproduzem, em movimentos constantes numa relação dialética marcada por oposições.

Optou-se pelo referencial teórico filosófico da dialética como forma de apreensão/conhecimento da realidade. Este referencial permitiu analisar a dinâmica do real dos jovens na sociedade em movimentos contínuos e permanentes de transformação e superação das contradições pela práxis, segundo Minayo (2010). Essa autora afirma que a dialética leva em conta a historicidade, a transitoriedade e a provisoriedade das situações vivenciadas e privilegia a autoria dos atores sociais. Minayo ainda defende que esse método busca apreender a prática social dos sujeitos em sociedade e realizar a crítica das ideologias, ou seja, do imbricamento do sujeito com o objeto. Gadotti (2006) contribui com essa concepção e colabora na opção pelo referencial teórico deste estudo, ao sustentar que, na dialética, a relação do sujeito com o objeto é marcada por interesses e lutas sociais do seu tempo e leva em conta os conflitos e dilemas que as perpassam. Partiu-se do princípio de que a juventude é uma construção sócio-histórica e cultural.

Optou-se pela análise do conteúdo, “um conjunto de técnicas de análises das comunicações” (BARDIN, 2011, p. 37), que pode ser reinventada a cada momento, adequando ao domínio e ao objetivo pretendidos, tendo uma função heurística e outra de “administração de prova” (BARDIN, 2011, p. 35).

Considera-se que a análise de conteúdo adéqua-se ao dinamismo da vida cotidiana dos jovens, possibilitando a compreensão de questões sociais que se manifestam em suas práticas.

Para colaborar no processo de revisão teórica do tema, foi realizada revisão integrativa com os descritores: juventude e trabalho; juventude e ensino médio; juventude e cotidiano. O objetivo dessa revisão foi descrever potenciais fatores de fortalecimento e desgaste da saúde, encontrados no cotidiano de jovens que trabalham e estudam, correlacionando-os com seu cotidiano e modos de vida. Foram selecionados artigos científicos com base na pergunta formulada: “quais são os possíveis fatores de desgaste e fortalecimento da saúde presentes no cotidiano de jovens que trabalham e estudam?” Utilizaram-se os seguintes critérios de inclusão e exclusão: data de publicação no período de 2011 a 2015; idioma de publicação em português, espanhol e inglês; artigos originais realizados diretamente com jovens; Qualis da revista de publicação na enfermagem, saúde coletiva ou educação e fator de impacto entre A1 a B2. Os artigos foram obtidos via portal Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), *Google* e comutação entre bibliotecas até abril de 2016. Após todos os refinamentos, retiradas as repetições dos cruzamentos e aparições simultâneas nas bases utilizadas, selecionaram-se 16 artigos que colaboravam para atingir o objetivo de tal revisão integrativa. O delineamento dessa revisão foi descritivo e baseou-se na análise e síntese dos dados obtidos de estudos realizados diretamente com jovens, os quais foram descritos e ordenados possibilitando aglutinar o conhecimento produzido sobre a temática em questão.

O artigo oriundo de tal revisão foi publicado na edição 222 de 2016 da Revista *Nursing* (ISSN 1415-8264) sob o título: “Desgastes na saúde de jovens que trabalham e estudam: uma revisão integrativa”. Além do referido artigo, os resultados dessa revisão integrativa foram utilizados ao longo desta tese.

6.2 Cenário de estudo

O cenário do estudo foi uma escola estadual situada em Divinópolis-MG, um município-polo situado na região centro-oeste mineira (RCOM). A região constituiu-se de 56 municípios com população estimada pelo IBGE de 1.097.458 habitantes em 2010 (IBGE, 2010c) (FIG. 2).

A RCOM destaca-se na extração de minério, principalmente de minerais não metálicos. Possui indústrias de couro e calçados e, entre os setores modernos, sobressaem-se aquelas de vestuário, química e metalurgia, as quais empregam muitos jovens.

Quanto ao Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDH-M), a região apresenta considerável qualidade de vida, pois 61,88% dos seus habitantes estão em municípios de IDH-M médio de 0,650 a 0,799 e os demais estão em municípios com IDH-M acima de 0,800. Nesse caso, destaca-se o município de Divinópolis, que ocupa o quinto lugar no *ranking* de IDH-M de Minas Gerais, com 0,831 (IBGE, 2010c).

A área da cidade é de 708.015 km² e a população de 213.016 habitantes, entre os quais aproximadamente 17% estão na faixa etária entre 15 e 24 anos, conforme o IBGE (2010b; 2010c).

O sistema educacional de Divinópolis conta com 34 escolas estaduais, entre elas um Centro Estadual de Educação Continuada (CESEC). Do total, 31 oferecem ensino fundamental, 20 têm ensino médio e 19 ambos os níveis, sendo que cinco escolas do sistema estadual público oferecem ensino médio noturno. Divinópolis computa 6.618 alunos no ensino médio, conforme dados obtidos na Superintendência Regional de Ensino (SRE) de Divinópolis.

No conjunto das cinco escolas que oferecem ensino médio noturno em Divinópolis-MG, aplicaram-se três critérios para a escolha do cenário:

- a) Receber estudantes de todas as partes da cidade, inclusive da zona rural e cidades circunvizinhas, caracterizando mais heterogeneidade quanto à origem e às características diversificadas das suas realidades sociais.
- b) Atingir/alcançar boa colocação no *ranking* do Sistema Mineiro de Avaliação da Educação Pública (SIMAVE).
- c) Ter o maior quantitativo de jovens estudantes que trabalham e estudam.

Esses critérios indicaram a Escola Estadual Dona Antônia Valadares (EEDAV), que foi escolhida como cenário deste estudo (FIG. 3).

A EEDAV situa-se na região central, tradicionalmente recebe estudantes dos diversos bairros da cidade, da zona rural e até de cidades circunvizinhas. De acordo com a diretoria da escola e com a Secretaria de Estado de Educação (MINAS GERAIS, 2013a), há também grande número de estudantes que procuram a EEDAV pelo reconhecimento social que esta escola agrega na cidade e região. A EEDAV frequentemente alcança posição de destaque no SIMAVE, conforme informações constantes no sítio eletrônico da Agência Minas da Secretaria de Estado de Governo de Minas Gerais sob o título de “Destaque da Educação Mineira” (MINAS GERAIS, 2013b). A procura de vagas por estudantes estende-se de extratos sociais entre baixo e médio alto, segundo informações colhidas com a direção da escola.

Durante a fase exploratória desta pesquisa, a EEDAV contava com 1.617 estudantes do ensino médio regular em dois locais: no centro da cidade e na comunidade de Buriti, na zona rural, como extensão. Desse total, 495 alunos estavam matriculados no ensino médio noturno, de acordo com documentação enviada por *e-mail* pela Secretaria de Educação Regional (SER) cujos dados se aproximam daqueles informados pela Revista Pedagógica da Secretaria Estadual de Educação (MINAS GERAIS, 2013a). Essas informações caracterizaram a EEDAV como a escola com o maior número de estudantes de ensino médio, tanto no geral quanto no período noturno, em Divinópolis.

Na sede rural, a escola, denominada Buriti, está localizada em região de vulnerabilidade social. Era comum o intercâmbio de alunos da extensão para a

sede urbana, segundo informações colhidas, durante a fase exploratória, com a direção e corpo docente da EEDAV.

Nesta pesquisa, o foco foram os jovens que realizam trabalhos urbanos. A maioria dos alunos da extensão rural da EEDAV são trabalhadores rurais, por isso ela não se constituiu em cenário deste estudo. Em Buriti foi feito o teste-piloto.

6.3 Participantes

Para o alcance dos objetivos deste estudo, foram convidados a participar jovens trabalhadores matriculados na EEDAV, utilizando como critérios de inclusão dos alunos no estudo: jovens entre 15 e 29 anos, trabalhadores urbanos que tenham ingressado no primeiro ano do ensino médio já na condição de trabalhador; e trabalhar por mais de seis meses ininterruptos. Em princípio, este critério era de dois anos, mas com a análise dos dados dos questionários, percebeu-se que não seria possível obter participação mínima, o que motivou a redução.

Para o acompanhamento dos jovens, utilizaram-se os seguintes critérios de inclusão: ter participado das oficinas e o próprio participante ter explicitado seu desejo de participar dessa fase no final de cada oficina, quando foram questionados a este respeito - a exceção a este critério foi a oficina com os terceiros anos, cuja pergunta foi feita posteriormente -; o segundo critério de inclusão foi: somente aqueles cujos empregadores permitiram a presença da pesquisadora no local de trabalho.

Os critérios de exclusão foram: jovens afastados por licença médica ou suspensão escolar, desempregados, infrequentes na EEDAV ou que não estavam cursando o ensino médio durante esta fase da pesquisa. A foi realizada no ano consecutivo às oficinas, quando os alunos dos 3^{os} anos já não estavam mais cursando o ensino médio, por isso eles foram excluídos desta etapa.

6.4 Instrumentos

A complexidade do objeto de estudo deste trabalho exigiu aliar variadas técnicas de coleta de dados para viabilizar uma triangulação de dados que ensejasse aproximar o máximo possível da realidade concreta dos participantes.

Os instrumentos para aproximação com os jovens inseridos neste estudo foram um questionário, oficinas e observação. Foi utilizado ainda o diário de campo da pesquisadora para registro de detalhes, com o propósito de ajudar na análise a partir de registro de dados que, porventura, pudessem escapar às oficinas e à observação do cotidiano dos jovens. Aos participantes foi solicitada a confecção de um diário com o objetivo de coleta de material sobre seu cotidiano, o qual foi posteriormente analisado.

6.4.1 Questionário

Para traçar o perfil dos estudantes, foi aplicado um questionário (APÊNDICE A) a todos os alunos trabalhadores do período noturno da EEDAV. O questionário foi entregue antes das oficinas. Dos resultados desse questionário foi elaborado um relatório que indicou os locais de trabalho, carga horária, trajetória escolar: repetência, evasão, etc.

O preenchimento do questionário foi feito manualmente pelos participantes durante o horário de aula, no laboratório de Informática da EEDAV, na presença da pesquisadora, que explicou os procedimentos previamente e esclareceu eventuais dúvidas sobre as questões.

Esta etapa da coleta ocorreu em três noites de trabalho com vários grupos, de acordo com a capacidade do local destinado para isso. Devido à dificuldade de encontrar os alunos na escola, alguns preencheram os questionários em outros momentos. As respostas foram inseridas em um programa digital (*ODK Collect*), tarefa que mostrou a necessidade de esclarecimentos de ambiguidades em algumas respostas dos participantes, os quais foram procurados para elucidar as dúvidas.

Os dados foram analisados por meio de estatística descritiva. Questões fechadas foram sumarizadas por meio de tabelas e gráficos de frequência de respostas, enquanto que tabelas com valores de mínimo, máximo, média e desvio-padrão foram construídas para questões com respostas numéricas. Quando possível, respostas numéricas foram convertidas para categorias divididas em faixas de valores, para permitir a análise de frequência de respostas.

6.4.2 Oficinas

A oficina foi utilizada como estratégia de trabalho grupal. Essa técnica oferece aspectos importantes no trabalho com jovens os quais são sujeitos críticos e de direitos, inclusive o direito de participarem ativamente das decisões a seu respeito sem coerções e de opinar sobre situações que afetem seus interesses atuais ou futuros. Segundo Mello *et al.* (2008), as oficinas de trabalho visam à criticidade, à autonomia e à responsabilidade dos participantes e favorecem a reflexão sobre o tema em questão, construindo um espaço para a liberdade de expressão e criatividade.

Para Afonso (2010), as oficinas abarcam os sujeitos em seu todo, formas de pensar, sentir e agir. “A oficina trabalha com a associação da informação com a experiência de cada participante. Busca combinar a dimensão terapêutica (sem ser terapia) e a dimensão educativa (sem ser aula)” (AFONSO, 2010, p. 9). Portella e Gouveia (1999) defendem que as oficinas, como um processo de trabalho, abarcam a participação ativa e a reflexão dos sujeitos, com a finalidade de socializar e de construir um conhecimento, atribuindo aos seus participantes o papel de produtores de saber compartilhado.

Neste trabalho, acredita-se que as oficinas tenham contribuído para a reflexão dos participantes e a síntese de outros conhecimentos, mas que tenham também instigado sua criticidade, além do material para análise. Aranha e Silva (2003) reconhece que as oficinas são capazes de gerar esses produtos. Mello *et al.* (2008) salientam que as oficinas são ferramentas potenciais para transformar os aspectos psicossociais, ampliando as dimensões cognitiva, emocional e social dos sujeitos.

Durante as oficinas, os participantes processam algumas das fantasias, sentimentos, sensações, crenças e percepções marcantes de suas trajetórias de vida. A partir da compreensão e da análise do imaginário e do cotidiano como fontes primordiais da vivência, as oficinas valorizam o conhecimento dos participantes sobre a temática em questão (ARANHA E SILVA, 2003).

A opção pela oficina sustentou-se também no reconhecimento da diversidade das juventudes contemporâneas em seus modos de ser jovem e na vivência da condição juvenil. Sabe-se que nas oficinas:

O grupo não é um todo harmônico nem se pauta sempre pelo consenso. Pelo contrário, é um movimento dialético que trabalha com as diferenças no sentido de construir a troca e a tolerância. É um método essencialmente dialógico e participativo, visando à elaboração das questões [...] (AFONSO, 2010, p. 9).

Para uma aproximação dos objetos do estudo, e para a condução das reflexões/ análise sobre a condição juvenil em simultaneidade às condições de trabalhador e estudante, foram definidos como temas norteadores das oficinas:

- A condição juvenil em sobreposição às necessidades de trabalhar e estudar.
- Estratégias para conciliar trabalho, estudo e a condição juvenil.
- Fatores considerados facilitadores e dificultadores da vivência da condição juvenil em simultaneidade às condições de trabalhador e estudante.

Esses temas foram escritos no quadro antes do início de cada oficina e utilizados para o segundo momento das mesmas.

A utilização dessa técnica visou ainda à expressão dos participantes sobre a sua própria condição juvenil em simultaneidade às condições de trabalhador e estudante, pois a oficina:

Articula subjetividade, racionalidade, experiência pessoal e conhecimento dos indivíduos, e a relação entre eles e a coordenação ocorrem de maneira horizontal, sem hierarquia de poder, resultando num ambiente propício para reflexão (MELLO *et al.*, 2008, p. 391).

Foi oferecido aos jovens um caso (APÊNDICE G) para reflexão e para fomentar a discussão.

O desenvolvimento e planejamento das oficinas procederam de acordo com aqueles quatro momentos utilizados por Duarte (2007), sendo:

- **1º momento: aquecimento.** Preparou o grupo para o trabalho propriamente dito, por meio de uma ação que facilitasse as relações interpessoais, uma “quebra de gelo”.

Para a etapa do aquecimento foi utilizada uma atividade lúdica, a dinâmica do quebra-cabeça elaborada por Priotto (2013) e modificada para o contexto deste estudo (APÊNDICE B). Nas oficinas, “o lúdico desempenha papel importante no trabalho. Porém, não aparece de forma gratuita ou isolada de reflexão e sim de maneira contextualizada e associada às questões [...] trabalhadas” (AFONSO, 2010, p. 9).

Esse primeiro momento objetivou sensibilizar os participantes para o tema a ser trabalhado e explicitar quais aspectos da condição juvenil consideram importantes de serem vivenciadas, as motivações para trabalhar e estudar simultaneamente, fatores facilitadores e dificultadores que essa simultaneidade implica.

Após os devidos cumprimentos, a pesquisadora apresentava ao grupo de participantes sua equipe de colaboradoras e iniciava os trabalhos da noite com um lanche ao som de músicas de sucesso entre as juventudes, em uma sala de aula cedida pela direção da EEDAV para esse fim.

Antes do início das oficinas, a pesquisadora ofertava aos participantes um lanche, composto de frutas e iogurte, pães e bolos. Essa decisão foi tomada com base em que a sensação de fome é desconfortável e pode ser um fator de baixa concentração e improdutividade. Sabe-se que muitos jovens não podem lanchar após a jornada de trabalho, antes de irem para a escola, seja por falta de tempo ou de dinheiro. Esse momento também favoreceu a descontração e relaxamento. Acredita-se que a sensação de bem-estar causada pela alimentação tenha

colaborado para a criatividade, o acesso à memória e o raciocínio de fatores importantes para o sucesso das oficinas.

A dinâmica realizada possibilitou a apresentação dos jovens e a descontração de algumas tensões, além de adentrar sutilmente no tema. Cada participante tirava parte de um quebra-cabeça tipo chave-fechadura no formato de uma letra de uma caixa decorada e devia procurar seu par encaixando as peças. Após alguns minutos de conversa, cada sujeito deveria apresentar seu parceiro ao grupo, informando alguns dados relativos à sua vida pessoal e ao tema da pesquisa, tais como: local de trabalho, suas atividades laborais, citar algo que lhe dá prazer e algo que o desagrada, etc.

Ao final desse primeiro momento, foi solicitado às duplas que mencionassem uma palavra relacionada ao seu cotidiano de jovens que trabalham e estudam, iniciada com a letra sorteada no quebra-cabeça.

- **2º momento: reflexão individual.** Os participantes vivenciam uma atividade-experiência. Neste estudo foi realizada uma expressão artística com pincéis atômicos, colagem de imagens retiradas de revistas em papel *kraft*.

Durante o preparo da sala para as oficinas, eram escritas no quadro as seguintes questões: 1- Eu considero importante viver durante minha juventude... 2- Eu trabalho porque... 3- Eu estudo porque... 4- Considero que ser um(a) jovem que trabalha e estuda me traz como benefícios... e penso que é difícil... A partir delas, solicitava-se aos participantes se expressarem individual e artisticamente, sendo-lhes oferecido o material.

Na sequência, os participantes eram convidados a expor seus trabalhos e relatar um pouco sobre o mesmo. Ao fim da apresentação de cada um, partia-se para a discussão coletiva com o intuito de suscitar a reflexão grupal.

- **3º momento: reflexão grupal.** Estudo de caso

Foi entregue a cada participante um caso elaborado pela pesquisadora (APÊNDICE G), que relatava a situação de jovem que trabalha durante o dia e estuda à noite, sendo lido em voz alta. Ele continha a seguinte questão: depois de ler o caso, discuta no grupo o que você identifica no mesmo que pode parecer com a sua própria vida. O grupo todo era convidado a falar sobre quais aspectos do caso com que eles se identificavam e o que os diferenciava, a debater sobre as ideias, sensações, percepções suscitadas pelo material. Os jovens também eram incentivados a relatar as estratégias que eles mesmos utilizam para conciliar as condições de jovens e de trabalhadores com as demais esferas de suas vidas, no cotidiano.

- **4º momento: síntese**

Os aspectos mais importantes abordados nas etapas anteriores foram resumidos pelos participantes. Ao término do 3º momento, era solicitado aos participantes sintetizar os aspectos mais marcantes dos trabalhos realizados durante a oficina em uma palavra ou frase. Alguns acabaram por fazer um breve discurso, o que não foi rapidamente interrompido pela pesquisadora, devido à riqueza dos mesmos.

Conforme sugerido por Afonso (2010), o número de oficinas foi definido pelo quantitativo de participantes selecionados pelos critérios de inclusão, considerando o máximo de 14 integrantes em cada uma. Todavia, na tentativa de minimizar a retirada de alunos das salas de aulas (autorizadas pela direção e previamente combinada com os professores), e de não dividir os alunos de uma mesma turma em duas oficinas diferentes, a oficina realizada com as turmas M, N e O que cursavam o segundo ano teve 15 participantes.

O mínimo de participantes foi de nove, embora a tentativa tenha sido manter um mínimo de 10, pois no início da dinâmica de apresentação com os terceiros anos tinham-se 11 participantes, mas revelou-se que dois deles não trabalhavam período integral, sendo excluídos.

Realizou-se o total de quatro oficinas, sendo a primeira com os terceiros anos, a segunda com as turmas de segundo ano - M, N e O -, a terceira com o segundo ano (L) e a quarta com os primeiros anos, conforme o QUADRO 1:

QUADRO 1 – Oficinas realizadas com os alunos

Turma	Alunos matriculados*	Total possível	Total de participantes	Percentual participante	Voluntários para observação	Colaboradoras	Duração
1ºM	44	94	09	9,57%	6	Letícia	1 hora 39 min
1ºN	50					Bethânia	
						Angélica	
2ºL	32	32	10	31,25%	4	Letícia	1 hora 40 min
						Laura	
						Isabel	
2ºM	34	91	15	16,48%	11	Letícia	1 hora 30 min
2ºN	32					Laura	
2ºO	25					Élida	
3º J	41	117	14	11,96%	8	Letícia	1 hora 50 min
3º K	33					Laura	
3º L	43					Natália	
Total	334 alunos	334**	48	14,37% dos matriculados 25,66% dos assíduos	29 (60,41%) dos participantes das oficinas, 8,68% dos matriculados e 15,50% dos assíduos.		

*Dados do noturno colhidos na Secretaria da EEDAV durante as oficinas.

** Durante a coleta de dados, realizada nas últimas semanas letivas, um cálculo aproximado, feito pelos professores, utilizando-se dos diários de classe, permitiu constatar a assiduidade de aproximadamente 187 dos 334 alunos matriculados no início do ano.

Duarte (2007) descreve que, após sua oficina pré-teste, observou que:

[...] a atividade desenvolvida na primeira sessão sensibilizava e mobilizava os participantes para as discussões a serem realizadas na segunda sessão [...] separar as duas sessões por um período de tempo poderia tornar menos veemente as recordações, sentimentos e discussões (DUARTE, 2007, p. 54).

Considerando esse relato, optou-se nesta pesquisa por realizar apenas um encontro com cada grupo de participantes.

A coordenação foi realizada pela pesquisadora e estavam presentes três outras pessoas com experiência em pesquisa para organizar o trabalho na sala, realizar

a filmagem, a gravação em áudio, cronometrar os tempos para cada atividade e registrar todos os acontecimentos. Quando necessário, a pesquisadora retomava o tema, devido às digressões.

Conforme consta nos termos de consentimento livre e esclarecido e/ou de assentimento (APÊNDICES C, D e E), todas as oficinas foram gravadas em vídeo e áudio para fornecer mais fidedignidade possível aos discursos e às informações.

Ao final das oficinas, a pesquisadora explicava os procedimentos para a observação e perguntava ao grupo quem a autorizaria a acompanhá-los em atividades de seu cotidiano para realizar tal etapa. Era explicitado que os próprios jovens definiriam o melhor local, horário e data para os encontros com a pesquisadora, de acordo com sua disponibilidade, e que seriam necessárias várias observações participantes.

Ao término desta etapa, todas as oficinas foram transcritas na íntegra. Segundo Bourdieu (2008), ao transcrever uma fala para a escrita, pode haver perdas consideráveis porque não são registradas outras formas de comunicação como momentos de silêncio, gestuais, mímica, entonação da voz, silêncios, esquecimentos, ritmo, a postura corporal. “[...] a passagem do oral ao escrito impõe, com a mudança de base, infidelidades que são sem dúvida a condição de uma verdadeira fidelidade” (BOURDIEU, 2008, p. 710).

A pesquisadora procurou registrar tais comunicações na transcrição, quando possível. Suas impressões pessoais também foram anotadas em seu diário para auxílio no momento da interpretação.

Seguem-se os relatórios resumidos das quatro oficinas realizadas, para que o leitor se situe melhor nos acontecimentos dessa etapa e na tentativa de reduzir algumas perdas da transcrição mencionadas anteriormente por Bourdieu.

Relato resumido da primeira oficina (com 3º ano K, L):
Houve grande participação, interesse, muita alegria por parte dos jovens.
Em poucos momentos eu tive que voltar ao tema devido a digressões,

mas isso foi tranquilo. Uma aluna que previamente tinha concordado em participar da oficina preferiu permanecer na sala de aula porque considerou que não poderia perder a aula daquela disciplina.

Relato resumido da segunda oficina (com 2º ano M, N, O):

A oficina de hoje foi mais bem organizada e conduzida. Três jovens optaram por não apresentar seus trabalhos. Devido à riqueza e fluidez da etapa de apresentação da produção artística, deixei que ela se prolongasse por mais tempo do que o previsto, pois estava gerando muitos dados para a futura análise.

Relato resumido da terceira oficina (com 2º ano L):

Uma voluntária para a oficina faltou nesse dia. No final, uma jovem agradeceu poder participar da atividade, que a “fez crescer”, e eles puderam falar sobre temas os quais não encontram “oportunidade” para conversar “assim, diferente, falar o que pensam e o que sentem, das dificuldades, do que eles gostariam que fosse diferente, de contar como eles vivenciam o trabalho e o estudo”. Outro jovem falou que, apesar de estarem convivendo o ano inteiro na mesma sala de aula, que esta foi uma oportunidade de fortalecer a amizade, de aprender sobre o outro e sobre si mesmos porque muitas coisas que eles disseram ali eles nem tinham parado para pensar ainda por causa da correria do dia a dia. Ele continuou dizendo que viram quanta coisa eles já fazem e que é importante, que ele se sentiu importante.

Relato resumido da quarta oficina (com 1º ano M, N, L):

Três alunas foram para a atividade e tive que pedir-lhes para retornarem para a sala de aula após o lanche, porque não levaram os TCLEs assinados conforme combinado. O grupo estava muito agitado e disperso desde o princípio. Foi marcante a solidariedade com uma jovem com deficiência física e parece que atraso mental também. Quando ela falava, todos silenciavam e ficavam muito atentos. Eles a ajudavam a encontrar um lugar mais confortável e a se locomover mais facilmente. No final eu estava em frangalhos, mas deu certo.

Após as oficinas e a organização dos dados das mesmas, procedeu-se à observação.

6.4.3 Observação

A observação implica a atividade de um pesquisador que avalia pessoal e prolongadamente comportamentos e situações que interessam ao objeto de estudo, sem reduzir-se a conhecê-los exclusivamente por meio das categorias utilizadas por aqueles que vivenciam essas situações (CHAPOULIE, 2000). Essa técnica possibilitou estreita aproximação entre a pesquisadora e a cotidianidade dos jovens no mesmo nível desses sujeitos sociais, como defendido por Richardson (1999), colocando em primeiro plano a dimensão subjetiva dos mesmos, observando-os em sua concretude da vida cotidiana.

Assim, não houve neutralidade da pesquisadora no cotidiano dos jovens, pois de acordo com Schwartz e Schwartz (1955), o observador, ao se colocar *vis-a-vis* com o observado, participa da sua vida, fazendo parte do contexto, modificando-o e sendo modificado por ele. No trabalho de campo, o pesquisador se posiciona simultaneamente como objeto e sujeito de pesquisa (JACCOUD; MAYER, 2008).

A observação permitiu a imersão da pesquisadora no cotidiano dos jovens da pesquisa e empenho para observar suas atividades, relações e interações, com quem eles se dão e o que ocorre nessas interferências.

Também foram detectados aspectos relacionados ao cenário e momento da observação. Para Jaccoud e Mayer (2008), a observação se caracteriza pela inserção do pesquisador no grupo estudado, o que permite chegar à compreensão da realidade pesquisada. E a participação leva à ideia de que o pesquisador deve socializar-se no meio que ele pesquisa a fim de elaborar interpretações.

Os encontros para a observação aconteceram em dias e locais acordados entre a pesquisadora e os participantes, mas também houve ocorrências espontâneas. Devido às dificuldades para estabelecer os encontros com os jovens, a Observação não pode ser realizada exatamente como proposto por este instrumento, constituindo-se um limitador do presente trabalho. Desta forma, consideramos mais apropriado dizer que foi feito um acompanhamento e não a observação do cotidiano destes jovens.

Durante o acompanhamento do cotidiano dos jovens, a pesquisadora buscou socializar-se nos cenários onde eles circulavam. Também se empenhou em observar as atividades dos jovens, as relações e interações que se estabeleciam, com quem eles se davam e o que ocorria nas mesmas.

Para Minayo (2010, p. 274), “há uma necessidade de o pesquisador relativizar o seu espaço social, aprendendo a se pôr no lugar do outro”. Jaccoud e Mayer (2008) complementam que, como consequência da observação, a alteridade é o elemento que faz germinar a observação como prática política, social, científica e

atividade humana. Para esses autores, a decodificação da observação se produz com anotações sistemáticas e atenção constante a tudo o que se passa, principalmente um esforço regular de revisar o conjunto dos acontecimentos diários, daí a necessidade de um registro.

Foi utilizado um formulário (APÊNDICE F) onde se registraram os aspectos relativos ao acompanhamento do cotidiano dos jovens como aquelas alusivas ao cenário e à realidade pesquisada. O diário de campo foi utilizado para o registro das percepções da pesquisadora.

Além da linguagem propriamente dita, foram enfatizados aspectos sinestésicos: posturas, sinais, maneira como a pessoa se apresenta, a altura da voz, aspectos verbais e não verbais, registrados no formulário de registro das observações participantes (APÊNDICE F). Os aspectos físicos relacionados ao cenário e momento do acompanhamento dos jovens foram registrados assim como as impressões a respeito dos mesmos e as interações interpessoais que compõem o cotidiano do jovem.

O diário da pesquisadora fortaleceu os instrumentos analíticos, possibilitando a relação com a situação observada, e foi também quando se posicionou em relação aos dados coletados. Ele subsidiou a articulação dos instrumentos na elaboração dos resultados.

As observações foram realizadas no ano consecutivo ao das oficinas, quando os alunos das turmas de terceiro ano já não estavam mais cursando o ensino médio, por isso eles foram excluídos desta etapa, que durou três meses.

Contrariamente às expectativas da pesquisadora, seus esforços para prever situações que pudessem oportunizar uma observação e sua insistente solicitação aos jovens levavam ao ponto de se sentir desconfortável com tais pedidos. Esses encontros foram em número de três a cinco com cada participante e tiveram duração média de 30 minutos cada. Os participantes justificaram realizar em seu cotidiano somente as atividades apuradas. Mediante tais argumentos, encerrou-se esta etapa.

Após 15 dias do término da mesma, os diários dos participantes foram recolhidos. Participaram dessa etapa cinco jovens: duas mulheres e três homens com idade entre 17 e 19 anos, moradores em diferentes bairros de Divinópolis, sendo dois mais próximos do centro e os demais em áreas periféricas. Todos moravam com os pais, eram solteiros e namoravam, com exceção de uma jovem que não namorava. A composição familiar variou de quatro a cinco integrantes e os pais se mantinham casados, porém durante o acompanhamento dos jovens houve a separação física de um casal, pais de uma jovem, que embora separados de fato ainda coabitavam.

O nível de escolaridade dos pais era baixo, exceto para o caso de um pai que já havia cursado várias faculdades. A maioria dos participantes dessa etapa já havia superado o grau de escolaridade de seus pais. Esses cinco jovens trabalhavam em diferentes ocupações: secretária, auxiliar de escritório, desenhista, mecânico e metalúrgico.

6.4.4 Diário do participante

O uso dos diários de participantes em pesquisas qualitativas é defendido por Alaszewski (2006), principalmente quando estas intencionam descrever ações e interações dos sujeitos, revelar sentimentos, pensamentos, percepções e compreender as motivações dos mesmos em determinado contexto.

De acordo com a experiência de Horta (2011), a partir desse instrumento os jovens podem expressar espontaneamente as questões relativas e relevantes sobre seu cotidiano, usando sua criatividade e processos reflexivos. Para a autora, esse é também um dispositivo que facilita a revelação das tensões, conflitos e contradições que compõem e produzem a realidade concreta da vida cotidiana dos sujeitos de pesquisa.

Para atingir os objetivos deste trabalho, por meio dos diários dos participantes, pretendeu-se “compreender as reações dos diaristas e suas descrições dos

eventos, pela perspectiva dos pesquisados e no contexto de seus próprios mundos” (ZACCARELLI; GODOY, 2010, p. 553).

Horta (2011, p. 84) assegura que ao utilizar o diário do participante foi-lhe possível “perceber a reflexão de alguns jovens sobre seu dia a dia em relação a situações e experiências que muitos deles revelaram jamais ter tido condições de elaborar, sendo que muitas delas tampouco seriam relatadas verbalmente”.

Para o registro das observações a pesquisadora munia-se de um gravador e de um diário do pesquisador. Previamente foi entregue aos participantes um caderno sem pauta para ser usado livremente por eles com o objetivo de historiar/registrar seu cotidiano de jovens que trabalham e estudam. Na primeira página desse caderno constam os seguintes dizeres:

Este é o seu diário de participante da pesquisa “O cotidiano de jovens que trabalham e estudam”, realizada pela Professora da Universidade Federal de São João (UFSJ), Elen Menezes, durante seu programa de doutoramento na UFMG. Nele, você poderá registrar livremente o que você quiser, mas lembre-se de relacionar com sua vida de jovem, de estudante e de trabalhador. Use e abuse da criatividade, por exemplo: desenhos, poemas, músicas... Tente escrever diariamente nem que seja um parágrafo, se não for possível, escreva o máximo que você puder, mas não passe mais de três dias sem fazer isto, ok? Vale digitar e colar. Por favor, não arranque alguma página, elas estão numeradas, mas se o fizer, registre sobre isso, porque você o fez. Mostre como você faz para conciliar no cotidiano suas necessidades e desejos de jovem (família, namoro, lazer, esporte, internet, religião, transporte, administração do tempo para fazer tudo isso...) com sua realidade de trabalhador em tempo integral e estudante do turno noturno. No final da pesquisa, eu solicitarei que você me entregue este diário para que eu possa analisar e usar na minha pesquisa, como você sabe, será tudo anônimo (Fonte: Diário do participante).

A solicitação de confecção de um diário dos participantes nesta pesquisa se justifica pelo reconhecimento de que a importância do cenário no qual os processos da vida cotidiana se desenvolvem possibilita o uso de diários como uma forma de documentar aspectos particulares da vida, objetivando examinar as experiências correntes, como defendem Zaccarelli e Godoy (2010).

Horta (2011) relata que trabalhar com essa ferramenta, que é mais íntima dos participantes e não demanda a interlocução direta do pesquisador, possibilitou-lhe a captação de vivências particulares e ricas para a análise dos dados de sua tese.

Acredita-se que a utilização do diário do participante possibilitou revelações que, pela verbalização, imagens ou pela observação, os participantes puderam fazer de maneira muito discreta e/ou até serem imperceptíveis à pesquisadora. Desta forma, os diários dos participantes reforçaram os demais resultados. No entanto, em alguns casos, as informações contidas no diário entregue pelos jovens para a análise, foram mínimas constituindo mais um limitador desta pesquisa.

6.4.5 Diário de campo da pesquisadora

A anotação sistemática é uma das regras importantes para o trabalho de campo. De acordo com Corin *et al.* (1990), os diários de campo permitem reportar posteriormente as forças e fraquezas da pesquisa. Pourtois e Desmet (1989) preconizam que a análise dos dados demanda transparência do pesquisador, o que é facilitado pelo diário de campo.

Com o uso dessa ferramenta, o pesquisador registra sistematicamente os fatos ocorridos referentes a questões cotidianas, comportamentos e expressões dos sujeitos em estudo e fomenta a reflexão (ZACCARELLI; GODOY, 2010). Podem ser incluídas notas sobre as percepções, sentimentos e mensagens subliminares captados pelo pesquisador em seus contatos com os participantes da pesquisa.

Para Alaszewski (2006), o diário é vantajoso quando a pesquisa envolve elementos temporais que poderiam gerar um viés retrospectivo pela perda de detalhes da memória ou distorções posteriores aos acontecimentos dos fatos. A utilização dessa ferramenta na presente pesquisa confirmou essas considerações. Ao relê-lo espaçadamente, foi possível recuperar percepções já esquecidas ou modificadas pela ação do tempo e de outras vivências, conferindo também mais fidedignidade à análise dos dados.

O diário foi utilizado desde a inserção da pesquisadora no campo e durante as observações para realizar breves anotações como lembretes. Suas folhas foram numeradas, algumas anotações, como os relatórios pós-oficinas, foram impressos e colados no mesmo.

Aspectos não planejados pela pesquisadora e oriundos do diário de campo se mostraram bastante úteis, como a organização minuciosa dos monumentais detalhes da coleta de dados por meio do questionário e da coleta dos documentos de autorização para a participação na pesquisa.

Nesse instrumento anotaram-se as decisões dos participantes de não mais tomarem parte na pesquisa e sua mudança de ideia posterior, ou vice-versa. Esses registros pormenorizados permitiram rigoroso controle de toda a documentação e impediram que a pesquisadora se perdesse em uma imensidão de informações aparentemente caóticas e desconexas.

Anotaram-se os resultados de conversas telefônicas com os pais dos participantes menores legais, o agendamento de encontros, o comparecimento dos mesmos ou sua ausência, suas justificativas para se ausentarem. Foram relatadas as dificuldades de ambas as partes para os encontros, individuais ou coletivos, nas dependências da escola ou fora dela. Nessas reuniões esclareceram-se os familiares dos responsáveis pelos menores legais e colheu-se a assinatura nos TCLE.

As impressões dos relacionamentos e interações no ambiente escolar e com as famílias foram lançadas no relatório da pesquisadora. Isso evidenciou, para a pesquisadora, a necessidade de ser cautelosa, colaborando para a manutenção do bom relacionamento que resultou em um cenário receptivo e manteve o ambiente propício à pesquisa. O clima de cooperação preponderou.

Os colaboradores indiretos, como professores e direção, dispuseram-se a modificar seus planos para tornar possível este trabalho, e o tornaram.

Após o término de cada acompanhamento dos jovens era feita uma descrição completa. A pesquisadora estava constantemente munida de um gravador, usado, quando oportuno, em conversas espontâneas.

6.5 Aspectos éticos

Para a realização deste trabalho, foi considerada a Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde (CNS) (BRASIL, 2012a), a qual dispõe sobre aspectos éticos com pesquisa envolvendo seres humanos. Foram garantidos: o sigilo, o anonimato, o assentimento, o consentimento livre e esclarecido e o uso do material exclusivamente para fins científicos, assim como todas as exigências previstas em tal resolução.

Anteriormente ao desenvolvimento das atividades de campo, este projeto foi submetido à Secretaria Estadual de Educação (SEE) para obtenção de autorização da escola como locais de aproximação com os jovens.

Após o consentimento da Secretaria, ele foi apreciado e aprovado pelo Departamento de Enfermagem Materno-Infantil e Saúde Pública da Escola de Enfermagem da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Posteriormente, foi encaminhamento ao Comitê de Ética da UFMG e aprovado sob o número CAAE 30594414.0.0000.5149.

Foi solicitada autorização dos participantes para que as oficinas fossem gravadas em vídeo e fotografadas assim como a assinatura no Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE) (APÊNDICE C). As pessoas em menoridade legal assinaram o Termo de Assentimento (APÊNDICE D) e seu responsável autorizou sua participação na pesquisa mediante assinatura no TCLE para responsáveis por participantes menores de 18 anos (APÊNDICE E). Toda essa documentação será arquivada pela pesquisadora por cinco anos.

7 O TRABALHO DE CAMPO

Para apreensão da realidade complexa investigada, o trabalho de campo foi dividido, metodologicamente, em duas fases: exploratória e interpretativa.

Para aproximação com o cenário e os participantes, foi necessária uma fase exploratória por meio da qual a pesquisadora fez uma inserção no campo.

Nesta fase foram registradas notas no diário da pesquisadora sobre o funcionamento do cenário, as articulações, os movimentos e interações realizados por eles no ambiente escolar. Tudo isso em consonância com a análise de conteúdo que “tenta compreender os jogadores ou o ambiente do jogo num momento determinado, com o contributo das partes observáveis” (BARDIN, 2011, p. 49).

09/10/2014 Procurei conversar com os funcionários, professores, direção e principalmente puxar uma conversinha aqui e outra ali com os jovens. No recreio eu ia para a cantina e merendava junto com eles, procurava brechas para entrar nas conversas, sem ser muito invasiva. Eu me fazia ver para aguçar a curiosidade deles. Muitos me perguntavam sobre os motivos de minha constante presença ali, queriam saber quem eu era e o que eu estava fazendo. Foi um bom começo (Fonte: Diário da pesquisadora).

Foi também durante a fase exploratória que os pais dos menores legais foram contatados para esclarecimentos sobre a pesquisa e obtenção dos termos de consentimento livre e esclarecido.

Ocorreram encontros com esses pais em seus locais de trabalho, em suas residências e na própria escola, coletiva ou individualmente. A recepção e adesão dos pais à pesquisa foram consideráveis, embora a pesquisadora tenha tido dificuldades de reuni-los ou de se encontrar com eles, devido à restrição de tempo e/ou esquecimento dos mesmos.

Bardin (2011) e Minayo (2010) afirmam que a fase exploratória da pesquisa é de tamanha importância que pode ser considerada a própria pesquisa. Essa fase tem o potencial de construir conhecimentos e respostas às hipóteses ou pressupostos formulados. “A pesquisa qualitativa de natureza exploratória possibilita

familiarizar-se com as pessoas e com suas preocupações [...] também pode servir para determinar os impasses e os bloqueios capazes de entravar um projeto de pesquisa” (DESLAURIERS; KÉRISIT, 2008, p. 130).

A realização de um pré-teste para o questionário pode detectar necessidades de replanejamento das atividades. Este pré-teste foi feito com um grupo de alunos da extensão rural da escola os quais não participaram da pesquisa.

Esta extensão situava-se em uma das regiões de maior vulnerabilidade social da cidade, onde ocorrem muitos crimes, inclusive com desfechos fatais. Foi-nos relatado certo receio por alguns componentes do corpo docente de lecionar no Buriti devido aos eventos violentos que já ocorreram dentro da escola, até à mão armada.

O caminho até esta extensão é uma estrada rural poeirenta durante a seca e cheia de atoleiros durante as chuvas, na qual ocorrem frequentes assaltos. Confesso que neste trajeto eu sentia muito medo, pois ia dirigindo sozinha e me tornava um alvo fácil, mas não houve nenhum incidente. Em algumas ocasiões fui de carona com o diretor e voltei com ele no final do expediente. Em uma destas ocasiões tivemos que parar porque um motorista bêbado caiu no mata-burros, impedindo totalmente o trânsito. Foi preciso tirar o carro do mata-burros com a ajuda de alguns homens e ainda socorrer o motorista. Somente depois conseguimos seguir o trajeto.

Uma semana antes de eu começar a ir para o Buriti, houve um assassinato violento e supunha-se que o autor fosse um estudante desta escola. Em momento algum me senti ameaçada ou intimidada. Tive todo o apoio necessário tanto dos funcionários, professores quanto dos alunos. É claro, nem todos quiseram participar, mas brincavam comigo, faziam piadinhas, etc... Enfim, fui muito bem acolhida.

Alguns jovens e funcionários do Buriti revelavam surpresa com a minha escolha de tal unidade para desenvolver parte de minha pesquisa. Eles revelaram sentirem-se à margem externa de quaisquer projetos extra muros escolares, que frequentemente ocorriam na sede da EEDAV e em tantas outras escolas (Fonte: Diário da pesquisadora).

A partir dessa exploração, notou-se a necessidade de mudanças importantes no questionário e na atitude da pesquisadora para se manter fiel à metodologia proposta.

Interessante notar que a partir da fase exploratória eu passei a ser reconhecida por jovens em lojas, nas ruas, bares, lanchonetes, academia, supermercado, etc. Para mim esta foi uma evidência que os jovens realmente ocupam a cidade e, portanto, deveriam ter maior visibilidade. Notei que nem eu mesma tinha esta percepção antes deste trabalho (Fonte: Diário da pesquisadora).

Essa etapa auxiliou na redefinição dos critérios de inclusão e exclusão e possibilitou conhecer melhor o cenário.

De posse dos questionários reformulados preenchidos pelos alunos da sede urbana, iniciou-se a fase interpretativa. Vale ressaltar que, de acordo com Minayo (2010), na pesquisa qualitativa as trajetórias analítica e interpretativa não são excludentes nem sequenciais, podendo haver uma interpenetração entre elas. No limiar desses caminhos são favorecidas a leitura compreensiva do material selecionado, a exploração do mesmo e elaboração de síntese interpretativa.

Acredita-se poder ser de utilidade para os futuros pesquisadores a menção de alguns detalhes que constituíram facilidades ou dificuldades nessas duas fases:

Logo no primeiro dia agendado para o preenchimento dos questionários tive algumas pequenas decepções: a minha ansiedade e expectativas eram grandes e acabei levando a pasta dos questionários a serem preenchidos vazia. Precisei voltar em casa para pegá-los. Quando, finalmente de posse de todo o material, entrei nas salas de aula para chamar os alunos, conforme previamente acordado com a escola e com os estudantes, tive a desagradável surpresa de verificar a baixíssima presença dos alunos. Era dia de jogo do campeonato mineiro e os alunos combinaram entre eles de faltar em massa, mas se esqueceram de me avisar. Havia sala com apenas seis estudantes. Notei a necessidade de modificar a estratégia e combinei de retornar no dia seguinte, no qual tive sucesso.

No segundo dia de coleta de dados do questionário, cheguei na EEDAV às 18:20. Em um primeiro ano, pareceu-me que uma professora não gostou muito de ceder-me os alunos, mas não se opôs. Senti-me bastante desconfortável e constrangida quando, após o intervalo para o recreio, deparei-me com a mesma professora numa sala de segundo ano. Mas, como eu já havia batido na porta, acabei renovando meu pedido. Embarecei-me ao vê-la com “cara de poucos amigos” perguntar-me se eu demoraria com os alunos. Respondi que os anteriores tinham gastado em média 15 minutos, mas que se ela preferisse eu poderia voltar em outro momento. Mesmo parecendo não estar muito satisfeita ela concordou com a saída dos alunos. Contraditoriamente, fiquei feliz ao perceber que apenas quatro jovens desta turma estavam com os documentos assinados e eu não “desfalcaria” muito a sua aula. Que aperto!

Neste dia, os esforços e o estresse refletiram em cansaço intenso e adiei meus planos de conversar com os alunos com documentação pendente. Então, às 22:00 decidi encerrar as atividades para manter a qualidade das negociações.

O preenchimento de todos os questionários se estendeu por 10 dias. Nos intervalos eu procurei corrigir as 61 pendências. Entre tais pendências menciono: faltava o número do documento porque os jovens não os levaram no dia da coleta e não os tinham memorizados. Faltava a

assinatura do jovem ou de um responsável, não tinha identificação de turma, idade. Eu ainda precisava conversar com alguns pais que não tinham assinado os termos, embora tivessem consentido informalmente. Alguns alunos protelaram a resposta de certas perguntas até colher informações que eles não conheciam com a família como valores de salário e escolaridade dos pais, onde os pais trabalham, etc.

Os questionários foram preenchidos durante as aulas no laboratório da escola, coletivamente, em quatro noites. Em vários momentos precisei interromper a aula para falar da pesquisa ou solicitar a retirada de alunos para assinar um termo, tirar alguma dúvida, etc... Contei com a compreensão e colaboração da maioria dos professores em todas as etapas ocorridas dentro da escola (Fonte: Diário da pesquisadora).

A fidelidade aos aspectos éticos e eventos do cotidiano impediu a continuidade de alguns jovens que já haviam concordado em participar desta pesquisa:

20/11/2014 .Após a coleta dos questionários, seis jovens desistiram de participar e seus dados foram imediatamente retirados do banco de dados. No dia previamente agendado para a oficina com o 2º L, uma jovem que participaria da mesma, faltou de aula sendo excluída desta fase em diante.

[...]

24/11/2014 Tentei inúmeras vezes colher as assinaturas dos responsáveis de duas estudantes do 1º ano, elas sempre se esqueciam de levar e eu lhes dava outros termos para serem assinados mediante a justificativa de que o haviam perdido. Eu já tinha conversado via telefônica com as mães destas duas jovens e solicitei ir pessoalmente encontrar as mesmas, mas as jovens não permitiram dizendo que elas iriam viajar, outra hora que não estariam em casa, etc... Eu voltei a esclarecer que sem este documento elas não poderiam participar da pesquisa e... nada. No dia agendado para a Oficina, estas mesmas jovens foram para o local onde esta ocorreria e insistiram para participar, mesmo sem ter o documento assinado e prometendo que o levaria depois. Mas, contrariando o meu desejo eu não permiti a participação delas, pois isto feriria os princípios éticos da pesquisa. Convidei-as para lanchar com o grupo de participantes e retornarem para suas salas de aulas (Fonte: Diário da pesquisadora).

Nessa segunda fase, a interpretativa, realizaram-se as oficinas e, posteriormente, o acompanhamento do cotidiano durante o qual os jovens produziram o diário do participante. O diário da pesquisadora foi confeccionado desde a fase de exploração até o fim da fase de interpretação.

Em acordo com a diretoria eu contatava os professores pessoalmente durante o período dos intervalos das aulas ou ligava para eles exclusivamente do telefone da escola, com o intuito de obter seu consentimento para retirar os alunos de sua sala de aula para participar das oficinas. Eu não obtive permissão para registrar os números telefônicos dos professores nem de ligar para eles de meu aparelho

celular. Todas as ligações foram feitas da secretaria da escola na presença de um ou mais funcionários.

A assiduidade se tornava cada vez mais escassa, os jogos de futebol televisionados do campeonato mineiro, dizimavam minhas possibilidades pois os estudantes pactuavam de não irem à aula. Perdi dois preciosos dias de tentativa de realizar oficinas por este motivo.

Para realizar as oficinas os professores dispensavam os participantes e remodelavam seu projeto de aula para os que permaneciam em sala. Uma professora mudou a data da atividade avaliativa para possibilitar a realização de uma oficina. Sem esta colaboração, eu só teria como realizá-la no ano seguinte, o que implicaria turmas diferentes e uma reestruturação do meu plano de coleta de dados, com significativo atraso de tudo o que viria pela frente.

A exceção na colaboração foi de apenas um professor que optou por não ceder seu horário de aula quando eu o contatei por telefone solicitando tal permissão para realizar a última oficina. Eu tinha somente mais duas semanas letivas pela frente e não podia contabilizar a última por questões de provas e avaliação da escola pelo estado. Imediatamente após tal contato telefônico, ocorrido por volta de 21:00. o professor que não me permitiu tirar os alunos de sua sala de aula para a próxima Oficina, ligou para a diretora queixando-se de minha ligação para ele. Foi constrangedor. Neste momento, senti minha pesquisa ameaçada, mas a diretora soube contornar a situação de modo a não me prejudicar e justificar sua atitude de permitir que eu o contatasse. Após este incidente, o horário de ligações ficou mais restrito, eu teria até as 20:00. A diretora também assumiu que deveria ter sido mais cautelosa em relação ao contato especificamente com este professor. O mais interessante é que ele também é pesquisador inserido em mestrado. Eu percebi que deveria ser mais rápida e cuidadosa no sentido de prevenir atritos. A presença de um “estranho no ninho” pode causar conflitos, eis o que eu menos precisava e passou a me afligir. Felizmente foi também o único problema com a escola e eu pude seguir em frente. O que tirei de bom disto foi a observação que algumas inter-relações neste ambiente escolar são delicadas.

Em outro momento, a diretoria pediu para que eu jamais usasse o celular mesmo sendo “visitante”, pois esta regra era absoluta no cenário escolar. Eu acatei e tudo acabou ali mesmo.

Também precisei levar para este cenário, outras pessoas estranhas ao cotidiano da escola: minhas colaboradoras. Em certa ocasião, eu e uma colaboradora de 25 anos nos misturamos no meio dos alunos para entrar na escola. O porteiro começou a me olhar com os olhos arregalados enquanto apontava para detrás de mim e sussurrava: “Ela tá pelada!!!”. Eu, que só tinha neurônios para a oficina, conseguia imaginar apenas uma mulher com distúrbios psiquiátricos completamente nua atrás de mim. Virei-me lenta e medrosamente tentando me preparar para a imagem chocante, quando apenas vi minha colaboradora vestida de uma forma jovialmente descontraída: de bermuda, camiseta e chinelos rateiros. Rimos muito porque nenhuma de nós imaginava isto tendo em vista que todas estamos acostumadas com o ambiente universitário no qual as pessoas transitam vestidas das mais variadas formas, inclusive de *shorts*, bermudas, minissaias... Ela teve que voltar em casa e trocar de roupa. Aproveitamos e ligamos para as demais irem “vestidas” para não serem barradas (Fonte: Diário da pesquisadora).

As famílias dos jovens selecionados para serem acompanhados em seu cotidiano pela pesquisadora foram previamente esclarecidas quanto a esse procedimento, mesmo aqueles em situação de maioridade legal. Um dos critérios de inclusão demandou obter permissão dos empregadores para observar o jovem no local de trabalho.

Esta etapa demandou muito tempo, e estratégias para adequar a minha agenda aos horários que pais e empregadores me disponibilizavam. Várias vezes fiquei esperando durante longos minutos, apesar do agendamento prévio. Algumas explicações sobre a pesquisa foram minuciosas. Em uma delas o interlocutor também fora pesquisador e se interessou pelos detalhes metodológicos, pelo referencial teórico, etc... mas só deixou este pequeno detalhe para o final, como quem estivesse testando minha honestidade. Foi ótimo, pois o convenci.

Entre o término destas oficinas e a observação passaram-se mais de dois meses 24/11/2014 a 10/03/2015, devido às férias de final de ano e início do ano letivo. Ao final das oficinas, havia 29 voluntários para a observação, 24 foram excluídos pelos seguintes motivos: oito concluíram ensino médio, sete jovens desistiram de participar, dois estavam desempregados, cinco não se rematricularam na EEDAV, uma jovem tinha iniciado um emprego novo há menos de 15 dias e receava problemas, assim, optou por não participar. Um rapaz também mostrou grande interesse, mas seu empregador foi terminantemente contra a minha presença no local de trabalho. Fonte diário da pesquisadora apanhados sumarizados do dia 08/10/2014 a 20/11/2015 (Fonte: Diário da pesquisadora).

Nos encontros para o acompanhamento do cotidiano dos jovens, a pesquisadora mantinha consigo o diário de campo para registrar anotações importantes com o intuito de ajudar no processo de registro propriamente dito. Imediatamente ao final de cada encontro era feito o registro pormenorizado de detalhes considerados importantes para a análise, como descrição do cenário, relações, acontecimentos, falas, gestuais significativos, sensações, etc.

Tais registros compuseram um esforço regular de revisar o conjunto dos acontecimentos diários. Dessa forma, foi possível remeter-se posteriormente às forças e fraquezas da pesquisa.

8 A ANÁLISE DOS DADOS

A análise foi uma etapa de ambiguidades para mim. Por um lado, a alegria e o prazer de me deleitar com os dados colhidos, de lembrar os momentos de muita emoção vividos na presença dos jovens, de ler e reler seus diários repletos de suas identidades marcantes.

Por outro lado, foi a descoberta do “fio de Ariadne”. Mediante tantas informações, por onde começar? Tudo era importante e parecia que não se podia deixar algo para trás sem o risco de se estar cometendo injustiça com os participantes.

Em outros períodos eu me sentia como Penélope tecendo o sudário de Laerte. O trabalho intenso de um dia, em vez de direcionar para uma síntese, parecia fazer “brotar” no dia seguinte mais e mais aspectos a serem analisados.

Mas havia um método a seguir e ele conduziu por um labirinto de dados até que se pudesse encontrar os objetivos delineados para esta pesquisa. Foi uma busca difícil, que demandou muito tempo e estudos intensos, mas estes também foram momentos de descobertas empolgantes que proporcionaram muito aprendizado e prazer.

Na dinamicidade da vida contemporânea, a todo o momento somos convidados a mudar nossa forma de ser. Acreditamos que a reflexão atual deve procurar dar conta dessas mudanças que, muitas vezes, revelam um jogo pelo poder no qual determinados grupos serão favorecidos em detrimento de outros, como frequentemente ocorre com os jovens de classes populares. A desigualdade se revela.

Para atingir os objetivos da presente pesquisa, procedeu-se à análise de conteúdo que se aproxima da sociolinguística à medida que tenta “descrever correspondências entre características ‘linguajeiras’ e grupos sociais” (BARDIN, 2011, p. 50). Os jovens compõem um grupo social cuja linguagem, que tem estilo próprio com um vocabulário predominante, está associada às suas práticas

cotidianas e seus modos de vida. Esta análise “visa ao conhecimento de variáveis de ordem psicológica, sociológica, histórica, etc.” (BARDIN, 2011, p. 50).

Para a análise dos dados do questionário (APÊNDICE A) foi utilizado o tratamento estatístico de média frequência. Alguns dados foram cruzados para estabelecer relação entre eles, o que subsidiou a criação de gráficos e tabelas para a análise. O material colhido foi armazenado em uma base de dados em formato compatível com *Excel* e *International Business Machines (IBM) Statistical Package for Social Sciences (SPSS) Statistics*. Posteriormente, elaborou-se um relatório que buscou se aproximar do perfil socioeconômico e cultural dos jovens respondentes e serviu para a construção das categorias analíticas juntamente com os demais dados empíricos.

Primeiramente, foi feita uma leitura flutuante do *corpus* analítico, estabelecendo contato com os documentos. Nesse momento, o analista permitiu-se impressionar e se orientar pela leitura, que aos poucos se tornará mais precisa como proposto por Bardin (2011). Prosseguiu-se explorando o material mais intensamente com outras leituras mais exaustivas.

Os dados foram tratados recortando-se trechos considerados significativos para responder às perguntas formuladas e atender aos objetivos propostos. Nesses recortes, demarcaram-se os indicadores (unidades de registro): menções explícitas de uma mensagem, geralmente “palavras-tema” (BARDIN, 2011, p. 134). Tais palavras mostraram-se relevantes no âmbito de sua produção (unidades de contexto) e relacionadas ao problema em questão.

O reagrupamento das unidades, feito segundo analogia do conteúdo, resultou nas categorias: categoria 1 - O mercado de trabalho e a inserção laboral dos jovens: expectativas *versus* precariedade; categoria 2 - O lugar da escola para os jovens trabalhadores; categoria 3 - O tempo e a vivência da condição juvenil no cotidiano dos jovens que trabalham e estudam. 4 – Fortalecimento e desgaste da saúde no cotidiano de jovens que trabalham e estudam

A análise dos dados provenientes dos variados instrumentos utilizados nesta pesquisa possibilitou confirmar ou refutar parcialmente os pressupostos a partir daquilo que os jovens informaram e do que foi observado em suas práticas cotidianas. A análise do conteúdo facultou:

Desviar o olhar para outra significação, outra mensagem entrevista por meio ou ao lado da mensagem primeira [...] o realçar de um sentido que figura em segundo plano [...] atingir através de significantes ou de significados (manipulados) outros “significados de natureza psicológica, sociológica, política, histórica, etc.” (BARDIN, 2011, p. 47).

A análise propiciou também realizar uma crítica fecunda para a analista, conforme pode ser constatado nos capítulos seguintes.

9 ORGANIZAÇÃO DOS RESULTADOS

Objetivando proporcionar ao leitor uma prévia acerca do cotidiano dos jovens deste estudo, apresenta-se um breve resumo de como foram organizados os capítulos construídos a partir dos dados empíricos desta tese.

No primeiro capítulo, elaborou-se um quadro com o resultado da análise dos dados colhidos por meio do questionário, que pretende colaborar para o entendimento de quem são os jovens trabalhadores e estudantes do período noturno da EEDAV.

Pode-se considerar que os jovens participantes que foram acompanhados em seu cotidiano pela pesquisadora, são a expressão do todo, pois se apoiam nos 48 participantes das oficinas que, por sua vez, se apoiam nos 83 respondentes dos questionários. No segundo capítulo, esses cinco jovens serão apresentados. O cotidiano deles constitui o eixo analítico deste trabalho, dialogando em diversos momentos com os demais jovens deste estudo.

As categorias e subcategorias apresentadas anteriormente são os resultados do método de análise a que se propôs. Todavia, ficou claro que há uma profunda ligação entre elas, tornando impraticável recortá-las nas discussões sem perdas de elementos importantes que fazem a conexão entre uma e outra. Optou-se por utilizar o conjunto de tais categorias na escrita dos capítulos 3 a 6. Entende-se, desta forma, que o trabalho ganhou mais fluidez e consistência, evitando repetições que tornariam sua leitura enfadonha e algumas reduções do conteúdo, o qual se mostrou complexo.

Os participantes estão identificados, no início dos trechos transcritos, por um nome fictício seguido da série que o aluno cursava durante a coleta. Ao final do trecho é revelada a fonte de tais informações: oficina, acompanhamento do cotidiano (gravação, diários dos participantes ou diário da pesquisadora). Quando não foi possível identificar quem falava nas oficinas, a menção foi feita por voz masculina ou voz feminina.

Segue-se aos capítulos a síntese do trabalho na qual se buscou retomar as principais questões teóricas e metodológicas da tese, enfatizando alguns resultados. Foram mencionados os limites encontrados como pontos que requerem outros estudos.

Aproximando o perfil dos jovens que trabalham e estudam

Em princípio, a maioria dos jovens se dispôs a participar da pesquisa, mas quando eram informados que precisariam da assinatura dos pais em um documento e ainda que eu iria conversar pessoalmente com eles, ocorria uma desistência maciça (Fonte: observação: Diário da pesquisadora, registros de 08/10 a 14/11/2014).

Solicitou-se a todos os estudantes do período noturno da EEDAV que respondessem a um questionário a fim de construir um breve perfil dos mesmos.

De posse dos dados de 83 questionários, foi possível constatar:

QUADRO 2 - Dados coletados por meio dos questionários

Faixa etária	16 a 21 anos, 74,7% entre 17 e 18 anos.
Escolaridade	15 (18,1%) cursavam o 1º ano, 42 (50,6%) o 2º ano e 26 (31,3%) o 3º ano
Sexo	48, (57,8%) masculino
Orientação sexual	76 (91,6%) heterossexuais, 4 (4,8%) bissexuais, 3 (3,6%) homossexuais
Estado civil	79 (95,2%) solteiros, 4(4,8%) uniões estáveis
Etnia	branca 40 (48,2%), pardos 33 (39,8%), negros 5 (6,0%), amarelos 4 (4,8%), 1 (1,2%) indígena
Religião	61 (73,5%) católicos, 8 (9,6%) evangélicos, 6 (7,2%) agnósticos 4 (4,8%) espíritas
Universidade como meta	75 (90,4%) fazem planos, oito (9,6%) indecisos
Abandono escolar	6 (7,2%)
Reprovação	45 (54,2%)
Moradia	7 (8,4%) Centro, demais periferia
Empregabilidade	81 (97,6) empregados; 9 (10,8%) desempregados
Vínculos empregatícios	50 (60,2%) carteira de trabalho assinada, 10 (12,0%) Programa “Jovem aprendiz”, 1 (1,2%) estágio remunerado, 8 (9,65) informaram “outro” vínculo empregatício e 4 (4,8%) sem vínculo
Jornada semanal de trabalho	44 horas 28 (33,7%), 40 horas 17 (20,5%), 30 horas 2 (2,4%), 20 horas 7 (8,4%), horário flexível 7 (8,4%); e 11 (13,3%) “outras” entre 5 e 50 horas.
Salário mensal	1 salário mínimo: 41 (49,4%), 1 a 1,5 salário mínimo: 32 (38,6%) e 1,5 a 3 salários mínimos: 4 (4,8%)
Uso do salário	Compra de roupas, sapatos, acessórios de moda e perfumaria: 64 (77,1%), diversão: 54 (65,1%), ajudar a família: 39 (52,0%), adquirir objetos eletrônicos: 41 (49,4%), frequentar eventos culturais: 39 (47,0%), lanchar: 39 (47,0%), pagar transporte: 31 (37,3%), almoçar/jantar: 23 (27,7%), praticar esportes: 18 (21,7%), adquirir livros de literatura: 17 (20,5%), pagar cursos de formação profissional: 9 (10,8%), comprar bebidas alcoólicas: 7 (8,4%), adquirir material religioso: 6 (7,2%), prover a família: 6 (7,2%), pagar cursos e materiais musicais: 4 (4,8%), poupar e

	investir dinheiro: 3 (3,6%)
Intensidade de vínculos	Religioso: médio 26 (31,3%), amigos: forte 36 (43,4%), escola: médio 27 (32,5%), namoro: muito forte 33 (39,8%), família: muito forte 57 (68,7%), redes sociais na internet: muito forte 39 (47,0%), trabalho: muito forte 34 (41,0%), esportes: muito forte 17 (20,5%), culturais: muito fraco 20 (24,1%), lazer: muito fraco 21 (25,3%)
Renda familiar	27 (32,5%) entre 3 e 5 salários mínimos, variando de 1 a 10 sal. mínimos
Vivem desta renda	2 a 7 pessoas, com média de 4,41
Chefe de família	Mãe/madrasta 37 (44,6%), pai/padrasto 36 (43,4%) e 2 (2,4%) pelos próprios jovens.
Escolaridade dos pais	58,2% estudaram no máximo até o ensino fundamental completo. Pais com curso superior (10,8%)
Escolaridade das mães	49,4% estudaram no máximo até o ensino fundamental completo. Mães com curso superior ou mais (13,2)
Situação empregatória do pai	68 (81,9%) empregados, 6 (7,2%) desempregados com média de 8,2 meses de desemprego; 2 (2,4%) aposentados e 4 (4,8%) já eram falecidos
Situação empregatória da mãe	62 (74,7%) empregada; 13 (15,7%) desempregada com média de 29,11 meses, 5 (6,0%) do lar e 1 (1,2%) aposentada

Houve uma preponderância da faixa etária entre 16 e 21 anos, com média de idade de 15,65, sendo que 74,7 estavam entre 17 e 18 anos. Essa descoberta aproxima-se das características etárias gerais da população jovem brasileira cuja parcela de 47% encontra-se na faixa entre 18 e 24 anos, de acordo com Brasil (2013b).

Dos 83 respondentes do questionário, 15 (18,1%) cursavam o 1º ano, 42 (50,6%) o 2º ano e 26 (31,3%) o 3º ano. A maioria (48, 57,8%) era do sexo masculino, solteira 79 (95,2%) sendo que os demais quatro (4,8%) informaram uniões estáveis. Em nível nacional, nota-se tendência ao equilíbrio entre sexo masculino e feminino; 66% são solteiros e 32% são casados ou vivem com seus cônjuges (BRASIL 2013b).

Considera-se o fato de esta pesquisa ter sido desenvolvida em uma cidade do interior mineiro, onde as tradições de família patriarcal e heterogâmica ainda geram preconceitos. Acredita-se que essas características possam influenciar o relato dos participantes. Quanto à orientação sexual, os jovens declararam-se: heterossexuais (76, 91,6%), seguidos por bissexuais (quatro, 4,8%) e homossexuais (três, 3,6%).

De acordo com a Secretaria Nacional de Juventudes (SNJ), seis em cada 10 entrevistados declararam-se de cor parda (45%) ou preta (15%); 1/3 (34%) de cor

branca (BRASIL, 2013b).Embora nacionalmente registre-se tendência na autodeclaração, como à cor preta (BRASIL 2013b), na presente pesquisa grande parte dos jovens declarou-se branca (40, 48,2%), seguida pelos pardos (33, 39,8%), negros (cinco, 6,0%), amarelos (quatro, 4,8%) e indígena (um, 1,2%).

Na referida pesquisa brasileira “a maioria dos jovens pesquisados se declarou católica (56%), os evangélicos representam pouco mais de $\frac{1}{4}$ da amostra (27%). Cerca de um em cada seis jovens não tem religião (16%, incluído 1% de ateus)” (BRASIL, 2013b, p.12). Tais dados nacionais registraram um crescente número de evangélicos. Nos que os achados empíricos do presente trabalho 61 (73,5%) declararam-se católicos, seguidos pelos evangélicos (oito, 9,6%), agnósticos (seis, 7,2%) e espíritas (quatro, 4,8%) mostrando diferenças na tendência encontrada no atual perfil nacional em relação à religião. No presente estudo, um jovem se declarou espírita e católico. Novaes (2011) afirma que para os jovens contemporâneos existem possibilidades de combinar diferentes religiões, como uma síntese de suas convicções pessoais.

O ingresso na Universidade é uma meta para 75 (90,4%) dos respondentes, sendo que apenas oito (9,6%) não se decidiram quanto à continuidade dos estudos. Sepulveda e Valdebenito (2014) reportam que a maioria dos jovens estudantes do ensino médio pretende cursar o 3º grau e obter um título profissional, mas que a concretização dos objetivos pessoais esbarrará em diferentes obstáculos a depender das condições socioeconômicas. No entendimento de Cooper (2012), sonhos e aspirações negadas à juventude são formas de violência simbólica. Sepulveda e Valdebenito (2014) opinam que haverá uma combinação de períodos de estudo e trabalho entre os jovens de nível socioeconômico baixo e médio-baixo; e importante parcela destes adiará o ingresso imediato na Educação Superior. Oliveira *et al.* (2010) acrescentam que o salário advindo do trabalho dos jovens abre-lhes a possibilidade de cursar o ensino universitário pago no futuro.

A minoria (seis, 7,2%) dos respondentes abandonou a escola pelo menos uma vez devido: cansaço; desânimo; questões familiares: doença, morte, nascimento, acidentes, problemas de relacionamento (separação dos pais, brigas), precisou

trabalhar no horário da escola; desemprego e falta de como pagar despesas; como iria repetir, desistiu. Muitos já repetiram alguma série escolar pelo menos uma vez: 45 (54,2%). Nos estudos de Leão e Nonato (2012) sobre juventudes trabalhadoras e escola, menciona-se que significativa quantidade dos participantes teve uma trajetória escolar irregular, marcada por repetências e abandonos. Entre os motivos que podem levar os jovens ao abandono, esses autores citam: sensação de fracasso devido a sucessivas repetências, não gostarem de estudar, falta de motivação, constatação de que estudar e trabalhar demanda grande esforço, dificuldade de adaptação à disciplina escolar, desemprego.

A totalidade dos respondentes do questionário reside em Divinópolis, nos bairros: Centro (sete, 8,4%), Bom Pastor (sete, 8,4%), São Roque (quatro, 4,8%), Porto Velho (quatro, 4,8%); Niterói (três, 3,6%) e Dona Rosa (três, 3,6%). Foram informados mais 41 bairros. As particularidades do espaço físico que se ocupa é “uma espécie de simbolização espontânea do espaço social” (BOURDIEU, 2008, p. 160). A maioria das moradias dos participantes situa-se na periferia da cidade. Esses locais têm baixa infraestrutura e/ou são dependentes de serviços encontrados nuclearmente em outras regiões. “A importância do local de moradia deixa de ser marca somente das diferenças econômicas, mas marcam diferenças sociais e culturais, especialmente no que tange ao acesso a determinados bens e serviços” (NONATO, 2013, p. 72).

As características do uso e ocupação das áreas geográficas urbanas mostram uma tendência a mais interação “com a parte do que com o todo, a partir de privações impostas à totalidade que em localizações pontuais atraem demandas específicas” (CRUZ, 2011, p. 76). As recentes configurações do desenvolvimento urbano, principalmente no que se refere às periferias, são geradoras de outro tipo de exclusão: a socioespacial.

Entre os respondentes desta pesquisa nove (10,8%) informaram estar desempregados de um a 24 meses, com média de 10,66 meses de desemprego. “Se três em cada quatro jovens fazem parte da PEA, pouco mais da metade está efetivamente trabalhando, pois uma parcela significativa de jovens vive situações

recorrentes de desemprego” (BRASIL, 2013b, p. 18). É preciso lembrar que a condição para estudar no período noturno na EEDAV é ser trabalhador. Isso explica a discrepância entre os achados nacionais e os dados empíricos desta pesquisa. Enfatiza-se que as situações de desempregos frequentemente são involuntárias e temporárias, tendo em vista que os jovens mantêm planos de se empregar ou fazem serviços ocasionais também conhecidos popularmente por “bicos” (LEÃO; NONATO, 2012, p. 8).

Das 73 respostas válidas relativamente aos vínculos empregatícios, 50 (60,2%) têm carteira de trabalho assinada, 10 (12,0%) participam do Programa “Jovem aprendiz”, um (1,2%) faz estágio remunerado, oito (9,65) informaram “outro” vínculo empregatício e quatro (4,8%) negaram a existência de vínculo. Entre estes últimos, alguns declararam serem pequenos empreendedores de variados modos: fazer bombons para comercializar informalmente, ser proprietário de comércio, cursar SENAI, trabalhar no comércio do pai. A “adoção de novas formas de organização do processo produtivo e de trabalho, mais “flexíveis e adaptáveis” ao mercado” (CADONA; GÓES 2013, p. 37) no atual momento de reestruturação capitalista é observada na presente pesquisa.

Houve predomínio de trabalhadores de serviços administrativos (17, 20,5%) e a mesma quantidade de trabalhadores dos serviços: vendedor do comércio em lojas e mercados; cinco (6,0%) eram trabalhadores da produção de bens e serviços industriais, três (3,6%) empresários e dois (2,4%) técnicos de nível médio. Outros: estoquista, auxiliar de corte em confecção, auxiliar de radiologia, auxiliar de *pet shop*, cantineira, costureira, despachante, “faço trufas”, programador de bordado, recepcionista, secretária, soldador, ajudante geral, telemarketing (1,2% cada).

A jornada semanal de trabalho variou de 44 horas (28, 33,7%), 40 horas (17, 20,5%), 30 horas (dois 2,4%), 20 horas: (sete, 8,4%), horário flexível (sete, 8,4%); e 11 (13,3%) informaram outras cargas horárias semanais entre cinco e 50 horas. A jornada de trabalho da população jovem brasileira é de “40 horas semanais. Apenas 16% têm jornada de meio período (que corresponda a menos de 24 horas semanais), como recomenda a Agenda de Trabalho Decente para a Juventude” (ATDJ) (BRASIL, 2013b, p.18). Quando o jovem sobrepõe o estudo ao trabalho,

ele prefere um emprego de menor carga horária, mas ressalta-se que, trabalhar em período integral foi um critério de inclusão no presente estudo. Pode-se inferir que tais recomendações da ATDJ não estão sendo cumpridas para os participantes deste estudo nem para grande parte da população jovem brasileira.

Quanto ao salário mensal, os respondentes declararam receber: um salário mínimo (41, 49,4%), um a 1,5 salário mínimo (32, 38,6%) e 1,5 a três salários mínimos (quatro, 4,8%). O estudo de Sobrosa *et al.* (2014) comprova que os jovens estão cientes das dificuldades que eles poderão enfrentar no mercado de trabalho, entre elas estão os baixos salários, que não compensam o trabalho das pessoas, revelando uma flagrante situação de menos valia da mão de obra desses sujeitos. “A renda é um fator importante, porque ela resulta da divisão social do trabalho” (CRUZ, 2011, p. 78). Valor do salário mínimo durante as oficinas: R\$ 724,00, na época do estudo.

Os jovens relataram destinar seu salário para: compra de roupas, sapatos, acessórios de moda e perfumaria: 64 (77,1%), diversão: 54 (65,1%), ajudar a família: 39 (52,0%), adquirir objetos eletrônicos: 41 (49,4%), frequentar eventos culturais: 39 (47,0%), lanchar: 39 (47,0%), pagar transporte: 31 (37,3%), almoçar/jantar: 23 (27,7%), praticar esportes: 18 (21,7%), adquirir livros de literatura: 17 (20,5%), pagar cursos de formação profissional: nove (10,8%), comprar bebidas alcoólicas: sete (8,4%), adquirir material religioso: seis (7,2%), prover a família: seis (7,2%), pagar cursos e materiais musicais: quatro (4,8%), poupar e investir dinheiro: três (3,6%).

Esse aspecto assemelha-se ao que foi encontrado na literatura quanto ao uso do salário pelos jovens trabalhadores: “todos o utilizaram ao menos parcialmente para consumo próprio, como roupas, material de manutenção das atividades escolares, lazer, etc. [...] 40% contribuíram com gastos familiares em alimentação [...] cerca de 60% ajudavam com contas” (SILVA, 2011, p. 194). Outros autores afirmam que os rendimentos dos jovens abastecem suas famílias em diferentes necessidades (BORGES; COUTINHO, 2010; SANTOS; SCOPINHO, 2011; SILVEIRA *et al.*, 2012).

Com o trabalho, as juventudes “investem em lazer passando a frequentar *shows*, cinema, fazer lanche no *shopping*, além de comprar roupas mais adequadas ao perfil jovem desses ambientes” (SILVA, 2011, p. 193). Em complementaridade, Gonçalves *et al.* (2012) afirmam que o trabalho possibilita aos jovens acessar certos tipos de lazer e tecer redes sociais diferentes de seu meio de origem.

Os jovens informaram utilizar parte de seu salário com transporte. De acordo com Cruz (2011), o transporte coletivo é o mais usado pelas classes sociais menos favorecidas, nas quais se encontra a maioria dos participantes deste estudo. Tendeu-se a considerar que ao informar sobre os gastos com transporte, alguns não tenham contabilizado sua cota de contribuição para o vale-transporte, deduzida em folha de pagamento. Pode-se imaginar que eles tenham levado em conta apenas a parcela do salário líquido recebido que destinam para seus deslocamentos, mas os dados coletados não autorizam a fazer uma afirmação neste sentido. Se essa possibilidade for real, então eles gastam mais com transporte do que foi informado.

A renda familiar mais frequente encontrada no presente estudo foi 27 (32,5%) entre três e cinco salários mínimos, variando de um a 10 salários mínimos. Vivem dessa renda duas a sete pessoas, com média de 4,41. A Pesquisa Nacional sobre os jovens (BRASIL, 2013b) mostra que, considerando a renda domiciliar *per capita*, 28% dos jovens encontram-se nos estratos economicamente baixos, 50% nos médios e 11% nos estratos altos. Estudantes das classes socioeconômicas mais baixas começam a trabalhar precocemente objetivando colaborar para o suprimento das necessidades familiares (SILVEIRA *et al.*, 2012) e cumprem longas jornadas diárias de trabalho (PEREIRA *et al.*, 2011).

A maioria das famílias é chefiada por mãe/madrasta (37, 44,6%), pai/padrasto (36, 43,4%) e duas (2,4%) pelos próprios jovens. No conjunto da pesquisa realizada para a população jovem brasileira (BRASIL, 2013b), constatou-se que 40% dos jovens têm filhos. Neste quesito de assumirem papéis de maternidade ou paternidade, ressalta-se importante discrepância com os participantes da presente pesquisa entre os quais apenas uma jovem (1,2%) tem um filho. Estudos como os de Ogido e Shor (2012) mostram que, ao se tornarem mães, a maioria

das jovens abandona os estudos. Dessa forma, as jovens mães são encontradas no trabalho, mas a maioria delas está fora da escola.

Na população jovem, em geral, a condição parental “varia profundamente segundo sexo: enquanto pouco mais de um quarto (28%) dos homens são pais, mais de metade das mulheres (54%) vive a condição de maternidade” (BRASIL, 2013b, p. 14).

Sabe-se também que o número de jovens que têm filhos cresce com o avançar da idade, atingindo 70% na faixa que vai dos 25 a 29 anos (BRASIL, 2013b). Esse fato pode colaborar para a explicação dos achados tão baixos de jovens pais ou mães da presente pesquisa, tendo em vista a faixa etária dos participantes. Outros autores que também desenvolveram pesquisas com jovens trabalhadores e estudantes em período noturno, porém com faixa etária mais elevada, encontraram percentuais muito mais altos: “36% declararam ter filhos” (LEÃO; NONATO, 2012, p. 4).

Quanto à escolaridade dos pais, 58,2% dos respondentes do questionário informaram que o pai estudou no máximo até o ensino fundamental completo. E somente 49,4% das mães completaram o mesmo nível escolar. Por outro lado, há alto número de mães com curso superior ou mais (13,2) que pais (10,8%). Nota-se que prepondera a baixa escolaridade parental. Sabe-se que o baixo grau de instrução parental está diretamente relacionado à baixa renda dos jovens brasileiros (SOBROSA *et al.*, 2014).

A situação empregatícia do pai foi declarada como 68 (81,9%) empregados, seis (7,2%) desempregados pelo período, em meses, de dois a 24, com média de 8,2; dois (2,4%) aposentados e quatro (4,8%) já eram falecidos. Os percentuais mais elevados de pais foram encontrados entre: nove (10,8%) empresários; seis (7,2%) trabalhadores da produção de bens e serviços industriais; cinco (6,0%) trabalhadores dos serviços, como vendedor no comércio.

Os jovens classificaram a situação empregatícia da mãe como empregada (62, 74,7%); desempregada (13, 15,7%) durante o período em meses de um a 84,

com média de 29,11 meses, cinco (6,0%) do lar e uma (1,2%) aposentada. A maioria (15, 18,0%) informou que suas mães são empregadas domésticas; nove (10,8%) são trabalhadoras dos serviços: vendedoras do comércio em lojas e mercadorias; cinco (6,0%) são empresárias; e cinco (6,0%) professoras.

A análise dos cargos ocupados por pais e mães dos participantes mostra que eles exigem baixa qualificação. Atenta-se para o fato de que o “capital cultural e escolar dos pais” influencia sobremaneira os percursos escolares e laborais dos jovens (LEÃO; NONATO, 2012).

Sumarizando, pode-se dizer que a maioria dos respondentes do questionário é oriunda de famílias pobres, cujos componentes têm baixa escolarização, chefiadas quase na mesma medida por homens ou mulheres. A maior parte dos participantes é de homens brancos, solteiros, entre 17 e 18 anos, que não têm filhos e recebem entre um e 1,5 salários mínimos pela jornada laboral de 44 horas semanais. Quase todos pretendem cursar um curso superior, usam o salário principalmente para suprir suas necessidades básicas, mas ajudam a família. Têm fortes vínculos emocionais e institucionais.

Aproximando dos jovens participantes da observação

Neste capítulo apresenta-se um sumário sobre algumas das características dos cinco participantes da observação e algumas percepções da pesquisadora obtidas durante os encontros com eles. A intenção é oferecer ao leitor uma imagem mais consistente desses jovens e iniciar o processo de compreensão de quem são eles. Revelam-se alguns detalhes que podem colaborar para o entendimento de como tais jovens elaboram a concomitância do trabalho, estudo e demais aspectos da condição juvenil, em seu cotidiano.

Houve certa dificuldade de agendamento dos momentos de observação pela escassez de tempo dos jovens e eles alegavam que suas atividades eram muito restritas ao trabalho e escola. Eles diziam: “mas eu não faço nada além de trabalhar e ir para a escola”.

Todavia, como bons estrategistas que são, os jovens encontraram formas criativas para burlar a falta de tempo e possibilitar tais encontros, que foram realizados em seus locais de trabalho, nas suas residências, na igreja, na lanchonete, no corredor da escola, na sorveteria da pracinha, na escadaria de um prédio comercial. Foram nos momentos do namoro, de estar com a família, com os amigos, realizando trabalhos escolares, no interstício entre o trabalho e o início da aula, durante suas orações e estudos religiosos dominicais.

Paula: estudante do segundo ano, completou 19 durante a etapa das observações. Tem duas irmãs e os pais se separaram durante a pesquisa. Faz planos de se casar com o atual namorado, cursar uma universidade, melhorar as condições de vida própria e da família. Valoriza a vida familiar, a religião, relação com a mãe bastante afetuosa. Trabalha como secretária/recepcionista numa contabilidade situada no centro da cidade. Morava em um bairro não muito distante da escola, mas mudou-se junto com a mãe e a irmã solteira para um apartamento depois da separação. Tem forte ligação com a religião (católica). Tirou carteira de motorista durante a pesquisa. Passou a colaborar na renda familiar após a separação dos pais. Começou a trabalhar com 16 anos, por intermédio do pai, que é amigo de seu empregador. Gosta do trabalho e é muito empenhada, preocupada com o mesmo. Parece estar sempre alegre, empolgada. O lazer está muito relacionado à família e ao namoro. Costuma se vestir com calça jeans e blusa de malha, usa os cabelos sempre presos em rabo de cavalo. Observações realizadas: escadaria do prédio onde trabalha, residência, trabalho (duas vezes). Agendei com ela e o namorado numa loja que vende açaí, mas faltando poucos minutos ela me ligou cancelando porque eles haviam brigado e ela não estava em condições de ir. Tentei novos agendamentos que não foram possíveis junto com os dois ou ir para a roça com eles e a família, mas não foi possível, porque Paula não conseguiu me encaixar em sua agenda. Escreveu 32 páginas em seu diário.

Rita: estudante do segundo ano, 18 anos. Tem uma irmã mais nova e os pais se separaram durante a pesquisa. Planeja a curto prazo mudar de emprego, obter a habilitação de motorista, pensa em namorar (agora que não mora mais com o pai, pois ela alega que o pai atrapalhava seus namoros) e ingressar na universidade.

Também faz parte de seus planos: cursar universidade, abrir o próprio negócio que lhe confira possibilidades de mais autonomia, criatividade e flexibilidade, quer melhorar as condições de vida própria e familiar. Mudou-se de uma casa próxima do centro da cidade para um apartamento com a mãe, a irmã e o cachorro depois da separação dos pais. Não namorava na época da coleta dos dados, tinha muitos amigos, gostava de sair com eles para se divertir. Tinha relações bem próximas com a mãe e com a irmã, com o pai era conflituosa até a separação, após esse evento ficou mais próxima dele. Tem forte ligação com a religião (católica). Desenvolve atividades de secretária, recepcionista, *office girl*, etc. numa instituição privada de saúde. Está bastante insatisfeita com as relações e o ambiente de trabalho e com o casamento dos pais. Fazia aulas de direção durante a pesquisa. É a principal provedora da família. Tem um grande histórico de várias atividades laborais, muitas delas informais. Começou a trabalhar antes dos 16 anos como jovem aprendiz. Na maioria das vezes parece bastante preocupada e até triste, mas houve momentos em que a vi muito descontraída, num estilo mais jovial e solto. Em seu diário mostrou que gosta de festa e de estar com os amigos bebendo, dançando, assistindo a *shows* e filmes. Cuidadosa e preocupada com a família. Revela uma vida social diversificada e intensa, cheia de emoções, vibrante. Costuma trajar-se de calça *jeans* e blusa de malha. No encontro na sorveteria vestia-se despojadamente de *short* e chinelos de borracha, usava sempre os cabelos soltos. Tentei me encontrar com ela e suas amigas, mas não foi possível porque as amigas faltaram ao encontro. Tentei também estar presente em um momento de estudo coletivo, que não foi possível porque elas desistiram dessa atividade. Observações realizadas: escadaria da escola, residência, trabalho, sorveteria. Escreveu 34 páginas em seu diário, sendo uma um desenho.

Luka: 18 anos, estudante do segundo ano, tem uma irmã e um irmão ambos mais novos que ele. Planeja a curto prazo: ingressar no Tiro de Guerra, obter carteira de habilitação, concluir o ensino médio e ingressar numa universidade, praticar um esporte. Pensa em uma profissão com mais relação com a internet, mas ainda não sabe dizer quais são realmente seus planos. Ele e a namorada conversam sobre um possível matrimônio. Mora com os pais e os irmãos em um bairro distante do centro. Tem contato constante com os demais familiares.

Namorava na época da coleta de dados e não pude acompanhá-lo na presença dela devido aos ciúmes. Trabalhava na empresa do tio: escritório de uma loja de móveis planejados, sendo responsável pela mesma quando o empregador viaja. Ele informou que os familiares se queixavam que ele era reservado e pouco expansivo afetuosamente, além disso, seu vício assumido em jogos de computador também era um motivo de queixas dos pais. O lazer está bastante relacionado à internet e à academia esportiva. Estava fazendo aulas de direção durante o período do acompanhamento de seu cotidiano pela pesquisadora, gosta de praticar esportes e não se relaciona muito com outros jovens. Extremamente educado, tranquilo, mas parece um pouco retraído, apenas respondia ao que lhe era perguntado e não dava muita sequência nas conversas. Mencionou pouco sobre religião (católico). Planeja ingressar numa universidade. Relatou ter começado a trabalhar com 12 anos. Aparência: usa *piercens* e tatuagens, mantém os cabelos arrepiados. Observações: trabalho (duas vezes) e residência. Tentei, sem sucesso, encontrá-lo mais vezes na casa de sua avó e em encontros com sua namorada, por exemplo. Ele falava que iria agendar na casa da avó, mas nunca o fez até que me disse que não haveria outras possibilidades de encontros para ser observado. Escreveu nove páginas em seu diário, contendo letras de músicas, imagens impressas de charges.

Renato: estudante do primeiro ano, 18 anos. Tem duas irmãs mais velhas, mora com os pais e uma irmã em um bairro distante do centro. Tem namorada com quem planeja se casar e ter filhos. Também faz planos para ingressar na universidade e talvez sair da cidade para estudar. Tem paixão por automóveis e trabalha numa oficina mecânica desde os 15 anos. Gosta muito do seu trabalho e pretende continuar a trabalhar nesse ramo. Relatou ser muito próximo da família e distante dos pares. Obteve carteira de motorista durante a fase da observação. Tem fortíssima ligação com sua religião (evangélico), frequentador assíduo da sua igreja, onde também desenvolve trabalhos voluntários. Lazer relacionado à família e à religião. Está sempre alegre, descontraído, brincalhão e sorridente. Costuma trajar-se num estilo um pouco mais formal que os demais jovens de sua idade. Usa os cabelos muito bem alinhados, camisas de botão e até de manga comprida, sapatos sociais. Observações: autoescola, pastelaria, residência, igreja, trabalho. Escreveu cinco páginas em seu diário.

Leninne: estudante do primeiro ano, 18 anos. Trabalhava em uma metalurgia. Tem um irmão que mora com a avó em outra cidade. Ele também já morou com esta avó, mas atualmente mora com a mãe, que é homossexual assumida. Eles parecem serem mais amigos do que mãe e filho. Ambos usam tatuagens, em sua casa há aparelhos de musculação que os dois construíram juntos e malham juntos também. Sua mãe relatou-me em várias ocasiões que eu a encontrei durante a pesquisa sobre sua vida familiar, que parece ser bastante conflituosa, mas em momento algum ouvi qualquer queixa a respeito desse assunto da parte de Leninne. Ele apenas mencionou certa vez que a família paterna tem muitos preconceitos em relação aos seus *piercings* e tatuagens, mas disse também que isso não o incomoda. Na verdade, nada parece incomodá-lo. A princípio, pareceu-me muito calado, não fala de seus sentimentos. Mas com os encontros fui percebendo a profundidade de sua personalidade intrigante. A amiga que participou de um encontro cobriu-o de elogios: disse que ele é muito sociável, inteligente e que as meninas o adoram, tanto quanto amigo quanto para “ficar”. Fala pouco, mas sua fala cai como uma rocha tamanha a densidade de suas comunicações, no entanto, é sempre gentil, prestativo e até carinhoso. Parece sentir-se orgulhoso de seu trabalho e da posição que galgou no mesmo. Ele afirma ser o funcionário de confiança do patrão, que é seu primo poucos anos mais velho que ele. Começou a trabalhar antes dos 16 anos de idade. Sobre projetos de futuro informou que, a curto prazo, pretende se mudar para um local mais perto do trabalho, para o qual não precise ir de ônibus. Pretende cursar universidade. Observações realizadas: pastelaria, residência, trabalho. Tentei agendar outros encontros com os amigos e na casa dos primos onde ele costuma passar seu tempo disponível, mas não consegui. Manuscreeu sete linhas em seu diário.

Acredita-se que um quantitativo maior de observações forneceria mais dados para o aprofundamento sobre o cotidiano desses jovens, porém isso não foi possível. O acompanhamento dos cinco jovens foi encerrado no momento em que eles mesmos, espontaneamente, informaram não haver mais possibilidades de encontro. A riqueza dos dados foi reveladora do cotidiano dos participantes, ainda que de forma restrita.

Capítulo 1 - O mercado de trabalho e a inserção laboral dos jovens: expectativas *versus* precariedade

Para adentrar neste capítulo sobre mercado de trabalho será feita sua breve contextualização na contemporaneidade. Posteriormente, os participantes da pesquisa serão situados, mostrando as contradições entre as expectativas quanto à sua inserção laboral e à realidade que encontraram. Alguns fatores serão mostrados, relacionados ao mundo do trabalho que facilitam e outros que dificultam a vivência das demais dimensões de sua vida, considerando a sobreposição com a escola.

O século XXI iniciou com aumento da exploração do trabalho humano. O cenário de profunda alienação provocado pela ideologia neoliberal gerou enorme excedente de mão-de-obra. Os direitos sociais encolheram, levando muitos trabalhadores a aceitar qualquer ocupação. As novas tecnologias de informação e comunicação, como a internet, intensificaram e estenderam as atividades laborais. O uso da informática passou a demandar necessidades de novas habilidades e conhecimentos necessários ao exercício de muitas funções técnicas, simplificando procedimentos. A automatização das ações passou a limitar o campo de atuação dos profissionais, que muitas vezes se resume em apertar o botão correto dos maquinários. Todas essas configurações e mudanças tornam o mercado laboral instável, mutante, precário, segregador, com exigências cada vez maiores e inatingíveis para muitos trabalhadores (ARROYO, 2014; CORROCHANO, 2014; DAYRELL; CARRANO, 2014; KRAWCZYC, 2014; POCHMANN, 2004; 2011).

O mercado de trabalho tornou-se mais seletivo e menos acessível aos jovens, oferecendo frequentemente apenas empregos temporários, que se tornam cada vez mais distantes do trabalho decente preconizado pela Organização Internacional do trabalho (OIT) (BRASIL, 2012b).

No Brasil, a ANTDJ foi elaborada como um seguimento aos esforços empreendidos pela OIT para a Promoção do Trabalho Decente, considerando-se o reconhecimento internacional da prioridade do tema do emprego de jovens na Agenda Hemisférica da OIT. O diagnóstico sobre mercado de trabalho e as

juventudes brasileiras estruturou a ANTDJ em quatro eixos: mais e melhor educação; conciliação dos estudos, trabalho e vida familiar; inserção digna e ativa no mundo do trabalho, com igualdade de oportunidades e tratamento; e diálogo social: juventude, trabalho e educação (BRASIL, 2010; 2012b; OIT, 2015).

O histórico do trabalho de crianças e jovens brasileiros está muito vinculado à pobreza, sendo, para muitos, essencial à sobrevivência (CORROCHANO, 2013; 2014; LEÃO; CARRANO, 2013; OIT, 2015).

O salário de uma parcela dos participantes desta pesquisa compõe a renda familiar.

Luan 1º ano, 16 anos - (eu trabalho) pra ajudar a minha família com as despesas (Fonte: Oficina).

Paula 2º ano, 19 anos [...] posso falar da mudança que vai ter na minha vida de jovem que trabalha e estuda e que agora ajuda com as despesas de casa! Sei que não sou a primeira a tirar do salário alguma coisa para ajudar em casa, mas para mim tá sendo novidade... (Fonte: Diário de Paula).

Muitas vezes, o trabalho é uma atividade que deve ser cumprida para se viver.

Rita 2º ano, 17 anos: Recebemos e graças a Deus o dinheiro deu para pagar as contas (da família). Amém! (Fonte: Diário de Rita).

Bioncé 3º ano, 19 anos: Eu preciso de mu:::ita comida, muita comida, eu gasto a metade do meu salário em comida (Fonte: Oficina).

A princípio, os jovens participantes desta pesquisa eram estudantes. Com a inserção no mercado de trabalho, eles assumiram uma tríplice condição e ocorreu uma revolução em suas vidas. Certamente eles optaram por essa simultaneidade e permanecem nela porque os ganhos são significativos, valendo a pena o dispêndio de forças para superar as dificuldades.

As famílias de baixa renda nem sempre têm os meios suficientes para prover todas as necessidades de seus membros. É nessa conjuntura que muitos jovens decidem se inserir no mercado laboral, frequentemente incentivados pelos pais e, em alguns casos, até coagidos pelo âmbito em que vivem.

Eddy 2º ano, 16 anos: Bom, eu acho que [...] toda pessoa que tá aqui, que trabalha o dia inteiro e estuda ou porque quer ter uma independência financeira ou porque precisa ajudar em casa (Fonte: Oficina).

Tom 2º ano, 18 anos: porque à gente é imposto a isso, né, trabalhar e vir pra escola porque a gente tem horário (Fonte: Oficina).

Rita 2º ano, 17 anos: Tá chegando final/início de mês e minha mãe já começa a descontar em mim e na minha irmã, às vezes consigo me controlar, respirar e entender o lado dela, mas às vezes nem eu suporto, e acaba virando briga, ainda mais agora que estou decidida a sair do meu emprego (Fonte: Diário de Rita, p. 4).

No caso de Rita, ela informou durante o encontro em sua residência, na presença de sua mãe e irmã, que seu salário é essencial para compor a renda de sua família, pois é maior que da própria mãe. Dessa forma, ela mostra que é a principal provedora da família. Relatou que tem discutido com a mãe porque pretende abandonar o atual emprego, no qual se sente mal, mas a mãe não concorda.

Todavia, o trabalho durante a juventude pode ser uma escolha livre de coerções feita pelos jovens por algum tipo de satisfação pessoal, profissional ou social. Em todos os casos é fundamental reconhecer que os jovens são sujeitos de direitos portadores de necessidades legítimas (OIT, 2015).

Renato 2º ano, 18 anos: Sou estudante do turno da noite em escola pública, também sou trabalhador. Passo a manhã e a tarde em uma oficina mecânica, com isso não sobra tempo para quase nada. Mas, não reclamo disso, isso foi uma opção minha e fico feliz, pois dou conta de conciliar trabalho e escola sem um atrapalhar o outro (Fonte: Diário de Renato, p. 3.)

É à medida que desempenham seus papéis sociais cotidianos, como trabalhar e estudar, entre outros, que os jovens se produzem e reproduzem como seres humanos e, assim, colaboram para fermentar a história (HELLER, 1991).

Liah 3º ano, 17 anos: [...] eu tô na área de despachante onde que eu trabalho e eu gosto, essa é uma área que eu gosto de exercer essa profissão que eu gosto (Fonte: Oficina).

Rita 2º ano, 17 anos: Eu gosto muito de trabalhar, apesar de não ter tempo, mas eu aprendi muita coisa, eu amadureci muito (Fonte: Oficina).

Luíza 3º ano, 18 anos: Eu trabalho porque... é uma coisa que eu gosto já, já faz parte da minha vida (Fonte: Oficina).

Cláudia 3º ano, 17 anos: Ano passado, eu só estudava, então tipo assim, eu começar a trabalhar o dia inteiro me fez crescer muito como pessoa mesmo [...] me fez sentir um pouco melhor trabalhar e estudar (Fonte: Oficina).

Ludmila 2º ano 18 anos: Todo mundo trabalha por causa do dinheiro, mas tem pessoas que gostam de fazer o que faz (Fonte: Oficina).

Os jovens relatam a luta diária, e muitas vezes inglória, dos familiares para oferecer-lhes condições básicas de vida e sentem-se capazes de reduzir o peso desta carga com sua contribuição financeira. Nota-se a busca do trabalho motivada por um forte desejo de retribuição à família.

Ana Carolina 1º ano, 18 anos: [eu trabalho porque] [...], quero ajudar a minha família, eu quero ajudar quem sempre me ajudou, né, quem sempre me deu força, quem sempre me apoiou (+) (Fonte: Oficina).

Ludmila 2º ano 18 anos: Mas eu acho assim muito importante porque tipo assim, você já ajudando (financeiramente) já é um alívio pra sua mãe, entendeu? (Fonte: Oficina).

Gustavo 1º ano, 17 anos: Eu trabalho porque eu acho bem melhor ganhar o meu dinheiro com o meu próprio esforço do que (+) ficar ganhando o do meu pai assim (+) me dando porque (+) porque vai ser ruim, porque ele pode estar (+) ajudando lá em casa, como ele e minha mãe e eu tá pedindo dinheiro pra ele, vai sair muito apertado. Eu acho bem melhor trabalhar e ganhar pelo meu próprio esforço (++) (Fonte: Oficina).

Ainda que essa retribuição não se dê de forma imediata e concreta, representada por um valor monetário no final de todo mês para ajudar nas despesas familiares, o fato de ser um “fardo” a menos é levado em conta pelos jovens como ajuda para a família.

A maioria dos participantes informou que trabalha para suprir tanto algumas necessidades materiais quanto outros aspectos psicossociais, já mencionados. Eles mostram que o trabalho é um direcionador em suas vidas e promove um ensaio e um exercício para papéis que deverão assumir ou já assumem. Algumas dessas mudanças os tornarão aptos para as responsabilidades que eles pretendem assumir como provedores de família, proprietários de casa, etc. Quando o homem atua sobre a natureza exterior, ele modifica também sua própria natureza (MARX; ENGELS, 1975).

Renato 2º ano, 18 anos: Eu, quando eu não trabalhava, eu pedia muito dinheiro pra minha mãe, aí eu me sentia mal, né, porque a minha mãe trabalhava e tal, aí, pedir dinheiro pra ela que trabalha e consegue o dinheiro dela e eu falei assim: ah, eu vou trabalhar também, uai, ganhar o meu dinheiro, não precisar pedir à minha mãe, ajudar lá dentro de casa também quando for necessário, por causa disso, criar responsabilidade, criar direção no mercado de trabalho, né - várias coisas (Fonte: Oficina).

Maria Gadu 2º ano, 17 anos: Eu quero conquistar os meus objetivos, então eu acho que a gente consegue seus objetivos através do trabalho, se cê não trabalhar cê não vai conseguir ter uma casa, conseguir sustentar uma família como é o ideal de todo mundo aqui.[...] o meu sonho é ter a minha casa e a minha família (Fonte: Oficina).

Supridas as necessidades mais imediatas, os participantes procuram reservar certa quantia salarial para gastos pessoais que lhes proporcionem algum tipo de prazer que os pais não podem lhes oferecer:

Ana Carolina 1º ano, 18 anos: eu acho assim, que você tem que fazer tipo assim: uma planilha pra você controlar uns gastos: cê anota num caderno o que que cê tem, o que que cê não tem pra (+) procê consumir (+) (Fonte: Oficina).

É durante a juventude que, geralmente, as pessoas dão os primeiros passos em direção à sua autonomia, uma conquista que costuma ser lenta e gradual. A independência foi frequentemente mencionada, no sentido de emancipação, mostrando ser um fator de preocupação dos jovens.

Para os jovens de classes populares deste estudo, a concomitância do trabalho e escola representa uma condição para suas vivências juvenis, um passo imprescindível para a conquista de certa independência e, conseqüentemente, para a construção de seu futuro.

Thiaguinho 2º ano, 20 anos: Eu trabalho porque... pra mim ter um pouco de diversão (Fonte: Oficina).

Annita 1º ano, 17 anos: Ter certa independência, não depender do pai para ter que comprar [...] pra ser livre, tipo ser livre pra mim (+) tipo: eu pedir alguma coisa pra minha mãe, por exemplo: "ah, você não pode porque eu não tô tendo condição" (Fonte: Oficina).

Charlie 2º ano, 18 anos: [com o trabalho] você constrói o seu futuro, compra as suas coisas sem depender da família [...] (Fonte: Oficina).

Mediante as condições financeiras adversas, o valor do dinheiro adquire proporções diferenciadas para as diversas juventudes. A constatação dos

investimentos pessoais necessários para transformar a natureza por meio do próprio trabalho e de quanta energia se despende para fazer jus ao salário leva os jovens a agregar um valor maior ou diferente ao dinheiro conquistado que aquele ganho de terceiros:

Jammil 1º ano, 18 anos: Quando o seu pai e sua mãe te dá, cê não dá o tanto de valor [ao dinheiro] que cê dá quando cê trabalha (+) (Fonte: Oficina).

Ana Carolina 1º ano, 18 anos: Porque uma coisa é seu pai te dar um trem e tal [...] aí, às vezes, você não dá nem tanto valor quanto cê conseguir pelo seu próprio dinheiro, não que cê não dê valor (+) porque cê dá também, mas você conseguir pelo seu dinheiro (+) é diferente (Fonte: Oficina).

Os participantes almejam autonomia financeira em relação aos familiares, mesmo que esta ainda seja bastante incipiente. O poder de comprar alguns itens de consumo e diversão sem passar pela aprovação e custeio dos pais já é compreendido por eles como certa independência.

Pitty 2º ano 16 anos: Eu trabalho porque... porque eu gosto de ter as minhas próprias coisas sem depender muito da minha mãe e do meu pai [...] eu quero comprar sapato, maquiagem (Fonte: Oficina).

Geralmente, o salário que os jovens recebem não é suficiente para suprir alguns itens básicos para a sobrevivência como moradia e alimentação.

Ludmila 2º ano 18 anos: E quando se é jovem, a maioria dos jovens mora com a mãe e o pai, não tem que pagar aluguel, não tem que (+) muitos ajudam dentro de casa, né, mas tem muitos também que não ajudam (Fonte: Oficina).

Mesmo com mais liberdade vivenciada pelos jovens da atualidade, a dependência se constitui em um fator dificultador para a conquista da autonomia como conclusão do processo no qual o indivíduo se torna sujeito de seu próprio destino (CARRANO, 2015; CORROCHANO, 2014; OIT, 2015).

Nesses aspectos mais dispendiosos, a maioria dos participantes continua sendo provida pelos familiares. Mas isso é tudo o que muitas famílias podem lhes oferecer. Ressalta-se que para a maioria dos participantes o trabalho é uma condição para que eles possam viver a condição juvenil. Todos os demais gastos consigo mesmos, como transporte, lanches, cursos extracurriculares, passeios,

vestuário e demais itens relacionados às culturas juvenis, são de responsabilidade do próprio jovem. É nesta lacuna que o salário dos jovens lhes proporciona uma independência contraditória: ao mesmo tempo eles são e não são dependentes dos pais.

Os participantes lutam e trabalham cotidianamente para superar a negação de sua independência. Essa situação de dependência/independência alude-se à primeira lei geral da dialética: a interpenetração dos contrários. Tal lei afirma que o processo de transformação passa por períodos lentos, nos quais sucedem pequenas alterações quantitativas, e por tempos de aceleração, que resultam em alterações qualitativas, ou seja, modificações radicais (KONDER, 1997; MARX; ENGELS, 1975).

No cotidiano, os seres humanos se apropriam da matéria-prima com a qual se formam e, concomitantemente, formam o mundo. Em certas falas que abordam a independência, os jovens estão se remetendo aos significados de trabalho como uma produção de algo útil: o produto da natureza transformada e/ou o recurso financeiro. Em outras, eles remetem ao prazer de fazer o trabalho e reconhecer-se no produto do mesmo, o que pode adquirir um valor inestimável para eles. Nesses casos, além dos aspectos da utilidade, agregam-se valores psicossociais que potencializam a sensação de bem-estar do trabalhador. Ao falar de seus trabalhos, alguns jovens evidenciam o prazer por sua produção.

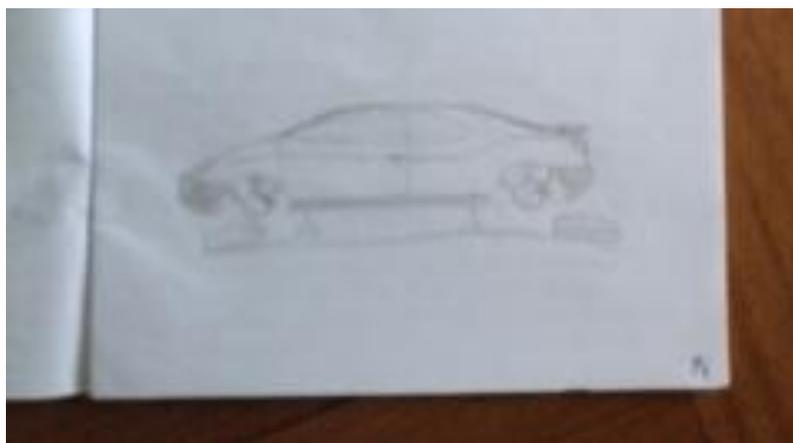
O cotidiano é um espaço concreto e particular, que representa uma possibilidade de estruturação da consciência e um caminho para a desalienação, na medida em que o homem relaciona-se com a genericidade. Todo homem é particular e genérico. Para que ele atinja a esfera da genericidade, é preciso que concentre toda a sua atenção no que faz, colocando-se por inteiro na resolução de uma tarefa qualquer e simultaneamente dissipe sua particularidade individual na atividade humano-genérica (MAFRA, 2010).

Os participantes percebem que estão crescendo, transformando-se e colaborando para empreendimentos maiores, que vão além de suas próprias vivências individuais, em direção à coletividade. Em suas ações cotidianas, os seres

humanos vão ao encontro da totalidade a qual reflete todas as atividades humanas.

O trabalho não é exclusivamente a via de satisfação das necessidades relativas à materialidade essencial para a sobrevivência. Ele é também fonte de identificação e de autoestima, de desenvolvimento das potencialidades humanas, de sentimento de participação nos objetivos da sociedade (NAVARRO; PADILHA, 2007).

Renato 2º ano, 18 anos - Não paro de estudar, pois o estudo é fundamental para nosso crescimento. Todos nós dependemos de estudo para melhor desempenho na sociedade [...]. trabalhando e estudando eu me sinto uma pessoa mais ativa na sociedade, cumprindo com meu dever [...] adquirindo experiência no mercado de trabalho, para de uma pequena forma contribuir para o crescimento do meu país. [...] Com 18 anos já tenho experiência na área e me dedico a aprender cada dia que passa, pois tudo muda e não quero ficar para trás com conhecimento (Fonte: Diário de Renato, p. 3).



Fonte: Diário do participante Renato, p. 4.

Fica explícita nesta última escrita de Renato a compreensão de que o mundo está em constante transformação e o trabalhador contemporâneo precisa se atualizar, se qualificar incessantemente.

É certo que esses jovens vendem sua força de trabalho, mas muitas menções deixam claro que esse trabalho contribui para sua formação. Notam-se algumas características formadoras do trabalho quando os participantes afirmam que se colocam por inteiro naquilo que fazem, de forma prazerosa, não havendo um “estranhamento” entre o trabalhador e seu trabalho, quando o segundo não deforma o primeiro, pelo contrário, o humaniza.

O trabalho é a mola propulsora do desenvolvimento humano; é a partir dele que podem ser compreendidas as formas complexas da atividade criadora humana (KONDER, 1997).

Entre as características do pensamento cotidiano, o labor, os contatos interpessoais e as ideias são formas necessárias ao pensamento e à ação na vida cotidiana sem as quais a sobrevivência estaria ameaçada. É na cotidianidade que as pessoas exteriorizam paixões, sentidos, sentimentos, ideias, ideologias, seus gostos e tendências, que podem ser englobados pelo sistema de necessidades (HELLER, 1991; 2004).

Muitos jovens valorizam o trabalho, a escola e a adoção de estilos de vida que se relacionam com as culturas juvenis, como elementos importantes em seu cotidiano. Suprir tais demandas, ainda que elas possam ser consideradas secundárias por alguns, impacta positivamente no bem-estar dos jovens.

Paula 2º ano, 19 anos: [...] Fico toda ansiosa para a minha moto sair, estou pagando consórcio já tem um ano [...] (Fonte: Diário de Paula).

LULU 3º ANO: Eu trabalho pra ter acesso à tecnologia (Fonte: Oficina).

Raul 2º ano 18 anos: Eu trabalho pra ter o meu próprio dinheiro pra comprar o que eu quiser (Fonte: Oficina).

Ludmila 2º ano 18 anos: [...] E igual ele falou: ser um jovem pra ele é cê ter o seu lugar, cê falar: “eu trabalho, eu estudo, eu tenho as coisas” (Fonte: Oficina).

É preciso entender o poder de compra como um benefício do trabalho ao jovem o qual passa a ter acesso a produtos e serviços que fazem parte das vivências juvenis. Todavia, não se pode deixar de lado uma análise da ideologia que “cria” necessidades de consumo e, contraditoriamente, não permite que os indivíduos satisfaçam-nas plenamente. De acordo com Mafra (2010), vivemos em uma sociedade insatisfeita.

Esse autor afirma que a satisfação plena de todas as necessidades colocaria em risco o atual sistema hegemônico, que é baseado na subordinação e superordenação, pois isso levaria à estagnação da produção com consequente esfacelamento do sistema gestor.

O capitalismo supervaloriza o trabalho dos jovens como a formação de mais consumidores em detrimento do trabalho como fator de crescimento pessoal. As estratégias utilizadas pelas propagandas são cada vez mais elaboradas e frequentemente sedutoras e visam à criação de necessidades alienadas, apelando para a compra de produtos supérfluos que parecem indispensáveis (BORGES; COUTINHO 2010; OLIVEIRA *et al.*, 2010; SILVA, 2011; SOBROSA *et al.*, 2014).

Fiuk 1º ano, 16 anos: ah, não, se não tiver no meu orçamento e for uma coisa que eu quiser, eu compro também. [...] sou, bastante consumidor (+) [...] ah (+) a gente trabalha, trabalha, trabalha, né, e a gente faz conta sem poder. A gente gasta mais do que a gente recebe [...] praticamente em uma compra minha do mês vai o meu salário todo. [...] e um pouco mais, a gente sempre quer comprar mais. Eu preciso comprar (+) [...] fazer planilha de gastos eu não consigo. Eu já tentei dois meses, eu colocava tudo o que eu recebia, tudo o que eu tinha que pagar e:: o que sobrava de dinheiro eu colocava à medida que eu fosse gastando eu ia colocando, aí eu ia gastando, gastando, gastando e quando eu ia olhar já não tinha mais dinheiro, aí dia 20, o dia do vale, eu ia lá e fazia vale. [...] aí depois que eu fiz a primeira vez o meu vale (+) foi pra mim assim (+) a melhor coisa (+) aí todo mês eu faço vale, todo mês [porque não consegue controlar as finanças] (Fonte: Oficina).

Pela perspectiva das necessidades, vivemos em uma sociedade insatisfeita, pois uma das características das mesmas é não poderem ser satisfeitas em um mundo baseado na subordinação e superordenação. A satisfação completa de todas as necessidades demandaria uma revolução, o que torna tais necessidades “radicais”, pois elas reclamam uma satisfação qualitativa. Sem revolução, o que se pode é transcender a particularidade em ações genéricas e conscientes, hierarquizando as necessidades cotidianas, pois não podemos fazer tudo nem escolher tudo a um só momento. Assim, no cotidiano, selecionamos nossas escolhas e, por conseguinte, nossos atos. Por meio dessa hierarquização caminha-se para a possibilidade de construção e reconstrução do sentido de totalidade (HELLER, 1986; MAFRA, 2010).

Luan 1º ano, 16 anos: Agora tudo o que eu quero, eu, tipo assim: se eu ver que eu preciso, eu compro. Mesmo que eu, tipo, que eu não esteja precisando, tipo, se eu quiser, eu:: compro (+) tipo assim: dependendo das minhas quantias, das minhas contas, se der, se entrar no meu orçamento ali. [...] se você for ver assim (+) eu tenho uns 10 pares de tênis e nem assim eu gasto além do que eu posso (+) tenho um monte de bermuda, um monte de blusa, boné (+) só boné caro eu tenho uns

três. Mesmo assim, tipo (+) cê compra (+) o que cê quer, só que cê não precisa gastar além do que cê tem (Fonte: Oficina).

Nota-se a presença de algumas necessidades que Heller denomina de “necessidades alienadas” que ocorrem quando cria-se um abismo entre a produção humano-genérica e a consciente participação das pessoas nesta produção, na medida em que estes sujeitos criam objetivações em si e não realidades objetivas para si. Questiona-se: o que estes alguns itens de consumo como bonés caros, cosméticos e acessórios que se tornam obsoletos em curtíssimos espaços de tempo, roupas em profusão, representam no conjunto de necessidades que surgem no modo capitalista? Tais necessidades aparecem relacionadas ao consumo em si e não numa necessidade dos próprios jovens que quando é satisfeita satisfaça a eles mesmos, pois prendem-se a um fragmento do real, perdendo-se de vista as condições de sua objetividade.

Por outro lado, os participantes citaram os ganhos que a inserção no mercado de trabalho lhes confere não só em termos financeiros, mas também de valores e crescimento pessoal, como: adquirir mais responsabilidade e maturidade, aprendizado, experiência, exercitar a paciência. Enfim, a transformação de si mesmos.

Fiuk 1º ano, 16 anos: [...] Eu trabalho pra adquirir experiência, responsabilidade e independência [...] mas, acaba que a maturidade dos jovens que estudam e trabalha é maior e:: A maturidade (+) eu acho que (+) o pessoal que trabalha e estuda tem bastante maturidade (Fonte: Oficina).

Rita 2º ano, 17 anos: Eu gosto muito de trabalhar, apesar de não ter tempo, mas eu aprendi muita coisa, eu amadureci muito (Fonte: Oficina).

Jammil 1º ano, 18 anos: [Eu trabalho para] [...] ter experiência [...] experiência no trabalho que (+) se ocê trabalha num lugar a sua carteira fica marcada, se cê for para outro lugar, eles vai ver que cê tem experiência (Fonte: Oficina).

Jorge 2º ano 17 anos: Ser independente desde cedo já é uma boa experiência pra vida (Fonte: Oficina).

Maria Gadu 2º ano, 17 anos: A gente tem que ter muita dedicação ao trabalho, muita paciência (Fonte: Oficina).

Tais qualidades, fundamentais para o ser humano superar o ambiente imediato e remeter-se ao mundo inteiro, são adquiridas na vida cotidiana (MAFRA, 2010).

Os dados anteriormente mencionados contribuem para a afirmação da relevância do trabalho na vida do jovem. Essa importância se revelou pela remuneração, pelo *status* adquirido com sua entrada no mercado laboral, pela consciência do papel político e emancipador intrínseco ao trabalho, pela possibilidade de realização de projetos pessoais e profissionais.

O trabalho se mostrou como promotor da transformação dos próprios jovens à medida que eles superam os obstáculos e as contradições presentes na vivência da tríade em questão.

Para se integrar ao mundo, os seres humanos vão gradativamente, desde o nascimento, adquirindo habilidades para orientar-se, aprender a usar os instrumentos de que dispõem e lidar com as instituições. Esses desafios são tanto maiores quanto mais complexas as sociedades (HELLER, 1991; MAFRA, 2010).

Vivemos uma contemporaneidade altamente complexa e mutante que exige aprendizados muito elaborados que em pouco tempo se tornarão obsoletos. As pessoas precisam estar atentas, “plugadas” nos acontecimentos, se “descolar” das amarras que podem mantê-las reféns de um sistema hegemônico cruel no qual ocuparão os melhores cargos apenas aqueles mais capacitados para lidar com tal complexidade.

Até este ponto o trabalho aparece nos discursos com muitas características formadoras. Revela-se aqui outra contradição originada da análise dos dados empíricos, pois ao mesmo tempo em que o trabalho traz benefícios para a formação desses jovens, ele também assume características deformadoras. Um desses aspectos negativos é a entrada precoce de alguns jovens no mercado de trabalho, muitas vezes até antes da idade legal mínima para tanto.

Luka 2º ano, 18 anos: Às vezes sinto falta de algumas coisas que deixei de fazer quando era criança já que comecei a trabalhar com 12 anos, sinto que perdi um pouco meu lado criança. [Escrita da charge: não era exatamente este carrinho que eu queria ganhar] (Fonte: Diário de Luka).



Fonte: Diário do participante Luka, p. 7.

RENATO 2º ANO Tenho 18 anos e já estou há 3 anos trabalhando [...]
(Fonte: Diário de Renato).

Como Luka reconhece, essa precocidade laboral pode ser muito danosa e as perdas, irrecuperáveis.

Por questões socioeconômicas, os jovens pobres sentem-se impelidos a ingressar precocemente no mercado laboral. As consequências dessa precocidade geralmente são baixa escolaridade, ocupação dos piores postos tendendo à repetição das trajetórias laborais de seus pais: desqualificadas e malpagas. Já aqueles pertencentes às classes sociais mais favoráveis se inserem nesse mercado depois de estarem aptos a ocuparem os melhores postos. Essas disparidades reificam as desigualdades sociais.

A estrutura familiar e a pobreza estão entre os diversos fatores que colaboram para a inserção precoce dos jovens no mercado de trabalho. Antes dos 16 anos de idade o trabalho é considerado infantil, portanto, ilegal, exceto nas situações de aprendizagem estabelecidas pela Lei da Aprendizagem (Lei 10.097/2000) a partir dos 14 anos (BRASIL, 2010; CORROCHANO, 2013; 2014; RIBEIRO, 2011; SILVEIRA *et al.* 2012).

O trabalho deformador revela-se também quando não aceita a expressividade/criatividade do trabalhador ou quando não lhe proporciona subsídios para sua formação humana.

Laura 2º ano, 18 anos: [...] Eu detesto trabalhar [...] tipo assim, se eu pudesse, eu não trabalhava. [...] Eu trabalho porque eu ajudo a minha

família, o principal, eu trabalho por isso, mas a minha profissão, eu gosto (+) de costurar, eu adoro (Fonte: Oficina).

Ao mesmo tempo em que Laura afirma não gostar desejar emprego e explicitar o desejo de abandoná-lo, ela demonstra adoração por sua profissão: costureira. Sua fala sugere que ela não gosta é de estar empregada, mas sente prazer ao produzir seu trabalho. No sistema de produção capitalista, o trabalhador vende sua força de trabalho e seu tempo, cedendo ao dono do capital, o empregador, o direito de decidir como, onde e quando irá realizá-lo em troca de um salário.

A partir da década de 1970, com as crises do mercado de trabalho nos países capitalistas, houve crescente desestabilização da situação laboral. Esse desequilíbrio repercutiu negativamente na vida dos filhos das classes operárias, os quais têm de aprender a construir suas trajetórias de vida por si mesmos, com pouco apoio familiar. Tais trabalhadores tornaram-se impotentes para transmitir à sua prole uma posição profissional, redes de poder e influência que caracterizam o capital social ou mesmo patrimônio simbólico na forma de consciência de classe e identidade familiar (BRUNET; PIZZI, 2013; CORROCHANO, 2013).

Os participantes deste estudo reconhecem sua origem social desfavorável e algumas vezes se ressentem disso. Eles percebem que as heranças sociais mais consistentes poderiam tornar suas condições de trabalho e de vida menos precárias se eles pudessem acessá-las.

Eddy 2º ano, 16 anos: [Eu trabalho porque...] eu sou pobre [risos do grupo] porque eu preciso de dinheiro, eu não sou rico não, eu sou pobre mesmo (Fonte: Oficina).

Renato 2º ano, 18 anos: Uai, ninguém aqui eu acho que é rico, né? Se fosse rico não estava trabalhando e estudando de noite, não tava em escola pública, tava em escola particular, e tal (Fonte: Oficina).

Annita 1º ano, 17 anos: Tem pessoa que quer crescer, mas não quer ter esforço. É:: quer que caia do céu e pronto (+) que é tudo fácil [...] pra quem nasceu em berço de ouro é fácil... (Fonte: Oficina).

Assim como a baixa educação/qualificação, a herança social desvantajosa colabora para que os jovens assumam postos de trabalho precários. A precariedade laboral foi tangenciada na presente pesquisa, algumas vezes de

maneira discreta. As condições de trabalho que causam algum prejuízo podem estar sendo naturalizadas, como algo intrínseco à condição de trabalhador, pelos participantes os quais parecem não notá-las em determinados momentos.

Bioncé 3º ano, 19 anos: [no trabalho] Tem que conviver com pessoa chata falando no seu ouvido, o dia inteiro você tem que fazer o que eles quiser (+) é muito melhor a gente ficar em casa (Fonte: Oficina).

Fiuk 1º ano, 16 anos: Nem todos têm o privilégio de chegar no segundo horário, porque às vezes você não consegue isso no trabalho porque eu já conversei lá eles falaram que é questão de bom senso, que eu saio [do trabalho] seis horas que dá tempo de chegar na escola tranquilo. Eles falam isso porque (+) todos eles têm carro, têm moto, eu tenho que andar de a pé. [...] (Fonte: Oficina).

As atividades laborais insalubres ou trabalho perigoso compõem o quadro de precariedade e estão presentes no cotidiano dos participantes. Essas situações aumentam consideravelmente as possibilidades de acidentes de trabalho os quais, por sua vez, engrossam as estatísticas de morbimortalidade juvenil.

A insegurança e a vulnerabilidade são componentes da precariedade laboral que, por sua vez, é um reflexo da crise de emprego dos jovens (BRASIL, 2012b). Pôde-se verificar a presença de tais características no trabalho de Lennine:

23/03/15 Encontrei com Lennine em seu trabalho. Descrição do cenário: bairro onde se localizam as indústrias divinopolitanas, como o próprio nome indica: Bairro Industrial. Região de alta vulnerabilidade social. Geralmente as pessoas chegam de outras cidades procurando emprego e se alojam pelas imediações. Há muito comércio de drogas e pobreza. Fiquei impressionada com a insalubridade das atividades desenvolvidas por Lenine. Em princípio, não pudemos conversar quase nada porque ele estava muito ocupado. Ele trabalha em um galpão enorme de chão batido, com muitas fendas de aproximadamente um metro de largura entre o telhado e as paredes ambos de metal, por onde passa o vento. Fiquei me perguntando se o uso dos equipamentos de proteção seriam o suficiente, penso que não. Tive a sensação que eu estava no cenário do livro *Germinal*, escrito por Émile Zola, em 1881, que retrata as péssimas condições de trabalho durante a Revolução Industrial na França. Havia muita poeira, terra e pó de alumínio misturados no ar. Observei um lugar onde os operários trabalhavam com a terra do próprio chão e penso que devem sentir muitas dores lombares devido à posição que ficam. Imagino que quando faz calor eles devem ter a sensação de estar fervendo porque a estrutura do galpão é toda metálica. As máquinas atritam as painéis em construção para cortá-las, o barulho do esmeril em alta velocidade contra o alumínio é ensurdecedor, o que me “presenteou” com uma cefaleia durante o resto do dia. Aliás, era esta a atividade que Lennine desenvolvia quando o encontrei totalmente

concentrado e absorto em sua tarefa. Ele usava equipamentos de proteção como máscara, óculos, luvas e protetores auriculares, usava uma camisa como turbante que descia pelo pescoço até a costas, aparentemente para proteger os cabelos dos resíduos. Lennine me viu somente depois que o toquei, pois era impossível ouvir minha voz. Ao perceber minha presença, a primeira coisa que Lennine fez foi tentar se recompor: vestir a camisa, tirar os equipamentos. Eu solicitei que ele não mudasse sua atitude devido à minha presença (eu já o havia observado sem que ele me notasse), e assim ele continuou. Depois fomos conversar um pouco, com autorização de seu patrão. Vários homens trabalhavam ao seu lado em outras atividades, outros lidavam com o barro no chão como uma parte da produção em série. O mais interessante é que Lennine sempre fala com muito orgulho de seu trabalho e jamais mencionou qualquer situação que lhe causasse desconforto ou dano (Fonte: Diário da pesquisadora).

Lennine se mostrava orgulhoso de seu trabalho que, na concretude era extremamente precário, insalubre, perigoso e fragmentado. Durante as observações, comentava com satisfação que era o braço direito do patrão. Mencionou ainda situações em que os colegas de trabalho tentaram influenciar seu empregador para prejudicar o jovem e este se posicionou dizendo que seria mais fácil demitir qualquer um deles que Lennine.

Os indivíduos alienados se deixam influenciar pelo ponto de vista dos exploradores do trabalho alheio, dado como inevitável. Novamente, pode-se notar a naturalização da precariedade laboral. Na atualidade, alguns tipos de trabalho aparecem quase que exclusivamente como venda de horas ou de mão de obra. As funções, antes de elevada complexidade e que demandavam alto comprometimento e habilidades cognitivas, transformaram-se em tarefas mecânicas, seriadas, que prescindem de muito raciocínio, bastando ao trabalhador saber apertar os botões certos para que as máquinas façam o trabalho quase sozinhas (DAYRELL, 2001; KONDER, 1997; KRAWCZYK, 2014; MARX; ENGELS, 1995).

Muitos jovens trabalham em situações limítrofes, pois eles assumem postos que não exigem qualificação, desenvolvem tarefas e cargas horárias de alta intensidade para as quais nem sempre estão preparados. Além disso, são malremunerados (SILVA, 2014).

O risco do desemprego também é uma realidade que amedronta os jovens e acaba colaborando para permanecerem nos empregos precários, sem a coragem sequer de reivindicar melhores condições. Por outro lado, parece haver certa intimidação para contestar. Nesse sentido, a lógica do dono do capital se mostra hegemônica, pois os indivíduos sentem-se constrangidos de questioná-las como se elas fossem uma verdade absolutamente inquestionável.

Isso é revelador de que o processo de inculcação dos valores do capitalismo/ alienação do trabalhador foi realizado de maneira inequívoca. O capitalista que paga pela mão de obra sente-se no direito não somente de alijar o trabalhador de sua produção, mas também de explorá-lo, usando como ferramentas estratégias psicológicas de medo, humilhações, abuso de poder, intimidações, etc. E o trabalhador sente-se constrangido de requerer seus direitos relativos principalmente ao respeito à sua condição de cidadão, afinal os jovens são legalmente considerados sujeitos de direitos.

No caso de Rita, a menos valia de sua mão de obra é reconhecida pelos empregadores no momento em que lhe fazem uma proposta de aumento salarial para que ela permaneça em seu posto de trabalho.

O sentido de trabalho como luta também é explicitado, assim como o desejo de não repetir as trajetórias laborais de seus pais, as quais eles reconhecem terem sido de muito esforço e dedicação, mas desgastantes e com baixo retorno.

Annita 1º ano, 17 anos : O valor demais, né, a gente dá mais valor às coisas que a gente tá (+) lutando lá, ganhando lá, tá suando pra poder ganhar aquilo. Dá mais valor, cuida mais, zela (Fonte: Oficina).

Luan 1º ano, 16 anos: [...] aproveitar mais a vida, né, porque hoje eu vejo lá em casa a minha mãe aposentou [...], tadinha, já tá cheia das doença lá e não aproveitou quase nada, né (+) ficou só enfurnada lá, trabalhando [...] tipo (+) eu não quero isso pra mim (+) eu já falei, eu quero é:: é crescer, né, ganhar dinheiro e ser feliz /.../ (Fonte: Oficina).

A fala de Luan mostra sua percepção dessa situação desvantajosa e sua intenção de construir uma trajetória mais satisfatória. Todavia, as chances de ascensão sociolaborais para os jovens que já nasceram em situações desfavoráveis parecem ser poucas.

Os participantes observam e vivenciam as desigualdades, mas nem sempre se pode dizer que estejam alienados. A alienação ocorre quando se forma um distanciamento entre o desenvolvimento humano-genérico e as possibilidades de desenvolvimento dos seres humanos, entre a produção humano-genérica e a atuação consciente do indivíduo na mesma. As proporções desse distanciamento são diferentes de acordo com o momento histórico e com o nível de conscientização pessoal, podendo ir da superficialidade ao abismo. A ordenação da cotidianidade tem caráter provocador e dialético que leva o indivíduo a uma ação moral e política, que pode ser também conscientizadora e instigar à luta pela desumanização (HELLER, 2004).

Muitos jovens têm clareza da divisão social do trabalho e que ocupam posições desvantajosas nesse sistema, reflexionam criticamente sobre alguns de seus problemas, encaram-nos e lutam para transformar essa realidade.

Jorge 1º ano, 17 anos: A gente acaba trabalhando e estudando pra essas pessoas que nem ele falou que não trabalha nada e que ganha muito, a gente quer trabalhar e estudar pra virar eles, a gente quer trabalhar e estudar para ser igual a eles no futuro [...] mas eu quero trabalhar, mostrar o meu serviço pra um dia eu poder ser igual ele (+) fazer quase nada e ganhar um salário bom (Fonte: Oficina).

Voz masculina: hoje em dia, né, você trabalha, cê faz uma coisa que você não gosta e ganha pouco, né, pelo que cê faz, às vezes tem até que (+) cê fica olhando (+) a pessoa do outro cargo: “ah, ela não faz quase nada e ganha mil vezes mais do que eu”, tipo assim: cê fica procurando crescer, né, experiência como ele falou, cresceu (+) a cota salarial é altíssima, né? Que é o sonho de todo mundo (Fonte: Oficina).

Na vida cotidiana, as necessidades surgem, individualmente, em forma de desejos ou sonhos; e, coletivamente, como carências que representam as necessidades sociopolíticas, de caráter mais genérico (HELLER, 2004).

Atualmente, os jovens carecem de empregos que lhes possibilitem o desenvolvimento de si mesmos e sonham um dia ocuparem cargos melhores nas instituições. Eles têm mais dificuldades de inserção laboral e mais facilidade de perder seus empregos (ARROYO, 2014).

Na busca do primeiro emprego, os jovens podem ser descartados pela cilada contraditória da experiência: como ainda não conseguiram algum emprego, não têm a experiência exigida para ocupar as vagas no mercado de trabalho.

Paula 2º ano, 19 anos: Mas é o que eu tô falando, eles cobram isso [experiência], eles não querem saber se você precisa de oportunidade, eles querem alguém que faz certo pra eles. [...] É, mas tem o currículo de alguém que já sabe fazer um pouco e tem o seu que ocê não sabe, nunca teve experiência. Qual que vai ser chamado? (Fonte: Oficina).

Túlio 2º ano 17 anos: Essa questão de gente experiente contra não experiente o que a empresa foca hoje nas pessoas experientes (Fonte: Oficina).

Laura 2º ano, 18 anos: Eu acho que hoje em dia o jovem precisa de oportunidade. Tem muita gente aí que não tá empregado, por questão disso de experiência. Porque tem muita gente aí desempregado que se você ensinasse, às vezes a pessoa faz melhor que você (Fonte: Oficina).

A apropriação da linguagem, dos objetos, das regras de usos e costumes, somada ao desenvolvimento da razão prática, dá sentido à vida, possibilitando o desenvolvimento do intelecto que permite ao indivíduo orientar conscientemente suas ações. Essa orientação é mediada pela crítica às instituições que ocorre quando as pessoas se tornam capazes de discernir e avaliar regras e normas em todas as esferas da sociedade (HELLER, 2004; MENDIONDO, 2002).

As dificuldades de inserção laboral negam aos jovens a apropriação das habilidades necessárias à integração ao mundo do trabalho, sem o qual eles terão dificuldades de sobreviver. Essa é uma faceta abjeta do mercado laboral para as juventudes que requerem solução urgente.

Quando já estão empregados, os jovens criticam as incoerências do mercado laboral que lhes imprimem a sensação de exploração e injustiça.

Paula 2º ano, 19 anos: [...] Estou revoltada porque são duas pessoas na contábil da empresa, e tudo que é digitação que tem que ficar pronta rápida acaba sobrando pra mim porque a outra sempre diz que está muito apertada de serviço. Isso não quer dizer que eu não esteja, também tenho minhas empresas pra digitar, não é só porque não reclamo de muito serviço que queria dizer que tenho pouco não. Acho que a partir de agora vou ter que ficar comentando com os outros que estou apertada e cheia de trabalho só pra ver se param de enfiar empresas que não são minhas pra eu digitar. Ou então, aumentar o meu salário, né? Isso eles não querem não, mas aumentar o serviço, aí sim.

Isso pode.... não quero nem saber do problema que eles têm, vou digitar as minhas empresas e não vou pegar nenhuma além porque... quando fui contratada, não me disseram que eu teria que fazer serviço de duas pra outra funcionária ficar o dia inteiro à toa, mexendo no celular escondida (DESABAFEI) (Fonte: Diário de Paula, p. 24).

É urgente que se estabeleçam mudanças na conformação dos empregos disponíveis para as juventudes na tentativa de se aproximar do trabalho decente para as juventudes (OIT, 2015). Mais uma vez é preciso lembrar que eles são sujeitos de direitos e tais reivindicações são legítimas e apropriadas.

Economicamente justifica-se tal preocupação pela constatação de que os jovens apenas iniciam uma jornada laboral que tende a se estender por longos anos. A produtividade dessa trajetória dependerá de diversos fatores relacionados a uma miríade de fatores que vão desde qualificação e escolaridade até qualidade de saúde e vida, as quais se definem ao longo de uma vida inteira e não somente no momento da aposentadoria.

Capítulo 2 - O lugar da escola para os jovens trabalhadores

Ao falar da sobreposição de juventude-trabalho-estudo, reporta-se a uma tríade. É importante frisar que embora sejam três os aspectos que a compõem, a imagem que se procura ressaltar é a do círculo formado pelo malabarista ao equilibrar objetos no ar usando suas habilidades de equilibrista. Da mesma forma o fazem os jovens na difícil tentativa de conciliar esses três papéis sociais, pois a vivência dos mesmos é simultânea e não devem dar a ideia de um triângulo, como se a cada momento ele vivesse apenas um deles.

O acompanhamento do cotidiano dos cinco jovens evidenciou que, para os participantes, a juventude tem sido um tempo de muito trabalho e peripécias para conciliar a vida estudantil e laboral com as demais dimensões da condição juvenil.

PAULA 2º ANO: [...] minha mesa tá uma pilha de papéis, quase não dá pra me ver atrás dela, mas logo tudo se estabelece novamente! Também está começando a semana de provas na escola, e aí acabo querendo dar uma lida nas matérias no horário de almoço, fazer revisões, aí vêm também os trabalhos que não são poucos, foram todos marcados agora para o final do mês, e associar emprego com escola, com namorado e ainda com trabalho em casa, não é fácil (Fonte: Diário de Paula).

RENATO 1º ano: Meu tempo é corrido, cada minuto é importante [...]. Eu namoro, mas com essa correria não sobra muito tempo para namorar, mas tudo tem um jeitinho, vejo ela todos os dias de manhã na porta da faculdade dela, só 10 minutos antes de ir trabalhar e fico com ela final de semana (Fonte: Diário de Renato).

Rita 2º ano, 17 anos: Nossa, nem acredito, SEGUNDA e essa paz [feriado]! Acordei 6:00 pra ir na autoescola. Fiquei até 12:00. Fui em casa, almocei, dormi e fui na casa do meu pai. Fiquei lá [desenho de coração]. [...] Depois eu voltei pra autoescola 18:00 e saí de lá às 20:00. Fui pra minha casa, minha amiga foi pra lá também, ficamos conversando e depois dormimos (Fonte: Diário de Rita p. 19).

Os três componentes da tríade ocupam espaços de relevância na vida desses jovens. Eles utilizam muitas estratégias para conciliá-los e a própria sobreposição do trabalho e estudo é uma manobra para atingir seus objetivos.

Liah 3º ano, 17 anos: Eu trabalho e estudo porque eu quero conquistar os meus objetivos, ou seja, as minhas metas, as minhas metas vêm além de trabalhar, têm a ver também junto com o estudo, porque com o trabalho e com o estudo é onde que vai chegar até a faculdade e a gente vai conquistar... (Fonte: Oficina).

Para alguns participantes, o fato de trabalhar e conhecer um pouco mais sobre a realidade do mundo do trabalho reforça sua vontade e empenho em estudar, porque eles sabem que a qualificação/ escolarização é um dos pré-requisitos para se ingressar e se manter no mercado laboral.

Por outro lado, muitos jovens deparam-se com um ponto de tensão: eles precisam trabalhar para suprir suas necessidades, a escolaridade é imprescindível para sua qualificação e melhoria da empregabilidade e das condições de trabalho, mas eles têm que dividir seu tempo, sua energia e todos os demais investimentos, já limitados e/ou escassos, entre os dois. Embora o trabalho e a escola sejam constitutivos das vivências juvenis e ambos mantenham importância recíproca, ou seja, eles se retroalimentam, para a maioria dos participantes essas duas esferas são também concorrentes, revelando mais uma contradição.

Ana Carolina 1º ano, 18 anos: Tem gente que até larga os estudos por conta do trabalho. [...] eu falo por experiência própria [...] (Fonte: Oficina).

Raul 2º ano 18 anos: Às vezes tipo cê estuda muito, claro que estudar é importante, mas às vezes, cê fica muito no estudo, mas às vezes cê estuda até tarde e no serviço cê não consegue trabalhar direito. [...] às vezes, o trabalho prejudica o estudo, tipo (+) cê só trabalha e deixa de estudar aí prejudica a escola (Fonte: Oficina).

Jorge 2º ano 17 anos: [...] eu até conheço muita gente que o pai ou a mãe não deixa trabalhar porque acha que o trabalho vai prejudicar o estudo (Fonte: Oficina).

Nessas situações, os jovens precisam fazer escolhas, hierarquizar suas necessidades cotidianas para priorizar e administrar as perdas e os ganhos. Em alguns casos, a única opção que parece viável é a construção de trajetórias irregulares, tanto no trabalho quanto no estudo. Mediante a necessidade de optar pelo trabalho ou o estudo, os jovens arcam com perdas inevitáveis, as quais podem colaborar para a manutenção do ciclo de pobreza no qual estão inseridos. Destaca-se o déficit de aprendizado escolar.

Ressalta-se que não é pretensão deste trabalho oferecer “fórmulas” nem propostas para o ensino médio, tanto por extrapolar os limites desta pesquisa quanto por reconhecermos que não temos as credenciais necessárias para isso.

Apenas acreditamos que tais achados podem colaborar para incitar à reflexão sobre as possibilidades de mudanças nesse sentido.

Algumas expectativas que os participantes têm em relação à escola coadunam com as finalidades previstas para o ensino médio nas Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN). Nessas DCNs constam o ensino de fundamentos científico-tecnológicos, a preparação básica para o trabalho e a cidadania, o aprimoramento do educando como pessoa humana, a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico (BRASIL, 2013c).

No sistema escolar clássico, homogeneizante e normativo, cumpria aos jovens introjetar uma disciplina escolar e investir em uma aprendizagem de conhecimentos. Com o gradual declínio desse sistema, a relação jovem-escola transformou-se: a interação entre os pares nessa instituição tornou-se mais importante que o cumprimento das normas escolares. A popularização e o caráter obrigatório do ensino médio cooperaram para esse processo na medida em que incluíram os pobres filhos da classe operária moradores das periferias, deixando de ser um lugar exclusivo das elites que se preparavam para ingressar na universidade (CORTI, 2014; DAYRELL, 2007; KRAWCZYK, 2014).

Desde então, a escola é um espaço privilegiado para a vivência de algumas dimensões importantes da juventude, configurando-se duplamente como lugar para aprendizagem formal e de aprendizagem pela socialização, incluindo alguns momentos de descontração.

Durante o recreio escolar presenciamos os jovens se alimentando da merenda escolar, que é gratuita, e conversando com os colegas. Em alguns momentos eles cantaram e tocaram violão, mas informaram que essa atividade é atípica (Fonte: Diário da pesquisadora).

Segundo Amaral e Nunes (2011, p. 16), “recrear é criar de novo, basicamente criar algo que anima a vida, alegre e faz bem a todos [...] na recreação, você é o agente, é quem faz e assim se alegra e se renova”.

A escola é receptáculo de muitas expectativas de interação entre os jovens, talvez até por carência de tempo disponível para encontros com outros jovens, infraestrutura e espaços de fruição e lazer nos demais ambientes onde os eles circulam cotidianamente.

Marisa 2º ano, 18 anos: Quando você quer encontrar com uma pessoa, não sei (+) liga pro seu celular ou então você vai na escola e a pessoa tá lá, aí cê combina uma coisa pro final de semana e aí daquilo ali também outros amigos da pessoa e já vai. Às vezes já flui mais (+) mais naturalmente [...] encontrar um amigo no final do serviço: “oi, vamos juntos pra escola?” Aquilo ali já é uma diversão (Fonte: Oficina).

Fiuk 1º ano, 16 anos: A gente usa a escola como um dos lazeres (Fonte: Oficina).

Rita 2º ano, 17 anos: Na escola hoje foi tudo bem. Hoje a escola está fazendo sei lá quantos anos, então, teve apresentação da fanfarra, a merenda foi cachorro-quente e a aula terminou mais cedo (Fonte: Diário de Rita, p. 32).

O cotidiano dos jovens na escola mostra-se como um espaço complexo de interações, no qual ferve uma diversidade de identidades que se distinguem também por estilos marcantes, os quais podem contrastar com aqueles grupos que os jovens formam extramuros escolares. Isso colabora para aprendizagens diversas, inclusive para conviver e respeitar as diferenças.

Michel 3º ano, 18 anos: Na escola é uma união de todas as tribos, a gente não sabe quem vai entrar na nossa sala, então, às vezes, entra uma pessoa que tem os mesmo conceitos que a gente, mas às vezes uma que tem totalmente diferente (Fonte: Oficina).

A heterogeneidade é uma das características do cotidiano que expressam como os indivíduos pensam, agem, relacionam-se na vida em sociedade. Num contexto repleto de heterogeneidades como a escola, é preciso reconhecer a existência de conflitos que perpassam o cotidiano escolar, mas que também fazem parte da construção da condição juvenil.

Rita 2º ano, 17 anos: [...] hoje na escola só escutei amolação. Tem um menino lá que, só por Deus, não me dá sossego; e tem uma outra lá que inferniza: (Fonte: Diário de Rita, p. 26).

Apesar dos conflitos, há alegrias que só são vivenciadas no âmbito escolar, como mostra Rita:

Rita 2º ano, 17 anos: [...] na quarta-feira eu ganhei um bombom da Elza, minha professora de Matemática. Em uma prova que fiz dela valendo 10,00 pontos eu tirei 9,75 pontos!!! Fiquei feliz, mas não fiquei surpresa. Não é me gabando, mas em matérias exatas eu sempre fui boa, aliás, amo Matemática (Fonte: Diário de Rita, p. 16).

Os jovens buscam fazer da escola um momento prazeroso, encontrando amigos, trocando ideias e experiências, mas também a utilizam como meio de se prepararem para as exigências da vida. Eles enfrentam cotidianamente o desafio de vivenciarem a tríade numa tensão constante entre a busca por suprir as necessidades imediatas (de manutenção da vida) e a construção de um possível projeto que se torne exequível.

Versilo 1º ano, 17 anos: [eu estudo porque] porque eu pretendo fazer uma faculdade (Fonte: Oficina).

Jorge 2º ano 17 anos: [Eu estudo porque...] aqui, oh, eu dei o exemplo do Einstein, porque ele busca pelo conhecimento porque tipo assim, quanto mais você aprende, melhor pro você, você vai saber mais. Aí é sempre bom buscar o conhecimento (Fonte: Oficina).

Marisa 2º ano, 18 anos: Porque a sabedoria move o mundo, [...] eu estudo pra crescer (Fonte: Oficina).

Há uma conexão entre construção identitária, condição juvenil e projetos de vida ou futuro, aqui tratados como sinônimos. A formação da identidade é constitutiva da condição juvenil, sendo um processo individual, reflexivo, influenciado pelas vivências pessoais e mediado pela necessidade de autonomia. Projetar o futuro não é exclusividade, mas é próprio das juventudes, demandando análise e integração do vivido, do que se pretende viver e do campo de possibilidades para ser realizável (NONATO, 2013; WELLER, 2014).

Os participantes demonstraram que os estudos são uma das estratégias para a consecução de seus projetos de futuro. Nesse sentido, a escola assume papel mais instrumental que formativo, é um meio para entrar na faculdade, qualificar-se, conseguir um bom trabalho e proporcionar melhor posição social.

Leonardo 3º ano, 17 anos: E também eu pus outra frase aqui que é a fórmula para o sucesso porque, hoje em dia, tipo assim, tem exceções, mas o estudo ele abre muitas portas... qualquer pessoa que tem estudo, COM CERTEZA vai garantir muito futuro pra frente (Fonte: Oficina).

Laura 2º ano, 18 anos: A minha vontade de formar em Biologia e ser uma professora em faculdade. Eu vou trabalhar menos do que eu trabalho hoje e vou ganhar muito mais [...] (Fonte: Oficina).

Annita 1º ano, 17 anos: [...] eu quero pegar o meu diploma, ser reconhecida por isso, como a famosa. E ajudar várias pessoas. Com a ciência Mecatrônica eu posso ajudar várias pessoas em questão disso e eu quero ser reconhecida (Fonte: Oficina).

Os jovens revelam altíssimas expectativas quanto aos benefícios da escolaridade: tornar-se famosa, ser um professor que trabalha menos e ganha muito mais e a certeza de que ela garantiria o futuro.

Todavia, o que foi válido no passado, hoje pode não ser mais. Vivemos mais na incerteza e na probabilidade do que podemos acreditar em garantias. Por outro lado, é preciso ter esperança no futuro para ter forças de continuar fazendo o que se faz, do contrário, a vida poderia se esvaír de sentidos.

O reconhecimento da baixa qualidade do ensino público está presente nas discussões atuais e parece apoiar o questionamento se ele tem preparado os alunos para competir para uma vaga na universidade ou no mercado de trabalho.

Por essa perspectiva, parece haver um distanciamento entre algumas expectativas dos jovens pobres em relação à escola no tocante aos seus projetos de futuro e o campo de possibilidades que compõem a estruturação de tais projetos. Essas possibilidades estão intimamente relacionadas a fatores políticos, econômicos e sociais.

Ainda assim, a escola é a principal esperança dos jovens de mudar suas condições de vida, vislumbrando possibilidades de fazer o que se faz com prazer, por meio de satisfação pessoal/profissional e retorno financeiro.

Jammil 1º ano, 18 anos: [eu estudo para] pra ter um futuro melhor e um emprego bom. [...] emprego bom é (+) [...] cê ter um salário bom (+) cê faz o que cê gosta (+) cê tem prazer de trabalhar naquilo, uai (Fonte: Oficina).

Cláudia 3º ano, 17 anos: Eu quero conseguir as minhas coisas, não é só cosméticos essas coisas aqui não, eu quero, eu tenho planos pro ano que vem que eu vou me formar e tal, então eu trabalho pra conseguir o dinheiro pra isso. Eu estudo porque... [...] eu acho que essa é a única forma da gente ter sucesso na vida e conseguir o que a gente quer [...] o meu sonho é um dia ganhar dinheiro com o que eu gosto mesmo, que é a arte (Fonte: Oficina).

Não obstante todos os óbices encontrados, os participantes planejam ingressar em uma universidade. Alguns estão conscientes de que os estudos não lhes garantirão melhores postos de trabalho, mas que sem escolaridade as chances de alcançá-los são praticamente nulas. No movimento histórico, nas contradições do mundo real é que o ser social apropria-se de sua realidade, tornando-se consciente da mesma.

Paula 2º ano, 19 anos: E eu estudo para ter um trabalho melhor, então, eu acho que se você não estudar hoje, você não vai conseguir nada, emprego de um salário mínimo não leva ninguém a nada, não (Fonte: Oficina).

Ludmila 2º ano 18 anos: Até pro cê arrumar emprego cê tem que ter terceiro (+) ensino médio completo. Até pra ser gari agora, né? (Fonte: Oficina).

As atuais demandas mercado de trabalho exigem muito além de qualificação e nem sempre o “ter um diploma” garante melhores postos ou melhores condições de trabalho ou salários, embora muitas vezes ainda represente as credenciais mínimas para empregabilidade (CORROCHANO, 2014; KRAWCZYK, 2014; LEÃO; NONATO, 2012; RIBEIRO, 2011).

Laura 2º ano, 18 anos: Tem muito pedreiro aí que (+) teve só, estudou só até a quinta série que constrói casa que muito engenheiro, que constrói casa assim (+) só de olhar ele vai e faz, não teve o estudo que um engenheiro teve, entendeu? Eu acho que cada um tem um valor só que hoje em dia o estudo tá sendo muito focado mesmo (Fonte: Oficina).

Nando 2º ano, 16 anos: Cê não vai aprender a trabalhar na faculdade, cê vai aprender a teoria e como que faz pra você aplicar no seu trabalho, mas trabalhar mesmo, é no trabalho (Fonte: Oficina).

No mundo do trabalho capitalista é impossível “estabelecer uma relação estreita e linear entre mais escolaridade e inserção no mercado, uma vez que a distribuição dos empregos se realiza de modo seletivo e por meio de mecanismos que vão muito além da formação” (CORROCHANO, 2014, p. 210). Essas realidades são percebidas pelos jovens e explicitadas em suas falas:

Vanessa 2º ano, 17 anos [...] hoje em dia tem gente que é formado e ganha menos que eu (Fonte: Oficina).

Nando 2º ano, 16 anos: Não, uai, eu acho que (+) vamos supor, ultimamente só de você ter uma faculdade, é:: ultimamente tá muito

difícil. Não quer dizer que cê vai ter uma faculdade que cê vai ter uma pós aí que cê vai ser milionário. Eu acho que isso aí é muita ilusão de quem faz. [...] Isso aí é muito relativo (Fonte: Oficina).

Fica claro que os participantes se preocupam com as exigências do mercado de trabalho para as juventudes, valorizam a formação escolar e lutam para se manter na escola, seja por seu valor formativo ou instrumental. Mas não deixam de direcionar suas críticas ao sistema escolar:



Fonte: Diário de Luka, p. 8.

Na *charge* que Luka livremente anexou em seu diário e no comentário que se segue, ele expressa bem a criticidade e a capacidade do jovem em se posicionar mediante uma questão que se interpõe às suas expectativas:

Luka 2º ano, 18 anos – [imagem *charge* - professor para o aluno: você entendeu como se resolve essa equação? Aluno para o professor: agora me ensine como resolver problemas reais que vão surgir na minha vida futuramente! Professor: nada disso! Agora vamos aprender geometria, trigonometria, analítica aplicada). Me pergunto isso todos os dias, por quê? (Fonte: Diário de Luka).

Nota-se nessa fala uma crítica importante que tem sido também um desafio para educadores e poder público: oferecer uma escola que comporte uma dinâmica de aprendizagem condizente com o mundo contemporâneo para toda a população (KRAWCZYK, 2014).

A dinamicidade da vida contemporânea exige constantes mudanças e readaptações de todos os setores sociais. A escola também está num constante processo de mudanças buscando se adaptar às exigências da vida concreta. No

entanto, parece que o ensino, marcadamente o público, não consegue acompanhar a velocidade das inovações tecnológicas, nem das transformações que ocorrem na vida cotidiana. Ele não atende às necessidades de formação dos jovens de classes populares.

Durante a fase exploratória desta pesquisa, estivemos presentes no laboratório de informática da EEDAV.

Em princípio, pensei em coletar os dados do questionário nos computadores da escola, mas fui informada da impossibilidade técnica disso. Embora não tenha ficado claro para mim os motivos, não me senti em condições de questionar, pois minha situação de “intrusa” era frágil. Porém, nas conversas com os jovens, isto foi se tornando mais claro. Eles me informaram que o acesso ao laboratório era super-restrito, que as máquinas eram ultrapassadas e alguns ainda informaram que nunca haviam estado lá (Fonte: Diário da pesquisadora).

O espaço escolar poderia se tornar mais atrativo e interessante para os estudantes se a escola propusesse ou se tivesse mais meios de falar a linguagem deles. Considerando que as tecnologias captam a atenção dos jovens instantaneamente, a abordagem dos conteúdos curriculares seria mais eficaz, significativa e até sedutora se se aproximasse dos modos de vida juvenis, de seus anseios e interesses.

Os jovens reivindicam uma escola menos restrita aos muros escolares, papéis, canetas e cadeiras. Para tanto, é preciso que a escola e a sociedade compreendam a realidade cotidiana dos alunos, estejam atentas às suas necessidades e carências, se abram ao mundo real e concreto dos mesmos. Sabe-se que, para tanto, é preciso uma mudança profunda no sistema escolar público, o que demanda muito empenho político e tempo, mas enquanto isso não for possível, que pelo menos as especificidades dos jovens sejam respeitadas.

Rita 2º ano, 17 anos: [...] fui pra escola, fiz prova de BIO, não deu pra estudar em casa, trabalho o conteúdo que iria cair, mas quem estuda à noite tem obrigação de estudar em sala já que “não tem tempo” entre aspas, porque eu já ouvi professor perguntar pra aluno: “o que você faz de meia-noite às 6:00?” E o aluno responder que dorme. Então, o professor fala: “Deixa de dormir”, quer dizer que tempo tem. Mas tem que saber separar. Daí fiz a prova não sei se me saí bem (Fonte: Diário de Rita, p. 22).

Rita critica a postura do professor que ironiza o estudante que trabalha o dia inteiro e precisa reinventar o cotidiano para dar conta das exigências escolares. Os comportamentos, regras, usos e costumes, assim como os hábitos, são normas que informam como se deve agir em diferentes níveis de complexidade na sociedade. Essas normas sustentam um sistema ideológico, tendo em vista que mantêm os valores da sociedade regidos por interesses múltiplos, muitas vezes mediados por uma relação de dominação e submissão.

Ao questionar a postura do professor em relação ao colega, Rita se posiciona em relação ao sistema de valores escolares e também da sociedade que, talvez hoje em menor grau, reconhece no professor uma autoridade frente aos alunos. A fala do professor mostra a negação do jovem como sujeito de direitos e de suas necessidades legítimas.

O fato de permanecerem apenas 187 alunos assíduos no momento da pesquisa, em relação aos 334 matriculados, pode ser entendido como um reflexo de que a escola não está preparada para atender às necessidades da condição do jovem que trabalha em período integral e frequenta o ensino médio noturno.

Faz-se necessária a construção de novos caminhos para que a escola noturna, que recebe alunos trabalhadores, possa lidar melhor com as especificidades desses sujeitos. Trata-se de melhor adequação à condição juvenil dos mesmos, pois eles formam uma juventude diferente daquela à qual pertence o corpo discente de outros turnos e/ou que não desenvolve um trabalho tão intenso e de longa jornada.

Rita 2º ano, 17 anos: [...] depois que comecei a trabalhar o dia todo, o meu FDS [fim de semana] está se resumindo a dormir, não estou tendo tempo pra nada. Ainda tenho que me dedicar aos estudos porque as provas estão aí e é meu último ano (Fonte: Diário de Rita, p. 6).

A escola tornou-se pré-requisito para competir por uma vaga, seja na universidade ou no mercado laboral, reforçando cada vez mais sua importância. Em alguns momentos, percebe-se uma incoerência ou inversão de valores em relação ao papel escolar.

Vivemos em uma sociedade cujas necessidades não são plenamente satisfeitas (MAFRA, 2010) e os jovens demonstram sua insatisfação com a escola. Além da função instrumental, eles esperam que a escola seja mais aberta para sua tripla condição de jovem, trabalhador e estudante.

Os participantes reivindicam uma adaptação escolar às suas necessidades e especificidades, que considere seu cotidiano atribulado e a escassez de seu tempo, sem desqualificar o ensino.

Resta saber até que ponto a escola, no conjunto das políticas públicas, seria capaz de responder a tamanhas expectativas considerando-se também suas limitações em termos de objetivos e suas possibilidades, muitas vezes castradas por políticas públicas insuficientes e infraestrutura pouco favoráveis às mudanças que se fazem necessárias.

Capítulo 3 - O tempo e a vivência da condição juvenil no cotidiano dos jovens que trabalham e estudam

Em toda atividade humana imbricam-se fatores de diversas ordens e interesses múltiplos. A vida cotidiana comporta muitas características que expressam pensamentos, ações e inter-relações, todas marcadas pela heterogeneidade, hierarquia, repetição, economicismo, etc. Na cotidianidade revelam-se questões pessoais, coletivas, sociais, psicológicas, emocionais, transcendentais, financeiras, econômicas e políticas (HELLER, 2004).

Levar tais aspectos em conta quando se trata de analisar e descrever o cotidiano dos jovens pode colaborar para o entendimento de como eles elaboram a vivência da tríade em questão e as estratégias que usam para colocar na ordem do dia suas necessidades hierarquizadas.

A atualidade é marcada por transformações rápidas e a relação do homem com o tempo mudou em razão disso. A escassez desse recurso foi tema transversal e recorrente nos diferentes momentos de pesquisa. Praticamente todos os aspectos discutidos nas oficinas remetiam novamente a esse assunto como algo problemático que gera incômodo e origina frustrações diversas, do qual é preciso falar para elaborar mentalmente.

Após a industrialização, o tempo passa a ser rigidamente controlado em função de produtividade. Não se vende mais um produto da natureza transformada pelo trabalhador e sim o tempo desse sujeito. As características das sociedades pós-industriais, principalmente no que se refere ao tempo, e seus reflexos na construção das identidades reverberam diretamente nas vivências juvenis (SCHWERTNER; FISCHER, 2012)

A multiplicidade de atividades a serem desenvolvidas em um tempo escasso aumenta a percepção da efemeridade temporal e leva as pessoas à busca de fazer valer o momento. Nota-se, nas falas, tanto o desejo de viver intensamente a juventude quanto a consciência da brevidade da mesma. Isso parece gerar uma

inquietação, uma ansiedade em aproveitar ao máximo essa fase única da vida, enquanto é possível.

A juventude é um período de importantes projetos, mas o jovem é também um sujeito do presente que constrói uma identidade num momento privilegiado de aprendizagens e experimentações propícias ao amadurecimento.

Alguns participantes afirmam estarem abdicando do presente e de algumas vivências juvenis em função de se preparar o futuro:

Lennine 2º ano, 17 anos : Eu, por exemplo, abri mão da juventude pra eu ter um futuro melhor pra mim. Estudar e trabalhar/.../ [...] (Fonte: Oficina).

Michel 3º ano, 18 anos: É igual eles falam: “provar o amargo agora pra provar o doce mais na frente” (Fonte: Oficina).

Considerando-se a instabilidade do mundo contemporâneo, essa é uma decisão de risco, pois não há garantias de que os sacrifícios tragam as recompensas esperadas. Projetar o futuro sem renunciar ao presente pode conferir mais leveza ao momento vivido, inclusive com renovação de energias em momentos de lazer e fruição (BRUNET; PIZZI, 2013).

O fator tempo esteve fortemente presente em todos os momentos desta pesquisa como uma necessidade insatisfeita. As exigências cada vez mais acentuadas de produtividade levam o homem contemporâneo a desenvolver atividades além do que é possível para a qualidade tanto do produto de seu trabalho quanto de sua própria vida, no tempo de que se dispõe:



Fonte: Diário de Luka, p. 4.

Luka 2º ano, 18 anos: Essa imagem representa minha vida. Vivo correndo contra o tempo (Fonte: Diário de Luka, p. 4).

Vanessa 2º ano, 17 anos: Cê não tem tempo no dia a dia pra bater um papo com seu amigo que não estuda com você, que mora longe, entendeu? (Fonte: Oficina).

Os participantes mostraram que a articulação do ensino médio noturno e de trabalho em horário integral lhes inflige sacrifícios, principalmente relacionadas ao cansaço e à escassez de tempo. Seu cotidiano é atribulado e as rotinas intensas, gerando perdas para a vivência de determinadas dimensões da condição juvenil.

Paula 2º ano, 19 anos: [...] Acho que nem se no fim de semana uma hora valesse por duas, não daria tempo de fazer tudo o que eu queria (Fonte: Diário de Paula, p. 19).

Evidenciam-se tais prejuízos quando os participantes falam sobre como e onde eles usufruem seu tempo e satisfazem, ou não, suas necessidades e carências.

Eles citam o horário de almoço como tempo livre e o aproveitam para fazer outras atividades como serviços de cartório, autoescola, consultas, esportes, etc., perdendo a oportunidade de descanso, também necessário.

Luan 1º ano, 16 anos: [...] pessoa que gosta de fazer academia, às vezes não pode fazer de manhã nem de tarde [...], sobra só o horário, o tempo do horário de almoço ou mais tarde só que não tem como, porque tal não pode. Aí, às vezes, larga mesmo ou também (+) tenta ir antes do serviço igual eu tava fazendo [...] (Fonte: Oficina).

Paula 2º ano, 19 anos: Recebi três ligações importantes hoje [...] uma foi do cartório [...] estou resolvendo uns problemas do meu namorado [...] Fico superfeliz de resolver isso pra ele, gosto de ser prestativa, e mesmo com o tempo todo apertado ainda consegui correr atrás disso e agora estou com aquela sensação de dever cumprido (p. 12). Sabe aquela sensação de dever cumprido?! É assim que estou me sentindo hoje, sabendo que não terei mais que ir fazer aulas de direção, que agora eu tenho meu horário de almoço todinho livre pra fazer o que eu quiser, sem correria, sem pedir ninguém pra resolver mais nada pra mim, é como se tivesse me devolvido a minha independência! (Fonte: Diário de Paula, p. 3).

A sobrecarga de tarefas impossibilita, às vezes, a satisfação de algumas necessidades cotidianas que são essenciais para reconstituir as energias. Isso pode gerar desgastes físicos e mentais, com impacto negativo na qualidade de vida do trabalhador.

Na vida cotidiana, as interfaces entre trabalho e lazer estão cada vez mais tênues e nem sempre o trabalho está em oposição ao lazer. Os jovens transformam um contexto de trabalho que se mostra necessário em situações aprazíveis e de socialização. Tais situações conferem mais leveza ao cotidiano e colaboram para a sensação de bem-estar das pessoas, pois é no ambiente laboral que esses trabalhadores passam considerável parcela de seus dias.

Annita 1º ano, 17 anos: é (+) de vez em quando a gente esquece do profissionalismo, [...] do trabalho e quer descontrair, mas tem hora que o patrão pega, puxa um pouquinho o profissionalismo: “Não, amizade não, é só colega de trabalho” [...] (Fonte: Oficina).

Fiuk 1º ano, 16 anos: Porque no nosso serviço a gente:: acaba criando amizade, aí no serviço a gente descontra um pouco, sabe? Não é aquela coisa cansativa, só do serviço: trabalhar, trabalhar, trabalhar. A gente acha um tempo (+) para tirar um pouco o cargo de serviço e ter amizade dentro do serviço (Fonte: Oficina).

Embora nenhum tempo seja totalmente isento de coerções e controle na vida cotidiana, há momentos nos quais gozamos de mais liberdade na escolha de nossas ações. Tais situações são mais visíveis quando não há exigências de horários nem pontualidade e as atividades são regidas pela aleatoriedade, concentrando-se mais na socialização, na busca do prazer e da fruição.

Fora do trabalho e da escola, os participantes vivenciam com mais liberdade importantes aspectos próprios da juventude. O tempo livre é crucial para a vivência da condição juvenil.

Renato 2º ano, 18 anos: Meus finais de semana são bons. Eu estudo, saio à noite, vou à igreja, não saio muito com amigos, sou mais família (Fonte: Diário de Renato, p. 5).

Paula 2º ano, 19 anos: Finalmente sexta-feira. Eu espero ansiosa todos os dias da semana até chegar a sexta, eu trabalho mais feliz, com mais pique, com mais disposição, sabendo que amanhã vou poder dormir até o meio-dia. Só que não! Porque vou acordar cedo, ir para a roça com a minha família, mas não tem problema, quando chegar lá eu durmo, não tem nada melhor que dormir! (p. 4). Como passa rápido o final de semana, já é domingo e agora amanhã já tenho que levantar cedo de novo (p. 5) (Fonte: Diário de Paula).

Rita 2º ano, 17 anos: Hoje vai ter cavalgada da Sucesso [rádio], irei com minhas amigas, depois conto como foi... Cheguei agora, 00:00 em ponto.

Tava muito boa. Como sempre comi bastante, amo quando tem queima do alho é comida a rodo que eles fazem. Vou dormir porque tô muito cansada (Fonte: Diário de Rita, p. 9).

13/03/2015 Encontrei-me com Lennine no Pastelão. Para minha grata surpresa ele tinha convidado uma amiga para participar do encontro conosco. Esses jovens maravilhosos sempre a me surpreender. Eles me contaram que às sextas-feiras a aula termina 20:50 e ele vai com alguns amigos para a praça do Santuário e ficam lá batendo papo, depois vão para a casa caminhando. Pedi para participar desses encontros pelo menos durante 15 minutos e ele disse que sim. A amiga afirma que Lennine tem muitas amizades femininas porque reúne muitas qualidades que as meninas procuram em amigos, como ela encontrou nele: fidelidade, confiabilidade, sabe entender os problemas e guardá-los consigo, é simples, inteligente e NERD. Embora pareça retraído, ele conversa tranquilamente e começo a mudar minhas primeiras impressões a seu respeito. O encontro foi rico e agradável. Gostei muito (Fonte: Diário da pesquisadora).

Os jovens precisam também ocupar apreciável parte de seu tempo livre da escola e do trabalho para responder às demandas escolares extraclasse e necessidades cotidianas como alimentação, higiene pessoal, repouso, sono.

Paula 2º ano, 19 anos: [sábado] são 14:00 e agora que terminei de almoçar, fiquei a manhã inteira fazendo o trabalho de História, acordei às 8:00 [...]. só quando começamos o filme tivemos a curiosidade de ver a duração, não acreditei quando vi: 3 horas e 17 minutos de filme [...] Fizemos uma parada para o lanche, depois terminamos o filme e passamos o resumo a limpo, já era quase 13:00 da tarde quando terminamos. [...] Fui devolver o filme, cheguei, comi e agora vou tomar um banho rápido porque o meu namorado já está vindo para cá (Fonte: Diário de Paula, p. 8).

Jorge 1º ano, 17 anos: Não, é muito cansativo, cê trabalha o dia inteiro e cê fica na escola até 10:30, chega em casa vai tomar banho, vai jantar... aí cê... aí cê vai dormir lá pela 11:30, meia-noite e no outro dia já tem que acordar às 6:00 da manhã pra trabalhar de novo... é muito cansativo isso (Fonte: Oficina).

Fiuk 1º ano, 16 anos: Ou você opta por chegar em casa e tomar banho ou comer. Um dos dois, ou você toma banho ou você come. é porque tem gente que sai do serviço seis horas, tem que entrar aqui é seis e meia [...]. Aí cê tem que chegar em casa só tomar um banho, porque (+) ir todo sujo não dá e ir direto não dá tempo pra comer nada. Chega na sala, tem professor que não libera comida (Fonte: Oficina).

Muitos participantes moram na periferia da cidade e, frequentemente, deslocam distâncias consideráveis para acessar alguns serviços administrativos, a própria escola e o local de trabalho.

A grande maioria desses jovens usa o transporte público coletivo, que é lento, com horários restritos e percorrem grandes trajetos. Essas condições acabam por restringir ainda mais o tempo que esses jovens teriam para si mesmos.

Lenine 2º ano, 17 anos: é:: [tempo gasto no transporte] nos quatro ônibus? Uma hora e meia mais ou menos. É puxado, viu? (Fonte: Oficina).

Thiago 2º ano, 17 anos: De vez em quando não dá pra chegar no primeiro horário. [...] Tem vez que eu perco o ônibus e chego atrasado (+). [...] é porque tem hora que garra, né, aí tem que chegar um pouquinho mais tarde [...] é, aí cê vai e perde tempo e chega atrasado (Fonte: Oficina).

Na impossibilidade de reservar um tempo e ter o espaço adequado para as atividades que eles gostariam de praticar, como lazer ou fruição, os participantes ponderam sobre a importância do que está em jogo e fazem escolhas. Nesse jogo, eles procuram estarem presentes no exercício considerado mais relevante naquele momento, levando-se em conta as perdas e os ganhos, ou seja, eles hierarquizam seus pensamentos, ações e necessidades.

Os participantes estão cientes de que sua condição de jovens, trabalhadores e estudantes é geradora de algumas perdas inevitáveis, então, elaboram estratégias para minimizá-las. Eles abrem fendas em seu cotidiano atribulado para a vivência de algumas questões relacionadas às culturas juvenis, mas poucas vezes conseguem dar seguimento a tal propósito. As exigências de tempo relacionadas às necessidades de sobrevivência são maiores e frequentemente acabam por frustrar tais estratégias.

Annita 1º ano, 17 anos: Eu também tava fazendo academia também, só que eu passei um mês só porque eu não tava aguentando. Acordava seis horas, seis e meia tava na academia, saía oito e (+) ia pra trabalhar, ia pra minha casa, tomava um banho, ia trabalhar, chegava em casa só onze da noite. Essa rotina tava desgastante e no final de semana, não tinha mais energia pra gastar, tipo pra poder passear (+) curtir tipo um teatro, um cinema (+) não tem mais tempo. E cansaço (+) TOTALMENTE (+) tomando conta da gente, e não tem como, é:: desgasta muito não tem como fazer mais nada (Fonte: Oficina).

Todavia, algumas dessas estratégias lhes possibilitam vivenciar aspectos importantes da condição juvenil, mesmo que circunscritos pelas restrições que essa tríplice condição impõe.

O jovem é um ser crítico, ele sabe que participa de um jogo do qual pode ser descartado, sabe também que ocupa uma posição desfavorável no mesmo. A consciência de uma ideologia que o oprime faz com que o jovem use como estratégia a recriação do cotidiano.

Fiuk 1º ano, 16 anos: A gente falta muito à aula para usar o lazer no horário de aula. Tem um compromisso, cê vai, igual, tem o aniversário da sua mãe, tem o aniversário da sua irmã, da sua amiga, aí cê pega, aí cê falta de aula e vai, aí cê tá:: tirando uma responsabilidade para colocar o lazer. [...] muitas vezes eu mato aula, né, eu não falto, eu mato aula (+) e vou jogar *handball* que:: os meus treinos são na segunda e na quarta e eu tenho aula na segunda e na quarta, então eu:: Aí a gente faz assim: no dia que dá a gente vai, no dia que não dá a gente mata aula e vai assim mesmo (+) a gente tem que estar sempre atrás da /.../ (Fonte: Oficina).

Os sistemas de usos são diversos, pois refletem a heterogeneidade, complexos e defendem uma ideologia. A intensidade com que o particular observa um uso, um costume ou uma regra revela o quanto essa pessoa identifica-se com o mesmo. A violação de uma norma é representativa de uma negação ou não aceitação da mesma (MENDIONDO, 2002).

A ideologia fica evidente quando essa não aceitação atinge o nível consciente do indivíduo, quando ele questiona suas estruturas e age em não conformidade com ela. Constitui ponto importante para o processo de transformação das situações vigentes e uma ameaça para aqueles que dominam.

Revelam-se nessa fala a autonomia e a liberdade no cotidiano, quando o jovem informa que está “tirando uma responsabilidade para colocar o lazer”. Fiuk mostra que se sente livre para não aceitar o discurso do dever a ser cumprido incondicionalmente e usa de sua autonomia para decidir conscientemente qual é a necessidade prioritária naquele momento, responsabilizando-se por sua opção.

Os jovens buscam participar de atividades religiosas, esportivas, artísticas, culturais, de socialização, entre outras, criando brechas em seu cotidiano. Em outras palavras, eles reinventam o seu cotidiano.

Na fala a seguir, Rita informa que quando vai a trabalho no centro da cidade, aproveita para passar na igreja e rezar.

Rita 2º ano, 17 anos: Tô aqui na Igreja do Santuário. Toda segunda, quarta e sexta eu venho aqui, agradeço, peço, coloco algumas pessoas na intenção e por aí vai. Fico sentada aqui conversando com Deus, é o Único Que me transmite paz, aqui na igreja eu acalmo o coração, coloco as ideias no lugar. Daqui a pouco vou voltar para a clínica e tento o máximo transmitir essa paz que eu adquiro aqui na casa do Pai (Fonte: Diário de Rita).

Algumas mulheres deste estudo relataram ser corresponsáveis pela limpeza e organização de suas residências, o que reduz ainda mais sua disponibilidade de tempo para vivenciarem aspectos específicos da juventude.

Paula 2º ano, 19 anos: Hoje acordei bem tarde, quase 11h. E passei a tarde toda pajeando a afilhadinha da minha irmã, bebê mais linda, tem nove meses, enquanto meu namorado e meu cunhado ficaram bebendo cerveja e assistindo TV, [...] (p. 9). Hoje acordei bem tarde, era 11h00min quando levantei, tomei café e comecei a ajudar minha mãe a arrumar a casa. Ela estava reclamando de umas dores, então a ajudei a dar uma geral na casa enquanto ela lavava as roupas. Quando foi umas 14h00min, já estava quase tudo arrumado, só faltava arrumar a cozinha do almoço e aí minha madrinha ligou para minha mãe chamando ela pra ir à missa do Interlagos, mesmo se sentindo mal, minha mãe me pediu pra levar ela de moto e eu levei. Voltei e arrumei o que faltava em casa (p. 14). Hoje acordei bem cedinho, tinha visita, então eu não podia ficar desmaiada na cama até a hora do almoço, minha mãe foi à missa logo cedo. Meu namorado foi comigo buscar pães para o café. Depois do café, demos uma ajeitadinha nos quartos e minha mãe pediu pra gente ir ao ABC [supermercado] comprar umas coisas pra fazer no almoço de diferente, e fomos (p. 15). [...] Fiquei a manhã toda em casa [...] só preparamos um lanche, eu fiz um trabalho de Física que eu tinha que terminar. [...] E..... [namorado] me ligou e fomos para a casa dele, chegando lá, ajudei ele a arrumar algo para ele comer, [...] passamos na pizzaria e pegamos uma pizza porque pra assar na janta porque ninguém merece cozinhar à noite no fogão de lenha (p. 21). Eu levantei bem cedo, ajudei a minha mãe a dar uma breve ajeitada na casa [...] dei uma forcinha no almoço (p. 26) [...]. Mudeeeeeeeeeeeee!!! [...] Que bagunça, mudamos dia primeiro e só hoje posso falar que está tudo no lugar. Sexta, ficamos a manhã inteira tirando os móveis da casa e à tarde inteira ajeitando os móveis na nova casa, mas foi no sábado mesmo que conseguimos arrumar os armários da cozinha. Hoje acordamos um pouquinho mais tarde [...] fomos no ABC [supermercado] [...] e compramos umas coisinhas pro almoço, fizemos filé à parmegiana. [...] (p. 31).

Na nossa sociedade, existe uma tendência da jovem mulher a realizar tarefas domésticas, especialmente ajudando a mãe como uma “obrigação de filha”. Isso foi repetitivamente descrito por Paula em seu diário de participante. Foi marcante o quanto esta jovem citou realizar tarefas domésticas como limpar, organizar,

cozinhar, fazer compras no supermercado, além de trabalhar em um escritório de contabilidade.

Ludmila informou que trabalha para sua mãe em horário comercial integral recebendo salário. Ela realiza tarefas de empregada doméstica e auxilia no negócio familiar [bar], fazendo churrasquinho.

Ludmila 2º ano 18 anos: Eu vejo meu namorado só final de semana, porque ele mora em Belo Horizonte, aí quando é na segunda-feira eu já tenho que estar aqui, né, pra estar trabalhando de novo (Fonte: Oficina).

As tarefas domésticas não foram mencionadas pelos rapazes, refletindo claramente a divisão do trabalho baseado no sexo, como tarefas de homens e tarefas de mulher.

Pela perspectiva da divisão sexual do trabalho explorada por Michel Certeau (2003), é possível aqui uma reflexão sobre o trabalho feminino e sobre como esse trabalho é vivenciado pelas jovens, se de uma forma tradicional, reconfigurada ou nova.

O cotidiano de trabalho de mulheres jovens, as variadas práticas corporais que elas agregam neste trabalho, apontam para elementos contemporâneos na divisão sexual do trabalho, que indicam uma somatória de atividades e não uma conquista de igualdade de direitos propriamente ditos.

Embora a atual geração de mulheres goze de benefícios adquiridos pelas nossas antecessoras na luta pela emancipação feminina, elas continuam desenvolvendo papéis desde muito destinados à mulher que são impregnadas de uma carga de desvalorização, com baixa remuneração ou não remunerados, mas de altíssima responsabilidade, como o cuidado com crianças e alimentos. A novidade em relação às mulheres pré feminismo é explicitada pelo fato de que as contemporâneas precisam aliar às tarefas de suas antecessoras a sua permanência no mercado laboral e, tratando-se de jovens, muitas vezes ao estudo.

Os dados empíricos mostram que não houve uma transformação nos papéis desenvolvidos pelas mulheres e sim acúmulo dos mesmos. Esta super sobreposição é altamente deletéria da saúde da mulher, pois o desgaste do corpo ocorre de acordo com o uso que se faz dele, dentre outras questões.

No entanto, isto parece não estar claro para as jovens, pois seus relatos dão a entender que parece-lhes natural serem responsabilizadas pelos trabalhos domésticos e gozar de menor prestígio no mercado de trabalho e que, independente de suas contribuições fora do lar, a responsabilidade do serviço doméstico será sempre delas. Em contrapartida, os homens jovens sequer mencionaram a existência de tais tarefas.

Permeando a sobreposição de trabalho e estudo, que costuma ser mais pesada para a jovem que para o jovem devido uma terceira sobreposição, notam-se estratégias cotidianas como expressão de resistências (CERTEAU, 2003).

Na vivência de escassez temporal e grandes exigências, características das sociedades capitalistas contemporâneas, os jovens priorizam suas atividades, pois existe a certeza da impossibilidade de se fazer tudo.

O economicismo da vida cotidiana exige a primazia de uma atividade sobre a outra. Para a escolha de suas ações os jovens levam em consideração diversos fatores. Sabe-se que haverá perda e pondera-se qual perda será menor. A escolha é mediada pelo grau de importância que o jovem atribui às questões em jogo. Assim, percebe-se que em determinados momentos, como os avaliativos, a escola é mais importante.

Jorge 2º ano 17 anos 3ª: Quando eu comecei o meu emprego que... eu pensei assim: "ah (+) eu vou tentar, se eu não conseguir eu paro de trabalhar e continuo estudando, mas eu sempre tiro uma hora pra estudar, ou então (++)" (Fonte: Oficina).

Paula 2º ano, 19 anos [...] Não é irresponsabilidade minha, mas eu estava precisando fazer uma progressiva na raiz, e não dá pra faltar do trabalho pra arrumar cabelo, né, então, a gente acaba tendo que perder aula mesmo. Claro que se tivesse algo avaliativo eu não iria, mas como hoje não vai ter nada, posso faltar tranquila (Fonte: diário de Paula).

Luan 1º ano, 16 anos: Ou às vezes, fazer até no serviço (trabalhos escolares), eu já fiz no serviço assim (+) eles não me xinga não, graças a Deus, mas eu já fiz e:: tem que correr, né, porque senão (+) (Fonte: Oficina).

Em outros momentos, o privilégio pode ser concedido a algum tipo de socialização ou mesmo o autocuidado. O tempo livre dos jovens também é usado para cuidar da aparência. Principalmente as mulheres declararam dedicar parte de seu tempo livre com cuidados de beleza.

Paula 2º ano, 19 anos: Ouvi falarem aqui no escritório que essa semana vamos trabalhar na quinta só até o meio-dia, se for verdade serei a pessoa mais feliz desse mundo, estou precisando me dar um trato, banho de salão com direito a tudo. Nunca me vi tão desleixada, tive que ouvir ainda que estou parecendo uma maria-homem, que só fica de rabo de cavalo e não arruma nem o cabelo mais, acredita? Esse é o meu namorado! Mas, com esse feriado vai dar para cuidar melhor de mim, e eu só quero que chegue quinta logo (p. 16). Agora vou arrumar minha unha da mão que está em estado de miséria [...] depois devo tomar um banho (p. 18). Vou dar uma hidratada no cabelo que ficou duro de andar de moto com ele solto ontem à noite. As pontinhas dele estão quebrando todas (p. 27) (Fonte: Diário de Paula).

Rita 2º ano, 17 anos: Hoje eu também não tive aula, então, vou arrumar meu cabelo (Fonte: Diário de Rita, p. 28).

Quando se trata de fazer escolhas de o que fazer num tempo mínimo e o trabalho está em jogo, ele recebe mais atenções. O tempo desses jovens é regido pelos horários prescritos pelo trabalho. Eles reconhecem que é preciso ter responsabilidade para se manterem empregados, demonstrando a centralidade do trabalho em suas vidas.

Paula 2º ano, 19 anos: Quando cê tá trabalhando cê tem hora certa, cê tem que ser sério, se cê fizer as coisas erradas cê tem que arcar com as consequências (Fonte: Oficina).

Rita 2º ano, 17 anos: Muita responsabilidade, NÓ!. Acho que o emprego é fundamental na vida de um jovem (Fonte: Oficina).

O tempo do jovem que trabalha e estuda frequentemente é destinado ao dever a ser cumprido e sua exiguidade pode ocasionar insuficiência de momentos de individualidade e fruição. Eles não fazem o que desejam e sim o que é possível. A necessidade insatisfeita relaciona-se à pobreza, à falta de tempo, de espaços de lazer, entretenimento e acesso à cultura (BRENNER; DAYRELL; CARRANO, 2011; MENDES, 2013).

Os participantes demonstraram clara cisão entre as atividades que realizam durante os dias de semana, dedicados prioritariamente ao trabalho e ao estudo, e o que eles fazem nos finais de semana.

Lenine 2º ano, 17 anos: [...] como se diz (+) de segunda a sexta é só estudo e serviço (Fonte: Oficina).

Annita 1º ano, 17 anos: Eu acho que o tempo durante a semana que a gente não tem. O tempo do final de semana, aí que a gente pode colocar o lazer, inclui o lazer (Fonte: Oficina).

Bruno 2º ano, 18 anos: Cê fica o dia inteiro trabalhando e estudando, aí no final de semana cê tira pra tomar uma cerveja com os colegas, sentar num bar, conversar um pouco (Fonte: Oficina).

Luan 1º ano, 16 anos: Vai ficar tipo o lazer só para finais de semana. A semana inteira é responsabilidade o dia inteiro (Fonte: Oficina).

Por um lado, a simultaneidade do trabalho e o estudo possibilitam aos jovens das classes populares vivenciarem aspectos da condição juvenil que seriam impensáveis sem seu próprio salário e fora da escola. Por outro, essa concomitância circunscreve as vivências juvenis devido ao cansaço e à escassez de tempo. Embora eles afirmem que os finais de semana são dedicados ao lazer, o cansaço pode impor a necessidade de dormir em vez de se divertir. Esse tempo também precisa ser bem administrado entre obrigações extraclasse, responsabilidades domésticas, compromissos sociais, entre outros que também requerem tempo e atenção.

RITA 2º ANO: Fiz nada hoje, eu tô no chão de tanto cansaço, vou à missa, depois vou na farmácia com minha mãe e volto pra deitar e dormir (p. 31) (Fonte: Diário de Rita).

Paula 2º ano, 19 anos: [...] Eu, minha mãe e meu namorado fomos na casa da minha tia visitar ela, pois está recém-operada (p. 31) (Fonte: Diário de Paula).

Bioncé 3º ano, 19 anos: não, tem uma parte que ele fala (ser um jovem que trabalha e estuda é): “viver na bagunça” (+) literalmente na bagunça porque trabalhar e estudar não é ordem, não é ordem nenhuma porque o que você perde tempo, vamos supor, o que a gente perde tempo de estar na praça, dar altas, altas, comer cachorro quente (+) (Fonte: Oficina).

A vivência da juventude pelos participantes deste estudo é influenciada pelos limites e potencialidades que a sobreposição de estudo e trabalho lhes confere.

Eles revelaram que buscam fazer o que está ao alcance para a vivência das variadas dimensões da condição juvenil.

Os jovens falam da socialização com os pares, os namoros em suas diversas formas, seja na escola, no trabalho ou nos interstícios entre ambos, nos quais eles aproveitam ou criam situações para vivenciarem aspectos da condição juvenil.

Vanessa 2º ano, 17 anos: [...] [no final de semana] ah, vamos pra casa de fulano, vamos fazer um churrasco, conversar um modo de divertir (Fonte: Oficina).

Bruno 2º ano, 18 anos: [...] final de semana: sábado e domingo, ou seja, ou eu tô com a minha namorada [...] a minha namorada ela vem final de semana sim, final de semana não. Tipo assim: no final de semana que ela vem, eu tiro o final de semana pra ela [...] Quando ela [a namorada] não vem, o final de semana [alternados] é pra minha família, pros meus avós e tal (Fonte: Oficina).

Paula 2º ano, 19 anos: Descansei bastante no fim de semana, dormi muito, passei o sábado e o domingo todinho com o meu namorado, no meio do nada, apenas com o barulho das árvores, bichos e chuva, e agora já estou pronta para encarar mais uma longa semana (Fonte: Diário de Paula).

Rita 2º ano, 17 anos: Todo domingo eu vou à missa com meu amigo Otávio (p. 3). [...] revi os meus amigos do GNJ-Grupo Nova Juventude. Eles são muito legais (p. 6). Minha amiga Reislá começou a namorar, fora isso, nada de mais. (p. 7). [...] hoje eu tava voltando da escola e encontrei dois amigos meus que eu não via há meses [...] combinamos de ir no Levi [bar]. Fui em casa, tomei banho e fomos eu, Tabata, Lauro, Márcio e Samuel. Depois fomos na porta do Empório [bar], lá sempre dia de sexta-feira tá cheio e sempre tem festa em algum lugar. Um outro amigo nosso também chamado Lauro estava lá, daí resolvemos ir pra uma festa da Isabela, tava muito bom [...] (p. 8). Hoje eu e minha amiga, a Renata, começamos a conversar com um menino lá da sala, o que eu achei bem engraçado porque o povo lá é bem estranho, mas esse é até gente boa (p. 15). À noite fui com minha melhor amiga, aquela pra toda hora, em um restaurante japonês [...] eu adoro lá [desenho de coração], compramos e combinamos de comer em casa (p. 17). Fui para minha casa, minha amiga e vizinha [...] foi prá lá também, ficamos conversando e depois dormimos (p. 19). [...] minha amiga me chamou pra jantar na casa dela porque o Anderson, Laís, Tabata estavam lá fazendo macarrão e eu fui (p. 20). Hoje é sábado, graças a Deus, vou numa festa com minha amiga Tábata, num sítio de uma colega [...] (p. 23). Hoje foi crisma da minha irmã e do irmão da minha melhor amiga (p. 24). [...] amanhã vou pro sítio com minhas amigas (p. 28). Hoje eu quero ficar sossegada [...] nem sair com minhas amigas eu não vou (p. 29). [...] tinha ontem algo gritando pra eu não ir e não fui, minhas amigas saíram com uns conhecidos nossos e deu o maior problema: o Tiririca apareceu atrás deles querendo matar a Bruna, uma que tava com minhas amigas e queria matar os meninos também [...] hoje vou numa social na casa do Guto, isso vai ser tranquilo (p. 30). [...] ontem a social foi tranquila, depois de lá fomos pra roça de um amigo nosso assar uma carniinha e

escutar umas músicas (p. 31). Na escola não teve nada, só um amigo que foi (p. 34) (última página) (Fonte: Diário de Rita).

Os depoimentos de Rita indicam movimentos de idas e vindas, encontros e dispersão das relações que se mostram comuns nos discursos dos jovens.

A experiência juvenil tende a se direcionar pela lógica da reversibilidade, expressa na constante oscilação presente em todas as dimensões da vida dos jovens: grupos de amigos, tipos de lazer, “ficar” em vez de namorar, que se trata de uma relação mais duradoura, e o trabalho. Os jovens incorporam tal lógica como uma forma de lidar com a instabilidade da vida contemporânea, pelo desejo de experimentação e de quebrar a monotonia cotidiana (DAYRELL, 2014).

Acrescentamos que os jovens estão constantemente buscando algo novo, estimulante, prazeroso e desenvolvendo atividades por vias extraordinárias, considerando-se a aceleração em que se vive e a raridade de tempo disponível.

Tem-se conhecimento de que a atualidade demanda pontualidade inflexível a qual gera a sensação de vigília contínua e perda da liberdade, ainda que os grilhões sejam os dígitos do relógio que indicam que sempre estamos atrasados devido ao encadeamento de muitos compromissos. Entendemos que esse tempo não nos pertence mais, ele é vendido, é o dever a ser milimetricamente cumprido.

O tempo disponível dos participantes também é dedicado à família, que é uma das principais, senão a principal, referência na construção de suas identidades, sendo fortemente mencionada como importante ponto de socialização, apoio afetivo e suporte moral. Ela está entre os relacionamentos mais citados pelos participantes, o que demonstra o grau de importância que esse grupo tem em suas vidas.

Vanessa 2º ano, 17 anos: [considero importante viver minha juventude...] viver com a família porque eu acho a família um aspecto muito importante (Fonte: Oficina).

Maria Gadu 2º ano, 17 anos: É::: [ser um jovem que trabalha e estuda significa pra mim...] realizar o sonho da minha mãe porque minha mãe é o foco da minha vida, é a minha base, então, se ela estiver feliz eu tô

feliz, então é o sonho dela e eu quero realizar o sonho dela (Fonte: Oficina).

Zeca 3º ano, 19 anos: Apesar da gente trabalhar, estudar, é::: sair com os amigos, a gente ainda tem que ter tempo pra família, né, de estar junto com eles, de participar das coisas que acontecem em casa (Fonte: Oficina).

Os jovens querem se sentir úteis e admirados pelos familiares. Os achados desta pesquisa desnaturalizam a ideia preconcebida de que as juventudes não se preocupam com suas famílias. Pelo contrário, eles reforçaram que essa instituição social ocupa lugar central em suas vivências juvenis. Os participantes preocupam-se com o bem-estar familiar e demonstram uma necessidade de manter forte o sentimento de pertença a este grupo não apenas como parte dos problemas, mas principalmente como alguém que contribui ativamente para a solução dos mesmos:

Paula 2º ano, 19 anos: O filho tem que ajudar junto pra crescer junto com a família (Fonte: Oficina).

Os laços que ligam as pessoas se constroem e se fortalecem pela existência de interesses comuns. Sobretudo, é no reconhecimento do outro e de sua importância que está o sentido do que fazemos. Na inter-relação nos afirmamos como autores dos nossos atos (DAYRELL, 2014).

As relações afetivas podem passar por momentos de aproximação e distanciamento de acordo com as construções entre seus membros e os modos de vida de cada um. Dos cinco jovens que foram acompanhados pela pesquisadora, duas eram mulheres e ambas atravessaram momentos conflituosos em suas famílias que culminaram na separação dos pais durante essa etapa.

A partir dessas separações, o tempo livre dessas participantes precisou ser redistribuído e seu cotidiano reorganizado devido à mudança de hábitos, costumes e responsabilidades.

Paula 2º ano, 19 anos: Eu preferi não falar aqui no diário, mas minha mãe e meu pai vão se separar, e a gente vai precisar mudar de casa, minha mãe vai assumir responsabilidade de contas, aluguel, água, telefone, luz e enfim [...]. Ontem mesmo à tarde fomos buscar algumas

chaves nas locadoras para ver algumas casas que separamos pelo *site*. [...] agora, com essa mudança, eu e minha irmã não teremos mais nosso salário todo para nós, agora querendo ou não vamos precisar ajudar minha mãe com alguma coisa, pois quem faz as despesas aqui é o meu pai, então nunca precisamos colaborar com nada. Pra mim que estou acostumada a gastar o salário todo com despesas minhas vou ter que me reeducar financeiramente pra ver se sobra pra ajudar minha mãe, né? Acabou a mordomia, acabou roupinhas e sapatos, agora é economizar e pagar!!! (p. 28). [...] Acabamos ficando com um apartamento particular [...] meu quarto vai ser um OVO de tão pequeno... mas só de ter ele só pra mim já fico satisfeita! [...] ela [a mãe] vai gastar boa parte das economias dela com essa mudança, mas não dá pra ficar pensando no lado negativo, né? Ela vai ter paz e sossego que é o que importa! (p. 29). [...] Coração apertada um pouquinho de deixar meu pai sozinho, ele não sabe fazer nada. Mas minha mãe deu tantas chances para ele, por que ele não soube aproveitar, né? Por que as coisas têm que ser sempre do modo mais difícil para ambas as partes? (p. 30) (Fonte: Diário de Paula).

Mesmo quando os relacionamentos familiares são conflituosos, a necessidade desse grupo se revela. Em alguns casos, para a surpresa dos próprios jovens, eles descobrem, em meio à turbulência de drásticas transformações familiares, que aqueles elementos a quem eles atribuíam alguns de seus problemas e dos quais gostariam de se distanciar são mais importantes para eles do que poderiam imaginar.

Rita 2º ano, 17 anos: [...] meus pais se separaram, vim morar num apartamento não muito longe de onde eu morava, meu pai ficou sozinho, sem nada só com a casa e as coisas dele, não o vi, mas quero ir lá pra encontrá-lo. O convívio aqui em casa tá bom, mas minha mãe mudou muito, ela tá chata e só quer saber de ficar na igreja com as amigas dela. Não dá muita atenção pra mim e pra minha irmã (p. 2). [...] hoje por acaso encontrei meu pai. Nossa, eu não sabia se chorava, se abraçava, nó, foi triste, ainda mais quando ele chorou - eu nunca o vi chorar - disse que estava esperando a gente voltar e que nos amava. [...] Cheguei em casa contei pra minha mãe e pra minha irmã que, aliás, chorou muito, foi triste e rezo todas as noites pra Deus o proteger. Sei que pedi muito para que minha mãe mudasse e que morasse nós três, pois a convivência com meu pai não era boa, na verdade, era mais algo que incomodava (p. 3). Eu tô feliz: vi meu pai e ele tá bem e o relacionamento aqui em casa melhorou (p. 5). Hoje é páscoa, meu pai mandou ovos prá nós três. Fiquei feliz, eu vi ele, minha irmã saiu com ele, as coisas vão bem (p. 7). [...] amo ele [o pai], antes eu e minha irmã não tinha o hábito de falar eu te amo pra ele. Agora, a gente não se cansa de falar (p. 19) (Fonte: Diário de Rita).

Para Rita, foram nos momentos de ruptura da vida cotidiana que a força dos relacionamentos familiares se revelou. Estes também foram momentos intensos de rearranjo, de autoconhecimento, de decepções e surpresas, carregados de emoções.

Tais rompimentos foram dolorosos, mas lhe permitiram aprender mais sobre aspectos das personalidades familiares e reatar laços que pareciam desfeitos. Foi preciso superar as dificuldades e reconstruir os relacionamentos de forma diferente e inesperada, até que a vida cotidiana se restabelecesse de outra maneira.

A simultaneidade do trabalho e estudo vivida pelos jovens num cotidiano atribulado, marcado pelo dever a ser cumprido, pela lógica do tempo milimetricamente cronometrado entre as obrigações diárias, restringe suas possibilidades de convívio familiar.

[Voz masculina]: [...] a família, eu, minha mãe viaja todo final de semana, antes eu ia na casa da minha avó todo mês, agora eu fico (+) cinco meses sem ir na casa da minha avó (+) tem na outra do meu pai, eu não vou lá faz um ano, e eu vou lá agora, semana que vem, né? (Fonte: Oficina).

Liah 3º ano, 17 anos: A gente trabalha e faz falta da família.[...] por causa da correria [...] eu trabalho de sete às cinco, fico (+) praticamente o dia inteiro fora de casa, depois estuda à noite, a gente só vai ver quando a gente tá dormindo, né, aí chega final de semana (+). Nó:: tá de férias? Eu não vou ficar em casa de jeito NENHUM [risos do grupo]. Não é não? Eu acho que a gente tá cada vez mais distante da família (Fonte: Oficina).

Fiuk 1º ano, 16 anos: a minha mãe trabalha na parte horária da noite, eu trabalho na parte horária da manhã e da tarde e estudo à noite, minha mãe trabalha um dia sim, um dia não, então, eu vejo a minha mãe um dia sim, um dia não. Pra mim é bem complicado, na hora que eu saio pra ir pra escola a minha mãe tá chegando, então, é assim... (Fonte: Oficina).

Os participantes revelaram uma administração do tempo livre para a socialização, incluindo a família, de maneira inteligente e criativa. Há menções de intercalação de diferentes tipos de relações de forma a preservar a privacidade e permitir a manutenção de todos os vínculos importantes, ainda que não seja na frequência desejada.

Paula 2º ano, 19 anos: Oi, se eu te falar que eu tenho mais tempo pro meu namorado do que pra minha mãe e pra minha família... (Fonte: Oficina).

Para permanecer mais tempo com os parentes, a via escolhida pode ser encontrá-los em grupo durante o final de semana ou reunir-se com eles em ocasiões especiais.

Michel 3º ano, 18 anos: Mas igual, tem tem uma vez por mês a reunião em casa aí junta a família inteira e faz aquele churrasco, aquela festa, aí naquela época, aquele dia lá que todo mundo para o seu serviço, de fazer as suas coisas e tudo mais e vai viver a família, que é momentos raros, mas um dos melhores momentos que a gente tem (Fonte: Oficina).

Os participantes mostraram que gostariam de permanecer mais tempo com os familiares, mas na impossibilidade disso criam formas de manter o vínculo forte. Uma dessas estratégias é o uso de diferentes meios de comunicação não presenciais.

Michel 3º ano, 18 anos: Pela minha situação de serviço e estudo, não via a família, aí a gente se comunicava mais por bilhete ou pelo *whatsapp* [...] (Fonte: Oficina).

O mundo atual experimenta mudanças no tempo e no espaço relacionadas às inovações tecnológicas que articulam o presencial e o virtual, o público e o privado, criando novas formas de viver e de convivências. Nesse processo, a socialização juvenil segue novas regras reconstruídas de forma dinâmica, reflete nas relações entre gerações e o aprendizado se faz em outros espaços de socialização e convivência (NOVAES, 2014).

Margareth 3º ano, 18 anos: Tecnologia tá interligado em tudo na vida do jovem: namoro, festa, tudo começa diante do celular (Fonte: Oficina).

Bioncé 3º ano, 19 anos: Eu acho que /.../ uma das primeiras coisas que a gente faz com o primeiro salário da gente, no caso de quando eu ganhei o meu primeiro salário: comprei um celular pra mim (Fonte: Oficina).

Atenta-se para o fato de que jovens incorporam as novas tecnologias e as mesmas assumem um significado importante em suas vivências juvenis, principalmente como um meio de socialização.

Mas o acesso a tais inovações tecnológicas é limitado pelo poder aquisitivo. A televisão é mais acessada por jovens pobres, com baixa escolaridade e os que

vivem no campo. A internet é mais acessada por aqueles com melhor nível socioeconômico e escolaridade (BRASIL, 2013a; NOVAES, 2014).

No presente estudo, os jovens citaram os dois meios de comunicação, mas o mais mencionado foi a televisão. Mas, enquanto assistem à TV, as pessoas também podem compartilhar esses momentos na companhia de alguém, pares, namorado(a) ou familiares.

Rita 2º ano, 17 anos: [...] vim embora [da escola] e tô vendo uns desenhos aqui com a minha irmã, depois vou dormir (Fonte: Diário de Rita, p. 34).

Paula 2º ano, 19 anos: [...] Fiquei em casa com minha irmã, acordei tarde no sábado, [...], o meu namorado veio almoçar aqui em casa, depois do almoço alugamos 3 filmes e ficamos assistindo a tarde toda [...] (Fonte: Diário de Paula, p. 19).

Ivete 1º ano, 17 anos (A Annita): Trabalha oito horas por dia também, ela não namora, passa o final de semana em casa só vendo filme (Fonte: Oficina).

Luka frisou que ocupa a maior parte de seu tempo livre jogando no computador. Pôde-se constatar tal fato nas observações do seu cotidiano, pois em todos os momentos ele se manteve conectado à internet e até conversava, mas não desviava o olhar da tela do computador. Segundo ele, essa sua fixação por jogos causa indisposições com sua família e namorada, os quais se queixam de sua falta de atenção para com os mesmos enquanto se dedica quase exclusivamente à internet. Esse hábito é causa recorrente de conflitos entre eles.

Alguns participantes afirmaram que entendem a juventude como tempo de liberdade e leveza, na qual ainda há possibilidades de brincar e divertir, época de aventuras. Eles alegam que é preciso aproveitar essa fase “espetacular” da vida de diversas formas, destacando aspectos cotidianos como comer e sorrir.

Pitty 2º ano 16 anos: Eu considero importante na juventude ser feliz, aproveitar simples momentos, namorar, comer [risos do grupo] (Fonte: Oficina).

Túlio 2º ano 17 anos: [eu considero importante viver minha juventude...] uma fase espetacular. Como pra todo mundo é boa, né, a gente tá aprendendo e tá ensinando ao mesmo tempo e isso torna a vida da gente mais leve e mais solta. Viver /.../ eu gosto de namorar (+) [risos do grupo] e:: é a melhor fase da vida, né, gente? (Fonte: Oficina).

Laura 2º ano, 18 anos: Eu considero importante [na juventude] é:: curtir a vida, fazer amizade, é:: eu acho que tem que fazer as coisas que cê gosta, que cê não tem que importar com que os outros vão falar, não. Passar vontade das coisas, não. Rir muito, comer demais mesmo que é bom (Fonte: Oficina).

Os participantes revelaram que buscam fazer o que está ao alcance para a vivência das dimensões da condição juvenil: trabalhar e estudar, aproveitando os pequenos prazeres cotidianos e aqueles que são esporadicamente possíveis.

Na vivência das juventudes predomina o presente, por ser o único tempo sobre a qual se pode atuar concretamente, no mais são lembranças ou projeções impalpáveis. As menções: “fazer aquilo que cê quer fazer”, “cada dia fazer o que você quer”, “curtir a vida” relacionam-se ao *carpe diem* referido nos poemas do epicurista romano Horácio.

Essa é uma expressão que pode traduzir “[...] um elogio e uma disposição à vida na sua intensidade, mas também finitude [...] pode-se compreender que a vida nos chama atenção para aproveitarmos o dia, saboreando o que ele nos dá [...]” (MOURA, 2014, p. 1.182).

Ao buscarem a satisfação de suas necessidades relacionadas às culturas juvenis, os jovens encontram muitos empecilhos, mas continuam criando estratégias que nem sempre levam à realização completa do que se deseja, mas lhes possibilitam viver aspectos essenciais para as juventudes.

Os participantes mostraram que obter a habilitação para dirigir automóveis é uma preocupação comum a esse grupo de jovens, fazendo parte de sua condição juvenil. Em alguns momentos essa necessidade se torna prioridade, então eles optam por ocupar seu tempo e atenção com essa atividade, em vez de usufruírem de seus raros períodos de descanso.

Rita 2º ano, 17 anos: Estou quase acabando as minhas 45 horas/aula na autoescola [desenho de coração e estrela], graças a Deus (p. 5). [...] a única parte boa de lá [trabalho] é a parte da tarde que eu vou pro centro, vejo meus amigos, vou na autoescola [mas é segredo] (p. 7). [...] Daí, como não consegui acordar hoje, aliás acordei, mas estava passando muito mal, perdi as cinco aulas que precisava para fechar lá da

autoescola (p. 9). Fui na autoescola hoje e, graças a Deus, contagem regressiva, fiquei a manhã toda lá (p. 17). Hoje, sábado, [...] fui na autoescola de manhã, terminei algumas matérias (meio ambiente, mecânica, primeiros socorros, legislação) (p. 23).

Primeira observação de Luka: [...] Falas/ conversas: este ano tem o Tiro de Guerra, a autoescola, a responsabilidade é maior, mas eu estou tranquilo. Eu não vejo dificuldades não. É bastante coisa esse ano, eu formo também... (Fonte: Diário da pesquisadora).

Paula 2º ano, 19 anos: Considero hoje um dia muito importante para mim, consegui minha segunda habilitação! Quem está comigo sabe o quanto foi difícil para mim tanto para conseguir a carteira de carro, como a de moto, precisei me desdobrar, gastei muito, me prejudiquei de certa forma, mas valeu a pena. Consegui o horário de 11:00 pra fazer aula, então, durante 40 aulas, foram 40 dias saindo no horário de almoço pra fazer aula de direção, chegava ao trabalho mal dava tempo de engolir a comida e já tinha que voltar a trabalhar. [...] Pude contar desta vez com a ajuda do meu patrão, que me liberou todos os dias 10 minutos mais cedo para dar tempo de eu chegar à autoescola às 11:00. O esforço foi muito, afinal, para quem já tem uma jornada dupla, acrescentar mais uma atividade é sempre difícil, mas no fim deu certo, e como diria minha mãe: carro apertado é que canta. Atingi meu objetivo, com muito esforço e dedicação, realizei o meu sonho e atingi a meta de ser hab. AB com 18 anos (Fonte: Diário de Paula, p. 2).

Renato 2º ano, 18 anos: Hoje acordei às 6:00; tomei café. Às 6:55 eu cheguei na autoescola, concluí mais uma etapa.[...] estava fazendo autoescola, passei tudo de primeira, hoje estou habilitado e já tenho minha moto!!! [desenho de uma carinha feliz e de um carro na rua com um anúncio: autoescola] (Fonte: diário de Renato, p. 2).

Muitas atividades diárias são repetitivas, mas que nunca se repetem de forma igual. As repetições são plurais porque carregam sentidos diferentes e, assim, delineiam a continuidade da história (HELLER, 2004).

Os participantes mostram o aspecto da continuidade ao revelar uma rotina que organiza seu cotidiano e seu tempo, repetitivamente.

Renato 2º ano, 18 anos: [...] saio de casa 7:00 para o serviço e lá fico até 18:00 com um pequeno intervalo de uma hora para almoço, onde tiro para estudar. Vou para escola 18:30 e fico até 22:30. Volto para casa, converso com minha mãe e meu pai, ligo para minha namorada e durmo rápido, pois chego bem cansado (Fonte: Diário de Renato, p. 5).

Lennine 2º ano, 17 anos: De segunda a sexta eu faço as mesmas coisas que é serviço e escola, agora, fim de semana no sábado eu fiquei em casa e no domingo fui ao *shopping* à noite, geralmente fim de semana eu não fico em casa, sempre arrumo algum lugar pra eu ir ou algo pra mim fazer (Fonte: Diário de Lennine, p. única).

RITA trabalha de segunda à sexta e nos finais de semana aproveita para descansar, dormir, relaxar, ficar com o cachorrinho, assistir TV, sair com os amigos, ficar em casa com amigas, com a mãe e a irmã, ir à missa [todo domingo], fazer tarefas extraclasse, encontrar o pai na casa dele (Fonte: Diário da pesquisadora).

LUKA informa que trabalha de segunda à sexta-feira, vai para a aula toda noite. Luka conta que alguns finais de semana vai para a casa dos avós, mas que não gosta muito porque sente falta do computador, prefere ficar em casa sozinho jogando em seu quarto. (Fonte: Diário da pesquisadora).

A repetição dos atos cotidianos não encerra uma igualdade, pois os fazeres são diferentes à medida que seus sentidos são diversificados. De segunda à sexta suas atenções estão concentradas entre o trabalho e a escola. Nos finais de semana os participantes gozam de mais liberdade e realizam atividades diferentes, mais direcionadas para a vivência de sua condição juvenil: passear, namorar, ficar com a família e encontrar os amigos, redes sociais, etc.

Outra forma de socialização frequentemente presente nos discursos dos participantes deste estudo se dá por meio da religiosidade. “A religião pode ser vista como um dos aspectos que compõem o mosaico da grande diversidade da juventude brasileira” (NOVAES, 2011, p. 263).

Paula 2º ano, 19 anos: [...] a única coisa que me deixou um pouco triste foi não ter conseguido ir à missa [...] (Fonte: Diário de Paula, p. 19).

Paula 2º ano, 19 anos: [...] dia de semana cê não tempo pra ir na Igreja, porque cê trabalha e estuda, mas eu acho essencial cê tirar pelo menos um final de semana pro cê ir e agradecer porque não é todo mundo que tem a oportunidade de trabalhar e estudar e adquirir as coisas sozinho não /.../. (Fonte: Oficina).

Luan 1º ano, 16 anos: [...] Igreja eu ia todo final de semana [...] eu ia sexta, sábado, domingo e segunda [...] Eu, pra falar a verdade, eu já fui até coroinha na Igreja, eu era menorzinho. Falar a verdade, de um mês eu vou um final de semana na Igreja agora, porque é difícil porque tem que conciliar o lazer, o namoro, a Igreja, tudo, tem que conciliar tudo e é difícil (Fonte: Oficina).

Um encontro foi realizado durante um culto religioso. Ao questionar ao participante os locais que ele frequentava cotidianamente para que eu pudesse observá-lo, Renato mencionou a Igreja e fez o convite para eu ir ao culto evangélico do qual ele participa semanalmente. Essa foi uma experiência singular

para mim que nunca havido entrado em um templo evangélico e riquíssima para a presente pesquisa.

Outra jovem, Rita, mostrou a presença marcante da religião católica em sua vida. Do total das 34 páginas que ela escreveu em seu diário da participante, houve múltiplas menções de atividades relacionadas à Igreja, 20,58% delas.

Rita 2º ano, 17 anos: 1- Todo domingo eu vou à missa com meu amigo [...] (p. 3 do diário) 2- Hoje vai ter encenação na igreja que eu frequento (p. 6 do diário). 3- Não fui à missa com o Otávio [amigo] hoje, nós sempre vamos na Igreja Santuário, mas com o tempo que não venho à missa no São Geraldo e minha mãe me enche muito o saco por causa disso, eu acabei indo aqui perto mesmo (p. 7 do diário). 4- [...] Hoje não fiz nada, só dormi, eu estava muito cansada, só fui à missa com minha mãe, brinquei com o Lótus (cãozinho de estimação) e pronto (p. 10 do diário). 5- Tô aqui na igreja do Santuário, toda SEG, QUA, SEXTA eu venho aqui, agradeço e peço, coloco algumas pessoas na intenção e por aí vai... fico sentada aqui conversando com Deus [Que] é o Único que me transmite paz, aqui na igreja eu acalmo o coração, coloco as ideias no lugar. Daqui a pouco vou voltar para a clínica e tento o máximo transmitir essa paz que eu adquiro aqui na casa do PAI (p. 21 do diário). 6 [...] *Tchau*, fica com Deus (p. 25) (Fonte: Diário de Rita).

Interessante notar que as adversidades e o cansaço em decorrência do cotidiano atribulado muitas vezes são justificativas fortes o bastante para os participantes deste estudo optarem pelo descanso em vez de outra atividade mais relacionada às culturas juvenis. “Fazer nada” também pode ser entendido como uma forma de resistência a um sistema opressor, uma forma de conservar as energias e até mesmo repô-las para o reinício das lutas diárias.

Todavia, a frequência aos templos religiosos parece ser uma exceção, conforme pode ser lido anteriormente. Mesmo cansada, estando em horário de trabalho, apesar da sobrecarga das atividades, Rita privilegia a ida à “casa do Pai”. Isso demonstra o quanto estes jovens se identificam com algum uso ou costume que, por sua vez, são representativos de uma ideologia. Essa situação foi mostrada por outros participantes, que relataram ser a Igreja um dos poucos lugares que jamais deixam de frequentar.

Túlio 2º ano 17 anos: Eu vou na Igreja todos os domingos, mas o meu foco mesmo é Deus. Eu foco muito nisso (Fonte: Oficina).

Jammil 1º ano, 18 anos: Esse trem da Igreja. Eu vou na Igreja. [...] é, todo domingo [...]. Isso eu não falto não. Se eu faltar à missa uma semana, a semana fica até diferente. [...] Fica diferente, não sei, eu não dou conta de deixar de ir (Fonte: Oficina).

A religião pode conferir uma sensação de alívio, apoio, reconforto, segurança, que justificariam o lugar privilegiado da religião no cotidiano dos jovens. Os grupos religiosos ocupam o topo no *ranking* entre os demais grupos que as juventudes frequentam. Elas encontram muitas vezes nas instituições religiosas oportunidades para se socializar. Ao participar desses grupos, os jovens atuam no espaço público motivados por valores de pertencimento religiosos (NOVAES, 2011).

Sendo a juventude uma categoria social, suas formas próprias de lazer também expressam como as vivências juvenis são elaboradas nos limites da condição de cada indivíduo. O lazer pode ser compreendido como uma necessidade humana e uma dimensão da cultura que compõe as práticas sociais fruídas ludicamente e não apenas o contraponto do trabalho, conforme visão clássica, hegemônica. Portanto, quando se trata de discorrer sobre o lazer, devem-se considerar os aspectos históricos, culturais, sociais, políticos, éticos e estéticos, entre outros, pois eles retratam diversidades e singularidades (GOMES, 2014).

A dimensão do trabalho tende a impor limites à condição juvenil, pois em todas as outras atividades que os jovens trabalhadores exercem em seu tempo livre, seja para lazer, recreação, descanso ou fruição, eles precisam atentar para o tempo que lhes sobra diante do trabalho, o que não chega a impedir a vivência juvenil (NONATO, 2013).

No tocante às suas produções artístico-culturais, os participantes mencionaram produção de teatro e dança. A arte é um instrumento capaz de gerar novos campos de referências que, ao investir nos processos estéticos da/na vida, colabora para a criação de territórios subjetivos, fortalecendo a multiplicidade e a diferença (LACAZ; LIMA; HECKERT, 2015).

Cláudia 3º ano, 17 anos: Eu considero importante viver minha juventude (+) primeiramente é a arte, que eu faço parte dos doutores palhaços, faço teatro, etecetera [...] (Fonte: Oficina).

Maria Cecília 3º ano, 19 anos- [...] Eu estudo pra eu conseguir passar numa universidade e ser uma ótima professora de dança, que é meu sonho (Fonte: Oficina).

A música também está presente no cotidiano dos participantes, mas não fica claro se os eles são produtores ou reprodutores.

Raul 2º ano, 18 anos: [importante viver a juventude] fazer o som com os amigos, estar conectado nas redes sociais e sair pra se divertir. Eu acho que ser jovem é isso, acho que tipo estar tipo (+) se enturmado com todo mundo, ser amigo de todo mundo, sair pra se divertir. É isso (Fonte: Oficina).

Para as juventudes, a arte adquire sentidos múltiplos em seu cotidiano como: formas de expressão, de contestação, criação e visibilidade e pode ser constituída por um caráter lúdico. Ela comporta a potência de transformações dos modos de estar no mundo, pela via da criação e do rompimento com as imposições dificultadoras da vida. Tanto a arte como o lúdico não se circunscrevem a uma relação banal com a realidade, são importantes manifestações humanas permeadas por aspectos sócio-históricos, culturais, afetivos que muito revelam sobre os modos de vida e formas de elaboração das vivências juvenis (LACAZ; LIMA; HECKERT, 2015; MENDES, 2013).

Em seu diário, Luka colou a letra de duas músicas: Um cara de sorte do grupo Detonautas e um trecho da música de Charlie Brown Jr. Ambas com um conteúdo de contestação política e que falam de aspectos importantes para as culturas juvenis: liberdade, autonomia, trabalho, força, resistência, conquistas, expressão de sentimentos de amor, gratidão. Músicas, festas, celebrações, práticas corporais, jogos, conversas, entre outros, podem assumir a feição de lazes que têm significados e sentidos singulares para os sujeitos que as vivenciam ludicamente (GOMES, 2014).

Uma das formas lúdicas mais mencionadas pelos participantes foram as práticas esportivas de lazer. Eles mostraram que gostam de esportes tanto como diversão

quanto como recreação, ou seja, como espectadores, torcedores e como parte de sua prática recreativa.

Rita 2º ano, 17 anos: [...] Eu comecei a ver o jogo do Cruzeiro [...], agora vou dormir que amanhã começa tudo de novo (Fonte: Diário de Rita, p. 20).

Luan 1º ano, 16 anos: Hoje eu não jogo bola mais não, eu só faço:: só faço é:: leparcur, dia de sábado [...].(Fonte: Oficina).

Annita 1º ano, 17 anos: Eu pratico patins todo domingo, aí vou pra um (+) tipo um (+) eles chamam aqui de Ilha, aí eu vou pra lá todo domingo (Fonte: Oficina).

Porém, os participantes falaram mais de tais atividades pela ausência em seu cotidiano, pelo pesar de não as praticar devido à exiguidade de tempo imposta por sua tríplice condição do que como prática realizada no seu dia a dia.

Luan 1º ano, 16 anos: [...] eu jogava bola [...] queria crescer como jogador de *football*:: com o passar do tempo eu fui crescendo e não adiantou nada porque tipo (+) cê vai começar a estudar, trabalhar (+) mesmo, garrar firme, e vai ficando sem tempo (Fonte: Oficina).

Lennine 2º ano, 17 anos: é porque eu não pratico esporte por falta de tempo (Fonte: Oficina).

Gustavo 1º ano, 17 anos [...] antes de eu começar a trabalhar porque eu era atleta, eu sou atleta ainda, só que não muito porque eu era nadador antes [...] acabava que eu não tinha muito tempo pra natação (+) que eu tinha que vir pra escola, aí trabalhar, aí sobrava pouco tempo, umas duas horas só de prazo (Fonte: Oficina).

A manutenção da tríade é complexa, árdua, e muitas vezes impede a realização de atividades que os jovens gostariam de desenvolver. Mas eles mantêm esta sobreposição devido aos ganhos materiais e simbólicos como a possibilidade satisfação de alguns desejos e como um caminho para execução de seus projetos de futuro que, por sua vez, estão fortemente vinculados à escolarização.

Pode-se dizer que trabalhar em tempo integral e estudar durante a juventude é uma opção limitadora e contraditoriamente possibilitadora das vivências juvenis. A circunscrição dessa vivência se dá, em termos gerais, pelo cansaço e restrição de tempo. As possibilidades de vivê-las ocorrem pelos ganhos pessoais e financeiros. Este último lhes dá a chance de desfrutar as culturas juvenis, seus modos de ser, divertir, vestir, relacionar-se, ser jovem, enfim.

Capítulo 4 - Fortalecimento e desgaste da saúde no cotidiano dos jovens que trabalham e estudam

Como já mencionado anteriormente, a juventude é uma condição constituída socioculturalmente, mas não se pode negar sua relação com a fase da vida que delimitamos por um arco temporal.

Cada fase da vida: infância, juventude, maturidade, senilidade, é significada de direntes maneiras pelos indivíduos a depender de questões socioeconômico culturais e do período histórico em que tais etapas são vivenciadas. Todavia, há fatores comuns e esta generalidade nos permite falar de algumas características da juventude que estão marcadas também no corpo. Lembrando que é próprio da área de saúde tratar de questões que afetam o corpo.

Segundo Margulis e Urresti (1998) o corpo do jovem é um composto resultante de uma materialidade que é cronológica e outra simbólica ou cultural. Estes autores refletem que o corpo está de posse de uma energia que é maior durante a juventude que nas pessoas que têm mais tempo de vida, que é compreendido como um excedente energético e o denominam de “moratória vital”. Margulis e Urresti avançam informando que até os 30 anos de idade, este excedente cresce e depois disto começa a reduzir.

Por meio desta noção de moratória vital, entende-se também que a juventude é uma condição imbrincada com o socialcultural, em função da idade enquanto crédito energético ou como distância frente à morte.

Tais afirmativas nos remetem aos achados deste trabalho que serão discutidos neste capítulo e se relacionam com algumas características dos jovens: a forma como eles encaram a vida como se a morte e a doença estivesse seguramente distantes deles e, portanto, algo com o que ainda não é necessário se preocupar. Alguns modos de vida assumidos pelos jovens são marcados por atitudes que podem prejudicar a saúde. Notam-se nestes modos de viver alguns hábitos pouco saudáveis como a propensão para assumir riscos e testar seus limites nas questões mais corriqueiras como não comer, não dormir, etc.

Os modos de vida e fatores socioambientais abrangem aspectos que influenciam a saúde dos indivíduos e das coletividades, como o estilo de vida e a materialidade fundamental à sobrevivência cotidiana. Para desempenhar suas atividades diárias, como o trabalho e o estudo, é indispensável às pessoas manter a saúde e ter qualidade de vida. Interessa à saúde coletiva conhecer de que forma o trabalho fortalece a saúde e os danos referentes às maneiras de se trabalhar que desgastam o trabalhador. Danos na saúde do trabalhador repercutem na economia por gerarem absenteísmo, queda na produtividade, aumento de acidentes e violência (MENEZES; SENA, 2016).

No setor saúde, os primeiros programas voltados para as juventudes foram o Programa Saúde do Adolescente (PROSAD), em 1989, e o Saúde do Adolescente e do Jovem (ASAJ), em 1999. Eles tiveram caráter de prevenção de danos e agravos à saúde, focalizando a contenção do risco real ou potencial dos jovens com políticas repressivas ou de prevenção. As temáticas relacionavam-se a drogadição, acidentes de trânsito, sexualidade e gravidez precoce, violência e maus-tratos, família, saúde mental. Posteriormente, entraram em pauta a criminalidade e o narcotráfico.

Nota-se nessas iniciativas um forte caráter de prevenção, risco e vulnerabilidade. Muitos desses programas falharam por falta de articulação política e em decorrência do foco estreito. Os jovens não foram chamados a participar do planejamento, implementação nem a avaliação das atividades, o que denota certo caráter adultocêntrico (SPOSITO, CARRANO, 2003).

Esses programas tinham como fio condutor políticas públicas para as juventudes que mostram uma visão das mesmas como ameaça social ou como vítima da sociedade. Atualmente o entendimento dos jovens como sujeitos de direitos demanda uma nova abordagem à atenção à saúde dos jovens. Mas percebe-se que as políticas e programas de saúde direcionados às juventudes ainda são incipientes, tímidos, pouco abrangentes e de baixa efetividade, não respondendo às necessidades dessa população. As ações cuidadoras em saúde recortam o jovem pela perspectiva biologicista, dos ciclos de vida e continuam privilegiando a

prevenção de problemas relacionados aos adolescentes (HORTA; LAJE; SENA, 2009).

No setor saúde, discute-se pouco sobre as juventudes sob a ótica de sujeitos de direitos. Isso é evidenciado pelas formas como as políticas e ações em saúde geralmente são planejadas e implementadas: sem a participação dos jovens.

São raras as iniciativas voltadas para as juventudes, em saúde, que denotam uma visão abrangente dos mesmos como seres sociais, históricos, políticos, com capacidade crítica e participativa. Elas ainda são planejadas, executadas e avaliadas por adultos, conseqüentemente, são carregadas dos entendimentos que estes têm sobre os jovens e não têm como ponto de partida as necessidades nem as carências expressas pelas juventudes.

Alguns trabalhos científicos neste setor já começam a romper essas barreiras, mais ainda são poucos. Isso dificulta, inclusive, novas discussões. Falta um estado da arte mais consistente, sob essa perspectiva de juventudes. Ainda são poucos os referenciais na saúde que colaboram para as discussões propostas nesta pesquisa, pois a grande maioria continua focada na prevenção de riscos e agravos e doenças.

As discussões presentes neste capítulo procuram reforçar a visão dos jovens como sujeitos de direitos, o que inclui o direito à saúde, focalizando necessidade em saúde explicitadas pelos dados empíricos, na forma tanto de sua satisfação quanto de suas carências.

Tal intuito exige levar em conta os determinantes do processo saúde-doença para abarcar os múltiplos aspectos do conceito de saúde vigente, em especial a promoção da saúde sem, contudo, desconsiderar os fatores de adoecimento que foram abundantes nos dados empíricos.

Para análise, utilizou-se de alguns conceitos da área de saúde que embasam as discussões posteriores.

O atual conceito de saúde é ampliado e entendido como bem-estar biopsicossocial e espiritual, tendo como determinante as condições materiais de vida. O artigo 3º da Lei 8.080/90 dispõe sobre as condições para a promoção, proteção e recuperação da saúde, a organização e o funcionamento dos serviços correspondentes e dá outras providências, estabelecendo que:

Os níveis de saúde expressam a organização social e econômica do país, tendo a saúde como determinantes e condicionantes, entre outros, a alimentação, a moradia, o saneamento básico, o meio ambiente, o trabalho, a renda, a educação, a atividade física, o transporte, o lazer e o acesso aos bens e serviços essenciais (BRASIL, 1990, s/p).

A partir deste conceito, pode-se entender que a todo o momento na vida cotidiana estamos em relação com diversos acontecimentos com potencial de gerar saúde ou de desgastá-la.

O paradigma da promoção é particularmente importante quando se aborda o tema saúde e juventudes. Historicamente têm-se pelo menos três formulações distintas que retratam o entendimento do que é preciso fazer para se promover a saúde. Cada uma delas traz as marcas da ideologia dominante em seus períodos de desenvolvimento, mostrando os interesses que as fundamentaram. Atualmente, a somatória dessas conceituações constitui um modo híbrido nas práticas cotidianas.

De forma bastante resumida podem-se citar: a primeira concepção, desenvolvida sob a égide mercantilista, foi a higienista, com caráter econômico de manutenção da mão de obra em condições de produzir, pois as doenças causadas por condições sanitárias precárias das cidades eram um entrave à produção. Em seguida, adotou-se o entendimento de hábitos e estilos de vida saudáveis. Os indivíduos passaram a ser responsabilizados por sua saúde, pois a lógica era baseada unicamente em seus comportamentos, característica do liberalismo. Com a Revolução Industrial, as atenções voltaram-se novamente para a proteção da força laboral, só que dessa vez reconhecendo que as condições de vida são corresponsáveis e determinantes da saúde das populações (SILVA, 2009).

Consta na Carta de Ottawa, marco referencial no atual entendimento de promoção à saúde, que para promovê-la é preciso melhorar as condições de vida. As pessoas e as coletividades devem modificar o ambiente no sentido de satisfazer suas necessidades. A saúde é entendida como um recurso para a vida e não como objetivo de viver. A Carta estabelece ainda como “condições e recursos fundamentais para a saúde: paz, habitação, educação, alimentação, renda, ecossistema estável, recursos sustentáveis, justiça social e equidade” (BRASIL, 2002, p 20). Nesse contexto, pode-se considerar que a saúde é um resultado da qualidade de vida que abarca ações individuais, coletivas, condições de vida e as formas de interação com o meio ambiente.

É na dinamicidade do cotidiano como tempo e espaço sociais que os sujeitos lutam pela satisfação de suas necessidades. A escola, o trabalho, a residência, os locais de lazer e socialização são cenários pertencentes ao cotidiano dos jovens, em que se evidenciam ideologias e as disputas pelo poder. Nas vivências cotidianas podem-se perceber práticas de promoção da saúde e situações que colaboram para os processos de adoecimento. Para se promover a saúde, as pessoas e as coletividades devem modificar o ambiente no sentido de satisfazer suas necessidades (BRASIL, 2002).

Quanto às condições de trabalho, elas precisam oferecer segurança, estímulo, satisfação e serem agradáveis para que o trabalho possa cumprir seu papel de recurso para a vida (BRASIL, 2002). Dessa forma, subentende-se que, ao trabalhar as pessoas, estejam colaborando para a construção de uma sociedade mais saudável.

O trabalho liga-se intimamente ao bem-estar dos indivíduos, pois é a partir dessa categoria que a vida cotidiana organiza-se. Ele engendra-se no cotidiano, servindo como orientador para a vida humana.

Considerando que significativo percentual das horas diárias é dedicado ao trabalho, essa atividade comporta a potência de influenciar o estilo e a qualidade de vida dos trabalhadores. O grau de satisfação com o trabalho influencia positiva ou negativamente na manutenção da saúde, pois interfere significativamente no

cotidiano dos trabalhadores (HELLER, 2004; TEIXEIRA *et al.*, 2015). Nas falas dos jovens, percebem-se esses dois polos.

Rita 2º ano, 17 anos: [...] Nossa, lá [no local de trabalho] já foi bom de trabalhar, na época em que eu trabalhava de arquivista, as coisas eram menos difíceis. Depois que fui efetivada lá, eles me deram a função, porém, perceberam que eu era uma trouxa e começaram a pedir coisas nada a ver (Fonte: Diário de Rita, p. 4).

Rita 2º ano, 17 anos: Trabalhar e estudar é muita responsabilidade, NÃO:::. Acho que o emprego é fundamental na vida de um jovem (Fonte: Oficina).

Paula 2º ano, 19 anos: [...] Eu amo trabalhar em escritório [...] (Fonte: Diário de Paula, p. 27).

Renato 2º ano, 18 anos: [...] estou há três anos trabalhando, fazendo o que eu gosto, que é arrumar carros (Fonte: Diário de Renato, p. 3).

A concomitância do trabalho e estudo é, para muitos jovens, um fator de reconhecimento e gratificação pessoal/profissional, conseqüentemente, isso impacta de maneira positiva em sua qualidade de vida e de saúde.

Essa sobreposição lhes possibilita circular em ambientes diferentes de seu meio de origem e conhecer realidades distintas, conviver com pessoas que assumem comportamentos e modos de vida diferentes. Assim, eles podem perceber mais claramente a heterogeneidade e orientar melhor seus projetos de futuro, dando também à formação de suas identidades um curso inesperado, melhorado. Podem também, pela imitação, aderir a novos usos e costumes, modificar seus hábitos, referendando-se pelos exemplos dignificantes que surgem na dinamicidade de seu cotidiano. Nesse sentido, o trabalho tem característica fortemente formadora, ainda que os jovens encontrem muitos obstáculos.

Vários óbices enfrentados pelos jovens no mercado de trabalho relacionam-se a preconceitos. Sabe-se que jovens tem menos chances de se empregarem em relação aos adultos e as justificativas se fundam muitas vezes na falta de experiência.

O mundo do trabalho contemporâneo é mais exigente com os jovens. Sob as mesmas condições, eles recebem menores salários que os adultos. As

juventudes estão mais sujeitas ao desemprego e vivenciam condições laborais precárias, principalmente se pertencerem a grupos que sofrem algum tipo de exclusão social (BRASIL, 2010; 2012b; MENEZES; SENA, 2016).

Maria Rita 2º ano, 18 anos: preconceito (+) [...] preconceito tem em todos os lugares, na escola, no serviço. [...] até mesmo até pode ser o adulto também, que o adulto faz com os jovens. [...] igual, hoje é dia da consciência negra, tem muitos que não arrumam serviço por ser negro. [...] Por causa que ele é pobre, não tem roupa pra se vestir, que ele não vai arrumar um serviço? (Fonte: Oficina).

Conforme pode ser visto na fala de Maria Rita, o preconceito contra o jovem está presente em seu cotidiano de forma ampla. Ao teorizar sobre o cotidiano, Agnes Heller discorre sobre o juízo provisório como uma característica do cotidiano e esta emergiu das falas dos participantes com certa frequência, em forma de preconceito.

Os juízos provisórios carecem de uma teoria que os fundamente, eles se firmam no senso comum, em evidências pessoais ou sociais que lhes conferem o “estatuto de verdadeiros”. O preconceito é um juízo provisório cego, uma certeza intuitiva que dispensa explicações (FERNANDES, 2002).

Os preconceitos são ainda maiores para alguns grupos específicos: jovens negros e pobres, as mulheres, os moradores de comunidades periféricas. Além disso, nota-se preconceito contra o jovem nos relatos de intolerância contra suas atitudes, formas de se vestir e enfeitar, as quais reafirmam as culturas juvenis.

Raul 2º ano 18 anos: eu acho que (+) o povo fala assim que quando a pessoa usa brinco, que tem tatuagem, esses trem que ele não arruma serviço, e tal, que é ruim pra arrumar trabalho. Se ela é esforçada, eu acho que não tem alguma coisa a ver com a outra (Fonte: Oficina).

Pode-se considerar que ser alvo de preconceitos é danoso à saúde à medida que ele repercute negativamente na vida das pessoas que o sofrem, gerando sentimentos de menos valia, obstáculos para a consecução de projetos e

dificultando as relações sociais. Luka menciona se sentir alvo de preconceitos, como se segue:

CHARLIE BROWN JR
 Muita gente riu de mim
 Quando eu disse que podia fazer o que quisesse da minha vida
 Foram muitos anos de insistência
 Muitos baldes de água fria na cabeça
 Muitos goles a mais, alguns passos pra trás
 Só flagrando a cena
 Eu aprendi bastante para poder sorrir
 Pois ainda estou aqui tentando conquistar o meu espaço
 Com muito pouca condição
 Mas a cabeça não abaixo”
 Gosto muito do trecho desta música, pois quem estuda à noite e trabalha sofre esse preconceito de que não vai conseguir, vai parar de estudar, mas estamos de pé para provar o contrário. Só flagrando a cena (Fonte: Diário de Luka).

Mesmo com estes e outros empecilhos para atingir os objetivos que traçam para sua vida, os jovens “seguem em frente” na tentativa de conquistar um espaço que seja seu, numa sociedade cuja ideologia dominante os exclui. Por meio de suas preferências pessoais, os indivíduos podem aderir ou rechaçar os conteúdos morais do sistema hegemônico, sem deixar que tais normas destruam suas decisões.

Os participantes demonstraram estratégias para não deixar que os preconceito dos quais se sentem alvo os reduzam. Eles fazem isto de maneiras variadas: negando os efeitos nocivos do preconceito em sua vida, não lhe atribuindo muita importância, enfrentando a discriminação como um desafio a ser superado, assumindo uma atitude desafiadora, como consta no registro anterior de Luka e nas falas a seguir:

Renato 2º ano, 18 anos: Não, pelo contrário, [o preconceito] dá mais força pra gente enfrentar que a gente tenta sempre provar o contrário do que as pessoas falam a gente sofre o preconceito e a gente não pode pegar o preconceito e falar: “não, eu vou parar com isso” (Fonte: Oficina).

Túlio 2º ano 17 anos: Na minha opinião assim (+) de ser jovem e ser negro, eu acho que hoje em dia não atrapalha, não. Porque quem quer arrumar emprego, arruma. Não importa o jeito, não, mas arruma. É:: a questão da cor eu acho que não interfere em nada, não (Fonte: Oficina).

Marisa 2º ano, 18 anos: Porque assim (+) eu tenho um (+) sou casada, tenho filho e tal, mas quando eu vou sair no meio da sociedade, eu quero andar igual a uma adolescente, entendeu? [...] Hoje em dia os jovens querem mais é passear, balada (+)(Fonte: Oficina).

Estes atos denotam coragem perante si mesmos. Na fala de Marisa nota-se que ela sobrepõe outros papéis: mãe e esposa. Sabe-se que nem sempre as formas de agir, inclusive a aparência que a sociedade espera de uma mãe e esposa, coadunam com as tendências da moda e comportamento com os quais os jovens se identificam. Mesmo assim, Marisa assume seu gosto pela “atitude adolescente” e complementa:

Marisa 2º ano, 18 anos- [ser uma jovem que trabalha e estuda é] viver loucamente sem se importar com a opinião dos outros, porque nessa sociedade que a gente vive, a gente se preocupa mais com os outros do que com a gente. [...] porque o povo tem muito medo de viver loucamente (Fonte: Oficina).

Mas, os jovens não estão livres dos seus próprios preconceitos. Eles mostram um juízo provisório em relação à juventude em algumas de suas falas.

Thiago 2º ano 17 anos: Eu acho que juventude a gente vive só uma vez, é que depois dos 18 é só responsabilidade, responsabilidade [...] ser jovem é a melhor coisa que tem, né, sem preocupar com nada/.../ ((risos)) (Fonte: Oficina).

Paula 2º ano, 19 anos: a gente tá trabalhando e estudando, a gente não é casado, não tem filho, não mora sozinho nem nada [...] não tenho responsabilidade com nada. Agora, quando eu casar, quando eu for preocupar com uma casa [...] (Fonte: Oficina).

Tais afirmativas do seu entendimento de juventude como tempo de irresponsabilidade e despreocupação são, muitas vezes, contraditórias com as ações cotidianas mencionadas por eles nas oficinas e aquilo que foi registrado nos encontros com a pesquisadora.

Nas quatro oficinas houve 42 menções à responsabilidade dos jovens. Sendo assunto recorrente, revela sua importância e indica ser uma referência para a construção de suas identidades. Eles mostraram que sua rotina é árdua, cheia de compromissos, que eles assumem muitas responsabilidades. Essa contradição sugere que eles possam estar mais repetindo acriticamente uma ideia

hegemônica, frequentemente ouvida, do que propriamente relatando suas vivências pessoais.

Marisa 2º ano, 18 anos: Ser uma jovem que trabalha e estuda significa muito. Uma mãe responsável, e algum dia uma pessoa muito séria na vida (Fonte: Oficina).

Eddy 2º ano, 16 anos: É porque eu tenho mais responsabilidade do que outras pessoas da minha própria casa devido a eu trabalhar e estudar à noite (Fonte: Oficina).

Luan 1º ano, 16 anos: É difícil. Porque é:: tem que conciliar o estudo, o trabalho e o lazer e:: pôr as três coisas assim num dia é difícil. [...] tipo na sexta-feira, chega na sexta-feira cê tá pregado de tanto cansaço e aí fala, “não”, eu já falei com a minha mãe várias vezes, “não, não vou na aula não porque eu tô, TÔ MORTO, não dou conta” (Fonte: Oficina).

Nota-se nessas características atribuídas às juventudes um ideologia dominante: o adultocentrismo. Quando a sociedade marca esses sujeitos com características negativas como perigo, risco, irresponsabilidade, violência ou mesmo quando atribui a ela a responsabilidade pela construção do futuro, ela imprime nas pessoas uma falsa verdade de que o momento dos jovens não é o tempo presente, que eles não estão aptos a assumirem posições de poder.

É um discurso que tenta manter os interesses dos dominantes travestido de cuidado com a sociedade. Também dá a entender, de forma quase subliminar, que, por eles serem tão carregados de características negativas, não precisam ter seus direitos respeitados.

Assim, aceita-se, por meio de juízos provisórios, que eles trabalhem em condições precárias e sejam malremunerados. Pode-se até justificar que, sendo jovens, eles têm energia suficiente para suportar altas cargas de trabalho. Todavia o trabalho intenso e de muitas horas pode ser prejudicial ao jovem, principalmente aquele que o associa ao estudo.

Alguns destes prejuízos são reconhecidos pela OIT que preconiza oficialmente uma carga horária mais branda para as juventudes, além de prever e sugerir alguns aspectos laborais que tornem este trabalho mais adequado aos jovens. Em consonância com a OIT, o sistema de saúde brasileiro recomenda que o

trabalho seja entendido e produzido como um recurso que promova a saúde dos indivíduos. Para tanto é preciso que este trabalho tenha qualidade.

Dentre as dimensões da qualidade do emprego, podem-se citar: renda; benefícios; estabilidade do trabalho e do salário; vínculos contratuais; proteção social; ritmo e intensidade da jornada de trabalho; risco de acidentes e de doenças ocupacionais; autonomia e participação em decisões ligadas ao trabalho; possibilidades de desenvolvimentos de habilidades pessoais, profissionais e da criatividade, interesse no trabalho (ARROYO, 2014, BRASIL, 2010; OIT, 2015).

O trabalho é algo durável por certo período de tempo, realizado repetida, metódica e ordenadamente no cotidiano. Nesta repetição há um consumo de energia que desgasta o trabalhador física e mentalmente.

Rita 2º ano, 17 anos: “Estou muito cansada e esse meu vaivém todo dia está me desgastando” (Fonte: Diário de Rita, p. 26).

O trabalho em superposição ao ensino médio é uma associação tão difícil, que acaba potencializando o desgaste da saúde inerente ao ato de trabalhar. Ademais, as condições de trabalho precárias colaboram para um desgaste ainda maior da saúde dos trabalhadores.

Alguns jovens foram bastante claros ao falar das más-condições laborais. Rita compara o trabalho com tortura, lembrando intensamente a origem etimológica desta palavra como *tripallium*, “instrumento de tortura composto de três paus, da ideia inicial de ‘sofrer’ passou-se à de esforçar(-se), lutar, pugnar e, por fim, trabalhar” (CUNHA, 2007, p. 779):

Rita 2º ano, 17 anos: Já não gosto de segunda, ainda mais quando eu tenho que ir trabalhar, é uma tortura. Porque quanto mais eu fico lá dentro, mais eles me infernizam, eles pedem favores absurdos (Fonte: Diário de Rita, p. 8).

Paula 2º ano, 19 anos: Hoje meu patrão infernizou a minha vida, queria que eu digitasse seis meses de uma empresa em um dia. Isso é humanamente impossível. Ficou me apressando, me perguntando o tempo todo em qual mês eu já estava, e eu não consigo trabalhar sob

pressão, me desconcentra e me deixa nervosa, e quando fico nervosa faço tudo errado (Fonte: Diário de Paula, p. 23).

As jovens informam serem “infernizadas” no local de trabalho e, segundo o dicionário etimológico da língua portuguesa, o inferno é um “lugar do suplício das almas condenadas” (CUNHA, 2007, p. 435). Tal vocábulo traduz um sentimento de sofrimento profundo, que leva ao mal-estar e consome o indivíduo.

A ANTDJ recomenda jornada de trabalho semanal de menos de 30 horas e outras condições que tornariam o trabalho do jovem mais adequado a esse período específico e complexo de suas trajetórias, que é a juventude.

Em alguns casos, o desgaste originado por rotina intensa, de muitas horas diárias e desgastante acaba por frustrar as intenções de trabalho ou de estudo dos jovens. Há casos em que os jovens acabam por fazer opção entre um e outro. Eles guardam a esperança de retomar a atividade abandonada quando as condições forem mais favoráveis, assumindo uma trajetória irregular. A estratégia do abandono de uma atividade, mesmo que temporário, resolve momentaneamente o problema, mas pode gerar outras repercussões negativas. Essa irregularidade, principalmente se for escolar, pode causar nos jovens sentimentos de fracasso, baixa autoestima, a sensação de inadequação, frustrações. Deve-se levar em conta também que eles podem não encontrar um momento propício ou energias para retornar à escola ou ainda levar muitos anos para retomar os estudos, com conseqüente redução de suas possibilidades de melhoria das condições de vida.

Ana Carolina 1º ano, 18 anos: [...] parei [de estudar] (+) não foi por cansaço, foi por exaustão e:: saúde [...] (no retorno aos estudos) É meio estranho ((risinhos)) porque você com 18 anos numa sala menino de 13, 14, 15, 16 anos é é meio puxado (+) porque querendo ou não, a sua maturidade, né, nada contra (+) a maioria das pessoas aqui é bem madura, mas (+) é difícil (+) (Fonte: Oficina).

A escassez do tempo livre em meio a uma rotina cotidiana atribulada e marcada pela centralidade do estudo e do trabalho é um óbice que se interpõe a algumas necessidades dos participantes, como o descanso e o sono. Há insuficiência de repouso pela carência horas de sono necessárias à recuperação das energias

despendidas na jornada laboral. O verbo dormir, as palavras sono e cansaço e suas variantes tiveram alta incidência nos discursos dos jovens.

Rita 2º ano, 17 anos: Domingo parece que a preguiça e o sono reinam. Estou cansada. Fiz nada hoje, eu tô no chão de tanto cansaço (Fonte: Diário de Rita, p. 30).

Os jovens mostraram que não dormem o suficiente para descansar. O cansaço é uma constante em seu cotidiano e reduz as possibilidades de vivência de alguns aspectos da condição juvenil à medida que, em diversas situações, eles afirmaram deixar de realizar atividades relacionadas às vivências juvenis para dormir e/ou descansar. A sonolência excessiva pode ser compreendida como um sintoma de que a saúde está sendo deteriorada.

Os participantes mencionaram outros sintomas que são indicativos de que algo não vai bem com seu corpo, relacionado à rotina árdua à qual se submetem.

Rita 2º ano, 17 anos: Tô aqui no centro e nada dessa dor [cefaleia] passar, graças a Deus o serviço não é muito [...] (Fonte: Diário de Rita).

Paula 2º ano, 19 anos: Hoje ficou faltando um mês para acabar o banco/caixa que o Alex me pediu, nossa, minha cabeça está até doendo de tanto nervosismo e preocupação de acabar isso rápido, e só de pensar que agora ainda tenho que ir lá e enfrentar cinco aulas antes de poder ir embora, dá um desânimo de viver (Fonte: Diário de Paula, p. 24).

Revisão integrativa da literatura sobre fatores de desgaste na saúde de jovens que trabalham e estudam enumera os seguintes sinais e sintomas na saúde dessa população: “cefaleia, mialgia, dorsalgia, cervicalgia, otalgia, dor em membros, nas grandes articulações [...], lesões dermatológicas e osteomusculares, atraso do desenvolvimento físico-motor e afetivo, envelhecimento precoce” (MENEZES CABRAL; SENA, 2016, p. 1265).

O sono é um dos principais processos fisiológico para a manutenção da vida. A qualidade do mesmo é crucial para proporcionar descanso e é influenciada pela quantidade de horas que se dorme, por fatores sociais e ambientais, além das interferências de causa física propriamente ditas (PEREIRA *et al.*, 2015).

Rita 2º ano, 17 anos DIÁRIO: [...] o meu FDS [fim de semana] está se resumindo a dormir [...] depois que comecei a trabalhar o dia inteiro (p. 6). [...] hoje minha aula terminou mais cedo, então eu vou aproveitar deitar e dormir (p. 25) (Fonte: Diário de Rita).

Paula 2º ano, 19 anos: [...] Vou dormir um pouco mais cedo hoje, queria assistir BBB [*Big Brother Brasil*], mas meu sono é bem mais importante, e amanhã a luta começa outra vez. [...] Como passa rápido o final de semana, já é domingo e agora amanhã já tenho que levantar cedo de novo. Quando eu for rica, vou trabalhar só na parte da tarde, só pra dormir a manhã inteira e compensar todos os anos que passei levantando cedo e dormindo tarde por conta dessa jornada dupla de trabalhadora e estudante! (p. 15). [...] agora estou voltando da escola com a moto da minha irmã, chego em casa uns 10 minutos mais cedo, mas todo tempo por menor que seja que sobre pra mim, eu o uso para dormir, eu já fico pensando, nossa! Vou chegar mais cedo, poder dormir mais cedo e descansar mais [...] (p. 6) (Fonte: Diário de Paula).

Laura 2º ano, 18 anos: Ah, porque eu gosto de dormir e na hora que eu tô trabalhando dá muito sono [risos do grupo] não, realmente, eu tô sendo sincera. Eu durmo até meio-dia, durmo até as quatro da tarde, eu gosto DEMAIS de dormir, só que eu tô sendo sincera! (Fonte: Oficina).

Bruno 2º ano, 18 anos: O tempo que eu tenho em casa é pra dormir (Fonte: Oficina).

As repercussões da insuficiência de horas de sono são variadas, citando-se: redução da atenção e do desempenho cognitivo, aumento da sonolência diurna excessiva, excesso de peso corporal, dificuldades de aprendizagem. Relaciona-se também ao aumento do risco de acidentes e danos ocupacionais (MCCURDY, 2012; PEREIRA *et al.*, 2011).

Embora a adequada duração de sono seja singular, um estudo brasileiro propôs período mínimo de 8,33 horas para adolescentes em dias letivos, para evitar sonolência diurna (PEREIRA *et al.*, 2015).

Acrescentam-se algumas perdas relacionadas às possibilidades de momentos de socialização, fruição e lazer, pois, conforme visto nas falas, em seu tempo livre certos jovens optam por dormir em vez de se divertirem. Pode-se inferir que a segunda opção seria a escolha se não estivessem em débito com a quantidade de horas necessárias para dormir e descansar.

Na concretude da vida cotidiana dos jovens, eles informam dias de muito estresse e cansaço, pela sobreposição de tantas demandas às quais eles se sentem na

responsabilidade de responder. Confirmando um dos pressupostos deste trabalho, o cansaço e a exiguidade temporal estão na base dos maiores óbices encontrados pelos participantes para vivenciarem a tríade.



Fonte: Diário de Luka.

Luka 2º ano, 18 anos: Tem dias, como hoje, que o serviço tá puxado, a escola nem se fala, sinto que o mundo tá caindo sobre mim (Fonte: Diário de Luka, p. 5).

Paula 2º ano, 19 anos: [...] Essa semana foi de muito estudo, apesar de não ter estudado em casa, foi impressionante, não teve um minuto que fiquei à toa na escola, muitas provas no mesmo dia e na mesma semana, estão fechando o primeiro bimestre e a gente fica com a cabeça a mil de tanta coisa pra entregar e pra fazer, mas até então está dando tudo certo! (p. 30). Essa semana a escola está pegando fogo, é prova atrás de prova (p. 32) (Fonte: Diário de Paula).

Rita 2º ano, 17 anos: Hoje o dia rendeu. Na clínica eu tive serviço a rodo. Quando fui pro centro tava um pouco corrido. Fui em um monte de lugares, entreguei convênios, peguei resultado de exame, fiz um punhado de depósito. Antes eu pagava as contas da clínica no Itaú do lado [da clínica], só que eles pararam de mexer com dinheiro, agora estou tendo que ir no Itaú do centro que simplesmente é roiado de gente (p. 31). Hoje foi dia de cirurgia na clínica, então, estava tudo corrido. Ajudei no aquivo, fiz minhas guias e pronto (Fonte: Diário de Rita, p. 34).

No tocante aos fatores emocionais, os participantes aludem às frequentes privações da presença da família e/ou dos pares, devido à atribulação cotidiana que não permite encontros com a frequência e duração que gostariam.

Fiuk 1º ano, 16 anos: [...] eu vejo ela [a mãe] muito rápido... é coisa assim, sabe? Aí no fim de semana que eu tenho pra ficar com ela, aí a gente tá cansado, a gente quer dormir, aí a gente tem que sair (+) aí,

entendeu? É muito pouco tempo que a gente passa com a família (Fonte: Oficina).

Jorge 2º ano, 17 anos: A gente acaba largando um pouco as amizades porque a gente não tem muito tempo pra isso (+) a gente tem só o final de semana, aí dá pra rever só alguns amigos. Igual o LUAN, eu tenho muitos anos de amizade com ele, só que aí, eu peguei, né, mudei de casa, comecei a trabalhar, e aí eu quase não via eles. Eles até ficava brincando que eu tinha esquecido dos pobres, tinha ficado rico ((risos)), mas é porque eu não tinha tempo de verdade, eu trabalhava a semana inteira e estudava, chegava sábado e domingo eu queria ficar em casa, aí cê acaba largando as amizades um pouco (Fonte: Oficina).

Há relatos de que o tumulto do dia a dia pode perturbar suas relações interpessoais, que os jovens reconhecem originar-se do estresse gerado pela sobrecarga das atividades cotidianas. Esse estresse interfere negativamente nos seus relacionamentos. Em decorrência disso, seus relacionamentos podem se tornar conflituosos.

Luan 1º ano, 16 anos: Às vezes eu tenho vários conflitos lá em casa com o meu pai ou com a minha mãe porque eu chego estressado e (+) não aceito nada que eles falam e tal, e:: [risos femininos] e vai querer brigar e isso e aquilo. [...] Às vezes eles [os pais] acham ruim, só que tipo (+) é cansaço. [...] A gente nem vê o que que a gente tá fazendo, depois a gente para e pensa (+) e:: fez porque você tava também /.../ impaciente. Cê passou alguma coisa no serviço (+) que nem eu que mexo com com pessoa todo o dia, tem pessoa que é enjoada demais da conta e eu não tenho paciência, então, às vezes assim: atrapalha porque às vezes, sua família, cê fica (+) de mal com a sua família sendo que o problema não é eles, é no seu cotidiano, no dia, né, então (+) (Fonte: Oficina).

Rita 2º ano, 17 anos: [...] meu dia na clínica foi tranquilo só que eu tô estressando muito com as pessoas de lá, tô querendo enforçar todos. E acaba que eu chego na escola, eu não presto atenção, quero contar a raiva que me fazem, comentar sobre algo que não tem a ver com a aula e isso acaba me prejudicando, até dormir na sala eu estou dormindo. [...] (p. 25). [...] Nó, que ódio, hoje não é dia de eu sair da clínica e advinha? Tive que sair [...] cheguei lá, eu precisava de mais um monte de coisa, voltei pra clínica bufando, depois fui acalmando (p.27) [...] (Fonte: Diário de Rita).

Rita declara que sente raiva, ódio e o desejo de aniquilar seus colegas de trabalho, mas ela opta por apenas “bufar” em vez de expressar claramente seus incômodos. Essas emoções registradas por Rita sinalizam para uma situação de risco à saúde mental e para a segurança física de seus colegas de trabalho, tendo em vista que o estresse pode desencadear a violência. No cotidiano, as pessoas definem de modo automático ou controlado, consciente ou inconsciente a maneira que utilizará e expressará suas emoções (RODRIGUES; GONDIM, 2014).

Os participantes reconhecem que algumas imposições para a manutenção do trabalho em concomitância ao estudo repercutem negativamente em seu cotidiano, interferindo em outras dimensões de sua vida de forma negativa. Eles relatam algumas condições precárias de trabalho, às vezes até indignas, perpassadas por conflitos. Identificou-se o estresse como fator de desgaste da saúde e das relações dos jovens com a escola, trabalho, relacionamentos pessoais.

Rita 2º ano, 17 anos: [...] Tô tão cansada que meus amigos de classe acharam que eu estava com raiva de algo ou passando mal (p. 25). [...] Esses dias [...] não aconteceu nada de mais, só amolação no serviço (p. 8). [...] estou decidida a sair do meu emprego. Nossa, lá já foi bom de trabalhar, na época em que eu trabalhava de arquivista, as coisas eram menos difíceis, depois que fui efetivada lá, eles me deram a função, porém perceberam que eu era uma trouxa e começaram a pedir coisas nada a ver (p. 4) (Fonte: Diário de Rita) .

Rita declara que se esforça para tolerar o desrespeito do qual se sente alvo no trabalho, mas está no limite de suas forças. Essa jovem faz vários e amplos relatos de sua situação laboral que a desgasta:

Rita 2º ano, 17 anos: [...] Nossa! Oi, sinceramente, não dá mais. Eu não aguento aquele emprego, vou contar o que aconteceu. Meus dias de ir no centro, sair da clínica para fazer qualquer tipo de serviço é especificamente na SEGUNDA, QUARTA e SEXTA, dias de TERÇA E QUINTA, eu fico na clínica pra ajudar no arquivo, ajudar na recepção, resolver os meus problemas, dar telefonemas, colocar as contas em dia. Enfim, arrumar a minha vida. Beleza. Daí eu estava lá ajudando a Laura no arquivo e o cabo do telefone da Sinara, uma das secretárias, estragou. Daí eu já vi que ia sobrar pra mim. A gerente pediu pra que eu fosse no *shopping* olhar nas Lojas Americanas se tinha. Fui na Sinara e perguntei pra ela se poderia ir na quarta porque hoje, TERÇA, não era dia de eu sair. Ela disse que não tem importância. Tudo bem. Depois a gerente recebeu uma ligação daquela praga daquela filha dela e me chamou, perguntou se eu queria o dinheiro agora pra ir comprar o cabo da Sinara. Falei que não porque não era dia de eu sair e a Sinara disse que não se importaria se eu fosse na quarta. A DIABA da gerente VIRA E FALA: ENTÃO, VOCÊ VAI NA RODOVIÁRIA COMPRAR UMA PASSAGEM PRA LALÁ. (Desculpa, Elen), mas... PUTA QUE PARIU! Nunca fiquei com tanto ódio na minha vida. A trouxa aqui foi. Fiquei uns 20 minutos na fila, e não me arrependo do que fiz, mas comprei a última poltrona pra ela, bem de frente ao banheiro e rezei pra que aquele troço fosse fedendo daqui até lá (p. 12 e 13). Hoje QUARTA-FEIRA e advinha: a raiva que eu estava não quer passar de jeito nenhum. Sério, tá esgotando a minha paciência. Esqueci de comentar sobre o Ricardo. Ele trabalha na clínica comigo e olha, o homenzinho é cínico, pau de espinho, arrogante, metido a dono da clínica, e sem falar que é feio. Ele inventou que quer bateria pro telefone do bloco cirúrgico. Tudo bem, o

que entendemos por bateria [desenho] duas pilhas juntas, né? [eu não sei se está entendendo] compro a bosta, aí eu chego na clínica e advinha: aquele idiota fala que não é bateria É PILHA ALCALINA RECARREGÁVEL, eu mereço. Agora, mala, só sexta (p. 14). Boa noite, Ellen, continuando a história: na quinta ele vem falando de pilha de novo. Já falei que ele é debochado? Se não, você não imagina o quanto. Nossa, começou a mexida. Fiquei semana passada toda caçando a tal da pilha porque além de todos esses defeitos que ele tem, não sabe falar o que quer bem explícito e quer que a pessoa adivinhe os pensamentos dele é considerado também. O Dr Júlio me pediu para ir no correio... [eu] disse que não porque era QUINTA e eu só sairia amanhã. Ele perguntou até que horas ficava aberto e eu disse que 19:30 e ele foi. Ele é muito chato (p. 15). SEXTA-FEIRA e vamos que vamos achar a tal da pilha. Beleza, fui no centro encontrei a pilha [...] deu tudo certo e graças a Deus não vou trabalhar na SEGUNDA [desenho de uma carinha sorridente, os olhos são corações] (p. 16). Pedi demissão, mas não tive coragem de falar o que realmente me incomoda: é a gerente e a pedição pra eu sair nos dias que não saio, pra resolver coisa pessoal dela. Falei do salário, do Júlio, aí ela ficou doida, não quer que eu saia. A Dr^a Edna pediu pra que eu ficasse, mandou a gerente aumentar meu salário e descobrir o porquê mesmo quero sair (p. 32). A gerente começou a entrevistar umas meninas pra ficar aqui, mas ela não está gostando de nenhuma, então, veio conversar comigo. Pediu pra que eu pensasse direito porque ela iria aumentar meu salário e emprego hoje não tá fácil. Eu cheguei em casa, conversei com minha mãe e ela pediu pra eu ficar, mas criar coragem e falar com ela o que me incomoda realmente. Vamos ver se amanhã eu falo (p. 33) (Fonte: Diário de Rita).

As expressões emocionais são cruciais para o desenvolvimento das relações interpessoais. A forma dos trabalhadores lidarem com as emoções pessoais e com as dos demais tem se tornado um importante fator nas relações do indivíduo com as organizações. O manejo emocional impacta nas interações com colegas de trabalho e no atendimento a clientes. Situações do cotidiano de trabalho, mudanças organizacionais e características de clientes e colegas de trabalho envolvem emoções que, por sua vez, influenciam a saúde do trabalhador. Para nos mantermos nos lugares sociais que ocupamos lançamos mão de uma tentativa controlada ou automática de lidar com as emoções, selecionando a forma como elas serão expressas. A maneira como cada um responde emocionalmente ao ambiente colabora para a definição da qualidade da sua interação com o meio (RODRIGUES; GONDIM, 2014).

Rita opta por se calar e chega a pedir demissão. Todavia, nem no momento demissional ela se sente livre para expressar os reais motivos dessa atitude desesperada, o que demonstra um jogo pernicioso de poder que subjaz suas relações laborais.

Nos registros do diário de Rita, verifica-se que a jovem foi contratada para ocupar cargo de secretária, mas desenvolve várias atividades que nem sempre condizem com seu cargo: *office girl*, recepcionista, telefonista, resolver questões pessoais da gerente e dos proprietários, como comprar passagem de ônibus para a filha da gerente, pagar contas pessoais de terceiros, comprar materiais de escritório.

Em algumas falas Rita se referiu a parte dessas atividades como “favores absurdos”, mas que também podem ser chamados de exploração. Percebe-se um constrangimento da jovem em negar tais “favores”, talvez porque perceba a vulnerabilidade em que se encontra. Ela reflete sobre as dificuldades enfrentadas pelos jovens para permanência no mercado laboral e que seu salário é essencial na composição da renda familiar.

Rita também discorre sobre os conflitos que vivencia no trabalho e mostra que se sente humilhada, tratada com cinismo. As condições laborais de alguns jovens demonstram que nem sempre eles são reconhecidos como sujeitos de direitos, pois elas ferem a cidadania dos mesmos com o desrespeito e outras formas de subjugação.

As principais dificuldades mencionadas para a vivência da tríade foram o cansaço e a carência de tempo livre, mas anteriormente a isso a condição social é um obstáculo que se insinua lenta e continuamente na vida desses jovens mesmo antes do seu próprio nascimento. A pobreza e as demais desigualdades sociais influenciam a baixa qualidade de vida e saúde dos jovens.

Bioncé 3º ano, 19 anos: Ser um jovem que trabalha... é::: é armar barraco, ((risos do grupo)) dormir em qualquer canto, tudo em pouquíssimo tempo, e no final das contas pra você ter um pouquinho de dinheiro, né, pra ir pras festas (++) ter uns aqui beijo (Fonte: Oficina).

A maioria dos participantes tinha condições de vida desfavoráveis que se imbricavam com os demais potenciais fatores de desgaste da saúde. Essa confluência de situações adversas reduz as chances de atingirem seus propósitos de uma vida melhor no futuro.

O histórico familiar dos participantes era de baixa escolaridade e alguns já superaram o nível estudantil de seus pais. Determinadas trajetórias escolares foram marcadas pela irregularidade e baixo nível de engajamento escolar. Os jovens sofrem privações materiais e a pobreza os leva à inserção precoce no mercado laboral submetendo-se a condições de trabalho desfavoráveis (MENEZES CABRAL; SENA, 2016).

Foram registradas situações humilhantes como reiteradamente mencionado por Rita e altamente insalubres no registro do encontro com a pesquisadora no trabalho de Lennine. As condições laborais precárias, perigosas, insalubres e desrespeitosas lesam os direitos dos jovens, impactando negativamente na sua saúde.

Lima, Barros e Aquino (2012, p. 103) prelecionam que “as condições, a partir das quais o trabalho é desenvolvido, bem como a relação do sujeito com sua produção, geram impactos à sua subjetividade, ocasionando consequências diversas”. Nas atividades laborais de Lennine, percebe-se que ele maneja o esmeril de forma repetitiva, monótona.

Atividades realizadas dessa forma se opõem ao novo, à criação. Assim, quem fica preso aos precedentes, aquilo que já foi estabelecido, tem dificuldades de criar, libertar a imaginação, pois é mais fácil colocar tudo dentro do que já está pronto. O gasto energético é puramente físico, prescindindo de exercícios mentais de mais complexidade. Ao deixar de exercitar uma função física ou mental, corre-se o risco de mantê-las estagnadas. Por outro lado, ao colocá-las em movimento elas se expandem, desenvolvendo nossas habilidades.

Nas nossas ações diárias mais corriqueiras, e muitas vezes baseadas em acontecimentos precedentes exitosos, usamos a probabilidade para nos orientar. Essa probabilidade é a chance de uma ação empírica ser bem-sucedida ou não e, na maioria das vezes, o êxito é alcançado. Então, esse ato passa a ser sempre repetido (RODRIGUES; GONDIM, 2014).

As tarefas laborais das classes operárias pós-industriais são marcadas pela redução do trabalhador a repetidor mecânico numa linha de produção da qual ele participa apenas de uma pequena parte, sem se dar conta do todo. Na atualidade, alguns trabalhadores ainda passam a jornada diária inteira executando ações sem nunca precisarem fazer um cálculo sequer, “até que um dia, um dos mesmos sentidos, já não tão alerta, erra na escolha da possibilidade...” (GUIMARÃES, 2002, p. 15), abrindo brechas para a ocorrência de acidentes laborais.

Quando os acidentes não são fatais, eles podem incorrer em sérios prejuízos para a saúde física e mental do trabalhador ao longo da vida. Citam-se lesões físicas temporárias ou permanentes, que demandam dispêndio de tempo, energias, uso de medicamentos e serviços de saúde que poderiam ter sido evitados. Nas sequelas permanentes, os trabalhadores podem ser levados à aposentadoria por invalidez em um período ainda muito produtivo da vida. Em todos os casos, além dessas perdas pessoais, devem ser levados em conta os prejuízos econômicos para a nação.

As juventudes são expostas a atividades laborais perigosas que ocasionam o aumento das taxas de morbimortalidade das mesmas. Embora haja subnotificações, os índices de acidentes ocupacionais nessa população são altos e minimamente podem levar à perda de horas substanciais de trabalho. Insegurança e periculosidade laborais são especialmente preocupantes quando se trata de jovens, devido às suas especificidades biopsíquicas, que lhes atribuem mais vulnerabilidade (MENEZES CABRAL; SENA, 2016).

Para uma parcela da população deste estudo, com tamanhos óbices e imposições, parecem ser poucas as chances de ascensão sociolaborais e muitas as possibilidades de reprodução das trajetórias ocupacionais parentais: desqualificadas e malremuneradas. Esse cenário reduz as chances de sucesso escolar e qualificação profissional, retroalimentando o ciclo de pobreza no qual esses jovens estão inseridos.

Por outro lado, a educação, a formação e a aprendizagem ao longo da vida fomentam um ciclo virtuoso de melhoria da empregabilidade, mais produtividade,

aumento dos rendimentos e desenvolvimento (BRASIL, 2012). Dessa forma, os jovens lutam para manterem a simultaneidade do trabalho e estudo, não obstante os numerosos empecilhos que encontram no cotidiano e as repercussões em sua saúde, as quais raramente são notadas por eles.

Em muitos casos, os danos à saúde não se traduzem imediatamente como adoecimento, mas vão se estabelecendo de forma lenta e insidiosa, em pequenas atitudes cotidianas que nada parecem ter de muito perniciosas. Mas com o avançar do tempo e a somatória de todos os prejuízos pretensamente insignificantes, a saúde se deteriora. Os participantes relatam ações danosas que tendem a se tornar hábito, como má-alimentação, perdas de horas de sono, sedentarismo.

Annita 1º ano, 17 anos: [...] Eu já deixei de almoçar pra fazer trabalho. E:: você pega e come uma besteira (+) aí cê vai prejudicando (+) aí a gente vem pra escola e compra uma besteira antes de entrar (+) aí come, tipo: pastel, refrigerante, tudo isso acaba com seu (+) com seu corpo [alimentação prejudicada] (Fonte: Oficina).

Ana Carolina 1º ano, 18 anos: Mas eu acho que deixar de dormir também não. Claro que pode acontecer, mas deixar de dormir também, prejudica, né, a saúde. Então, é:: muitas vezes, a gente deixa mesmo de dormir [para fazer trabalhos escolares ou estudar], mas do meu ponto de vista, prejudica a saúde (Fonte: Oficina).

Maria Rita 2º ano, 18 anos: Chega em casa onze horas, acorda seis horas pra trabalhar de novo (Fonte: Oficina).

Lennine 2º ano, 17 anos OFICINA: Ah, é muito cansativo, igual eu acordo dez pras cinco e vou dormir onze e meia (+) (Fonte: Oficina).

O hábito é uma construção individual, repetitiva, mas não igual, que busca ampliar as possibilidades na vida cotidiana e responde à tensão feita pelas instituições: o trabalho, a escola, as instituições religiosas, de lazer, os pares, a família, etc. (HELLER, 2004).

O modo como os jovens que trabalham e estudam lidam com os elementos que compõem seu cotidiano repercutem de forma positiva ou negativa nas diferentes esferas de suas vivências. Ressalta-se que o estilo de vida é uma dimensão importante na determinação da saúde.

Os participantes mostram que trabalhar e cursar o ensino médio guarda íntima relação com a vivência de suas condições juvenis. Na escola eles se socializam com seus pares e o trabalho lhes proporciona um poder de compra de bens de consumo, cultura e lazer os quais suas famílias não podem lhes proporcionar, além dos ganhos morais, psicológicos, etc. Poder vivenciar aspectos da juventude e aderir a um modo de vida que lhes atrai é uma fonte de satisfação e sensação de bem-estar para os jovens.

Marisa 2º ano, 18 anos: Eu trabalho pra ser uma pessoa bem-conceituada e quem sabe, né, andar na moda (+) bem divulgada. [...] Eu quero vestir roupa descolada, quero sair bem (Fonte: Oficina).

Pitty 2º ano 16 anos: Eu trabalho porque eu quero [...] quero viajar, conhecer lugar novo (Fonte: Oficina).

Maria Cecília 3º ano, 19 anos: [eu trabalho porque] [...] pelo menos a maioria dos jovens que eu conheço gosta muito de festa, de viajar, de dançar, pelo menos no meu caso (Fonte: Oficina).

Michel 3º ano, 18 anos: A maioria dos jovens aqui trabalha só pra ter bens materiais e pra comprar comida /.../ então, eu acho que uma das coisas que mexe muito com os jovens é isso: a moda e o alimento, né, a comida (Fonte: Oficina).

Cláudia 3º ano, 17 anos: É:: do meu trabalho é:: a maioria do meu salário eu gasto mais é com roupa e sapato, até a minha mãe chama a minha atenção por causa disso, mas é normal (Fonte: Oficina).

O lazer é um agente promotor da saúde e também um aspecto fortemente relacionado às culturas juvenis. O trabalho proporciona aos jovens melhoria do lazer à medida que abre possibilidades praticamente inacessíveis para eles fora do contexto do trabalho, como: o ingresso em *shows*, cinema; possibilidades financeiras para lanche, comprar roupas consideradas por eles mais adequadas para as juventudes.

O lazer se configura como parte importante da qualidade de vida das pessoas, por isso deveria receber mais atenção e cuidados especiais e estar mais presente na pauta dos governantes. Essa dimensão deveria ser mais assídua no cotidiano das pessoas, com mais qualidade e de forma que possibilitasse a edificação de uma sociedade melhor e mais igualitária.

Para seu aproveitamento saudável, o lazer deveria ser facilitado por políticas públicas específicas, por instrumentos adequados, assim como pela educação. Ethel Medeiros, estudiosa do lazer, acrescenta, poética e belamente, que a alegria interior favorece a sorte, conforme aprendido por ela nos escritos de Descartes, sendo também um tempero da vida que cada um precisa acrescentar à própria existência (AMARAL; NUNES, 2011).

Apesar de o trabalho melhorar o lazer dos jovens por lhes possibilitar o acesso a vários ambientes e situações, contraditoriamente, muitas vezes, as possibilidades de lazer pioram com a inserção laboral. Ele é limitado pelo trabalho, pelas responsabilidades com a escola e pelas relações cotidianas de sociabilidade (MENDES, 2013).

A atividade física é valorizada como um potente promotor da saúde. Na fala a seguir, o jovem demonstra sua preocupação com o sedentarismo como um fator presente no cotidiano de jovens trabalhadores e estudantes. O desenvolvimento de atividades físicas pode promover a saúde.

[Voz masculina]: [...] um negócio que eles falam também é sobre o sedentarismo. O sedentarismo da juventude [...] eu acho que isso ocorre porque (+) por causa da falta de esporte [...] e isso vai causando, né, doença (+) [...] um pouco porque a maioria larga de fazer esporte porque (+) tá trabalhando [...] (Fonte: Oficina).

Um trecho dos discursos que continham a modalidade “andar de bicicleta” mostra o lado ecológico, ambientalista que pode ser relacionado aos esportes, pois o participante desloca-se para o trabalho e para a escola cotidianamente, fazendo uso desse meio de transporte. Gomes (2014) defende uma forte conexão entre o lazer e a preservação do meio ambiente.

Jorge 2º ano, 17 anos: Ele [apresentando seu colega GUSTAVO] [...]:: gosta de andar de bicicleta, [...] vai pro serviço dele de bicicleta também [...] ele vem de bicicleta do serviço pra cá [EEDAV]. Ele tá meio tristonho assim hoje porque roubaram a bicicleta dele (Fonte: Oficina).

Com base nesse aspecto, há mais uma interseção com o viver saudável, tendo em vista que o conceito de saúde vigente é ampliado e considera o meio ambiente como um fator determinante da saúde dos indivíduos.

O uso da bicicleta como meio de transporte, além de ser uma atividade física, lúdica e relaxante para o sujeito, é também uma maneira de poupar o meio ambiente da emissão de gases tóxicos. Além disso, colabora para a melhoria do trânsito e os gastos são muito inferiores aos do transporte motorizado. É uma forma de movimentar o corpo que pode trazer sensação prazerosa, pode proporcionar mais sentimento de autonomia, pois possibilita a escolha do próprio trajeto rompendo um pouco com o convencional: fazer o mesmo percurso diário dentro de um ônibus lotado.

O tédio e a monotonia são sentimentos que os jovens evitam sempre que podem. Em várias falas, eles reinventam o cotidiano, como uma tentativa de fuga à mesmice.

Annita 1º ano, 17 anos: [se ficar somente em casa todo final de semana] [...] acaba que (+) você acaba cansando de descansar [risos]. Você continuar a mesma coisa dentro de casa (+) é:: descansando toda vez, você acaba levando uma vida sedentária como ele falou. Aí eu vou pelo menos dar uma volta no quarteirão [risos] [...] já é alguma coisa (Fonte: Oficina).

Nessa fala de Annita ficam claros o tédio, o vazio e a monotonia e subjaz a falta de oportunidades viáveis de fruição. Os participantes se queixaram da falta de oportunidades para o lazer esportivo e as justificativas são, novamente, o cansaço e a falta de tempo disponível.

Luan 1º ano, 16 anos: [...] eu jogava bola [...] queria crescer como jogador de *football*:: com o passar do tempo eu fui crescendo e não adiantou nada porque tipo (+) cê vai começar a estudar, trabalhar (+) mesmo, garrar firme, e vai ficando sem tempo (Fonte: Oficina).

Ivete 1º ano, 17 anos: É porque eu não pratico esporte por falta de tempo (Fonte: Oficina).

Voz masculina 2º ANO: Um pouco porque a maioria larga de fazer esporte porque (+) tipo: não tem tempo, é que nem (+) a pessoa que vai fazer academia, pessoa que gosta de fazer academia, às vezes não pode fazer de manhã nem de tarde porque tá trabalhando, sobra só o horário, o tempo do horário de almoço ou mais tarde só que não tem como porque,

tal, não pode. Aí, às vezes, larga mesmo, ou também (+) tenta ir antes do serviço igual eu tava fazendo, eu e o VERSILO, tava indo, é:: acordando cinco e meia da manhã, pra fazer academia às seis horas e era pra eu estar no serviço sete e meia, aí ficou puxado e eu parei de fazer, porque (+) tá difícil /.../ (Fonte: Oficina).

Os participantes também mencionam aspectos da saúde em seu cotidiano, reportando-se à família, namoros, mas o fazem principalmente no tocante à prevenção e tratamento de agravos e doenças.

Paula 2º ano, 19 anos: Deu ruim a segunda-feira! Passei mal no trabalho, saí na hora do almoço, minha mãe me levou no São Judas, tomei várias bolsas de soro, alguns remédios na veia e fiquei de molho por mais de três horas. Fiz um ultrassom e a médica disse que estou com os dois rins inchados, tendo até medo disso, ela disse que pode ser uma pequenina pedrinha que os rins tenham filtrado, e me mandou fazer uma tomografia computadorizada (p. 10). [...] minha mãe ligou pra eu ir buscá-la, a missa tinha acabado e ela passou mal na igreja, fiquei muito preocupada, mas felizmente depois de passar mal ela deu uma melhorada boa (p. 14). [...] Eu só não estou mais feliz porque o Eustáquio está passando muito mal hoje [...] ele gripou de uma hora pra outra [...] ele está um caquinho. Minha mãe vai fazer um xarope de abacaxi pra ele tomar e com bastante leite, canela, mel e própolis, até o fim de semana ele vai estar bom! (p. 17). [...] Hoje trabalhei até 12:00, fui em casa almoçar, e depois fui 13:30 ao dentista porque ele me ligou desmarcando ontem e passando pra hoje (p. 18) (Fonte: Diário de Paula).

Ludmila 2º ano 18 anos: Meu pai, o meu pai tá com problema de hérnia de disco e ele ajuda a minha mãe, né, agora a minha mãe tá tendo que ajudar outra pessoa pra ajudar ela lá no bar porque o meu pai afastou (Fonte: Oficina).

Annita 1º ano, 17 anos: Isso é rotina, aí começa e vem a rotina, aí prejudica mais ainda aí cê pega /.../ isso prejudica a sua saúde /.../ cê fica sem comer um certo período (+) seu estômago detona por dentro. Isso já é uma coisa que (+) ninguém pode, tem que fazer isso (+) sempre ter alguma coisa, um lanche, pelo menos uma fruta, uma bolachinha, só que tem horas que não /.../ eu mesmo tem hora que (+) eu já deixei de tomar café porque o tempo não deu. Como eu sou vendedora, é a loja encher, eu tenho que parar de tomar café, a loja enche e não tem nem como tomar café. Eu vou tomar café já (+) quando dá tempo (+) cinco e quarenta (+) quase na hora de eu sair [longos períodos sem se alimentar] (Fonte: Oficina).

Foram poucas as vezes que os participantes falaram da saúde como resultado de seus modos de vida, do meio ambiente em que vivem, das políticas que regem as instituições que fazem parte de seu cotidiano. Dessa forma, pode-se inferir que eles conservam uma visão de saúde bastante arraigada no conceito de ausência de doença.

Os jovens mostraram entender como ações de saúde aquelas centradas no cuidado ao corpo, seja pelo aspecto biológico, simbólico ou cultural. Eles evidenciam isso ao associarem ausência de doença, alimentação, esportes e até a estética traduzida por um “visual bonito” com saúde.

No cotidiano desses jovens, foi possível observar a existência de ações de promoção à saúde e outras potencialmente capazes de desgastá-la. Mas nem sempre os participantes têm consciência de que tais ações - realizadas de forma irreflexiva, repetitiva, imitativa, habitual, seus usos e costumes - impactam na sua saúde.

Eles buscam sentir-se bem e melhorar sua qualidade de vida na construção de seus projetos de futuro, no lazer, na religiosidade, nas formas de socialização e nas instituições socializadoras, no ambiente laboral, inclusive reinventando-os e dando-lhes sua entonação. Porém, nem sempre identificam tais vivências como promotoras de sua saúde (HORTA, 2011).

Essa forma de pensar dificulta a percepção de que a saúde ou a ausência dela se constrói no dia a dia. Seria altamente transformador se os jovens conseguissem perceber conscientemente a saúde sendo construída em suas ações, nas políticas, nas instituições, nas inter-relações, no meio ambiente.

Os indivíduos têm mais possibilidades de ter saúde quando compreendem que é no seu cotidiano que eles fazem a diferença no mundo e na história. Isso é possível a partir da percepção de como as ideologias dominantes nos inculcam fantasias que acabamos por entender como verdades, quando criamos estratégias de resistência. Os jovens colaboram para uma vida mais saudável quando exercem seus direitos de cidadãos e lutam pela satisfação de suas necessidades legítimas.

10 SÍNTESE

A convivência com os participantes permitiu acumular conhecimentos sobre como eles elaboram a vivência cotidiana de trabalho e estudo em simultaneidade às demais dimensões de sua vida. Algumas estratégias que eles utilizam para manter essa sobreposição foram identificadas: hierarquizar suas necessidades cotidianas pela análise e seleção do que é prioridade a cada dia, tendo um futuro melhor com planejamento a longo prazo, sem deixar de viver os aspectos possíveis da condição juvenil. Reinventar o cotidiano recheando-o com formas de resistência ao sistema hegemônico que os oprime. Assim, os jovens também imprimem suas marcas na história por meio de suas vivências cotidianas, dando-lhe uma entonação que lhes é própria.

Foi possível identificar quais elementos advindos da simultaneidade de trabalho e estudo favorecem e quais prejudicam a vivência das demais dimensões da vida no cotidiano dos jovens. Os obstáculos encontrados pelos participantes para a vivência da condição juvenil revelam uma lógica capitalista, imediatista, que não respeita as especificidades dos mesmos. A concomitância do trabalho e estudo durante a juventude é, contraditoriamente, fonte de reconhecimento pessoal/profissional, possibilitador da vivência de algumas dimensões da condição juvenil e simultaneamente limitador de outras.

Houve dificuldades em relação a algumas questões metodológicas propostas como para o agendamento e a efetivação dos encontros da pesquisadora com os jovens. Este foi um fator limitante para que a observação fosse realizada exatamente como proposto em princípio. Consideramos que os jovens foram então, acompanhados pela pesquisadora em momentos importantes de seu cotidiano e de forma circunscrita às possibilidades apresentadas por eles, não podendo-se falar em termos da aplicação rigorosa da técnica de observação.

Outro limite refere-se à escassez de informações de alguns diários dos participantes que nem sempre deram margem à uma análise profunda como se intencionava. Assim, os dados coletados não representam a totalidade das

vivências cotidianas destes jovens, dando margens a outros estudos que possam investigar melhor alguns aspectos pouco abordados na presente investigação.

O objeto desta pesquisa relaciona-se com a vivência da condição juvenil por jovens trabalhadores e estudantes. Seja por uma possível influência da profissão da pesquisadora enfermeira, ou por estar realmente presente no cotidiano dos participantes e fazer parte de suas vivências juvenis, a saúde emergiu dos dados empíricos com uma força notória, demandando uma análise mais aprofundada até tornar-se um capítulo de peso neste trabalho.

O grupo estudado apresentou características bastante particulares, principalmente em relação à raça, religião, constituição familiar, modos de vida, divergindo com outros estudos de cunho nacional. Além disso, quando não se delimita o estudo a trabalhadores em tempo integral, o quantitativo de alunos que trabalham menos de oito horas diárias costuma superar os primeiros. Isto pode apontar para a necessidade de um cuidado ao se generalizar as informações produzidas no presente trabalho.

Não obstante tais fatores limitadores, o presente trabalho possibilitou agregar novos elementos e aprofundou aspectos ainda pouco estudados na área de saúde sobre juventudes sob a abordagem que os reconhece como seres históricos, sociais e sujeitos de direitos.

No cotidiano desses jovens estão presentes fatores tanto de fortalecimento quanto de desgaste da saúde. O dia a dia dos participantes é repleto de ações que influenciam sua qualidade de vida e saúde.

Evidenciaram-se situações diárias relacionadas à sobreposição do trabalho e estudo que colaboram para o desgaste da saúde dos jovens, ainda que elas não se traduzam imediatamente como doença. Simultaneamente, essa concomitância melhora a qualidade de vida, fortalecendo a saúde dos jovens, pois há ganhos significativos relativos à construção da identidade, à formação humana e ao

exercício da cidadania. Além disso, o equilíbrio das dimensões da vida cotidiana também colabora para um viver saudável. A confirmação parcial dos três pressupostos desta pesquisa ratifica essas assertivas.

Primeiramente: os jovens elaboram em seu cotidiano formas de se relacionar e de viver compatíveis com seu contexto de vida, possibilitando-lhes permanecer na escola e trabalhar. Mas há momentos nos quais as estratégias para conciliação da tríade falham ou não são suficientes para mantê-la, repercutindo em trajetórias laborais e/ou estudantis irregulares. Há trajetórias interrompidas por adoecimentos cuja origem está intimamente relacionada à sobreposição do trabalho e estudo.

Em segundo lugar: o cansaço e a escassez de tempo estão na gênese dos maiores obstáculos à vivência plena das dimensões da juventude. Mas, anteriormente a esses óbices, a origem pobre e as heranças sociais desfavoráveis se insinuam como dificuldades na vida desses sujeitos antes mesmo de seu nascimento, repercutindo nas suas maneiras de viver a juventude. Destacam-se situações que impedem ou entram a vivência de aspectos relevantes da condição juvenil.

Finalmente: sim, a condição de trabalhador influencia as condições juvenil e de estudante desses jovens, mostrando que o trabalho tem centralidade em suas vidas. Mas não é somente isso, como se pressupôs. Revelou-se uma relação de reciprocidade no condicionamento das três condições em questão que é geradora de uma categoria específica: jovem, trabalhador e estudante. Essa categoria de juventude requer políticas, programas e ações, inclusive de saúde, que estejam de acordo com suas especificidades.

Carecemos ainda de estudos que contribuam para conhecer quem são os jovens fora do trabalho e da escola, quais suas necessidades, desejos, paixões, como eles direcionam seus pensamentos e ações diariamente, de que forma eles vivenciam esse cotidiano. Tais entendimentos colaboram para a elaboração de políticas direcionadas a eles que, por sua vez, orientarão as ações dos

profissionais da saúde. Dentro de seus limites, esta pesquisa procurou dar sua contribuição.

A presença, no cotidiano, dos jovens desta pesquisa facultou à pesquisadora mudar sobremaneira e com saldo positivo as formas de ver e compreender o mundo de jovens de classes populares que trabalham em período integral e frequentam o ensino médio noturno em escola pública. Alguns obstáculos atuaram como limitadores deste estudo, como a dificuldade dos participantes em encontrarem um tempo em sua rotina para que a pesquisadora realizasse as observações, o fato de a pesquisadora ser uma “intrusa” no ambiente escolar, o qual teve sua rotina modificada para que a presente pesquisa pudesse ser realizada, e a necessidade de se explorar temas ainda pouco abordados na área de saúde.

Entre a primeira etapa da coleta de dados, ainda durante a fase exploratória, até o fim da análise, revelou-se o cotidiano dos jovens que trabalham o dia todo e estudam no período noturno da EEDAV, permeado por singularidades: as histórias pessoais, os modos de vida, os limites, as perspectivas, as estratégias para atingir os objetivos traçados. Em diversas situações estavam presentes contradições, dilemas, angústias, alegrias, projetos de vida e esperança de um futuro melhor.

Enquanto “fazem sua parte” por meio do trabalho e do estudo, buscando condições dignas de vida, os participantes mantêm a esperança por mudanças em suas duras realidades marcadas por uma visibilidade dicotômica e por ambiguidades múltiplas. Comumente, os jovens são vistos como problema social, mas parecem ser invisíveis quando se trata de direitos ou de equipar os espaços públicos para lazer, fruição e recreação com vistas a serem ocupados/usufruidos por essa população.

Ratificou-se a constatação prévia de que o cotidiano dos jovens é pouco conhecido e eles não encontram espaços para expressar como essa condição influencia sua vida. Este estudo criou um espaço e oportunizou momentos para os

participantes revelarem a realidade concreta de seu cotidiano, como eles próprios afirmaram.

A riqueza e profundidade do material coletado mostraram a validade do esforço empreendido. Por outro lado, o volume do material empírico evidenciou, a todo o momento, a necessidade de encarar que ainda há muito que aprender para além dos limites deste trabalho, num movimento contínuo de idas, vindas e novas descobertas, possivelmente num empenho realizado por mais e muitos pesquisadores.

REFERÊNCIAS

ABRAMO, H.W. Condição juvenil no Brasil contemporâneo. *In*: ABRAMO, H.W.; BRANCO, P.P.M. (orgs.): **Retratos da juventude brasileira**: análise de uma pesquisa nacional. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2011, p. 37-72.

AFONSO, M.L.M. (Org). **Oficinas em dinâmica de grupo na área da saúde**. 2. ed., São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010. 389 p.

ALASZEWSKI, A. **Using diaries for social research**. London: Sage, 2006. Disponível em: http://books.google.com.br/books?id=WqyRLumjbKsC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false. Acesso em: 07 fev. 2014.

AMARAL, S.C.F.; NUNES JÚNIOR, P.C. trajetórias do lazer no Brasil: memórias de Ethel Bauzer Medeiros. Belo Horizonte, **Licere**, v. 14, n. 3, 2011.

ANJOS, R.E. A educação escolar e a superação do preconceito por meio do pensamento conceitual. *Universitária - Rev Cient Unisaesiano* – Lins – SP, v. 4, n. 8, p. 34-47. jan/jun de 2013.

ARANHA e SILVA, A.L. **Enfermagem em saúde mental**: a ação e o trabalho de agentes de enfermagem de nível médio no campo psicossocial. 2003. 310 f. Tese (Doutorado em Enfermagem) - Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/7/7136/tde-25112004-135231/pt-br.php>. Acesso em: 15 jan. 2012.

ARROYO, M.G. ARROYO, M.G. Repensar o Ensino Médio: por quê? *In*: DAYRELL, J. CARRANO, P. MAIA, C.L. (org). **Juventude e ensino médio**: sujeitos e currículos em diálogo. Belo Horizonte: UFMG, 2014, p. 44-54.

ARROYO, M.G. O direito do trabalhador à educação. *In*: GOMEZ, C.M. *et al*. **Trabalho e conhecimento**: dilema na educação do trabalhador. São Paulo: Cortez, 1987, p. 75-92.

BACHMAN, J.G. *et al*. Adolescent work intensity, school performance, and substance use: links vary by race/ethnicity and socioeconomic status. **Develop Psychol Am Psychol Assoc**, v. 49, n. 11, p. 2125-2134, 2013.

BARDIN, L. **Análise do conteúdo**. São Paulo: 70, 2011. 240 p.

BLANCH, J.M. La juventud NINI, un agujero negro psicossocial. **Rev Psicol, Organ Trab**, Florianópolis, v. 14, n. 4, dez. 2014. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-66572014000400003&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 06 maio 2015.

BORGES, R.C.P.; COUTINHO, M.C. Trajetórias juvenis: significando projetos de vida a partir do primeiro emprego. **Rev Bras Orientac Prof**, São Paulo, v. 11, n. 2, dez. 2010. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_

arttext&pid=S1679-33902010000200004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 21 abr. 2015.

BOURDIEU, P. **A distinção**: critério social do julgamento. 2. ed., Porto Alegre: Zouk. 2011.

BOURDIEU, P. A “juventude” é apenas uma palavra! *In*: BOURDIEU, P. **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983a, p. 112-121.

BOURDIEU, P. **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983b.

BOURDIEU, P. Compreender. *In*: BOURDIEU, P. (Dir.). **A miséria do mundo**. 7. ed., Petrópolis: Vozes, 2008, p. 693-732.

BOURDIEU, P. **Homo Academicus**. 2. ed., Florianópolis: EDUFSC, 2013.

BOURDIEU, P.; PASSERÓN, J.C. **A reprodução**: elementos para uma teoria do sistema de ensino. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Resolução CNE/CEB n. 2/2012. Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio. **Diário Oficial da União**, Poder Executivo, Brasília, 31 jan. 2012. Seção 1, 2013c, p. 20.

BRASIL. Ministério da Saúde. **As Cartas da Promoção da Saúde**. Brasília, Ministério da Saúde. 2002.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Lei 8.080** (Lei Orgânica da Saúde). Brasília: Senado Federal, Brasília, 1990.

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. **Agenda nacional de trabalho decente para a juventude**. Brasília, DF: MTE, Segpres, OIT, 2010. 60 p. Disponível em: <http://portal.mte.gov.br/data/files/8A7C812D2E7318C8012FE53F261E58FB/Agenda%20Nacional%20do%20Trabalho%20Decente%20para%20a%20Juventude.pdf> Acesso em: 07 mar. 2014.

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. OIT – Organização Internacional do Trabalho. Perfil do trabalho decente no Brasil: um olhar sobre as Unidades da Federação. Brasília: OIT, 2012b.

BRASIL. Presidência da República. **Lei 10.748/2003** criou o Programa Nacional de Estímulo ao Primeiro Emprego para os Jovens - PNPE, sendo posteriormente alterada pela Lei 10.940/2004 e regulamentada pelo Decreto 5.199/2004. Disponível em: <http://www.guiatrabalhista.com.br/tematicas/primeiroemprego.htm>.

BRASIL. **Resolução 466/2012**. Estabelece diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisa envolvendo seres humanos. Brasília: Conselho Nacional de Saúde, 2012a. Disponível em: <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf> Acesso em: 07 fev. 2014.

BRASIL. Secretaria de Assuntos Estratégicos. **Juventude levada em conta**: demografia. Brasília – DF. SAE, 2013a. Disponível em: <http://www.sae.gov.br/>

site/wp-content/uploads/Juventude-Levada-em-Conta.pdf Acesso em 07 mar. 2014.

BRASIL. Secretaria Nacional de Juventude. **Agenda Juventude Brasil**: Pesquisa nacional sobre perfil e opinião de jovens brasileiros. Brasília – DF 2013b. Disponível em: http://www.juventude.gov.br/noticias/arquivos/pesquisa_juventude Acesso em: 07 mar. 2014.

BRENNER, A.K.; DAYRELL, J.; CARRANO, P. Culturas do lazer e do tempo livre dos jovens brasileiros. *In*: ABRAMO, H.W; BRANCO, P.P.M. (orgs). **Retratos da juventude brasileira**: análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2011.

BRUNET, A.; PIZZI, I. El enfoque nominalista de la juventud. Una alternativa crítica a la perspectiva funcionalista. **Rev Latinoam Cienc Soc, Niñez y Juventud**, v. 11, n. 1, p. 51-62, 2013.

CARRANO. 2015, blog. Disponível em: <https://paulocarrano.wordpress.com/2015/04/14/jovens-em-tres-tempos-mobilizacoes-no-brasil-ontem-e-hoje/>. Acesso em: janeiro 2016.

CASTRO, M.G.; RIBEIRO, I.R. Adolescentes, jovens, direito e família: questionando saberes sobre proteção a direitos sexuais e reprodutivos. *In*: DAYRELL, J.; MOREIRA, M.I.C.; STENGEL, M. (orgs). **Juventudes contemporâneas**: um mosaico de possibilidades. Belo Horizonte: PUC, 2011. Disponível em: http://www.pucminas.br/documentos/jubra_publicacao.pdf?PHPSESSID=3c33fa1d1ebcbc98cac08dbb9c61dc82. Acesso em: 12 dez. 2011.

CERTEAU, M. A. **Invenção do cotidiano**. 9. ed., Trad. Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 2003.

CHAPOULIE, J.M. Enseigner le travail de terrain et l'observation: témoignage sur une expérience (1970-1985). **Genèses**, v. 39, 2000, pp. 138-155. Entreprises et société à l'Est, sous la direction de Christian Topalov.

COELHO, R.N.; ESTRAMIANA, J.L.A.; LUQUE, A.G. Juventud alargada y trabajo: desafíos del mundo laboral en las experiencias de jóvenes brasileños y españoles. **Rev Psicol, Organ Trab**, Florianópolis, v. 14, n. 4, dez. 2014. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-66572014000400008&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 06 maio 2015.

COOPER, C. Imagining radical youth work possibilities challenging the symbolic violence within the mainstream tradition in contemporary state-led youth work practice in England. **J Youth Stu**, v. 15, n. 1, Feb. 2012.

CORIN, E. *et al.* **Comprendre pour soigner autrement**. Montreal: Presse de l'Université de Montreal, 1990.

CORREIA JÚNIOR, C.O.F. **O Estatuto da juventude**: um estudo sobre limites e possibilidades da nova lei para as políticas públicas de juventude. 2013. 73 f.

Monografia (Bacharel em Serviço Social) - Universidade Federal Fluminense, Polo Universitário Rio das Ostras, 2013.

CORROCHANO, M.C. Jovens no ensino médio: qual o lugar do trabalho? *In*: DAYRELL, J. CARRANO, P. MAIA, C.L. (org). **Juventude e ensino médio**: sujeitos e currículos em diálogo. Belo Horizonte: UFMG, 2014, p. 205-228.

CORROCHANO, M.C. Jovens trabalhadores: expectativas de acesso ao ensino superior. **Avaliação**, Campinas, v. 18, n. 1, p. 23-44, 2013.

CORROCHANO, M.C. **O trabalho e a sua ausência**: narrativas juvenis na metrópole. São Paulo: Annablume, 2012.

CORTI, A.P. Ser aluno: um olhar sobre a cons truçã o social desse ofício. *In*: DAYRELL, J. CARRANO, P. MAIA, C.L. (org). **Juventude e ensino médio**: sujeitos e currículos em diálogo. Belo Horizonte: UFMG, 2014, p. 309-32.

CUNHA, A.G. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Lexicon Digital, 2007.

DAYRELL, J. A escola faz as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. **Educ Soc**, Campinas, v. 28, n. 100 - Especial, p. 1105-28, out. 2007.

DAYRELL, J. **A música entra em cena**: o rap e o funk na socialização da juventude em Belo Horizonte. 2001. 412 f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo: 2001. Disponível em: http://observatoriodajuventude.ufmg.br/publication/a-musica-entra-em-cena-o-rap-e-o-funk-na-socializacao-da-juventude-em-belo-horizonte/wppa_open/ Acesso em: 23 set. 2013.

DAYRREL, J. A ponta do iceberg. **Caderno 5 menos 30**, São Paulo, p.16-25, 2014. Disponível em: <http://app.cadernosglobo.com.br/volume-05/menos-30.html#artigo-02>. Acesso em: 16 de jan 2016.

DAYRELL, J. CARRANO, P. Juventude e ensino médio: quem é este aluno que chega à escola. *In*: DAYRELL, J.; CARRANO, P.; MAIA, C.L. (org). **Juventude e Ensino Médio**: sujeitos e currículos em diálogo. Belo Horizonte: UFMG 2014, p. 101-134.

DAYRELL, J.; LEÃO, G.; REIS, J.B. Juventude, projetos de vida e ensino médio. **Educ Soc**, Campinas, v. 32, n. 117, p. 1067-1084, out.-dez. 2011. Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br> Acesso em: 13 mar.2014.

DAYRELL, J.; MOREIRA, M.I.C.; STENGEL, M. (orgs). **Juventudes contemporâneas**: um mosaico de possibilidades. Belo Horizonte: PUC, 2011. 448 p. Disponível em: http://www.pucminas.br/documentos/jubra_publicacao.pdf?PHPSESSID=3c33fa1d1ebcbc98cac08dbb9c61dc82>. Acesso em: 01 dez. 2011.

DAYRELL, J. Os significados da escola de ensino médio para os jovens alunos. **Rev Outro Olhar – debates**, Belo Horizonte, ano X, n. 7, p. 24-29, 2011. Disponível em: file:///C:/Users/Cliente/Downloads/revista_ensino_medio.pdf. Acesso em: 23 set. 2013.

DAYRELL, J.; REIS, J.B. **Por uma sociologia da juventude**. Módulo Didático: Sociologia da Juventude. Centro de Referência Virtual do Professor. Minas Gerais: SEE, 2010. Não paginado. Disponível em: http://crv.educacao.mg.gov.br/sistema_crv/banco_objetos_crv/%7BD6965967-E284-4B3C-B005-A28EBBBE3B35%7D_Sociologia%20da%20Juventude.pdf. Acesso em: 23 out. 2013.

DESLAURIERS, J.P.; KÉRISIT, M. O delineamento de pesquisa qualitativa. *In*: POUPART, J. *et al.* **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008, p. 127-154.

DIÓGENES, G. **Enigmas do medo: juventude, afetos e violência**. Juventudes contemporâneas: um mosaico de possibilidades. Belo Horizonte: PUC, 2011, 448 p. Disponível em: http://www.pucminas.br/documentos/jubra_publicacao.pdf?PHPSESSID=3c33fa1d1ebcbc98cac08dbb9c61dc82. Acesso em: 01 dez. 2011.

DUARTE, E.D. **O cuidado ao recém-nascido na perspectiva da integralidade: saberes e práticas no cotidiano da UTIN**. 2007. 190 f. Tese (Doutorado em Ciências da Saúde) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Medicina, 2007.

FERNANDES, F.S.; GONCALVES, C.M.; OLIVEIRA, P.J. Adaptação e validação da escala de significados atribuídos ao trabalho - ESAT. **Rev Bras Orientac Prof**, São Paulo, v. 13, n. 2, dez. 2012. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-33902012000200006&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 21 abr. 2014.

FERNANDES, I. A dialética dos grupos e das relações cotidianas. *In*: GUIMARÃES, G.T.D.; FERNANDES, I. (orgs). **Aspectos da teoria do cotidiano: Agnes Heller em perspectiva**. Porto Alegre: EDIPUCRS, p. 37-60, 2002.

FINERANA, S.; GRUBERB, J.E. Youth at work: Adolescent employment and sexual harassment. **Child Abuse Neglect**, v. 33, p. 550-559, 2009.

FRAGA, P.D. Necessidades humanas e relação dos homens entre si nos escritos de Marx em Paris. *In*: VI COLÓQUIO INTERNACIONAL MARX E ENGELS – GT 1. **A obra teórica de Marx**. Paris, 2009. Disponível em: http://www.ifch.unicamp.br/formulario_cemarx/selecao/2009/trabalhos/necessidades-humanas-e-relacao-dos-homens-entre-si-nos-escri.pdf. Acesso em: 14/03/2014.

FRANCH, M.; SOUZA, M.F. Temporalidades proposta para uma agenda de pesquisa em Ciências Sociais. Política & Trabalho. **Rev Ciênc Soc**, n. 34, p. 11-18, abril de 2011.

FREITAS, K.R.; DIAS, S.M.Z. Percepções de adolescentes sobre sua Sexualidade. **Texto Contexto Enferm**, Florianópolis, v. 19, n. 2, p. 351-7, abr-jun. 2010.

GADOTTI, M. **Concepção dialética da educação**: um estudo introdutório. 15. ed., São Paulo: Cortez, 2006.

GAMBOA, S.S. Quantidade - qualidade: para além de um dualismo técnico e de uma dicotomia epistemológica. *In*: SANTOS FILHO, J.C.; GAMBOA, S.S. (org.) **Pesquisa educacional**: quantidade – qualidade. 6. ed., São Paulo: Cortez, 2007, p. 84-110.

GOMES, C.L. Lazer: necessidade humana e dimensão da cultura. **Rev Bras Estudos do Lazer**, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p.3-20, jan./abr. 2014.

GONÇALVES, H. *et al.* Perfil de trabalho urbano de adolescentes de 14-15 anos: um estudo populacional no Sul do Brasil. **Ciênc Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 5, maio 2012. Disponível em: <http://www.scielo.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232012000500020&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 21 abr. 2015. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232012000500020>.

GRAVES, J.M.; MILLER, M.E. Reduced sleep duration and history of work-related injuries among washington state adolescents with a history of working. **Am J Ind Med**, 2015; 58:464-471. Disponível em: <http://onlinelibrary-wiley-com.ez27.periodicos.capes.gov.br/doi/10.1002/ajim.22416/abstract;jsessionid=F0AAB2695442973090561A094E0A5E04.f04t02>. Acesso em: janeiro de 2016.

GUIMARÃES, G.T.D. O não-cotidiano do cotidiano. *In*: GUIMARÃES, G.T.D.; FERNANDES, I. (orgs). **Aspectos da teoria do cotidiano**: Agnes Heller em perspectiva. Porto Alegre: EDIPUCRS, p. 11-26, 2002.

GUIMARÃES ROSA, J. **Primeiras estórias**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005. Disponível em: <file:///E:/Dinter%202014/Guimar%C3%A3es%20Rosa%20Primeiras%20est%C3%B3rias.pdf>. Acesso em: 14 mar. 2014.

HELLER, A. **O Cotidiano e a História**. Tradução de Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

HELLER, A. **Sociologia de la vida cotidiana**. 3. ed., Barcelona: Península, 1991. 418 p.

HELLER, A. **Teoria das necessidades em Marx**. 2. ed. Barcelona: Ediciones Península, 1986.

HORTA, N.C.; LAGE, A.M.D.; SENA, R.R. Produção científica sobre políticas públicas direcionadas para jovens. **Rev Enf UERJ**, v. 17, n. 4, p. 538-43, set./dez. 2009.

HORTA, N.C. **Modos de vida juvenis**: cotidiano, espaços sociais e saúde. 2011. 263 f. Tese (Doutorado em Enfermagem) - Escola de Enfermagem, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.

HORTA, N.C.; SENA, R.R. A saúde no cotidiano de jovens residentes em um bairro popular de Belo Horizonte, MG, Brasil. **Rev Esc Enferm USP**, São Paulo, v. 45, n. spe2, p. 1673-1678, Dec. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-62342011000800006&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 21 abr. 2013. <http://dx.doi.org/10.1590/S0080-62342011000800006>.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. IBGE. Síntese de indicadores sociais 2010. **Comunicação Social**, Rio de Janeiro, 2010a. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_impresao.php?id_noticia=1717. Acesso em: 15 jan. 2012.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA ESTATÍSTICA. IBGE. **Cidades senso**, 2010. Rio de Janeiro, 2010c. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?>>. Acesso em: fev. 2012.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA ESTATÍSTICA. IBGE. **Pirâmide etária. 2010**. Rio de Janeiro, 2010b. Disponível em: <http://www.censo2010.ibge.gov.br/resultados_do_censo2010.php> Acesso em: 15 jan. 2012.

JACCOUD, M.; MAYER, R. A observação direta e a pesquisa qualitativa. *In*: POUPART, J. *et al.* **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008, p. 254-294.

KONDER, L. **O que é dialética**. 28. ed., São Paulo: Brasiliense, 1997, p. 88.

KRAWCZYK, N. Uma roda de conversa sobre os desafios do Ensino Médio. *In*: DAYRELL, J.; CARRANO, P.; MAIA, C.L. (org). **Juventude e ensino médio: sujeitos e currículos em diálogo**. Belo Horizonte: UFMG, 2014, p. 75-98.

LACAZ, A.S.; LIMA, S.M.; HECKERT, A.L.C. **Juventudes periféricas: arte e resistências no contemporâneo**. **Psicologia & Sociedade**, v. 27, n. 1, p. 58-67, 2015.

LACHTIM, S.A.F.; SOARES, C.B. Trabalho de jovens estudantes de uma escola pública: fortalecimento ou desgaste? **Rev Bras Enferm**, Brasília, v. 62, n. 2, p. 179-186, Apr. 2009. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672009000200002&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 21 abr. 2014. <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-71672009000200002>.

LEÃO, G.; CARMO, H.C. **A escolarização e o trabalho no horizonte de jovens de um curso pós-médio**. Belo Horizonte, Observatório UFMG. 2010. Disponível em: http://observatoriodajuventude.ufmg.br/publication/709/wppa_open/ Acesso em: 03 mar.2014.

LEÃO, G.; CARRANO, P.C.R. O jovem Milton: a individuação entre a igreja e a educação social. **Educação e Realidade**, v. 38, n. 3, p. 895-914, 2013.

LEÃO, G. Entre sonhos e projetos de jovens, a escola. *In*: DAYRELL, J.; STENGEL, M.; MOREIRA, M.I. **Juventudes contemporâneas, um mosaico de possibilidades**. Belo Horizonte: PUC Minas, 2011, p. 99-115.

LEAO, G.; NONATO, S.P. Políticas públicas, juventude e desigualdades sociais: uma discussão sobre o ProJovem Urbano em Belo Horizonte. **Educ Pesquisa**, São Paulo, v. 38, n. 4, p. 833-848, dez. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022012000400004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 27 jun. 2015. Epub July 31, 2012. <http://dx.doi.org/10.1590/S1517-97022012005000016>.

LEÃO, G.; NONATO, S.P. Trajetórias de estudantes do ProJovem Urbano em Belo Horizonte. *In*: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ASSOCIAÇÃO LATINO-AMERICANA DE SOCIOLOGIA, p. 28, 2011, Recife. **Anais...**, Recife: UFPE, 2011.

LEON, A.L.P. Juventude, juventudes uma análise do trabalho e renda da juventude brasileira. *In*: ABRAMOVAY, M.; ANDRADE, E.R.; ESTEVES, L.C.G. **Juventudes outros olhares sobre a diversidade**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; Unesco 2007, p. 269-320.

LEVI, G.; SCHMITT, J.C. **História dos jovens 1**: da Antiguidade à Era Moderna. Tradução: Claudio Marcondes; Nilson Moulin; Paulo Neves. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

LEVIGARD, Y.E.; BARBOSA, R.M. Incertezas e cotidiano: uma breve reflexão. **Arq Bras Psicol**, Rio de Janeiro, v. 62, n. 1, abr. 2010. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672010000100009&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 21 out. 2013.

LIMA, C.A.; BARROS, E.M.C.; AQUINO, C.A.B. Flexibilização e intensificação laboral: manifestações da precarização do trabalho e suas consequências para o trabalhador. **Revista LABOR**, v. 1, n. 7, 2012.

LUDKE, M.; ANDRÉ, M.E.D.A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986, 99 p.

LYRA, J. O lugar dos homens e das masculinidades no debate sobre juventude *In*: DAYRELL, J.; MOREIRA, M.I.C.; STENGEL, M. (orgs). **Juventudes contemporâneas**: um mosaico de possibilidades. Belo Horizonte: PUC, 2011. Disponível em: <http://www.pucminas.br/documentos/jubra_publicacao.pdf?PHPSESSID=3c33fa1d1ebcbc98cac08dbb9c61dc82>. Acesso em: 12 fev. 2012.

MAFRA, J.F. O cotidiano e as necessidades da vida individual: uma aproximação da antropologia de Agnes Heller. **Educ Ling**, São Paulo. v. 13, n. 21, p. 226-244, jan.-jun. 2010.

MARGULIS, M.; URRESTI, M. **La juventudes más que una palabra**: ensayos sobre cultura y juventud. Buenos Aires: Biblos, 1998.

MARTINS, J.C. *et al.* De Kairós a Kronos: metamorfoses do trabalho na linha do tempo. **Cad Psicol Soc Trab**, São Paulo, v. 15, n. 2, p. 219-28, 2012.

MARTUCCELLI, D. **Grammaires de l'individu**. Paris: Gallimard. 2002.

MARX, K.; ENGELS, F. **A ideologia alemã**. Lisboa: Presença, 1975.

MARX, K. **O capital**. São Paulo: Ciências Humanas, 1978.

MATO GROSSO. Prefeitura. SINOP. **Lei nº 98**, de 16 de abril de 2013. Mato Grosso: Sinop.

McCURDY, A.S.; XIAO, H.; KWAN, J.A. Agricultural injury among rural California public high school students: propective results. **Am J Ind Med**, v. 55, n. 1, p. 63-75, 2012.

MEIRELES, C. **Romanceiro da Inconfidência**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar. 1977. Disponível em: file:///C:/Users/sala%20434/Desktop/Cec%C3%83- lia+Meireles+--+Romanceiro+da+Inconfid%C3%83%C2%AAncia+[Rev].pdf Acesso em: 14 mar. 2014.

MELLO, V.P. *et al.* Adolescência, sexualidade e gênero: possibilidades das oficinas de trabalho critico emancipatórias. Belo Horizonte, **REME. Revista Mineira de Enfermagem**, v. 12, p. 63, 2008.

MELO, L.C.M.; SOUZA, G.S.; DAYRELL, J.T. Escola e juventude: uma relação possível? **Paidéia**, Revista do Curso de Pedagogia da Faculdade de Ciências Humanas, Sociologia e da Saúde da Universidade Fumec. Belo Horizonte, v. 9 n. 12, p. 161-186 jan./jun. 2012.

MENDES, A.C.B. **O lazer dos jovens trabalhadores da Cruz Vermelha Brasileira na Universidade Federal de Minas Gerais**: uma análise das compreensões, vivências e relações sociais. 2013. 161 f. Dissertação (Mestrado em Lazer) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte: 2013.

MENEZES, E.S.; SENA, R.R. Desgastes na Saúde de jovens que trabalham e estudam: uma revisão integrativa. **Nursing**. v. 222, p.1262-5, 2016.

MENDIONDO, M.S.Z. Institucionalização do idoso: observância ou transgressão de sistemas normativos?. *In*: GUIMARÃES, G.T.D.; FERNANDES, I. (orgs). **Aspectos da teoria do cotidiano**: Agnes Heller em perspectiva. Porto Alegre: EDIPUCRS, p. 83-100, 2002.

MINAS GERAIS. Secretaria de Estado de Educação. Revista Pedagógica. **Língua Portuguesa - 3º ano do Ensino Médio - PROEB 2013a**. Disponível em: <http://www.simave.caedufjf.net/wp-content/uploads/2014/07/PROEB-RP-LP-3EM-WEB.pdf>. Acesso em: janeiro 2016.

MINAS GERAIS. Secretaria de Estado de Governo de Minas Gerais. “**Destaque da Educação Mineira**”. 2013b. Disponível em <http://www.agenciaminas.mg.gov.br/noticias/escolas-do-centro-oeste-recebem-certificado-destaque-da-educacao-mineira/>.

MINAYO, M.C.S. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 12. ed., São Paulo: Hucitec, 2010. 407 p.

MONAHAN, K.C.; STEINBERG, L.; LEE, J.M. Revisiting the Impact of Part-Time Work on Adolescent Adjustment: Distinguishing Between Selection and Socialization Using Propensity Score Matching. **Child Develop**, v. 82, n. 1, p. 96-112, Jan./Feb. 2011.

MONT'ALVÃO, A. Transportes e tempo de mobilidade urbana em Belo Horizonte. **Polít Trab Rev Ciênc Soc**, n. 34 p. 127-144 Abril. 2011.

MOURA, R.S. Finitude, "frequentação do mundo" e formação humana em Michel de Montaigne. **Educ Real** [online], v. 39, n. 4 [cited 2015-11-30], pp. 1169-1184, 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-62362014000400012&lng=en&nrm=iso>. ISSN 2175-6236. <http://dx.doi.org/10.1590/S2175-62362014000400012>. Acesso em: janeiro de 2016.

NAVARRO, V.; PADILHA, V. Dilemas do trabalho no capitalismo contemporâneo. **Psicol Soc**, Porto Alegre, v. 19, n. spe, 2007.

NERI, M.C. **Juventude que conta**. Brasília: Secretaria de Assuntos Estratégicos. 2013. Disponível em: <<http://www.ecodebate.com.br/2013/07/23/juventude-que-conta-artigo-de-marcelo-Neri/>>. Acesso em: 02 de set. 2013.

NIRENBERG, O. Participación en proyectos y desarrollo integral de adolescentes y jóvenes. In: DAYRELL, J.; MOREIRA, M.I.C.; STENGEL, M. (orgs). **Juventudes contemporâneas**: um mosaico de possibilidades. Belo Horizonte: PUC, 2011. Disponível em:<<http://www.pucminas.br/>. Acesso em: janeiro de 2016.

NONATO, S.P. **A condição juvenil dos jovens trabalhadores da Cruz Vermelha Brasileira no campus Pampulha da UFMG**. 2013. 259 f. Dissertação (Mestrado em educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte: 2013.

NOVAES, R. Iguais e diferentes. **Caderno 5 menos 30**, São Paulo, 2014. Disponível em: <http://app.cadernosglobo.com.br/volume-05/menos-30.html#artigo-01>. Acesso em: 16 de jan 2016.

NOVAES, R. Juventude, percepções e comportamentos: a religião faz diferença? In: ABRAMO, H.W.; BRANCO, P.P.M. (Org.). **Retratos da juventude brasileira**: análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2011, p.263-90.

OLIVEIRA, A.R.; LYRA, J. **Direitos sexuais e reprodutivos de adolescentes e as políticas públicas de saúde**: desafios à atenção básica. Fazendo Gênero 8 - corpo, violência e Poder. Florianópolis, SC, 2008. Disponível em:

<http://www.fazendogenero8.ufsc.br/sts/ST40/Oliveira-Lyra_40.pdf>. Acesso em: 14 mar. 2012.

OLIVEIRA, D.C. *et al.* Representações sociais do trabalho: uma análise comparativa entre jovens trabalhadores e não trabalhadores. **Ciênc Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 3, p. 763-773, maio 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232010000300019&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 07 abr. 2014. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232010000300019>.

OLIVEIRA, D.C. *et al.* Trabalho. *In*: BORGES, A.L.; FUGIMORI, E. **Enfermagem e a saúde do adolescente na atenção básica**. Barueri: Manole, Cap. 21, 2009, p. 537-579.

OLIVEIRA, S.L. **Tratado de metodologia científica**. São Paulo: Pioneira, 2001.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO. OIT. Escritório no Brasil. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. IPEA. **Juventude e trabalho informal no Brasil**. Brasília: OIT, 2015.

PARENTE, C *et al.* Os jovens pouco escolarizados no mercado de trabalho português. **Análise Soc**, Lisboa, n. 210, mar. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0003-25732014000100004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 07 abr. 2014.

PEREGRINO, M. Juventude, trabalho e escola: elementos para análise de uma posição social fecunda. **Cad Cedes**, Campinas, v. 31, n. 84, p.275-291, maio-ago. 2011. Disponível em: www.cedes.unicamp.br. Acesso em: ago 2013.

PEREGRINO, M. Os estudos sobre jovens na intersecção da escola com o mundo do trabalho. *In*: SPOSITO, M.P. (Org.). **Estado da arte sobre juventude na pós-graduação brasileira: educação, ciências sociais e serviço social (1999-2006)**. Belo Horizonte: Argumentvm, v. 2, 2009, p. 87-120.

PEREIRA, E.F. *et al.* Sono e adolescência: quantas horas os adolescentes precisam dormir? **J Bras Psiquiatr**, v. 201564, n. 1, p. 40-44, 2015.

PEREIRA, E.F. *et al.* Sono, trabalho e estudo: duração do sono em estudantes trabalhadores e não trabalhadores. **Cad Saúde Pública**, v. 27, n. 5, p. 975-84, maio 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2011000500015&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 02 abr. 2014. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-311X2011000500015>.

PESSALACIA, J.D.R.; MENEZES, E.S.; MASSUIA, D. A vulnerabilidade do adolescente numa perspectiva das políticas de saúde pública. **Bioethikos**, São Paulo, v. 4, n. 4, p. 423-430, 2010.

PIMENTA, A.A. *et al.* Repercussões do trabalho na saúde dos adolescentes trabalhadores. **Acta Paul Enferm**, São Paulo, v. 24, n. 5, p. 701-716, 2011. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-

21002011000500017&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 21 abr. 2015.
<http://dx.doi.org/10.1590/S0103-21002011000500017>.

PORTELLA, A.P.; GOUVEIA, T. **Ideias e dinâmicas para trabalhar com gênero**. 2. ed., Recife: S.O.S. Corpo, 1999, 206 p.

POCHMANN, M. **A elite joga fora uma oportunidade**. Rio de Janeiro: Jornal O Globo, Caderno Opinião, 27/2/2004, p. 7.

POCHMANN, M. **Extensão e intensificação do trabalho**. 2011. Disponível em: <http://www.revistaforum.com.br/marciopochmann/2011/05/29/extensao-e-intensificacao-do-trabalho/>. Acesso em: julho de 2016.

POUPART, J. *et al.* **A pesquisa qualitativa**: enfoques epistemológicos e metodológicos. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

POURTOIS, J.P.; DESMET, H. Pour un recherche qualitative etné anmoins scientifique. **Réseaux**, n. 55-57, p. 13-35. 1989.

PRADO, A. **Poesia reunida**. São Paulo: Siciliano, 1991.

PRIOTTO, E.M.T.P. **Dinâmicas de grupo para adolescentes**. 7. ed., Petrópolis: Vozes, 2013, 312 p.

RAUSCHER, K. *et al.* Adolescent work quality: a view from today's youth. **J Adolesc Res**, v. 28, n. 5, p. 557-590, 2012.

RIBEIRO, M.A. Juventude e trabalho: construindo a carreira em situação de vulnerabilidade. **Arq Bras Psicol**, Rio de Janeiro, v. 63, n. espe, 2011. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672011000300007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 21 abr. 2015.

RICHARDSON, R.J. *et al.* **Pesquisa social**: métodos e técnicas. 3. ed., São Paulo: Atlas, 1999.

ROCHELEAU, G.C. Pathways to work social structural differences in the relationships between college expectations, planfulness, and intense adolescent work. **Work Occup**, v. 42, n. 1, p. 103-131, 2015. Disponível em: <http://wox.sagepub.com.ez27.periodicos.capes.gov.br/content/42/1/103.full.pdf+html>. Acesso em: janeiro 2016.

ROCHELEAU, G.C.; SWISHER, R.R. Adolescent work and alcohol use revisited: variations by family structure. **J Res Adolesc**, v. 22, n. 4, p.694-703, 2012.

RODRIGUES, A.P.G.; GONDIM, S.G. E expressão e regulação emocional no contexto de trabalho: um estudo com servidores públicos. **RAM, Rev Adm Mackenzie**, v.15, n. 2, p.38-65, 2014.

SANTOS, E.F.; SCOPINHO, R.A. Fora do jogo?: jovens negros no mercado de trabalho. **Arq Bras Psicol**, Rio de Janeiro, v. 63, n. spe, 2011. Disponível em:

<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672011000300004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 21 abr. 2015.

SCHWARTZ, M. & SCHWARTZ, C.G. Problems in participant observation. **Am J Sociol**, Chicago, v. 60 p. 343-53, Jan 1955.

SCHWERTNER, S.F.; FISCHER, R.M.B. Juventudes, conectividades múltiplas e novas temporalidades. **Educação em Revista**, v. 28, n. 1, p. 395-420, 2012.

SETTON, M.G.J.; SPOSITO, M.P. Como os indivíduos se tornam indivíduos? Entrevista com Danilo Martuccelli. **Educ Pesq**, São Paulo, USP (impresso), v. 39, p. 247-267, 2013.

SILVA, K.L. **Promoção da saúde em espaços sociais da vida cotidiana**. 2009. 182 f. Tese (Doutorado em Enfermagem) - Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Enfermagem. 2009.

SILVA M.R. Elas “não brincam em serviço” e “quando descansam carregam pedra”: investigando o trabalho, a educação e a cultura lúdica das jovens empregadinhas domésticas. **Currículo sem Fronteiras**. v. 14, n. 2, p. 109-27, 2014.

SILVA, V.H. Cidadania e inserção laboral assistida: a experiência do trabalho formal de adolescentes pobres. **Estud Psicol** (Natal), Natal, v. 16, n. 2, p. 187-195, Aug. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2011000200010&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 07 abr. 2014. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-294X2011000200010>.

SOARES, C.B. Juventude e saúde: concepções e políticas públicas. In: DAYRELL, J.; MOREIRA, M.I.C.; STENGEL, M. (orgs). **Juventudes contemporâneas: um mosaico de possibilidades**. Belo Horizonte: PUC, 2011. Disponível em: <http://www.pucminas.br/documentos/jubra_publicacao.pdf?PHPSESSID=3c33fa1d1ebcbc98cac08dbb9c61dc82>. Acesso em: 30 jan. 2012.

SOBROSA, G.M.R. *et al.* Opiniões sobre trabalho em jovens de classes populares. **Rev Bras Orientac Prof**, São Paulo, v. 14, n. 2, dez. 2013. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-33902013000200011&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 21 abr. 2014.

SOBROSA, G.M.R. *et al.* Perspectivas de futuro profissional para jovens provenientes de classes socioeconômicas desfavorecidas. **Temas Psicol**, Ribeirão Preto, v. 22, n. 1, abr. 2014. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2014000100017&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 21 abr. 2015. <http://dx.doi.org/10.9788/TP2014.1-17>.

SOUSA, S.Z.; OLIVEIRA, R.P. Ensino médio noturno: democratização e diversidade. **Rev Educar**, Curitiba, n. 30, p. 53-72, 2008.

SPOSITO M.P, CARRANO R.P.C. Juventude e políticas públicas no Brasil. **Rev Bras Educ**. n. 24: 16-39. 2003;

SPOSITO, M.P. (Coord.). **Estado da arte sobre juventude e pós-graduação brasileira**: educação, ciências sociais e serviço social (1999-2006). Belo Horizonte, MG: Argvmentvm, v. 1, 2009.

SPOSITO, M.P. Estudos sobre a juventude em educação. **Rev Bras Educ ANPED**, n. 5, mai/jun/jul/ago; n. 6, set/out/nov/dez, p. 37-52. 1997.

SUDHINARASET, M.; BLUM, R.W. The unique developmental considerations of youth-related work injuries. **Int J Occup Environ Health**, v. 16, p. 216-222, 2010.

TEIXEIRA, L.N. *et al.* **As possíveis alterações no estilo de vida e saúde de professores**. RECOM, 2015.

TEIXEIRA, L. *et al.* Work and excessive sleepiness among brazilian evening high school students effects on days off. **Int J Occup Environ Health**, v. 16. n. 2, Apr/Jun 2010.

URRESTI, M. Adolescentes, jóvenes y socialización: entre resistencias, tensiones y emergências. *In*: DAYRELL, J.; MOREIRA, M.I.C.; STENGEL, M. (orgs). **Juventudes contemporâneas**: um mosaico de possibilidades. Belo Horizonte: PUC, 2011. Disponível em: <http://www.pucminas.br/documentos/jubra_publicacao.pdf?PHPSESSID=3c33fa1d1ebcbc98cac08dbb9c61dc82>. Acesso em: 20 fev. 2012.

VASCONCELLOS, F.D. **Sem querer você mostra seu preconceito!**: um estudo sobre as relações raciais entre estudantes de uma escola de Ensino Médio. 2011. 273 f. Dissertação (Mestrado em educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte: 2011.

VERONEZE, R.T. Agnes Heller: cotidiano e individualidade - uma experiência em sala de aula. **Textos & Contextos**, Porto Alegre, v. 12, n. 1, p. 162-172, jan./jun. 2013.

VUOLO, M.; STAFF, J.; MORTIMER, J.T. Adolescent precursors of pathways from school to work. [Internet]. **J Res Adolesc**, v. 24, n. 1, p. 145-162, 2014. Disponível em: <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC4004182/>. Acesso em: fevereiro de 2016.

WELLER, W. Jovens no ensino médio: projetos de vida e perspectivas de futuro. *In*: DAYRELL, J.; CARRANO, P.; MAIA, C.L. (org). **Juventude e ensino médio**: sujeitos e currículos em diálogo. Belo Horizonte: UFMG, 2014, p. 205-228.

ZACCARELLI, L.M.; GODOY, A.S. Perspectivas do uso de diários nas pesquisas em organizações. **Cadernos Ebape.BR**. Rio de Janeiro, v. 8, n 3, artigo 10, Rio de Janeiro, set. 2010.

ZANELLA, A.V. *et al.* Jovens, juventude e políticas públicas: produção acadêmica em periódicos científicos brasileiros (2002 a 2011). **Estudos Psicol**, Natal, v. 18, n. 2, p. 327-333, Jun. 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/>

scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2013000200019&lng=en&nrm
=iso>. Acesso em: 21 abr. 2015. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-294X2013000200019>.

APÊNDICES E ANEXOS

APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO

PROJETO
“O cotidiano de jovens que trabalham
e estudam”

1. Nome completo

2. Série:

- 1º ano
- 2º ano
- 3º ano

3. Turma:

4. Data de nascimento:

____/____/____

5. Sexo:

- Feminino
- Masculino

6. Etnia autodeclarada:

- Branco
- Negro
- Pardo
- Amarela
- Indígena

7. Estado civil:

- Solteiro (a)
- União Estável
- Casado (a)
- Viúvo (a)

8. Tem filhos?

- Não
- Sim. Quantos? _____

9. Mora em Divinópolis?

- Sim
- Não

10. Em caso positivo: qual bairro?

- A**
- Aeroporto
- Afonso Pena
- Alvorada
- Anchieta
- Antônio Fonseca
- B**
- Bela Vista
- Belo Vale
- Belvedere
- Bom Pastor

- C**
- Catalão
- Centro
- Chanadour
- Chácaras Bom Retiro
- Cidade Jardim
- Costa Azul
- D**
- Danilo Passos
- Danilo Passos II
- Davanuze
- Del-Rey
- Distrito Industrial Coronel Jovelino
- Rabelo
- Dom Pedro II
- Dona Quita
- Dona Rosa
- Dulphe Pinto de Aguiar
- E**
- Esplanada
- Exposição
- F**
- Floramar
- Floresta
- G**
- Grajaú
- H**
- Halin Souki
- I**
- Icaraí
- Industrial
- Interlagos
- Ipiranga
- Itacolomi
- Itaí
- J**
- Jardim Candelária
- Jardim Candidés
- Jardim Copacabana
- Jardim Nova América
- Jardim Real
- Jardim das Acácias
- Jardim das Mansões
- Jardinópolis
- João Antônio Gonçalves
- João Paulo II

- Juscelino Kubitschek
- Juza Fonseca
- L**
- Levindo Paula Pereira
- M**
- Manoel Valinhas
- Mar e Terra
- Maria Helena
- Morada Nova
- N**
- Nações
- Niterói
- Nossa Senhora da Conceição
- Nossa Senhora das Graças
- Nova Fortaleza
- Nova Holanda
- O**
- Oliveiras
- Orion
- P**
- Pacaembu
- Padre Eustáquio
- Paraíso
- Parque Jardim Capitão Silva
- Planalto
- Ponte Funda
- Porto Velho
- Primavera
- Q**
- Quinta das Palmeiras
- R**
- Rancho Alegre
- Realengo
- Residencial Castelo
- Residencial Morumbi
- S**
- Sagrada Família
- Santa Clara
- Santa Luzia
- Santa Rosa
- Santa Tereza
- Santo Antônio
- Santos Dumont
- Serra Verde
- São Caetano
- São Geraldo
- São José
- São João de Deus
- São Lucas
- São Luís

- São Miguel
- São Sebastião
- São Simão
- T**
- Tietê
- V**
- Vale do Sol
- Vila Belo Horizonte
- Vila Cruzeiro
- Vila Espírito Santo
- Vila Romana
- Vivendas da Exposição
- Outro

11. Em qual estado reside? (Caso não more em Divinópolis)

- Acre (AC)
- Alagoas (AL)
- Amapá (AP)
- Amazonas (AM)
- Bahia (BA)
- Ceará (CE)
- Distrito Federal (DF)
- Espírito Santo (ES)
- Goiás (GO)
- Maranhão (MA)
- Mato Grosso (MT)
- Mato Grosso do Sul (MS)
- Minas Gerais (MG)
- Pará (PA)
- Paraíba (PB)
- Paraná (PR)
- Pernambuco (PE)
- Piauí (PI)
- Rio de Janeiro (RJ)
- Rio Grande do Norte (RN)
- Rio Grande do Sul (RS)
- Rondônia (RO)
- Roraima (RR)
- Santa Catarina (SC)
- São Paulo (SP)
- Sergipe (SE)
- Tocantins (TO)

12. Em qual cidade reside? (Caso não more em Divinópolis)

13. Você trabalha e recebe dinheiro pelo que faz?

- Não
- Sim

14. Atualmente você está desempregado(a)?

- Sim
- Não

15. Em caso positivo, há quanto tempo você está desempregado(a)?

_____ meses

16. Qual o vínculo empregatício?

- Carteira assinada por meu empregador (patrão)
- Programa “Jovem aprendiz”
- Programa “Meu primeiro emprego”
- Programa “Jovem Trabalhador”
- Estágio remunerado
- Programa “Aprendiz legal”
- Não há vínculo
- Outro. Qual?

17. Você trabalha durante quantas horas semanais?

- Meu horário é flexível (sou eu que determino de acordo com as minhas tarefas/atividades). Quantas horas semanais aproximadamente?
- 20 horas semanais/4 horas diárias
- 30 horas semanais/6 horas diárias
- 40 horas semanais/8 horas diárias
- 44 horas semanais/8 horas diárias mais quatro no sábado
- Outro. Quantas horas semanais?

18. Nos últimos 6 meses, seu turno de trabalho geralmente começou em qual horário?

_____:_____

19. Nos últimos 6 meses, seu turno de trabalho geralmente terminou em qual horário?

_____:_____

20. Quanto você recebe por seu trabalho mensalmente (qual o seu salário)?

- Até um salário mínimo (R\$ 724,00)
- Acima de 1 até 1,5 salários (de R\$ 725,00 até R\$ 1.086,00)
- Acima de 1,5 até 3 salários (de R\$ 1.087,00 a R\$ 2.172,00)

- Acima de 3 até 5 salários (de R\$ 2.173,00 a R\$ 3.620,00)
- Acima de 5 até 7 salários (de R\$ 3.621,00 a R\$ 5.060,00)
- Acima de 7 até 10 salários (de R\$ 5.061,00 a R\$ 7.240,00)
- Acima de 10 salários (mais de R\$ 7.240,00)
- A que os musicais...
- Outro. Especifique / cite o que:

21. Você ajuda sua família com algum valor em dinheiro?

- Não
- Sim

22. Em caso positivo, com qual valor em dinheiro você ajuda sua família, mensalmente? Quantos reais mensais?

23. Somando a sua renda com a renda das pessoas que moram com você, quanto é, aproximadamente, a renda familiar mensal?

- Até um salário mínimo
- Acima de 1 até 1,5 salários (de R\$ 725,00 até R\$ 1.086,00)
- Acima de 1,5 até 3 salários (acima de R\$ 1.086,00 até R\$ 2.172,00)
- Acima de 3 até 5 salários (acima de R\$ 2.172,00 até R\$ 3.620,00)
- Acima de 5 até 7 salários (acima de R\$ 3.620,00 até R\$ 5.060,00)
- Acima de 7 até 10 salários (acima de R\$ 5.060,00 até R\$ 7.240,00)
- Acima de 10 até 12 salários (acima de R\$ 7.240,00 até R\$ 8.688,00)
- Acima de 12 até 15 salários (acima de R\$ 8.688,00 até R\$ 10.860,00)
- Acima de 15 até 30 salários (acima de R\$ 10.860,00 até R\$ 21.720,00)
- Acima de 30 salários (acima de R\$ 21.720,00)

24. Quantas pessoas vivem dessa renda familiar mensal?

25. Quem é o chefe da família?

- Eu
- Meu pai/padrasto
- Minha mãe/madrasta
- Meu padrasto/madrasta
- Meu marido/esposa
- Minha avó/avô
- Outro. Quem? _____

26. Atualmente seu pai está desempregado?

- Sim
- Não

27. Em caso positivo, há quanto tempo está desempregado?

_____ meses

28. Qual a ocupação do seu pai? (Caso esteja desempregado, perguntar: qual a última ocupação do seu pai?)

- Forças Armadas, Policial e Bombeiro Militar
- Membro superior do poder público, dirigente de organizações de interesse público e de empresas e gerentes.
- Profissional das ciências e das artes
- Técnico de nível médio
- Trabalhador de serviços administrativos
- Trabalhador dos serviços, vendedor do comércio em lojas e mercados
- Trabalhador agropecuário, florestal, da caça e pesca
- Trabalhador da produção de bens e serviços industriais
- Trabalhador de manutenção e reparação
- Empresário
- Outra. Qual? _____

29. Atualmente sua mãe está desempregada?

- Sim
- Não

30. Em caso positivo, há quanto tempo está desempregada?

_____ meses

31. Ocupação da mãe? (Caso esteja desempregada, perguntar: qual a última ocupação da mãe?)

- Forças Armadas, Policial e Bombeira Militar
- Membro superior do poder público, dirigente de organizações de interesse público e de empresas e gerentes.
- Profissional das ciências e das artes
- Técnica de nível médio
- Trabalhadora de serviços administrativos
- Trabalhadora dos serviços, vendedor do comércio em lojas e mercados
- Trabalhadora agropecuária, florestal, da caça e pesca
- Trabalhadora da produção de bens e serviços industriais
- Trabalhadora de manutenção e reparação
- Empresária
- Outra. Qual? _____

32. Qual sua ocupação?

- Forças Armadas, Policial e Bombeiro Militar
- Membro superior do poder público, dirigente de organizações de interesse público e de empresas e gerentes.
- Profissional das ciências e das artes
- Técnico de nível médio
- Trabalhador de serviços administrativos
- Trabalhador dos serviços, vendedor do comércio em lojas e mercados
- Trabalhador agropecuário, florestal, da caça e pesca
- Trabalhador da produção de bens e serviços industriais
- Trabalhador de manutenção e reparação
- Empresário
- Estudante
- Outra. Qual? _____

33. Nível de escolaridade do pai:

- Não estudou;
- Da 1ª à 4ª série do ensino fundamental (antigo primário)
- Da 5ª à 8ª série do ensino fundamental (antigo ginásio)
- Ensino médio (2º grau) incompleto
- Ensino médio (2º grau) completo
- Ensino superior incompleto
- Ensino superior completo
- Pós-graduação
- Não sei

34. Nível de escolaridade da mãe:

- Não estudou;
- Da 1ª à 4ª série do ensino fundamental (antigo primário)
- Da 5ª à 8ª série do ensino fundamental (antigo ginásio)
- Ensino médio (2º grau) incompleto
- Ensino médio (2º grau) completo
- Ensino superior incompleto
- Ensino superior completo
- Pós-graduação
- Não sei

35. Você já repetiu alguma série na escola?

- Sim
- Não

36. Em caso afirmativo, quantas vezes no total?

37. Você já abandonou a escola alguma vez?

- Sim
- Não

38. Em caso afirmativo, qual foi o motivo? Pode marcar quantas questões quiser.

- Cansaço
- Desânimo
- Falta de estímulo: não via motivos para estudar (considerava que estava perdendo meu tempo na escola)
- Falta de desejo de continuar estudando
- Eu não gosto de estudar
- Eu não gostava de estudar

- Tive problemas de relacionamento na escola: fui expulso, não me dava bem de algum professor, funcionário ou colegas
- Precisei trabalhar no horário da escola
- Por questões familiares: doença, morte, nascimento, acidentes, problemas de relacionamento (separação dos pais, brigas)
- Fiquei desempregado e não tinha como pagar despesas (como transporte, por exemplo)
- Vi que ia repetir e desisti
- Adoecei
- Sofri acidente
- Não tinha tempo para estudar
- Não tinha tempo para minha família
- Não tinha tempo para namorar
- Não tinha tempo para me divertir
- Achei que não estava aprendendo
- Outro. Especifique:

39. Qual a sua religião?

- Católica
- Evangélica
- Espírita
- Judaísmo
- Tradições esotéricas
- Islamismo
- Crenças indígenas
- Orientais (krishna, hinduísmo, taoísmo, xintoísmo, seicho-no-iê)
- Agnóstico: não tenho religião
- Não acredito em Deus

40. Qual a sua opção sexual?

- Heterossexual
- Homossexual
- Bissexual

41. Com que tipo de grupos sociais você se relaciona? Vou ler uma lista de grupos e gostaria que avaliasse seu vínculo com cada grupo entre muito fraco, médio, forte ou muito forte.

Grupos	1. Muito fraco 2. Fraco 3. Médio 4. Forte 5. Muito Forte 6. Não se aplica
○ Religioso (grupo de jovens, encontros, novenas)	
○ Amigos (encontros, sair para passear, conversar)	
○ Na escola	
○ Namorado(a)	
○ Família	
○ Redes sociais na internet (<i>facebook, linkedin, twitter, whatsapp</i>)	
○ Trabalho	
○ Esportivos	
○ Culturais	
○ Lazer (grupos de pescaria, <i>camping...</i>)	

APÊNDICE B - Dinâmica para aquecimento na oficina com jovens que trabalham e estudam, segundo Priotto (2013), adaptada ao contexto do estudo.

PRIOTTO, E.P. **Dinâmicas de grupo para adolescentes**. 7. ed., Petrópolis: Vozes, 2013. 312 p.

Objetivo: Interação. Apresentação dos participantes. Facilitar a integração grupal.

Conteúdo: dar boas-vindas. Apresentação e explicação do trabalho, conteúdo programático da oficina.

Crachá: para identificação dos participantes.

Tempo: máximo de 40 minutos.

Material: aparelho de som, música, cartões pequenos de material que possa ser encaixado após cortado em forma de duas metades de um quebra-cabeça.

Dinâmica: quebra-cabeça do conhecimento.

Explicar a dinâmica, misturar as metades e pedir que cada participante pegue uma parte. Cada participante receberá uma metade dos vários quebra-cabeças, todos serão diferentes para garantir que apenas uma parte se encaixe na outra metade correspondente. Duração desta etapa de 3 minutos.

Depois de todos estarem com uma metade do quebra-cabeças, solicitar que circulem, dancem e cantem ao mesmo tempo que procurem a metade correspondente à sua. Esta etapa poderá durar 3 minutos.

Após os pares terem sido identificados, os mesmos conversam e discutem para obter informações como nome, idade, onde trabalha e há quanto tempo, o que o agrada e desagrada ao vivenciar sua juventude. 10 minutos.

Terminada a etapa anterior, é solicitado aos participantes que apresentem seu par ao grupo. Cada dupla terá 3 minutos para isso.

APÊNDICE C - TERMO DE ESCLARECIMENTO PARA PARTICIPANTES MAIORES DE 18 ANOS

Você está sendo convidado a participar do estudo “O cotidiano de jovens que trabalham e estudam”, o qual servirá para a pesquisadora obter o título de doutora em enfermagem pela Escola de Enfermagem da Universidade Federal de Minas Gerais, pelo programa de doutorado interinstitucional entre esta Universidade e a Universidade Federal de São João Del Rei.

Os objetivos deste estudo são: analisar o cotidiano de jovens que trabalham e estudam, identificando como eles conciliam trabalho e estudo com as demais dimensões da condição juvenil, de sua vida; identificar fatores dessa justaposição que lhes beneficiam ou prejudicam; identificar quais estratégias eles constroem para conciliar todos esses aspectos.

Neste projeto você participará de uma oficina com outros jovens, que será gravada em vídeo e as imagens serão posteriormente analisadas pela pesquisadora para atingir os objetivos deste trabalho. Ao final da oficina você pode ser selecionado e convidado a participar da etapa seguinte. Esta fase é um momento em que a pesquisadora irá acompanhar os jovens em algumas atividades de seu cotidiano, tais atividades serão sempre escolhidas por você de acordo com seus horários e possibilidades.

Os riscos do estudo relacionam-se a alguma eventual emoção que o processo de raciocínio ou lembranças possa suscitar no participante. Caso ocorram essas emoções, a pesquisadora procurará acalmá-lo e, se necessário, orientá-lo a procurar o serviço de saúde mais adequado para a busca de ajuda psicológica. Contudo, a ocorrência desses eventos é extremamente rara e quando ocorrem são sanadas apenas com uma escuta atenta do pesquisador. Procedimentos que lhe tragam qualquer desconforto ou risco à sua vida **não** serão adotados.

Pela sua participação no estudo, você **não** receberá qualquer valor em dinheiro ou qualquer tipo de gratificação, mas terá a garantia de que **nenhuma** das despesas necessárias para a realização da pesquisa será de sua responsabilidade.

Você poderá ter todas as informações que quiser a qualquer momento, inclusive acessando os telefones das pesquisadoras ou das universidades

constantes no final deste documento. Você poderá também não participar da pesquisa ou retirar seu consentimento a qualquer momento, o que será acatado de imediato pela pesquisadora, sem prejuízo de qualquer espécie para você. O sigilo de suas informações assim como seu anonimato será preservado, para tanto, você será identificado com um nome fictício. Os resultados obtidos nesta pesquisa serão utilizados somente para fins acadêmicos e científicos, como a elaboração da tese, como produto final desta pesquisa e divulgação em eventos e/ou publicação em periódicos.

Este termo de consentimento livre e esclarecido será elaborado em duas vias (conforme Resolução 466/2012 item IV.5 letra d – BRASIL, 2012) e rubricado pelos sujeitos em todas as páginas. Caso você aceite participar, será necessária sua assinatura no presente documento. Posteriormente, lhe será solicitado responder a algumas questões que irão caracterizar os sujeitos desta pesquisa.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE, APÓS ESCLARECIMENTO

Eu, _____, li e/ou ouvi o esclarecimento acima. Compreendi para que serve o estudo e a quais procedimentos serei submetido(a). A explicação que recebi esclarece os riscos e benefícios do estudo. Eu entendi que sou livre para interromper minha participação a qualquer momento, sem justificar minha decisão. Sei que a pesquisadora manterá o sigilo das minhas informações e meu anonimato, que não terei despesas e não receberei dinheiro por participar do estudo. Mediante estas declarações, concordo em participar do estudo, inclusive com permissão para utilização de minhas imagens.

Divinópolis,//.....

Assinatura do voluntário maior de 18 anos

Documento de identidade:

Assinatura do pesquisador responsável

Telefone de contato da pesquisadora Elen Soraia de Menezes Cabral: (37) 8831-0666. Em caso de dúvida em relação a este documento, você pode contatar o Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da Universidade Federal de São João Del-Rei. Endereço: Rua Sebastião Gonçalves Coelho, 400Bairro Chanadour, CEP 35.501-296 Divinópolis-MG. Local: Sala 304 – Prédio da Biblioteca do Campus Centro Oeste Dona Lindu da Tel: (37) 3221-1580 Fax: (37) 3221-1580 e-mail: cepes_cco@ufsj.edu.br ou o Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da Universidade Federal de Minas Gerais. Endereço: Av. Antônio Carlos, 6627 Unidade Administrativa II - 2º andar - Sala 2005 Campus Pampulha Belo Horizonte, MG – Brasil telefone 31270901tel: 31 3409-4592 e-mail: coep@prpq.ufmg.br

Orientadora

Roseni Rosangela de Sena

CPF xxxxxxxxxxxxxxxxx

CI xxxxxxxxxxxxxxxxx

Tel: 31 9951 8838

Escola de Enfermagem da UFMG

Av. Alfredo Balena, 190

CEP 30 130- 110

Santa Efigênia Belo Horizonte- MG

Orientanda

Elen Soraia de Menezes Cabral

CPF xxxxxxxxxxxxxxx

CI M-xxxxxxxxxxxxxx

Tel: 37 8831-0666

Universidade Federal de São João
Del Rei

Av. Sebastião Gonçalves Coelho,
400 Chanadour

CEP 35501-296

APÊNDICE D - TERMO DE ASSENTIMENTO

Você está sendo convidado a participar do estudo “O cotidiano de jovens que trabalham e estudam”, o qual servirá para a pesquisadora obter o título de doutora em enfermagem pela Escola de Enfermagem da Universidade Federal de Minas Gerais, pelo programa de doutorado interinstitucional entre esta Universidade e a Universidade Federal de São João Del Rei.

Os objetivos deste estudo são: analisar o cotidiano de jovens que trabalham e estudam, identificando como eles conciliam trabalho e estudo com as demais dimensões da condição juvenil, de sua vida; identificar fatores dessa justaposição que lhes beneficiam ou prejudicam; identificar quais estratégias eles constroem para conciliar todos esses aspectos.

Neste projeto você participará de uma oficina com outros jovens, que será gravada em vídeo e as imagens serão posteriormente analisadas pela pesquisadora para atingir os objetivos deste trabalho. Ao final da oficina você pode ser selecionado e convidado a participar da etapa seguinte. Esta fase é um momento em que a pesquisadora irá acompanhar os jovens em algumas atividades de seu cotidiano. Tais atividades serão sempre escolhidas por você de acordo com seus horários e possibilidades.

Os riscos do estudo relacionam-se a alguma eventual emoção que o processo de raciocínio ou lembranças possa suscitar no participante. Caso ocorram essas emoções, a pesquisadora procurará acalmá-lo e, se necessário, orientá-lo a procurar o serviço de saúde mais adequado para a busca de ajuda psicológica. Contudo, a ocorrência desses eventos é extremamente rara e quando ocorrem são sanadas apenas com uma escuta atenta do pesquisador. Procedimentos que lhe tragam qualquer desconforto ou risco à sua vida **não** serão adotados.

Pela sua participação no estudo, você **não** receberá qualquer valor em dinheiro ou qualquer tipo de gratificação, mas terá a garantia de que **nenhuma** das despesas necessárias para a realização da pesquisa será de sua responsabilidade. Você poderá ter todas as informações que quiser a qualquer momento, inclusive acessando os telefones das pesquisadoras ou das universidades constantes no final deste documento. Você poderá também não participar da pesquisa ou retirar seu consentimento a qualquer momento, o que

será acatado de imediato pela pesquisadora sem prejuízo de nenhuma espécie para você.

O sigilo de suas informações assim como seu anonimato serão preservados, para tanto, você será identificado com um nome fictício. Os resultados obtidos desta pesquisa serão utilizados somente para fins acadêmicos e científicos como a elaboração da tese como produto final desta pesquisa e divulgação em eventos e/ou publicação em periódicos. Este termo de consentimento livre e esclarecido será elaborado em duas vias (conforme Resolução 466/2012 item IV.5 letra d – BRASIL, 2012) e rubricado pelos sujeitos em todas as páginas. Caso você aceite participar, será necessária sua assinatura no presente documento. Posteriormente lhe será solicitado responder a algumas questões que irão caracterizar os sujeitos desta pesquisa.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE, APÓS ESCLARECIMENTO

Eu, _____, li e/ou ouvi o esclarecimento acima. Compreendi para que serve o estudo e a quais procedimentos serei submetido(a). A explicação que recebi esclarece os riscos e benefícios do estudo. Eu entendi que sou livre para interromper minha participação a qualquer momento, sem justificar minha decisão. Sei que a pesquisadora manterá o sigilo das minhas informações e meu anonimato, que não terei despesas e não receberei dinheiro por participar do estudo. Mediante estas declarações, concordo em participar do estudo, inclusive com permissão para utilização de minhas imagens.

Divinópolis,//.....

Assinatura do voluntário em menoridade legal

Documento de identidade

Assinatura do pesquisador responsável

Telefone de contato da pesquisadora Elen Soraia de Menezes Cabral: (37) 8831-0666. Em caso de dúvida em relação a este documento, você pode contatar o Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da Universidade Federal de São João Del-Rei. Endereço: Rua Sebastião Gonçalves Coelho, 400Bairro Chanadour, CEP 35.501-296 Divinópolis-MG. Local: Sala 304 – Prédio da Biblioteca do Campus Centro Oeste Dona Lindu da Tel: (37) 3221-1580 Fax: (37) 3221-1580 e-mail: cepes_cco@ufsj.edu.br ou o Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da Universidade Federal de Minas Gerais. Endereço: Av. Antônio Carlos, 6627 Unidade Administrativa II - 2º andar - Sala 2005 Campus Pampulha Belo Horizonte, MG – Brasil telefone 31270901tel: 31 3409-4592 e-mail: coep@prpq.ufmg.br

Orientadora

Roseni Rosangela de Sena

CPF xxxxxxxxxxxx

CI xxxxxxxxxxxxxxxxxxxx

Tel: 31 9951 8838

Escola de Enfermagem da UFMG

Av. Alfredo Balena, 190

CEP 30 130- 110

Santa Efigênia Belo Horizonte- MG

Orientanda

Elen Soraia de Menezes Cabral

CPF xxxxxxxxxxxxxxxx

CI xxxxxxxxxxxxxxxxxxxx

Tel: 37 8831-0666

Universidade Federal de São João Del
Rei

Av. Sebastião Gonçalves Coelho, 400
Chanadour

APÊNDICE E - TERMO DE ESCLARECIMENTO PARA RESPONSÁVEIS LEGAIS POR PARTICIPANTES MENORES DE 18 ANOS

O(a) menor legal _____ sua/seu _____ está sendo convidado a participar do estudo “O cotidiano de jovens que trabalham e estudam”, o qual servirá para a pesquisadora obter o título de doutora em enfermagem pela Escola de Enfermagem da Universidade Federal de Minas Gerais, pelo programa de doutorado interinstitucional entre esta Universidade e a Universidade Federal de São João Del Rei.

Os objetivos deste estudo são: analisar o cotidiano de jovens que trabalham e estudam identificando como eles conciliam trabalho e estudo com as demais dimensões da condição juvenil, de sua vida; identificar fatores dessa justaposição que lhes beneficiam ou prejudicam; identificar quais estratégias eles constroem para conciliar todos esses aspectos.

Neste projeto seu/sua _____ responderá a algumas questões que irão caracterizar os sujeitos desta pesquisa. Posteriormente, ele/ela participará de uma oficina com outros jovens, que será gravada em vídeo e as imagens serão posteriormente analisadas pela pesquisadora para atingir os objetivos deste trabalho. Ao final da oficina seu/sua _____ pode ser selecionado(a) e convidado(a) a participar da etapa seguinte. Esta fase é um momento em que a pesquisadora irá acompanhar os jovens em algumas atividades de seu cotidiano, estas sempre serão escolhidas por ele/ela de acordo com seus horários e possibilidades.

Os riscos do estudo relacionam-se a alguma eventual emoção que o processo de raciocínio ou lembranças possa suscitar no participante. Caso ocorram essas emoções, a pesquisadora procurará acalmá-lo(a) e, se necessário, orientá-lo(a) a procurar o serviço de saúde mais adequado para a busca de ajuda psicológica. Contudo, a ocorrência desses eventos é extremamente rara e quando ocorrem são sanadas apenas com uma escuta atenta do pesquisador. Procedimentos que lhe tragam qualquer desconforto ou risco à sua vida de seu/sua _____ **não** serão adotados.

Pela participação de seu/sua _____ no estudo, **nem** você **nem** ele/ela receberão qualquer valor em dinheiro ou qualquer tipo de gratificação, mas

terão a garantia de que **nenhuma** das despesas necessárias para a realização da pesquisa não será da responsabilidade de vocês. Você poderá ter todas as informações que quiser a qualquer momento, inclusive acessando os telefones das pesquisadoras ou das universidades constantes no final deste documento. Você poderá também negar a participação de seu/sua _____ nesta pesquisa ou retirar seu consentimento a qualquer momento, o que será acatado de imediato pela pesquisadora sem prejuízo de nenhuma espécie nem para você nem para seu/sua _____.

O sigilo das informações de seu/sua _____ assim como seu anonimato serão preservados, para tanto, ele/ela será identificado(a) com um nome fictício. Os resultados obtidos desta pesquisa serão utilizados somente para fins acadêmicos e científicos como a elaboração da tese como produto final desta pesquisa e divulgação em eventos e/ou publicação em periódicos.

Este termo de consentimento livre e esclarecido será elaborado em duas vias (conforme Resolução 466/2012 item IV.5 letra d) e rubricado pelos sujeitos em todas as páginas. Caso você concorde que seu/sua _____ participe desta pesquisa, será necessária sua assinatura no presente documento.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE, APÓS ESCLARECIMENTO

Eu, _____, li e/ou ouvi o esclarecimento acima. Compreendi para que serve o estudo e qual procedimento a que meu/minha _____ será submetida(o). A explicação que recebi esclarece os riscos e benefícios do estudo. Eu entendi que sou livre para retirar meu consentimento, sem justificar minha decisão. Sei que os pesquisadores manterão o sigilo das informações e anonimato dos participantes, que não terei despesas e não receberei dinheiro por autorizar a participação de meu/minha _____ neste estudo. Mediante estas declarações, autorizo a participação de meu/minha _____ neste estudo.

Divinópolis,//.....

Assinatura do responsável pelo menor legal

Nome do participante menor legal sob sua responsabilidade

Documento de identidade

Assinatura do pesquisador responsável

Telefone de contato da pesquisadora Elen Soraia de Menezes Cabral: (37) 8831-0666. Em caso de dúvida em relação a este documento, você pode contatar o Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da Universidade Federal de São João Del-Rei. Endereço: Rua Sebastião Gonçalves Coelho, 400 Bairro Chanadour, CEP 35.501-296 Divinópolis-MG. Local: Sala 304 – Prédio da Biblioteca do Campus Centro Oeste Dona Lindu da Tel: (37) 3221-1580 Fax: (37) 3221-1580 e-mail: cepes_cco@ufsj.edu.br ou o Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da Universidade Federal de Minas Gerais. Endereço: Av. Antônio Carlos, 6627 Unidade Administrativa II - 2º andar - Sala 2005 Campus Pampulha Belo Horizonte, MG – Brasil telefone 31270901 tel: 31 3409-4592 e-mail: coep@prpq.ufmg.br

Orientadora

Roseni Rosangela de Sena

CPF xxxxxxxxxxxx

CI xxxxxxxxxxxxxx

Tel: 31 9951 8838

Escola de Enfermagem da UFMG

Av. Alfredo Balena, 190

CEP 30 130- 110

Santa Efigênia

Belo Horizonte- MG

Orientanda

Elen Soraia de Menezes Cabral

CPF xxxxxxxxxxxxxx

CI xxxxxxxxxxxxxx

Tel: 37 8831-0666

Universidade Federal de São João Del Rei

Av. Sebastião Gonçalves Coelho, 400

APÊNDICE F - FORMULÁRIO DE REGISTRO DAS OBSERVAÇÕES PARTICIPANTES.

Pesquisa: O cotidiano de jovens que trabalham e estudam

1. Nome do participante _____
2. Local da observação _____

HORÁRIO DE INÍCIO

DATA

Descrição do cenário: _____

Relações INTERPESSOAIS _____

Acontecimentos RELEVANTES

Falas/ CONVERSAS

EXPRESSÕES NÃO VERBAIS

COMENTÁRIOS da pesquisadora

HORÁRIO DE TÉRMINO

APÊNDICE G - CASO PARA APRESENTAÇÃO NA OFICINA

Jonas tem 19 anos, trabalha durante oito horas por dia e aos sábados até o meio-dia. Mora num bairro distante do seu trabalho vai de ônibus. À noite, frequenta o ensino médio numa escola pública, nem sempre consegue chegar a tempo do primeiro horário. Jonas namora há três anos, tem amigos, ama seus familiares e é correspondido por eles, mas sua família tem problemas, como todas as outras. Ele os ajuda uma parte do seu salário mensal e de vez em quando vai à igreja.

A família de Jonas é simples e numerosa. Moram juntos: os pais, uma irmã e dois irmãos (todos jovens e trabalhadores) que ajudam na manutenção das despesas da casa, a avó que é cega, diabética e dependente de cuidados de todos os membros da família, pois vive acamada. O pai vive de “bicos” e nem sempre tem trabalho, a mãe é salgadeira e trabalha muito de domingo a domingo para dar conta das encomendas, conta com a ajuda dos filhos solteiros para a entrega e fritura dos mesmos. Esse jovem gosta de esportes, de festas, de assistir a filmes, de participar de redes sociais, curte carros e motos. Planeja entrar para uma faculdade e melhorar sua condição de vida.

Questão:

Depois de ler o caso, discuta no grupo o que você identifica nele que pode parecer com a sua própria vida.

ANEXO A - TERMO DE AUTORIZAÇÃO DA SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO DE MINAS GERAIS



SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO DE MINAS GERAIS
Subsecretaria de Desenvolvimento da Educação Básica
Comissão de Ética

TERMO DE AUTORIZAÇÃO

PROJETO DE PESQUISA: "O COTIDIANO DOS JOVENS QUE TRABALHAM E ESTUDAM".

INTERESSADO (A): Elen Soraia de Menezes Cabral – aluna do Programa de Doutorado interinstitucional da Universidade Federal de Minas Gerais/UFMG e da Universidade Federal de São João Del Rei/UFSJ.

A Subsecretaria de Desenvolvimento da Educação Básica e a Comissão de Ética da Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais/ SEE/MG, após análise do Projeto de Pesquisa, proposto pela doutoranda Elen Soraia de Menezes Cabral, são de parecer favorável à realização da pesquisa intitulada acima, na Escola Estadual Dona Antônia Valadares, de Divinópolis.

Ressaltamos que os procedimentos de pesquisa devem obedecer, criteriosamente, às orientações da Resolução 466/12 do Conselho Nacional da Saúde que estabelece as Diretrizes e Normas Regulamentadoras de pesquisa envolvendo seres humanos e que, em nenhuma hipótese, a pesquisa poderá interferir no desenvolvimento das atividades pedagógicas da escola no cumprimento de seu Calendário Escolar.

Ressaltamos ainda, que a participação na pesquisa será voluntária e a identidade das pessoas envolvidas deverá ser mantida em sigilo.

As instituições e os participantes não terão ônus com a pesquisa.

Belo Horizonte, 29 de novembro de 2013.

Raquel Elizabete de Souza Santos

Subsecretária de Desenvolvimento da Educação

ANEXO B - DECLARAÇÃO DE CONHECIMENTO DO PROJETO “O COTIDIANO DE JOVENS QUE TRABALHAM E ESTUDAM” DA EEDAV E ACEITAÇÃO DA MESMA PARA SE CONSTITUIR O CENÁRIO DESTE ESTUDO



Universidade Federal de São João del-Rei
Campus Centro-oeste Dona Lindu
Curso de Graduação em Enfermagem

COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA COM SERES HUMANOS (CEPES/CCO)

DECLARAÇÃO DO SETOR

Eu, Milton Demis Guimarães, diretor da Escola Estadual Dona Antônia Valadares, venho por meio desta, declarar que conhecemos o projeto e aceitamos a realização da pesquisa “O cotidiano de Jovens que trabalham e estudam” a ser coletada pelo pesquisadora Elen Soraia de Menezes Cabral, doutoranda no programa de doutorado interinstitucional da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e a Universidade Federal de São João Del Rei (UFSJ), sob a orientação da Profª Drª Roseni Rosângela de Sena. A pesquisa será realizada com discentes desta escola após aprovação da Comissão de ética em pesquisa com seres humanos (CEPES) do Campus Centro Oeste Dona Lindu (CCO).

Divinópolis, 20 de novembro de 2013.

Milton Demis Guimarães

Diretor da Escola Estadual Dona Antônia Valadares

E.E. DONA ANTÔNIA VALADARES
Tipologia R.O.0.5.C.3
2º Grau Dec. Lei 24336 de 22/03/85
Av. Sete de Setembro, 669 - CEP 35500-011
Divinópolis - MG - Tel. 3221-1455

Campus Santo Antônio
Praça Frei Orlando, 170
Centro
CEP 36307-352
São João del-Rei - MG

Campus Dom Bosco
Praça Dom Helvécio, 74
Fábricas
CEP 36301-170
São João del-Rei - MG

Campus Tancredo Neves
(CTAN)
Rodovia BR 494, Km 2
Colônia do Bengo
CEP 36300-000
São João del-Rei - MG

Campus Alto Paraopeba
Rodovia MG 443 - KM 07
Fazenda do Cadete
CEP 36420-000
Ouro Branco - MG

Campus Centro-Oeste
Dona Lindu
Av. Sebastião Gonçalves
Coelho, 400 - Chianadour
CEP 35501-296
Divinópolis - MG
37 3221-1164

Centro Cultural da UFSJ
Pra. Dr. Augusto das
Chagas Viegas, 17
Centro
CEP 36300-088
São João del-Rei - MG